

Hernani Guimarães Andrade

REENCARNAÇÃO NO BRASIL



PROGRESSO

CASA EDITORA
O CLARIM

Reencarnação no Brasil

Hernani Guimarães Andrade

Reencarnação no Brasil

Matão, SP

3ª edição

2016

**CASA EDITORA
O CLARIM**

Copyright © 1988 by

CASA EDITORA O CLARIM

Propriedade do Centro Espírita O Clarim

3ª edição: agosto/2016

Impresso no formato 16x23 cm

1ª edição: 1988

ISBN 978-85-7357-153-0

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do copyright.

Casa Editora O Clarim

Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09

CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil

Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575

CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116

www.oclarim.com.br | oclarim@oclarim.com.br

www.facebook.com/casaeditoraoclarim

Capa: Equipe O Clarim

Diagramação e Composição: Marcos Ferreira

Revisão Gramatical: Hernani Guimarães Andrade, Vicente D'Aquino Allegrette, Suzuko Hashizume e Sumire Hashizume Nakamura

Catálogo na Publicação (CIP)

A553r Andrade, Hernani Guimarães

Reencarnação no Brasil - Oito casos que sugerem renascimento / Hernani Guimarães Andrade. – 3.ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2016.

432p.; 23 cm

ISBN 978-85-7357-153-0

1. Espiritismo. 2. Estudo doutrinário. 3. Ciência. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9

Agradecimentos

Todas as pessoas a seguir nomeadas, contribuíram, de uma forma ou de outra, para que a presente obra viesse a lume.

A elas o autor declara-se profundamente grato, reconhecendo que sem a sua preciosa ajuda ter-lhe-ia sido impossível realizar este trabalho. Eis os nomes desses valiosos colaboradores:

Sr. Afonso Miotto, Dr. Agnelo Morato, Sr. Alcides Hortêncio, Dra. Alcione Rebelo Novelino, Sra. Ana Josepha Vilar de Oliveira, Sra. Angélica Ferro Botturi, Srta. Angélica Ribeiro, Sra. Anita Briza de Oliveira, Sr. Antenor Rodrigues de Souza, Sr. Antônio Bonafini, Sr. Antônio Nunes da Silva, Sr. Carlos Borges de Carvalho, Sra. Carmen Sylvia Maciel Marinho, Sr. Célio Silveira Souza, Sra. Clarice Barros Garcia, Eng^o Cláudio Luiz Miotto, Sra. Clementina Costa Carreira, Profa. Dalva Cappelletti, Eng^o Djalma Caselato, Sra. Domingas de Almeida Bastos, Sra. Doris Cappelletti, Sr. Dráusio Miotto, Profa. Eleonora S. Caselato, Sra. Elvira Aguiar Borges Furlan, Sra. Fernanda Marinho Leitão da Cunha, Sr. Hélio Tavares Costa, Prof. Dr. Ian Stevenson, Sr. Imo Bendini, Sra. Isaura Leite do Canto, Sra. Iva Bendini Tortorelli, Sra. Izaltina Furlan, Eng^o Jerônimo Borges Júnior, Sr. Joaquim Norberto de Camargo, Dr. Jonny Hermínio de Mello Doin, Sra. Júlia Mentana Bonfochi Tortorelli, Sra. Jussara Berlanga Barbosa, Srta. Leda Miotto, Sra. Leide Tereza da Costa Setti, Profa. Leonor Neves Gomes, Sra. Líbera Ribeiro, Sr. Luiz Antônio Miotto, Sra. Maria Aparecida Borges de Carvalho, Sra. Maria Benedita Barbosa Berlanga, Sra. Maria Gimenez Tavares Costa, Sra. Maria José P. A. Batista Simões, Sra. Maria Tereza Schesser Vilar, Sr. Marceliano Fleming de Oliveira, Eng^o Ney Prieto Peres, Dra. Nice Tortorelli, Sra. Norma Goussain Adad, Sr. Odetto Berlanga Mugnai, Sra. Raquel Vilar Arré, Sr. Raul Vilar Sanchez, Eng^o Ricardo de Godoy Andrade, Sr. Rui Egídio, Sra. Tânia Yan Cavalcanti, Sra. Tereza de Oliveira Miotto, Sra. Thereza Fileto Tessari, Srta. Virgínia Maria Bressan, Sr. Vivaldo Silvino e Sra. Zilda Giunchetti Rosin.

Além dessas pessoas, agradecemos igualmente aos pacientes e respectivas famílias, cujos nomes foram ocultados a seu pedido.

Agradecemos muito especialmente à Profa. Suzuko Hashizume e à Srta. Maria das Graças de Souza pela inestimável colaboração no preparo, datilografia e revisão dos originais deste livro.

Finalmente, a nossa imensa gratidão ao Dr. José de Freitas Nobre, cujo brilhante prefácio enriqueceu sobremaneira o presente trabalho.

São Paulo, Outono de 1987.

Hernani Guimarães Andrade

Prefácio - Um marco na pesquisa da sobrevivência e da reencarnação

Mesmo quando todas as evidências saltam, revelando um quadro real e reforçando hipóteses já estudadas, o pesquisador exigente, o cientista rigoroso, não assume o risco de afirmar: esta é a verdade.

Nessa hipótese – como ele gostaria de dizer para não afirmar sozinho com suas ricas pesquisas – está o autor deste livro, o engenheiro Hernani Guimarães Andrade.

Nosso conhecimento já vem de algumas décadas.

Sua obra que já ultrapassou os limites territoriais do Brasil e da própria América Latina, é fonte permanente de consulta de todos os que estudam fenômenos parapsicológicos, os fenômenos mediúnicos, as origens da vida em relação às encarnações sucessivas e, ainda, os aspectos científicos do material utilizado na pesquisa, a montagem dos instrumentos científicos indispensáveis, a física nuclear ou a engenharia genética..

Dedicado ao estudo de todos esses ramos da atividade humana comprometidos com o transcendente e o intranscendente, Hernani Guimarães Andrade apresenta e esquadrinha na pesquisa cautelosa, a Reencarnação no Brasil.

Os exemplos que são objeto desse estudo constituem o subtítulo do livro, como Oito Casos Que Sugerem Renascimento.

A Casa Editora O Clarim, de Matão, Estado de São Paulo, ao lançar o importante volume de autoria do fundador do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas, abre um importante espaço para essa área de pesquisa no Brasil.

Não se pode dizer que seja a primeira obra que trate da reencarnação em nosso país, mas pode-se afirmar com segurança que é o primeiro trabalho com método científico que se publica aqui.

O próprio autor em duas rápidas monografias de 1976 e 1979, distribuídas gratuitamente entre estudiosos e interessados na pesquisa, investiga as evidências de reencarnação como Jacira & Ronaldo e Simone & Angelina.

Seu acervo de pesquisa é muito rico, com várias dezenas de casos que sugerem reencarnação, mas os que aqui apresenta, embora sem equivalência de elementos probantes, conforme ele próprio reconhece, trazem traços tão

acentuados de renovação ou continuidade de vida que as reencarnações defluem naturalmente dos fatos pesquisados, dispensando até os comentários e a própria análise comparativa.

Às vezes são recordações bem comprovadas, documentos que permitem comparação, depoimento de pessoas capazes de reproduzir determinados acontecimentos ou detalhes, inclusive diários como o de D. Augusta, avó de Simone, xerocado com autorização de sua autora para efeito da pesquisa.

A própria memória genética, hoje favorecida com os dados científicos trazidos pela engenharia genética, permite ao autor desenvolver sua tese para desaguar no que ele ainda classifica como hipótese, guardando o rigor científico.

Os trabalhos de pesquisa, estudo ou mera especulação para atender a um grande número de interessados, se multiplicam.

RENARD, Héléne, em seu livro *L'Après-Vie*, publicado por Philippe Lebaud Éditeur, Paris, 1985, com o subtítulo *Croyances et Recherches Sur La Vie Après La Mort*, traz uma riquíssima bibliografia, valendo a pena destacar entre os volumes relacionados, os seguintes: ADDISON, James, *La Vie Après La Mort Le Croyances de l'Humanité*, Paris, 1936; AUROBINDO, *Reinassance et Karma*, Paris: Le Rocher, 1983; CHOISY, Marise, *La Survie Après La Mort*, Colloque de Cerisy, 1967; CONACHER, Douglas et Eira, *There is Life After Death*, Londres: Howard Baker, 1978; CROLARD, Jean-François, *Renaître Après la Mort*, Paris: Robert Laffont, 1979; GUIRDHAM, Dr. Arthur, *Le Cathares et La Réincarnation*, Paris: Payot, 1972; HEAD, Joseph et Canston S-L, *Le Livre de la Réincarnation*, Edição Fanval, 1984; NATAF, André, *Les Preuves de la Réincarnation*, Edições Tchou, 1978; O'JACOBSON, Nils, *La Vie Après la Mort, Expériences Parapsychologiques et Mystiques*, Paris: Presses de la Cité, 1977; e muitos outros, entre os quais o clássico de STEVENSON, Ian, *Vingt Cas Suggérant le Phénomène de Réincarnation*, Edições Sand, 1985 e, naturalmente, os livros de Allan Kardec, Camille Flammarion, Gabriel Delanne, Léon Denis, etc.

O livro de Hernani Guimarães Andrade, além de marco para a pesquisa entre nós do fenômeno reencarnacionista, deverá despertar o maior interesse não apenas das áreas religiosas e místicas, mas dos cientistas. Estes, já andaram articulando comparações entre a teoria da evolução biológica de Darwin e a teoria da origem da vida de Kardec.

Gabriel Delanne, no fim do século, em volume que foi traduzido para o português e editado por H. Garnier, Rio, 1901, com o título *A Alma é Imortal – Demonstração Experimental da Imortalidade da Alma*, cuidava da primeira parte dessa pesquisa que agora se renova para a sua segunda fase. Já agora a pesquisa não é apenas com referência à sobrevivência da alma, mas a da sua reencarnação, ou seja, a de sua volta a um corpo físico para um novo período de transição corpórea, ou como queiram, transição terrena.

Mas, aspectos da pesquisa para demonstração experimental da imortalidade da alma servem, agora, como base para uma complementação importante relativamente à vida corpórea em um novo estágio para a alma, ou seja, para o espírito.

Feita a demonstração experimental da sobrevivência do espírito, era importante pesquisar como a todo estado da alma correspondia uma modificação molecular da substância cerebral ou vice-versa, como destacava Delanne. Aí, conforme ele próprio constatava, paravam as observações, porque a ciência era incapaz de explicar a razão pela qual a matéria, que substitui a que é destruída pelo dispêndio vital, conservasse as impressões anteriores do espírito.

Demonstrou que a experiência espírita preencheu essa lacuna, ao provar que a alma não é uma entidade ideal, mas provida de um corpo sutil no qual se registram os fenômenos da vida mental.

Mas são essas gravações que significam a memória das vidas anteriores e que podem ficar latentes no espírito, dentro dos limites da permissividade de sua liberação, ou apenas sob o controle da precaução ao liberar os dados desse extraordinário banco de informatização das vidas passadas.

Quanto à sobrevivência da alma, poucos serão os povos que não a aceitam ou as pessoas que a rejeitem sem uma disposição mesmo que de curiosidade no conhecimento da realidade do binômio vida-morte.

Resta, mais praticamente, a complementação da pesquisa relativa à reencarnação ou o renascimento, segundo outros.

O presente trabalho é um passo largo para o encontro dessas demonstrações concretas e não apenas evidências, até porque estas se casam com outros tipos de informação, inclusive manifestações psicográficas que dão conta de amigos e companheiros dos que se manifestam e a respeito dos quais se esclarecem novas formas de vida e locais de renascimento.

O espírito é um fato e sua sobrevivência uma realidade que comprovou as manifestações mediúnicas mais que suficientemente. Partindo dessa realidade, restaria conhecer o destino que esse espírito tomou após a morte física.

E a mais lógica conclusão é aquela que a doutrina de Kardec coloca para o exame dos homens de ciência: a reencarnação.

Louis Figuier, em *Depois da Morte ou a Vida Futura*, traduzido pelo Dr. Ferreira de Araújo e publicado em 1902 por H. Garnier, Livreiro Editor, Rio-Paris, no capítulo XVI (p.233), coloca a indagação das crenças vulgares e da filosofia da época: se a nossa existência atual é um fato único que não pode repetir-se, é porque a nossa alma é formada ao mesmo tempo que o nosso corpo e quando uma pessoa nasce, é criada uma alma para animar-lhe o corpo. Ora se essas almas – pergunta Figuier – são todas formadas do mesmo jeito e com o mesmo tipo, como se apresentam tão diversas nas qualidades e faculdades intelectuais e morais?

Mas foi mais longe ao citar exemplos como os de Pascal que com 12 anos descobriu a maior parte da geometria plana e, sem qualquer ideia de cálculo, traçou no chão do quarto as figuras do 1º livro de geometria de Euclides, ou Mozart aos quatro anos executando uma sonata ao piano, ou Rembrandt que antes de saber ler já sabia desenhar magistralmente?

E, indagamos nós: e o menino Sibelius, em João Pessoa, Paraíba (Brasil), (jornal *A Luz*, Maceió, janeiro, 1986), levado ao principal programa de televisão brasileiro (*O Fantástico*, da TV Globo, 1986) para demonstrar a excepcionalidade da execução musical ao piano, aos 11 anos de idade? E o extraordinário do fato é que Sibelius aos 3 anos e 8 meses, não andava, não falava. A mãe, D. Genalda e o pai Josemar, haviam iniciado um tratamento com um neurologista em Recife. Três dias antes de uma das viagens até Recife, para a consulta médica, D. Genalda teve um sonho com Frei Damião (espírito) que lhe disse para não ir mais ao médico, pois o menino estaria curado dentro de alguns dias. De fato, em determinado momento, a mãe ouviu sons fortes ao piano. Era o menino que tocava, falava ...e andava, conforme verificaram em seguida.

São os chamados meninos-prodígios e que, segundo Figuier, não se tornam gênios porque não cultivam nem aperfeiçoam essas qualidades que trazem consigo desde o nascimento físico.

Locke, o filósofo inglês, passou à história da filosofia exatamente porque, entre outras observações, fez uma de extraordinária importância: a

das qualidades inatas, ou seja, aquelas que trazemos com o nascimento.

As vidas sucessivas sustentam uma importante coluna que implica na manutenção também aí da harmonia universal e do equilíbrio e regularidade com que a natureza funciona, revelando sua justiça e retribuindo méritos. As árvores, as plantações que dão sombra e fruto, recebendo a água da chuva, o sol para aquecê-las, e as raízes buscando no subsolo não apenas o líquido, mas, também os resíduos alimentícios que a natureza coleta, até mesmo, pela ação das formigas que transportam do solo para o subsolo os elementos orgânicos indispensáveis a essa curiosa gangorra. É a natureza se refazendo constantemente, ela própria renascendo de suas cinzas, o líquen abastecendo-se das folhas secas e dos recursos minerais revolvidos no chão para o milagre da transformação permanente e do aproveitamento do que há de mais simples e mais primário, tão indispensável quanto o mais sofisticado para o roteiro da continuidade da vida.

Um dos primeiros a levantar o véu das reencarnações sucessivas, no século passado, foi Gabriel Delanne, especialmente ao apresentar em junho de 1898, em Londres, no Congresso Espiritualista ali reunido, um importante relato sobre a matéria.

Sua intervenção naquele Congresso tinha exatamente o título de *As Vidas Sucessivas* e veio a ser editado, em 1904, por H. Garnier, que era a editora encarregada pela Federação Espírita Brasileira de publicar as traduções das obras doutrinárias de repercussão, com impressão ainda na França, mas com a indicação de Paris-Rio.

Chamando o Espiritismo de “uma ciência religiosa”, Delanne que representava a seção francesa da Federação Espírita Universal, a União Kardecista Italiana e a Federação Espírita Lyonesa, ali foi alimentado pelo caráter científico da pesquisa, lembrando que “o Espiritismo não possuindo culto, nem dogma, nem ortodoxia, permite esta livre discussão que constitui a sua força soberana.”

Uma pergunta que é feita constantemente é por quê não existe naturalmente em cada um de nós a recordação das vidas passadas.

Nessa intervenção de Gabriel Delanne, em Londres, ele responde: “... é porque não são preenchidas as condições que presidem à renovação da lembrança” e acrescenta: “Do mesmo modo que se tem observado, em certos sensitivos, a conservação da lembrança ao acordar, assim, também pode-se encontrar indivíduos que se recordam de já haver vivido.”

No volume *Entre a Terra e o Céu*, do espírito André Luiz, recebido pela psicografia de Francisco Cândido Xavier (FEB, Rio de Janeiro, 5ª edição), encontra-se a constante indagação: por quê não explicar o passado, permitindo que circulem informações deficientes ou por quê não explicar francamente o impositivo da reencarnação?

A resposta de Clarêncio é elucidativa e lógica:

“À primeira vista, seria efetivamente esse o caminho a seguir, entretanto, as recordações do pretérito não devem ser totalmente despertadas, para que ansiedades inúteis não nos dilacerem o presente. A verdade para a alma é como o pão para o corpo que não pode exorbitar da quota necessária a cada dia.”

Cita (p.515) Pitágoras que, segundo ele, afrontando a ironia dos seus contemporâneos, tinha o costume de dizer, publicamente, que se recordava de ter sido Hermetimus, ou de Lamartine (p.516) que em sua *Viagem ao Oriente* tivera reminiscências muito nítidas, reconhecendo vales e montanhas, lembrando que “quase nunca encontrei na Judéia um lugar ou uma coisa que não fossem para mim como uma recordação.

Pela psicografia de Francisco Cândido Xavier (*Parnaso de Além Túmulo*, Edição FEB, 12ª Edição) são várias as manifestações de entidades que se expressam em seu difícil e característico estilo.

Assim é com Augusto dos Anjos (p.125):

“A alma que é Vibração, Vida e Essência,
Está nas luzes da sobrevivência,
No transcendentalismo das esferas.”

Ou com Raimundo Corrêa (p.414):

“Longe, porém, das ilusões desfeitas,
Mostra-lhe a morte vidas mais perfeitas,
Depois dos pesadelos das mãos frias ...
E como anjinho débil que renasce,
Chora, chora e sorri, qual se encontrasse
A luz primeira dos primeiros dias.”

Dir-se-á que estas manifestações não provam coisa alguma, pois até mesmo dependem de constatação quanto à legitimidade da manifestação psicográfica.

Mas, sem dúvida que da forma como são recebidas as mensagens por quem não teve senão o curso primário e que vêm com absoluta fidelidade de estilo e em tal volume que seria impossível admitir como de produção

pessoal do médium, valem como mais um reforço à pesquisa que realiza o Dr. Hernani no Brasil e tantos outros em todos os continentes.

Na correspondência que manteve com a Imperatriz Maria Feodorowa, da Rússia, que conhecera em Zurich, em 1782, o filósofo alemão Lavater (“Johann-Kaspar Lavater’s briefe an die Kaiserin Maria Feodorowa, gemahlin kaiser Paul I von Russland” Cartas de Johann-Kaspar Lavater à Imperatriz Maria Feodorowa, esposa do Imperador Paulo I, da Rússia), publicadas em 1858 (Edição da Biblioteca Imperial da Rússia), traduzidas em 1876 do alemão sobre o manuscrito original depositado na Biblioteca Imperial de Petersburg (Paris, Librairie Spirite, 1876), reproduz citação de Pascal, de mais de três séculos e muito atual:

“É uma doença natural do homem crer que ele possui a verdade diretamente; e daí vem que ele está sempre disposto a negar aquilo que lhe é incompreensível.”

Salta aos olhos a versão espírita como a mais lógica, a mais natural, a mais sólida.

Carlos Toledo Rizzini que apresentou um trabalho sobre “A Reencarnação em Face da Biologia” (Desobsessão, Porto Alegre, dezembro de 1981), arrola alguns argumentos favoráveis, como os da variedade de provas, sua racionalidade, sua lógica, sua simplicidade, sua alegada comprovação científica embora admita que não esteja ainda provada cientificamente.

Bozzano argumentava com a convergência das provas. E como principais elementos dessa convergência, incluía as lembranças da infância, a regressão de memória, a revelação mediúnica, a xenoglossia espontânea, etc.

Encontramos na Revue Spirite: “Se for um erro e uma ilusão, o tempo fará justiça; se for verdade, é como o vapor que tanto mais oprimido, maior será a sua força de expansão.”

O absurdo da vida única vai reforçando o terreno, assim como a ignorância em torno do infinitamente pequeno e do infinitamente grande vai quebrando as barreiras da ciência.

Tom Alexandre em *Une Nouvelle Conception de la Matière*, trabalho adaptado do *The Shimmery New Image of Matter* (Hommes et Techniques, Paris, outubro, 1969), demonstrou como os progressos em física e Cosmologia fizeram recuar os limites da ignorância nos dois domínios do infinitamente grande, fazendo com que os conhecimentos adquiridos

convergissem para uma nova maneira de colocar o velho problema da estrutura da matéria.

Na revolução dos supercondutores de corrente elétrica, um fio de 0,15 mm de diâmetro chega a comportar 250.000 filamentos de 150 milionésimos de milímetros de diâmetro, sendo que à temperatura do hélio líquido, pode suportar a passagem de 5.000 ampères e isso somente pela sua seção de cobre. Essa revelação está em artigo de Jean-François Augereau, publicado em Le Monde, Paris, 9 de abril de 1987.

Com a manipulação genética, os cirurgiões dos genes passam a fazer concertos nos deficientes e nos doentes.

O admirável, porém, é que nenhuma das descobertas científicas e do progresso no campo da astronomia, da física nuclear, da genética, choca-se com as teorias espíritas.

Mostra o Evangelho que o espírito é independente do corpo e que o nascer de novo (João, III, 1-12) é a nova vida física, ou a ressurreição de que falam os judeus.

Se fôssemos analisar o livro de Hernani Guimarães Andrade à luz da doutrina espírita, iríamos longe demais para algumas palavras que como prefácio não podem estender-se além destes limites.

Mas fica aí a sugestão para o estudioso que deseje utilizar-se desse rico manancial de elementos, de evidências, mais do que evidências, de provas que o espírito científico pode depurar, fazendo as restrições que desejar, mas aproveitando o cuidadoso trabalho, a dedicada pesquisa, o rigor com as próprias convicções, a fim de que o quanto antes seja possível à ciência encontrar a explicação que ainda hoje procura, desorientada pela onda de preconceitos e pela preocupação materialista que lhe concede a visão incompleta do fenômeno da vida e da morte e que, por isso mesmo, lhe interrompe o circuito lógico do raciocínio.

São Paulo, maio de 1987.

FREITAS NOBRE*

* FREITAS NOBRE, José (DR.)

Jornalista, professor de pós-graduação de Direito da Informação na Universidade de São Paulo; doutor em Direito e Economia da Informação pela Universidade de Paris; bacharel pela Faculdade de Direito da USP; autor de vinte e dois livros publicados no país e no estrangeiro; ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo (3 vezes); ex-presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (2 vezes).

Detentor de inúmeras medalhas, diplomas e prêmios nacionais como escritor e advogado.

Professor-convidado de várias Universidades norte-americanas durante o mês de fevereiro de 1973, (Howard, Columbia, Springfield, etc).

Ex-diretor do Diretório Latino-Americano de Jornalistas.

Na política, Dr. Freitas Nobre foi Vereador na Câmara Municipal de São Paulo (1960-1961; 1968-1970), bem como Vice-prefeito de São Paulo, na administração Prestes Maia (1961-1965). Deputado federal por São Paulo (1971-

1986); foi presidente da Comissão do Serviço Público; Vice-presidente da Câmara dos Deputados e (5 vezes) Líder do Partido do Movimento Democrático Brasileiro MDB/PMDB (1979-1984).

APRESENTAÇÃO

Em 1976, publicamos o primeiro trabalho referente aos casos de reencarnação pesquisados no Brasil pela equipe do IBPP. Trata-se da monografia intitulada: Um Caso que Sugere Reencarnação: Jacira & Ronaldo. Esta monografia, como as demais por nós editadas, destinou-se à distribuição gratuita entre os interessados neste gênero de pesquisa parapsicológica.

Em 1979, lançamos uma segunda monografia, versando sobre outra ocorrência de reencarnação por nós investigada, cujo título é: Um caso que Sugere Reencarnação: Simone & Angelina. Esta monografia, como a precedente, destinou-se, também, à distribuição gratuita entre os estudiosos interessados nesses eventos.

A ampla aceitação desses trabalhos estimulou-nos a prosseguir na divulgação de outros fatos análogos. A conselho de diversos amigos, resolvemos mudar o nosso esquema de trabalho. Planejamos, então, preparar um livro que contivesse os dois primeiros casos e outros mais, escolhidos dentre os melhores da nossa coleção, já acumulados durante vários anos de investigações.

O leitor irá observar que nem todos os relatos possuem o mesmo grau de evidência. Alguns parecerão mais “fortes” do que outros. Isto é natural em uma pesquisa deste tipo. Em fenômenos paranormais espontâneos não há como impor ou preestabelecer condições que satisfaçam plenamente as exigências de estudiosos mais céticos.

As ocorrências da espécie que iremos expor não são raras. A sua aparente escassez deve-se à reduzida atenção dada às crianças de pouca idade, na época do afloramento das recordações reencarnatórias, o que costuma suceder entre os dois e quatro anos, mais ou menos. Nesta fase, algumas crianças passam a revelar fatos ligados à encarnação anterior, os quais deveriam ser registrados por escrito, com a máxima precisão, especialmente quanto ao nome de pessoas, localidades, datas, etc. Tal expediente facilitaria imenso a posterior investigação dos fatos. Infelizmente, são raros os que se dão a tais cuidados.

Gostaríamos de apresentar um número maior e mais variado de casos, pois temos catalogados cerca de setenta dessas ocorrências que sugerem reencarnação. Entretanto, duas razões demoveram-nos de fazê-lo: 1) O livro tornar-se-ia excessivamente volumoso; 2) Nem todos os casos teriam o

mesmo padrão de evidência, obrigando-nos, alguns deles, a apresentá-los em forma descritiva apenas. Assim, preferimos sacrificar a quantidade pela qualidade e uniformidade. Talvez, futuramente, procuremos dar a conhecer mais alguns desses outros casos.

Esperamos que o leitor encontre, nestes relatos, algumas respostas para uma série de indagações que eventualmente ter-lhe-ão surgido, concernentes à natureza do homem e ao seu destino após a morte do corpo físico.

São Paulo, Verão de 1986.

Hernani Guimarães Andrade

Capítulo I - A reencarnação e sua pesquisa científica

CONCEITO

Reencarnar quer dizer nascer de novo, voltando-se outra vez à vida carnal. Equivale ao termo renascimento, mais usado em certas filosofias religiosas orientais que adotaram a reencarnação como dogma.

Nossa cultura ocidental contemporânea, fortemente baseada em princípios materialistas ou em religiões em que a ideia da reencarnação é considerada doutrina herética, praticamente desconhece o que seja o novo nascimento após a morte do corpo físico. Uma vez que se negue a realidade da sobrevivência da alma, “ipso facto” do espírito, ou então que se creia em um céu e um inferno eternos como destino final dos que morrem, a reencarnação torna-se sem sentido e incompreensível.

Entretanto, ela sempre constituiu a crença básica de quase todos os sistemas religiosos e filosóficos da antiguidade, inclusive do Judaísmo, de onde provieram as religiões judaico-cristãs mais difundidas no Ocidente, e que hoje não aceitam mais o dogma da reencarnação.**

Recentemente, observa-se o despertar de um grande interesse pelas filosofias religiosas do Oriente, especialmente pela Vedanta e pelo Buddhismo. Esta volta ao pensamento oriental parece uma natural reação provocada pela insatisfação e sensação de vazio produzidas pelas atuais filosofias materialistas. O homem começa a sentir-se insatisfeito pelo imediatismo egoísta, pelo hedonismo, pela insegurança crescente, pela ansiedade permanente e pela luta sem sentido que vêm caracterizando o nosso atual sistema. Falta-lhe uma explicação coerente para a razão de ser de um viver tumultuário e sem paz nem objetivo definido. Todos se sentem saturados, quase exaustos, desta peleja inútil, cujo fim seria o vácuo alémtúmulo após uma vida efêmera e intranquila.

Os cientistas, particularmente os físicos mais avançados, estão descobrindo que, no tocante ao conhecimento em relação à natureza do Universo e à realidade última da matéria, chegaram praticamente ao mesmo ponto alcançado, há séculos, pelos meditadores orientais, mestres das seitas vedantinas e budistas.

A reencarnação inclui-se entre os ensinamentos das filosofias religiosas do Oriente. Por isso a ideia de renascimento passou a interessar aos

ocidentais também. Nos Estados Unidos, já há um certo número de pessoas que aceita tranquilamente a reencarnação. A Teosofia, nascida das doutrinas hinduístas (brahmavidya ou paravidya = sabedoria suprema) teve muita influência neste particular, não só na América como nos demais países de língua inglesa.

Aqui no Brasil, a difusão das ideias reencarnacionistas deve-se sobretudo ao Espiritismo kardecista.

Mesmo assim, são muitos os ocidentais que ainda não aceitam, ou então ignoram, o que seja a reencarnação. É lógico que tais pessoas estejam também mal-informadas acerca das pesquisas sérias, de natureza rigorosamente científica, que se vêm fazendo acerca do renascimento, em várias partes do mundo.

REFERÊNCIAS

São numerosíssimos as obras e os trabalhos publicados no mundo, há vários anos, tratando da reencarnação. Alguns, em número reduzidíssimo, procuram desacreditar a ideia do renascimento, mas normalmente deixam de apresentar evidências sérias, experimentais ou observacionais, que deem apoio às suas argumentações. Estas em sua quase maioria são baseadas em dogmas de fé, opiniões pessoais ou de “autoridades” escolhidas pela natureza de suas opiniões, obviamente simpáticas à negação da tese reencarnacionista.

O número de livros e outros trabalhos favoráveis à ideia da reencarnação é grande. Alguns relatam os casos principalmente em forma anedótica, preocupando-se moderadamente com a discussão e demonstração dos mesmos. Outros versam preferencialmente sobre a argumentação de apoio à tese de apoio à tese reencarnacionista, apresentando alguns fatos como evidencia de sustentação. As obras relatando os casos obtidos por processos de regressão por meio da hipnose, ou de outras técnicas, são também numerosas e variadas. Tais estudos vêm sendo levados a efeito sobretudo por psiquiatras ou psicólogos clínicos. Finalmente, há trabalhos baseados, em sua maioria, na recordação espontânea manifestada na infância. Estes pacientes, tão logo chegam à idade em que aprendem a falar, passam espontaneamente a relatar fatos que ocorreram com eles em uma vida anterior. Essas crianças têm-se mostrado as melhores fontes de evidência a favor da ideia da reencarnação. Há, também, bons casos de recordação aflorando em adultos.

Entre os melhores trabalhos acerca dos casos de pessoas com recordações de vidas anteriores, colocam-se os do Dr. Ian Stevenson, médico psiquiatra e professor na Universidade de Virginia, nos Estados Unidos da América. Desde 1961, ele tem viajado por diversos países do Oriente (Índia, Birmânia, Tailândia, Ceilão, Turquia, Líbano, Sri Lanka) e do Ocidente (Alaska, Canadá, Estados Unidos, Brasil, etc.) à procura de casos de reencarnação. Além de inúmeros trabalhos publicados em periódicos especializados e também leigos (The Journal of Nervous and Mental Disease), Dr. Stevenson lançou como parte dos Proceedings da “American Society for Psychical Research”, Vol. XXVI, setembro 1966, o livro que se tornou um clássico no gênero: *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation*, traduzido para o português sob o título *Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação*; São Paulo: Editora Difusora Cultural, 1970. Esta obra e mais quatro outras foram, posteriormente, lançadas pela “University Press of Virginia, Charlottesville, USA”, formando uma coleção de cinco volumes, no formato de 18,5 x 26cm cada um. Esta série será ampliada com a edição de mais outros futuros trabalhos.***

Não entramos em mais detalhes no concernente às referências, para não fugirmos demais ao principal objetivo desta obra, o qual é relatar os casos de reencarnação pesquisados no Brasil.

A PESQUISA

O método de investigação deste tipo de evidência não usa nem a hipnose, nem a regressão de memória. Embora estes processos possam produzir resultados válidos na pesquisa da reencarnação, normalmente são evitados quando se trata de recordações espontâneas, especialmente as afloradas na primeira infância.

A obtenção de dados evidenciais é feita mediante coleta de informações fornecidas pelo próprio paciente e pelas pessoas – parentes ou estranhos – que presenciaram os fatos ou declarações feitas pelo paciente, durante sua meninice. Estes depoimentos são cuidadosamente tomados em separado, registrados e comparados uns com os outros.

Sempre que possível, a criança é conduzida ao local onde ela afirma ter vivido, a fim de fazer os reconhecimentos de particularidades e pessoas às quais esteve ligada na encarnação anterior.

Durante os inquéritos e reconhecimentos, usam-se vários métodos de registro, tais como notas escritas, gravações, fotografias e até filmagens.

Formulários previamente preparados são utilizados na coleta das informações, de maneira a não deixar dados importantes escaparem sem registro. Há muitas informações complementares que se tornam utilíssimas para o estudo aprofundado da reencarnação. Entre tais dados, podemos citar os seguintes: local e natureza dos ferimentos recebidos pela personalidade anterior, caso tenha sofrido morte violenta; duração do período de intermissão (tempo decorrido entre o desencarne e o novo nascimento); fatos ocorridos durante a intermissão; se o reencarne do paciente foi precedido de avisos ou sonhos anunciadores; características físicas e psicológicas da personalidade prévia e da atual; sexo da personalidade anterior; a causa mortis é um dado importante, pois pode ter influência na saúde e comportamento da personalidade atual. Todos os dados são relevantes e, por isso, os questionários costumam ser extensos e minuciosos.

CASOS RESOLVIDOS E NÃO-RESOLVIDOS

Os casos espontâneos de lembranças reencarnatórias, manifestados por crianças e adultos, não são tão raros como pode pensar-se. Entretanto, apenas cerca de 5% podem ser considerados suficientemente fortes e representando evidências seguras em apoio à tese da reencarnação. O restante assim mesmo tem valor, servindo sobretudo como fonte de conhecimentos acerca de características gerais ou aspectos típicos das culturas, crenças e costumes de cada país.

Há casos bons em que as afirmações e o comportamento do paciente sugerem fortes indícios de lembranças reencarnatórias. São casos que possuem muita evidência intrínseca. Todavia, as informações da criança ou adulto, quando investigadas, não são suficientes para localizar-se a personalidade anterior. Às vezes o paciente chega a declinar o nome da personalidade prévia, bem como a indicar o lugar e as circunstâncias que rodearam a sua vida anterior, mas não de modo suficiente para descobrir-se a família ou conhecidos da personagem anterior. Tais casos ficam, desse modo, incompletos, apesar das fortes evidências intrínsecas. Dr. Stevenson chamou-os de casos “não-resolvidos”. Os que permitem a localização da família ou conhecidos da personalidade anterior são denominados “resolvidos”.

Em um trabalho conjunto, foram publicadas a revisão e análise de casos “não-resolvidos”, e uma comparação entre estes e os casos “resolvidos”.

(Cook e outros, 1983). Ao todo, analisaram-se os dados de 856 casos da coleção do Dr. Stevenson, compreendendo os “resolvidos” mais os “não-resolvidos”, originários de seis culturas a saber: Birmânia, Índia, Líbano, Sri Lanka, Tailândia e Estados Unidos. Algumas particularidades são aproximadamente as mesmas em ambos os tipos de casos; exemplo: a idade em que o paciente começa a falar acerca de sua vida anterior; a frequência com que é mencionada a maneira como morreu a personalidade prévia; a frequência com que se manifestam as fobias relacionadas com a causa mortis. Outras características mostram-se diferentes; exemplo: as referências a tipos de morte violenta são mais frequentes nos casos “não resolvidos”; a época em que os pacientes dos casos “não-resolvidos” cessam de falar sobre sua vida pregressa ocorre mais cedo do que os dos casos “resolvidos”, os pacientes de casos “resolvidos” mencionam mais frequentemente o nome da personalidade prévia. Os países onde se assinalaram maiores porcentagens de casos “resolvidos” foram: Tailândia (92%), Birmânia (80%), Líbano (79%) e Índia (77%). Os lugares onde se registraram as menores porcentagens foram Sri Lanka (32%) e Estados Unidos (20%).

Dr. Ian Stevenson ocupa, com seu Departamento de Parapsicologia, uma dependência na Universidade de Virginia, em Charlottesville, Virginia, EE. UU. modernamente equipada. Ele tem a sua disposição um grupo de jovens e eficientes auxiliares, a maioria dos quais trabalha no estudo e análise de seus 2.000 (dois mil) casos de reencarnação colhidos no mundo todo. Eles contam com um bom computador para lidar com a vasta quantidade de dados estatísticos extraídos desses casos todos. Esta é a fase mais importante, em que meticulosamente se apuram os resultados finais dessa imensa soma de informações, colhida nesses passados 25 anos de investigações do Dr. Stevenson.

Destes estudos, muita coisa surgirá acerca do renascimento. A reencarnação, há algum tempo considerada uma simples crença e até mesmo uma superstição, está atualmente ganhando outro nível conceitual nos meios mais cultos. O conceito da verdade está, sem dúvida, na evidência dos fatos. Desse modo, podemos esperar serenamente que a reencarnação será, dentro em breve, reconhecida como mais uma lei biológica; talvez a mais importante de todas elas.

CASOS COMUNICADOS AO INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISAS PSICOBIOFÍSICAS – IBPP

Durante o período de suas atividades, o IBPP recebeu comunicação de várias dezenas de casos tidos como sendo de reencarnação. Entretanto, a grande maioria não pôde ser aproveitada, por não conter dados precisos, que permitissem preencher um mínimo de condições indispensáveis à sua aceitação como autênticos ou verossímeis. Outros casos foram registrados e processados, mas não cabem em um trabalho desta categoria devido à natureza das reminiscências relatadas, pois trata-se de alegações, por parte dos pacientes, de que foram personagens históricas conhecidas no passado. Tais casos, embora com muitos elementos comprobatórios aparentemente válidos, não têm aceitação como evidências indiscutíveis.

Os casos que, a seguir, iremos apresentar correspondem, portanto, ao produto final dos que pudemos apurar após cuidadoso expurgo.

** Informações mais detalhadas a este respeito poderão ser encontradas nas seguintes obras deste autor: Morte, Renascimento, Evolução, São Paulo: Pensamento, Editora, 1983; Espírito, Perispírito e Alma, São Paulo: Pensamento, Editora, 1984; Psi Quântico, São Paulo: Pensamento, 1986, onde são descritos minuciosamente os processos de interação espírito-matéria ao nível molecular, bem como os primórdios do fenômeno reencarnatório, portanto, do retorno do Espírito através do renascimento.

*** Destas obras, bem como de outras de vários autores não mencionadas no texto, o leitor encontrará, na bibliografia, uma relação completa.

Capítulo II - O caso Simone x Angelina

INTRODUÇÃO

O caso Simone x Angelina já foi divulgado para o público leigo, de maneira anedótica, sob diversas formas de publicação, inclusive em livros editados no exterior, bem como em forma de monografia editada e distribuída gratuitamente pelo Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas – IBPP.

Neste livro, o autor expõe o caso, dentro do máximo rigor e precisão, oferecendo aos estudiosos da reencarnação detalhes minuciosos e exatos que foram colhidos durante a pesquisa. Seu objetivo é fornecer subsídios para uma melhor compreensão do fenômeno das lembranças reencarnatórias, o qual se apresenta sob várias modalidades. O presente caso exemplifica um modelo com manifestação de xenoglossia.

No intuito de apresentar ao leitor os elementos informativos, da maneira mais fiel possível, mantivemos, na transcrição dos documentos escritos, a sua forma original, sem quaisquer correções. Assim, o leitor irá observar algumas variações na grafia de certas palavras italianas. Nos diários da avó e da mãe de Simone, alguns vocábulos italianos foram escritos de maneira incorreta. Conservamo-los como estão no original, pelas razões acima mencionadas.

Nem todos os casos oferecem os mesmos tipos de evidência. Assim, o caso publicado mais adiante no capítulo III, Jacira x Ronaldo, fornece evidências baseadas em recordações bem comprovadas, de episódios vividos pela personalidade anterior que fora conhecida das testemunhas. Do mesmo modo, a paciente manifesta certos reflexos e comportamentos coerentes com as experiências dramáticas experimentadas pela personalidade prévia.

No presente caso, as modalidades de evidência são outras. A personalidade anterior não pôde ser detectada, nem mesmo as pessoas que eventualmente ainda existam e que a conheceram antes. Mas este particular não elimina a validade do caso. As evidências são-lhe intrínsecas. Elas surgem do fenômeno de xenoglossia, das próprias circunstâncias que envolveram a manifestação das recordações, do comportamento inusitado da paciente e das informações por ela fornecidas a respeito de alguns

episódios ocorridos na II Guerra Mundial, absolutamente incompatíveis com a sua pouca idade.

A família de Simone preferiu manter-se no anonimato. Por esta razão, o autor esclarece que os nomes que figuram neste capítulo são fictícios. Entretanto, foram mantidos os nomes reais mencionados pela paciente e correspondentes às pessoas que ela afirma ter conhecido em sua existência prévia. A equipe do IBPP ainda tem esperança de localizar algumas das pessoas mencionadas por Simone e que foram contemporâneas da personalidade anterior.

O autor teve o cuidado de fornecer todas as informações colhidas, inclusive aquelas cujo valor possa parecer meramente subjetivo. Assim, por exemplo, o suposto nome da personalidade anterior de Simone acredita-se ter sido Angelina. Segundo depoimentos da avó e da mãe de Simone, este nome foi-lhes revelado durante uma “sessão espírita” em que a médium, em transe, manifestou a personalidade de Afonsa Dinari, a mulher que fora mãe-de-criação de Angelina (atualmente Simone). Segundo elas, a médium passou a expressar-se em italiano, idioma por ela ignorado. Este detalhe pode acarretar críticas negativas a propósito da validade deste caso, por parte daqueles que a priori negam a possibilidade da comunicação dos mortos através dos médiuns. O autor não se preocupou com tal perspectiva. Seu objetivo foi apresentar os fatos em sua pureza natural, independentemente dos possíveis e futuros julgamentos de críticos filiados a esta ou aquela escola filosófica ou religiosa. Os investigadores do IBPP não se prendem a tais preconceitos e preferem adaptar suas ideias aos fatos. À medida que as pesquisas forem acrescentando elementos elucidativos ao imenso quebra-cabeças que é o problema da natureza do homem, também irão sendo modificados os conceitos acerca do que seja o fenômeno da vida, em sua enigmática essencialidade.

Uma das características mais marcantes do presente caso é o fenômeno da xenoglossia manifestado pela paciente. Simone, logo que começou a falar, passou a pronunciar também algumas palavras no idioma italiano. Ela não poderia ter aprendido tal língua, porquanto em sua família ninguém sabe falar o italiano. Entre seus ancestrais, há um único antepassado italiano, seu bisavô materno, nascido na Itália, em 1868, e falecido em Araraquara, Brasil, em 1954. Simone não o conheceu, pois nasceu nove anos depois do seu falecimento.

Não obstante as circunstâncias acima, houve várias tentativas de elucidar o referido fenômeno de xenoglossia, lançando-se mão da hipótese da “memória genética”. Na parte reservada à análise das hipóteses explicativas para as recordações de Simone, foi apresentada ampla explanação concernente à “memória genética”. O leitor que acompanhar atentamente os raciocínios ali expostos, seguramente chegará à conclusão de que a hipótese da memória genética é totalmente insuficiente para justificar a xenoglossia manifestada por Simone.

Passemos, agora, aos fatos.

* * *

HISTÓRICO

PRELIMINARES

Em outubro de 1969, conversando casualmente a respeito de reencarnação com o Eng^o Jerônimo Borges Júnior, este informou-nos que conhecia uma garotinha que manifestava recordações de uma vida anterior. Declarou que ouvira da avó e dos pais da menina a afirmação de que com dois anos de idade, ela se referiu a vários episódios ocorridos em Roma, por ocasião da II Guerra Mundial. Acrescentou que a garota também pronunciava palavras do idioma italiano, sem que previamente as houvesse aprendido. Notando o nosso interesse, prometeu-nos obter permissão da família da paciente, para as entrevistas e pesquisa do caso.

Dia 19 de fevereiro de 1970, fizemos o nosso primeiro contato com a família de Simone. Tratando-se de pessoas educadas e compreensivas tivemos ótima receptividade e franca colaboração. Desse modo, nosso trabalho foi grandemente facilitado. Solicitamos de D. Zenaide, mãe da Simone, um relatório escrito de próprio punho, no que fomos prontamente atendidos. Outra valiosa fonte de informação foi um diário escrito por D. Augusta, avó materna da paciente, no qual ela anotou cuidadosamente os eventos mais importantes das manifestações de memória reencarnatória de Simone. Fomos autorizados a tirar cópia “xerox” do referido diário. Em posteriores entrevistas verbais, complementamos as informações a respeito do caso. Dia 6 de maio de 1970, procuramos entrevistar pessoalmente a paciente, então com sete anos de idade. Tivemos êxito limitado em virtude de Simone já estar com grande parte das recordações apagadas de sua memória. O surto maior de lembranças reencarnatórias ocorreu quando ela estava entre dois e quatro anos de idade. Outro empecilho para uma perfeita tomada de dados informativos da própria paciente era a sua aversão ao caso. Simone parecia manifestar certo temor de ter de voltar para o local onde vivera na anterior encarnação. Temor infantil mas justificável, pois sofrera bastante naquela existência. Seu apego à atual família também é muito acentuado e o receio de retornar à situação anterior talvez contribuisse para a sua inibição. Assim mesmo forneceu alguns informes escassos mas preciosos.

Quando estabelecemos contato com Simone, em 1970, ela contava com 7 (sete) anos. Impressionaram-nos a sua beleza e o seu aspecto sadio.

Pareceu-nos uma criança normal, alegre e comunicativa. Entretanto mostrou-se esquivada e desconfiada quando tentamos abordar seu caso de reencarnação. Deu-nos a impressão de que tal assunto causava-lhe aborrecimento e fazia-a sofrer.

Inquirimo-la acerca de seu nome na anterior existência. Não respondeu. Quando falamos em Angelina, o presumível nome da personalidade prévia, demonstrou não gostar de ouvir este nome! O mesmo ocorreu quando perguntamos a respeito do nome dos seus pais, do lugar em que nascera e vivera antes de ir para Roma. Mas quando indagamos onde ela e sua mãe-de-criação Afonsa Dinari haviam morrido, respondeu logo: — “No Capitólio”. Nesta oportunidade a avó e a mãe de Simone declararam que ela havia dito, certa ocasião, que um menino trouxera um objeto semelhante a uma caneta-tinteiro, achado por ele na rua, e o entregara à Afonsa Dinari. Esta ao abrir a caneta detonou a mina, causando a morte dos três. Era um tipo de bomba que fora espalhada nos países aliados e destinada a aterrorizar a população civil.

Simone revelou a seus parentes que vivera em Roma por ocasião da II Guerra Mundial. Perguntamos a ela como eram os soldados de lá. Respondeu: — “Dos Estados Unidos”. A avó e a mãe de Simone lembraram, então, que ela sempre demonstrava grande preferência por tratores, veículos que fazem lembrar os tanques militares. Gostava de brinquedos semelhantes.

Mostramos à Simone uma estampa na qual se viam as bandeiras de quase todos os países, e pedimos-lhe que indicasse aquelas que ela conhecia, além da brasileira. Ela apontou a da Itália.

Como Simone se mostrasse contrariada por abordarmos o assunto de sua anterior existência, não quisemos insistir mais em nossa entrevista com ela e procuramos obter maiores informações através dos parentes e testemunhas. Fomos grandemente auxiliados pela avó e pela mãe da paciente, as quais possuíam registros dos fatos, anotados na ocasião em que Simone manifestou mais frequentemente suas recordações reencarnatórias.

O AMBIENTE FAMILIAR DE SIMONE

A família de Simone pertence à classe média paulistana, a qual se constitui geralmente de pessoas educadas e laboriosas. O paulistano, de um modo geral, segue uma rotina fixa entre o trabalho e o lar. Luta constantemente contra a falta de tempo, pois boa parte de suas horas úteis é

consumida pelo transporte e pelas dificuldades criadas por uma cidade que vem crescendo explosivamente em um ritmo assustador. Tal sistema provoca um certo isolamento, de modo que cada lar se constitui em um reduto mais ou menos fechado. Entretanto, uma vez rompida a barreira do isolamento surge, quase sempre, um ambiente cheio de calor humano e rico de valores espirituais. Assim é o lar de Simone. Seus pais são jovens e carinhosos, assim como a vovó Augusta que representa o papel de anjo tutelar daquela família. Mais duas garotas, Solange e Sueli, irmãszinhas de Simone, completam a constelação familiar do casal Sr. Divaldo e D. Zenaide. Simone é a primogênita.

O pai de Simone é bancário e tinha 32 anos quando esta nasceu. D. Zenaide é formada pela Escola Mackenzie, na carreira de secretária. D. Augusta é enfermeira obstetra e assistente social. Durante algum tempo lecionou essas disciplinas como professora substituta. Chegou a chefiar uma seção de clínica obstétrica de um hospital de São Paulo. Atualmente está aposentada.

D. Zenaide trabalhou alguns anos como funcionária pública, mas tão logo se casou, abandonou o emprego para dedicar-se exclusivamente ao lar. Desse modo, o lar de Simone sempre foi dirigido pela mãe, costume tradicional brasileiro que infelizmente está sendo modificado.

Simone nasceu e desenvolveu-se em um ambiente harmonioso, cheio de carinho e atenção. Seu nascimento foi esperado com alegria por parte dos pais e demais parentes.

O INÍCIO DE UM DIÁRIO

—“Simone chegou às 9 horas da manhã de 20 de março de 1963, após uma noite de vigília, expectativa e angústia... Zenaide estava grávida, esperando o primeiro filho. Aos oito meses de gravidez, na madrugada de 20 de março, Zenaide começou a passar mal, e, com o médico e o Beto, levamo-la ao Pronto Socorro do Belém. Todos correram no Hospital para receber Zenaide quando souberam que se tratava de ‘descolamento prematuro de placenta’. Não houve um instante de sossego, e enquanto o médico providenciava o S.O., tia Esther e eu orávamos perto de Zenaide para que tudo corresse bem...”

D. Augusta inicia com estas palavras a estória de sua netinha Simone. Elas fazem parte de um diário cujas páginas foram copiadas a “xerox” e

incluídas em minucioso “dossier” pertencente ao Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas - IBPP.

Previendo que sua filha iria ter problemas com o parto, D. Augusta preparou o referido diário no qual anotou todos os mínimos detalhes da última fase da gestação de D. Zenaide. Visava, assim, a facilitar o trabalho do médico na eventualidade de surgirem os problemas previstos, o que de fato ocorreu na madrugada do dia 20 de março de 1963. Ao nascer, Simone era uma formosíssima criança, sadia, normal e cheia de vida. Mas sua avó resolvera continuar o diário, pois um fortíssimo laço de amor prendeu-a à neta, desde os primeiros instantes de sua vida. Ao tomá-la nos braços pela primeira vez, D. Augusta, não se sabe por quê, foi impulsionada a dizer: — “Amore mio!” Este detalhe é interessante, pois D. Augusta descende de portugueses e não sabe falar o italiano. Seu marido descende de pai italiano e mãe brasileira; ambos falecidos, aquele em 1954 e esta em 1968. Nem um nem outro usavam falar o italiano. O único idioma que D. Augusta conhece, além do português, é o francês. A mãe de Simone fala regularmente o inglês. Desse modo, o idioma empregado correntemente no lar de Simone é apenas o português, pois o pai dela também é brasileiro, assim como seus avós paternos, e não falam o italiano.

O diário de D. Augusta tornou-se muito importante mais tarde, porquanto ao atingir a idade de dois anos, Simone começou a manifestar um comportamento fora do comum. E sua inteligente avó foi anotando tudo naquele cada vez mais precioso diário.

O MEDO DE AVIÕES E AS PRIMEIRAS PALAVRAS EM ITALIANO

Vamos prosseguir, transcrevendo diretamente do diário de D. Augusta algumas passagens interessantes.

Uma das atitudes da garotinha, que mais chamava a atenção de sua avó, era o medo de aviões que ela vinha manifestando desde os primeiros dias de vida. O seu temor era bem evidente e persistiu por muito tempo. Até o presente Simone ainda demonstra muita preocupação com aviões e detesta filmes de bombardeio aéreo. Sua repulsa revela uma espécie de contrariedade intensa: — “Será possível que continuam, até hoje, a fazer isto?” Exclamou ela, revoltada, ao ver na televisão um filme em que aviões militares atiravam bombas sobre um determinado objetivo. E saiu da sala onde estava o televisor, denotando visível irritação!

D. Augusta relata, na página seis do seu diário, o seguinte: — “Um lindo dia do começo de abril, estava eu com Simone ao colo, sentada numa cadeira de balanço, perto da janela aberta; Simone mamava na mamadeira, quietinha, e eu olhava para Zenaide deitada na cama e que sofria tantas dores...” (inflamação dos seios).

— “Nisto passou pelo céu azul um grande avião fazendo enorme barulho. Simone muito assustada parou de mamar e olhou para mim, como a pedir socorro.”

D. Augusta deu ênfase em seus relatos às inúmeras vezes que Simone manifestou medo de aviões, só se acalmando quando se falava carinhosamente com ela. Pode parecer ao leitor ser muito natural que uma criancinha se assuste com o ruído de avião. Mas no caso de Simone não se tratava do susto seguido de choro, como ocorre comumente com as crianças. Era o terror estampado no rostinho, “como a pedir socorro”, conforme a avó, a mãe, o pai e demais pessoas que conheceram Simone em pequena notavam com espanto. Ela não chorava; mostrava intenso pavor!

— “Aos dois anos Simone já falava perfeitamente bem e brincava falando sempre. Fala e gesticula muito...” Prossegue D. Augusta em suas anotações acerca da netinha. — “Um dia, de manhã, antes de Zenaide tirar Simone do berço, está acordada, falou: — ‘Mamina hoje estou felice!’ – com pronúncia de felice em italiano – Zenaide riu e respondeu: — Felitche?’ No mesmo dia, à tarde, eu chegava aqui para ver minhas netas e, ao mesmo tempo, chegava a lavadeira. Zenaide contou-nos, então, o que Simone falara: — ‘Hoje estou felitche!’ A lavadeira, rindo, disse: — ‘Mas aqui ninguém fala italiano!’ e Simone, olhando-nos, respondeu: — ‘Io parlo’ (sic).

MAIS PALAVRAS EM ITALIANO

Daí em diante parece ter-se desencadeado o mecanismo de rememoração de Simone. Paulatinamente ela foi acrescentando mais palavras em italiano ao seu vocabulário sem que previamente as houvesse aprendido por qualquer meio. Eram como reminiscências fragmentárias de um idioma há muito tempo aprendido e esquecido por falta de uso.

Em janeiro de 1965, D. Augusta anotava: — “Brincando com a irmãzinha no berço dizia: — ‘Mia sorela, mia bambina’” (sic). Observa-se ao ler o diário, que a avó de Simone grafou algumas palavras italianas de maneira incorreta, por exemplo, sorela em vez de sorella (irmã). Veremos

isso várias vezes ao transcrever o diário de D. Augusta. Tal fato revela que no lar de Simone se desconhecia o idioma italiano. Em reforço a esta observação, os investigadores do IBPP examinaram e fotografaram o dicionário italiano-português que D. Augusta empregou para traduzir as palavras pronunciadas por sua netinha.

Vamos transcrever mais algumas passagens registradas no diário:

— “Certa manhã, ainda no berço, começou a perguntar com voz cantarolante: — ‘Onde está minha bambola’, e repetiu várias vezes a mesma coisa.” (sic).

— “Estava ela brincando com as bonecas, conversando sozinha. A mãe achava-se perto trabalhando e, por isso não prestou muita atenção ao que ela dizia. De repente, dirigindo-se à mãe, disse: — ‘... lá no Capitólio, não é mamina?’” D. Zenaide, surpresa, pensou logo que Simone se referia ao palácio do governo americano em Washington, e perguntou: “Capitólio? Simone... que — Capitólio? — ‘Ora, é um monte, você não sabe?’”

D. Zenaide ficou um tanto perplexa pela admiração que lhe causara aquela resposta da garotinha com pouco menos de dois anos e confessou que foi logo consultar um dicionário: “monte, uma das sete colinas da área da antiga Roma (ou também Capitolino!)”. D. Zenaide afirmou que, aos dois anos, Simone falava perfeitamente bem. Este fato passou-se em janeiro de 1965, portanto ela não havia completado ainda dois anos! (É possível que Simone haja pronunciado Campidoglio).

Nesta época ela já justificava seu horror aos aviões: — “Sempre que passava algum avião, pedia chorando que fechássemos a porta para não deixar o avião entrar”. Por quê Simone manifestava esse pavor? Logo mais iremos ficar sabendo.

Em janeiro de 1966 o diário registra: — “Quando Zenaide estava esperando a terceira filhinha, não estava passando bem. Passei o dia com ela e as crianças, costurando. Num dado momento Simone calçou meus sapatos e começou a andar pela casa, fazendo muito barulho. Pedi que ela não fizesse ruído, pois sua mãe estava doente. Batendo mais os sapatos nos disse: — ‘Não molesta, vó, eu ando de pestatura, mesmo.’” (sic). A palavra pestatura está grafada como foi entendida por D. Augusta; o certo seria: pesta dura, isto é, batendo os pés com força no chão.

— “Ainda em 1966 – Simone com três anos apenas” – o diário prossegue: — “Antes da segunda irmãzinha nascer, estava eu bordando, e Simone perto; Solange (a primeira irmã) estava no berço. Num dado

momento Simone pegou um dos novelos que estava no meu colo e começou a desenrolá-lo; tanto desenrolou que se enrolou nas linhas, nos braços, pernas – e não podendo tirar as linhas, jogou o restante do novelo e me disse: — “Toma, vó, é spancagliata mesmo.” (sic). A palavra foi grafada incorretamente, por falta de conhecimento do idioma italiano da parte de D. Augusta. O certo seria sparpagliata, do verbo sparpagliare = espalhar, desordenar, embaraçar.

— “Zenaide estava lavando roupa na máquina e falou que ia colocar água de lavadeira, então Simone disse: — ‘P’ra ficar mais lúcido?’ (pronunciou lúchido). Lúcido quer dizer alvo, bem branco.”

A segunda irmãzinha de Simone nasceu em 20 de janeiro de 1966. Olhando-a no carrinho, naturalmente Simone aproximou-se muito e a garotinha deve ter ficado estrábica ao fixá-la. Ao vê-la assim, ela exclamou: — “Mãe, a bambina, a sorela, está lusca, lusquinha...” (sic).

D. Zenaide perguntou: — “Que é lusca?” E ela respondeu: — “É isto” – e pôs-se estrábica para mostrar à mãe o que significava aquela palavra!

D. Augusta alinhou, na contra-capá do dicionário italiano-português, uma lista de 14 (catorze) dentre as diversas palavras italianas pronunciadas por Simone, entre os dois e cinco anos de idade. Os parentes dela estão seguros de que ela não as aprendeu com quem quer que seja. Empregava-as espontaneamente em sua conversação.

AS AMIGUINHAS DA PERSONALIDADE ANTERIOR DE SIMONE

Agora vamos ver o relato que a própria mãe de Simone fez, dia 30 de março de 1970, acerca desta passagem: — “Quando a irmãzinha mais nova tinha alguns meses, a avó materna (D. Augusta) costumava passear com as três meninas, no quarteirão, para tomarem sol. Numa dessas ocasiões, Simone falou: -‘Vó, quer que eu conte da minha amiga? Dois meninos maiores tentaram tirar o dinheiro da minha amiga e um anel de bola, mas eu bati nos meninos. Eles queriam o dinheiro para comprar pane, paneto’ (como foi pronunciado).”

— “Disse, depois, que essa amiga gostava muito dela e tomava conta de outras crianças que não tinham mãe, e que todas dormiam no chão. Um dia uma das criancinhas dormiu num berço de pau, fechado e não acordou mais.”

— “Referiu-se a uns meninos bons que vieram do caminhão, (explicou que não era um veículo, mas sim um caminho grande, uma estrada). Falava sempre da amiga mas não se lembrava como ela chamava. Mencionou companheiras pequenas como ela: Regina, Rosana, Cecília (pronunciava tchitchila) e Tita. Dizia: “A Cecília era muito desobediente e fugia sempre. Eu tinha de ir buscá-la. Um dia a Tita foi ferida na perna, por causa de uma briga ou por estilhaço, e um doutor tratou dela, um médico dos Estados Unidos.’ – (ou como ela falou: — ‘Um médico dos Estados dos Unidos’). Simone ainda disse: — ‘Tita depois foi para um buraco cheio de terra. Jogaram terra e ela nunca mais voltou.”

UM AVIÃO DESTRÓI A PONTE

D. Zenaide prossegue em seu relato acerca das recordações de Simone: — “Certa ocasião falou que havia uma ponte. Quando o Sol brilhava muito e refletia-se no metal, ela precisava fechar os olhos. Um dia, um avião jogou uma bomba, a ponte se acabou e ficou uma porção de metalzinhos no chão. Sempre que os aviões passavam ficavam esses metalzinhos no chão.” (sic). D. Zenaide salientou que Simone insistia sempre em pronunciar “metalzinhos”.

No diário de D. Augusta existem anotações a respeito dos aviões que Simone mencionava então: — “Simone brincava com a priminha Jussara, no quintal. Eu estava perto. Passou um avião roncando no céu. Simone, um tanto assustada, disse à priminha: — ‘Eu tenho medo do avião!’ A priminha valente respondeu: — ‘Eu não tenho!’ Cheguei perto de Simone, segurando-lhe a mão e disse-lhe: — ‘Simone, esse avião que passou é dos bonzinhos, serve para levar as pessoas a passear; não é igual àquele que você viu no Capitólio, sabe?’ – ‘É mesmo, vó, e lá no Capitólio os aviões jogavam bombas deste tamanho (abriu os bracinhos para mostrar o tamanho das bombas) e depois no chão ficava uma porção de metalzinhos que machucavam as pessoas. ‘Um dia Simone nos contou que uma moça que brigava muito com ela foi ferida na coxa, com aqueles metalzinhos, e foi levada ao pronto-socorro. – ‘Para que?’ perguntei a ela. — ‘Para curar a perna.’ — ‘E quem a curou?’ – ‘Ué, os médicos dos Estados dos Unidos’.” (sic).

A AMIGA AFONSA DINARI E O “SALVATÓRIO” – OS CHICLETES

O diário de D. Augusta prende cada vez mais nossa atenção:

— “Simone estava brincando e de repente começou a falar na amiga dela. — ‘A minha amiga Afonsa Dinari.’ Perguntamos quem era: — ‘Era a minha amiga que tomava conta de mim lá no Capitólio. Perguntamos como era chamada pela amiga: — ‘Bambola, bambina, Amore mio.’” (sic)

D. Zenaide acrescentou mais a seguinte passagem: — “Um dia, almoçando, viu que eu (mãe de Simone) servia macarronada e ela disse: — ‘O Gennaro sempre levava vinho p’ra gente tomar junto com o maqueroni. (como foi pronunciado). É um bom vinhinho com maqueroni.’ Perguntei: — ‘Quem era Gennaro?’ Ela respondeu: — ‘O marido da Afonsa.’” (sic)

Simone descrevia o local em que se abrigavam: — “Na casa em que elas moravam a cozinha não tinha telhado, era tudo quebrado, até as paredes. Brincando com uns vidros vazios de penicilina ela disse que pareciam os vidros de leite lá do salvatório (asilos em italiano).” (sic)

No lar de Simone o uso de mascar chicletes era proibidíssimo. O motivo era justo. Na mesma rua onde residiam, ocorrera um lamentável fato: uma garotinha de três ou quatro anos morreu engasgada com chiclete. Uma ocasião, D. Augusta perguntou-lhe acerca do que comiam lá no abrigo da Afonsa Dinari. Simone respondeu logo: “Chicletes” (!) D. Augusta e D. Zenaide, surpreendidas e apreensivas, perguntaram quem lhe estava dando chicletes e como ela conhecia isto. Então Simone explicou que eram os soldados dos Estados Unidos. Falou também que quase não havia comida lá no “salvatório” e que na maioria das vezes o Gennaro só levava arroz. Mas, ao que parece, não era sempre que passavam fome. Certa vez D. Zenaide estava preparando “cappelletti” para o almoço, quando ela exclamou: — “Oé, mãe. Oba! Hoje tem rocanini!” Esta palavra parece ser um jargão local ou familiar.

O CALENDÁRIO

D. Zenaide contou-nos uma passagem muito interessante: —“Era 1º de janeiro de 1967, estávamos em Santos, um pouco antes do almoço. Havíamos ganho uma folhinha do empório onde os avós paternos de Simone eram fregueses. Peguei a folhinha e estava admirando as gravuras, quando comentei para meu marido: —‘Veja que beleza de paisagem!’ Simone imediatamente quis ver também. Eram só três gravuras. Quando Simone viu uma das estampas, abriu desmesuradamente os olhos e disse, tremendo: - ‘Foi aqui! Esse é o Capitólio! Esta era a casa em que eu

morava e esta era a escola. Nestas pedras eu brincava de pular! ‘Lendo o que estava escrito, em baixo da gravura, vi: ROMA — ITÁLIA!’”

As ruínas que aparecem na folhinha, estão situadas no local chamado Campidoglio. Esta palavra tem muita semelhança com Capitólio. É possível que, por desconhecerem este particular, a avó e a mãe de Simone tenham entendido e registrado Capitólio.

A BOMBA EXPLODE...

Deixamos propositadamente esta passagem para o fim, pela dramaticidade que ela encerra. Transcreveremos na íntegra as anotações do diário de D. Augusta e algumas outras adicionais de D. Zenaide, de modo a dar a informação mais completa possível:

“Domingo de Páscoa – abril 1966 – 3 anos e 1 mês.

— Estávamos todos reunidos em casa: Zenaide, Divaldo, Solange, Neusa, Fausto, Beto, Valkýria, namorada do Beto (de quem Simone gosta muito), Simone e eu.

— Na cozinha eu preparava o almoço, enquanto Simone, sempre muito tagarela, limpava umas tampas, conversando. A porta da cozinha estava aberta e ouvia-se o ronco de um avião que passava...

— Simone parou um momento e disse, olhando bem para mim: — Sabe, vó, quando eu estava lá no Capitólio, veio um menino correndo com uma canetinha na mão, mas não era canetinha, era uma bomba que estourou.

— Senti qualquer coisa indescritível dentro de mim, mas perguntei: E depois?

— A bomba estourou e machucou muito minha prima, a minha amiga Afonsa Dinari, na cabeça, e saía muito sangue – e Simone passava as mãos na cabecinha, mostrava como o sangue estava caindo – e então eu percebendo agora o que havia acontecido, tornei a perguntar: — E você, querida?

— Eu fiquei escondidinha no cantinho...’ (e com os bracinhos apertados no peito demonstrava dor, medo e susto).

— Eu continuei: — E depois, querida?

— Depois eu e minha amiga fomos subindo, subindo...

— As escadas do Capitólio? Interrompi eu.

— Não, vó, fomos subindo, subindo, lá no alto.

— Não suportei mais, com lágrimas, larguei tudo e peguei Simone no colo, abraçando-a com muito carinho e ainda perguntei: — E depois?

—Depois, eu não sei... eu vim para cá...”

* * *

Acabamos de expor, em forma de narrativa, uma sùmula dos principais eventos concernentes às recordações reencarnatórias de Simone. Vamos oferecer, a seguir, uma tabulação contendo os itens mais importantes que puderam ser levantados através dos registros escritos e informações verbais das testemunhas. Posteriormente, faremos uma estimativa desse material no que diz respeito ao seu valor como evidência a favor da hipótese da reencarnação.

TABELA DE RECORDAÇÕES DA PACIENTE

1. – Desde aproximadamente 2 (dois) anos de idade, começou a pronunciar palavras do idioma italiano, as quais não lhe haviam sido ensinadas anteriormente, de forma alguma.

D. Zenaide (mãe de Simone) afirma, em seu depoimento por escrito, que: — “Quando começou a falar mamãe, dizia mamina.” (sic)

Na entrevista do dia 6 de maio de 1970, às 20 horas e 30 minutos, entre outras informações verbais, D. Augusta (avó de Simone), referindo-se aos diálogos que tinha com sua neta, disse: — “Simone tem falado nisto desde um ano e pouco, até mais ou menos três anos. Neste período ela falou quase tudo.”

Um levantamento baseado nos relatórios da mãe e da avó e nas informações obtidas das testemunhas forneceu como resultado as seguintes palavras italianas pronunciadas espontaneamente por Simone: *mammina*; *felice* (com a pronúncia correta: *felitche*); *io parlo*; *mia sorella*; *mia bambina*; *avviamo*; *bambola*; *Capitólio* (talvez haja pronunciado *Campidoglio*); *no molesta*; *pesta dura* (D. Augusta registrou *pestatura*; no relatório de D. Zenaide figura *pesta dura*); *sparpagliata* (registrado *spancagliata*); *lucido* (com a pronúncia correta: *lúchido*); *lusca*, *lusquinha*; *pane*; *panetto*; *andiamo*; *amore mio*; *maccheroni*; *salvatorio*; *roccanini* (talvez um jargão local correspondente a *cappelletti*); *vecchiardo* (registrado *vecchiaro*); *cupo*; *pedomo* e *madonna*.

São 30 palavras, sem incluir os nomes próprios tipicamente italianos ou pronunciados aproximadamente conforme a língua italiana, como Afonsa Dinari, Gennaro e Cecília (pronunciado: *Tchitchila*).

Simone possui um único ancestral italiano, seu bisavô materno, nascido em Conegliano-Veneto, Itália, no dia 19 de março de 1868, e falecido em 10

de outubro de 1954, nove anos antes de ela haver nascido. Sua bisavó era brasileira, descendente de portugueses, nascida em Araraquara, Estado de São Paulo, dia 11 de novembro de 1874, e falecida em 9 de agosto de 1968. Não usavam falar o italiano em casa, nem entre si, nem com os filhos.

Os avós de Simone não falavam o italiano. Mesmo o seu avô materno, apesar de ser filho de pai italiano, não aprendeu o idioma paterno.

O restante dos ascendentes de Simone é de origem portuguesa, todos nascidos no Brasil. Não falam o italiano.

D. Augusta precisou usar um dicionário italiano - português para traduzir várias palavras pronunciadas pela sua neta e desconhecida por aquela. Nesse dicionário escreveu a seguinte dedicatória que transcrevemos na íntegra e sem correções. Apenas foram alterados os nomes correspondentes à paciente e à avó da mesma:

— “Simone, este antigo e pequeno Dicionário lhe é ofertado porque desde os 2 anos de idade você pronunciava palavras italianas tais como: felice, vechiaro, Capitólio, Bámbola, Cupo, macheroni, spancagliata (embrulhada, desordem), aviamo (andar – vamos), no molesta, pestatura, luchida, lusca (v. losca), paneto, pédomo, para nos lembrar que você veio de um país distante, onde se falava esta língua.

Não sei qual a ligação que tivemos outrora, em outra encarnação, só sei que a amei muito, muito como a amo agora, que nos encontramos, novamente, amore mio.

Amore mio foi a frase que pronunciei, com você no colo, no dia que você nasceu.

Minha doçura, que nos tornemos a encontrar outras vezes, muitas outras vezes.

Vovó Gusta – São Paulo, 11 de março de 1966”

A lavadeira de D. Zenaide é brasileira. Embora descenda de italianos, não fala o idioma italiano, nem usa palavras desta língua em sua conversação normal. Sua frequência à casa de Simone era apenas destinada a apanhar as roupas sujas, levá-las para lavar e passar em sua própria casa, depois trazê-las de volta, quando, então, recolhia novamente as roupas sujas. Sua permanência na casa de D. Zenaide era curta. Ela fazia isso semanalmente.

Tendo ela testemunhado o complemento do episódio em que Simone no berço surpreendeu a mãe, dizendo: “Mamma, hoje estou felice!”, dispôs-

se, a nosso pedido, a dar seu depoimento por escrito a respeito do fato. Eilo:

“São Paulo, 9 de novembro de 1970

Eu T.F.T., afirmo que ouvi a menina Simone pronunciar perfeitamente: — ‘io parlo’ quando a mãe dela me contou o seguinte:

— Estando Simone muito contente um dia, disse à mãe: — ‘Mamina, hoje eu estou felice!’

A mãe então falou: — Que bom, minha filha que hoje você está felice!

Quando cheguei em casa delas, Zenaide me contou o que tinha acontecido e eu então falei:

— Aqui ninguém fala italiano!

— Simone respondeu na hora: ‘io parlo’.

Só não posso dizer o dia certo, mas ela era bem pequena, talvez 1 ano e meio ou 2 anos.”

(a) T.F.T.

O depoimento foi transcrito sem alterações na grafia das palavras, e na forma como está. Excetuam-se os nomes das pessoas, que foram ocultados por razões éticas. Vê-se que a Sra. T.F.T. desconhece a grafia correta das palavras italianas: Mamma e felice. Este fato demonstra o precário conhecimento da língua italiana, por parte dessa senhora.

Dia 13 de dezembro de 1978, fizemos mais uma entrevista com a avó e a mãe de Simone. Havíamos entregue vários questionários, em um anterior encontro (dia 24 de outubro de 1978), e retornáramos para colher as informações solicitadas.

Nessa ocasião obtivemos mais um importante documento: Meu bebê... Meu tesouro, um livro de registros usado para anotações acerca de um recém-nascido. O citado registro refere-se à Simone. Lá estão anotados minuciosamente todos os eventos ocorridos com ela desde os primeiros dias de vida.

Verifica-se pelas anotações que, com 15 (quinze) meses de idade a paciente falava mamma em vez de mamãe (página 43 e 55).

Na página 54 há várias anotações em que estão registradas palavras italianas pronunciadas espontaneamente por Simone, aos 2 (dois) anos de idade.

Ei-las: mamina; pipina (?); bamba; Capitolio; molesta; pestatura; andiamo e cupo.

Transcrevemos tais palavras na forma como estão escritas no livro de registros.

2. – Referiu-se várias vezes ao Capitólio (foi assim entendido pela mãe e pela avó; talvez haja pronunciado Campidoglio), tendo explicado à mãe que se tratava de um monte. Nesta ocasião Simone estava com dois anos.

A palavra Capitólio, segundo o Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, origina-se do nome dado ao templo dedicado a Júpiter e cidadela da antiga Roma. O referido templo fica situado no monte Capitolino, ou Tarpeio, uma das sete colinas de Roma, onde os triunfadores eram coroados. Próximo do templo, também encontrase a Rocha Tarpeia de onde se precipitavam os traidores. Em Roma a referida região é conhecida como Campidoglio. É provável que Simone houvesse pronunciado Campidoglio e a mãe e a avó entendido Capitólio, por ser a palavra mais corrente na língua portuguesa.

Em conversa com D. Augusta, comunicamos a ela esta nossa suposição, com a qual mostrou-se de acordo. Disse-nos que era bem possível que houvessem entendido Capitólio em vez de Campidoglio, pois ela própria ignorava que o nome correto era este.

3. – Em janeiro de 1967, portanto com três anos e dez meses, Simone reconheceu imediatamente a gravura de uma folhinha onde se viam as ruínas do Fórum Romano situadas no Campidoglio.

O referido calendário fora dado ao pai de Simone, em Santos, como brinde do empório de onde os avós paternos de Simone eram fregueses. A estampa mostra as ruínas do Fórum Romano situadas no Campidoglio. Na parte inferior da estampa, figuram as seguintes palavras: ROMA - ITÁLIA, impressas em versal corpo 10, com tinta preta. É inadmissível que Simone pudesse ler as palavras, pois começou a frequentar a escola primária aos seis anos de idade. Além disso, nenhuma outra indicação alusiva ao Campidoglio existe na mencionada figura.

No relatório escrito por D. Zenaide ela se refere à reação de Simone quando viu a folhinha: ... “abriu desmesuradamente os olhos e disse, tremendo:

— Foi aqui. Esse é o Capitólio. Esta era a casa em que eu morava e esta era a escola. Nestas pedras eu brincava de pular” (sic)

O fato de terem registrado o nome do local como lhes pareceu ouvir é um ponto positivo. Revela que D. Zenaide e D. Augusta não estavam

familiarizadas com os assuntos concernentes à cidade de Roma, pois o calendário mostra as ruínas do Fórum Romano, situadas no Campidoglio.

Antigamente havia, em um dos extremos da colina do Campidoglio, o Templo de Juno Moneta (atual Igreja de Santa Maria d'Aracoeli) e o Templo de Júpiter Capitolino. Mas, o mais importante desta passagem é a imediata reação de Simone e seu comportamento espontâneo e emocional ao reconhecer o lugar que lhe pareceu tão familiar.

4. – Desde a mais tenra idade, manifestava intenso medo de aviões.

Quando muito nova, Simone expressava terror ao ouvir o ruído dos aviões que passavam pelos céus. São Paulo é normalmente uma cidade onde o ruído dos motores de combustão interna é a coisa mais comum. Alguns veículos, como os caminhões pesados, emitem sons semelhantes aos dos aviões. O medo manifestado por ela, especificamente relacionado com os aviões, não parecia normal. Ela não chorava, mas mostrava pela expressão do rosto e dos olhos o intenso pavor que o ruído dos aviões lhe infundia. Só se aquietava quando a avó ou a mãe procuravam acalmá-la.

Quando maiorzinha, já com seus quatro anos de idade, Simone expressava por palavras o seu medo dos aviões. D. Augusta registrou em seu diário:

— “Um sábado de junho – 1967; Simone brincava com a priminha Jussara no quintal. Eu estava perto. Passou um avião roncando no céu. Simone, um tanto assustada, disse à priminha: — Eu tenho medo do avião!”

Atualmente, já com seus catorze anos, ela não manifesta mais esse temor. Mas quando menina seus pais procuraram, inclusive, levá-la ao aeroporto, a fim de familiarizá-la com os aviões. Antes disso, Simone, ao ouvir o ruído de um avião, apavorava-se e pedia que se fechassem as portas da casa para evitar que o avião ali entrasse!

5. – Recordava-se de uma ponte que fora bombardeada por um avião. (idade: 3 anos).

D. Zenaide relatou este episódio: — “Certa ocasião falou que havia uma ponte. Quando o sol brilhava muito e refletia-se no metal, ela precisava fechar os olhos. Um dia um avião jogou uma bomba, a ponte se acabou e ficou uma porção de metalzinhos no chão. Sempre que os aviões passavam ficavam esses metalzinhos no chão.” (sic)

Simone explicava em sua linguagem infantil os resultados desses bombardeios, denominando de metalzinhos os estilhaços que ficavam

espalhados pelo chão nas adjacências do local onde explodiam as bombas.

6. – Relatou o episódio de uma jovem que morava no mesmo asilo, a qual brigava muito com ela. Essa moça foi ferida na coxa pelos estilhaços de uma bomba aérea, tendo sido atendida pelos médicos americanos.

Numa oportunidade em que Simone se assustara com a passagem de um avião, D. Augusta procurou acalmá-la dizendo que aquele avião era inofensivo e que servia para levar passageiros:

— “Simone, esse avião é dos bonzinhos, serve para levar as pessoas a passear; não é igual àqueles que você viu lá no Capitólio, sabe?”

— É mesmo, vó, e lá no Capitólio, os aviões jogavam bombas deste tamanho (abriu os bracinhos para mostrar o tamanho das bombas) e depois no chão ficavam uma porção de metalzinhos que machucavam as pessoas.” (sic)

Após esta explicação, Simone contou o caso da moça que foi ferida na coxa pelos estilhaços de uma bomba, tendo sido atendida pelos médicos americanos.

Simone estava com quatro anos de idade quando revelou este acontecimento.

7. – Uma mulher, a quem Simone se referia como sendo sua amiga, tomava conta dela e das demais crianças. Seu nome era Afonsa Dinari.

No diário de D. Augusta há uma descrição sumária da primeira alusão à Afonsa Dinari, feita por Simone:

— “Simone estava brincando e de repente começou a falar na amiga dela – a minha amiga Afonsa Dinari.

Perguntamos quem era:

— Era a minha amiga que tomava conta de mim, lá no Capitólio.

Perguntamos como era chamada pela amiga:

— Bambola, bambina, amore mio.”

No relatório de D. Zenaide há um dado complementar acerca de Afonsa Dinari:

— “Falou depois que essa amiga gostava muito dela e tomava conta de outras crianças que não tinham mãe e que todos dormiam no chão.”

Entre os poucos detalhes descritivos a respeito de Afonsa Dinari, Simone destacou que aquela tinha cabelos compridos e pretos.

8. – Mostra, ainda, grande afeição pela Afonsa Dinari.

Dia 6 de maio de 1970, às 20 horas e 30 minutos, fizemos outra entrevista com a paciente e seus familiares. Este encontro trouxe excelentes subsídios à presente pesquisa.

Ao ser inquirida se Simone teria comunicado algo referente às suas lembranças, D. Augusta recordou-se de uma passagem ocorrida quando Simone estava com 3 (três) anos de idade:

— “Certa ocasião Simone disse:

— Vó, você quer que eu conte mais alguma coisa da minha amiga Afonsa Dinari?

E eu disse: — Você gostava muito dela? E ela falou que sim.

— E você está com muitas saudades dela? – perguntei – E ela abaixou a cabeça até que o queixinho encostasse no peito, e as lágrimas rolaram.”

Nesta entrevista, nós inquirimos Simone pessoalmente, perguntando:

HGA – Você ainda se lembra da Afonsa Dinari?

Simone: Sim eu me lembro.

HGA – Você se lembra, também, de suas outras amigas?

Simone – Sim. (Deu o nome de uma delas, Cecília).

HGA – Você morava lá, ou foi de um outro lugar para lá?

Simone – Sempre morei lá.

A esta altura, D. Augusta informou-nos que a mãe de Simone (D. Zenaide) é médium. Em uma das sessões em que ela se achava com D. Augusta, foi incorporada por uma entidade que se identificou como sendo a Afonsa Dinari. Deu-se então o fenômeno da xenoglossia e D. Zenaide passou a falar corretamente em italiano, idioma que ela ignora por completo.

Em outra oportunidade, disse-nos D. Zenaide: — “Senti que me era inspirada uma singela canção em italiano, juntamente com a intuição de que Afonsa costumava cantá-la para Angelina (este o nome que se supõe ter sido o da personalidade anterior de Simone). A letra é a seguinte:

Bambina del Campidoglio,

Gina la poverella.

Bambina quanto ti voglio,

Gina la zingarella.

Ao ouvir a referida canção, Simone mostrou-se muito contrariada.”

Posteriormente, fomos informados de que estes versos pertencem a uma velha cantiga-de-ninar italiana, cujo nome é La Zingarella.

D. Zenaide jamais ouvira falar nesta canção. O IBPP tem gravados a música e o trecho citado, cantados pela Sra. Zenaide.

9. – Recordava-se de que uma das suas companheirinhas havia morrido, descrevendo a seu modo o referido óbito.

Contando como ocorrera o fato, Simone descreveu-o assim:

— “Um dia uma das criancinhas dormiu num berço de pau fechado e não acordou nunca mais.”

Simone, com cerca de 3 (três) anos, não tinha suficiente experiência a respeito da morte. Daí sua maneira de descrever este evento.

10. – Lembrava-se de uma de suas companheirinhas, chamada Tita, que fora ferida na perna e morrera em consequência disso.

O relatório de D. Zenaide descreve assim este acontecimento.

“Um dia a Tita foi ferida na perna, por causa de uma briga (parece-me), ou por estilhaço, e um doutor tratou dela; um médico dos Estados Unidos (ou como ela falou: um médico dos Estados dos Unidos).

Simone disse ainda:

— Tita depois foi para um buraco cheio de terra. Jogaram terra e ela nunca mais voltou.”

Como se vê, Simone descrevia a seu modo as cenas da morte e do sepultamento que ela observara na vida anterior. Segundo nos informou D. Zenaide, Simone até então nunca havia visto o sepultamento de qualquer pessoa falecida.

11. – Tinha muitas companheiras pequenas, cujos nomes mencionou: Regina, Rosana, Tita, Cecília (pronunciava Tchitchila).

No relatório de D. Zenaide este episódio é assim narrado:

— “Falou de companheiras pequenas como ela: Regina, Rosana, Cecília (Tchitchila – pronúncia) e da Tita. Dizia:

— A Cecília era muito desobediente e fugia sempre, e Simone tinha de ir buscá-la.”

12. – Lembrava-se de uma grande estrada por onde chegaram dois garotos, os quais ela considerava bons meninos.

No relatório de D. Zenaide figura este fato:

“Falava de uns meninos bons que vieram do ‘caminhão’ (explicou que não era um carro, mas um caminho muito grande – estrada.)”

D. Augusta especificou melhor:

“Dois meninos bons que vieram do ‘caminhão’...

– que caminhão, trator?

– não, vó – do caminho lá longe.”

Possivelmente Simone referia-se a alguma das largas vias que rodeiam ou conduzem diretamente ao Campidoglio como Corso Umberto I, Corso Vittorio Emanuele e Via Nazionale. Em sua mente infantil, Simone devia guardar a recordação de uma dessas largas vias de acesso, ou caminho grande – “caminhão”, conforme ela se expressou.

13. – Recordava-se de que dois meninos audaciosos tentaram tirar dinheiro e um anel de Afonsa Dinari, para comprar pão.

D. Zenaide relata esta passagem em seu relatório:

“Quando a irmãzinha mais nova tinha alguns meses, a avó materna costumava passear com as três meninas, no quarteirão, para tomarem sol. Numa dessas ocasiões Simone falou: — “Vó, quer que eu conte da minha amiga?

— Dois meninos maus tentaram tirar o dinheiro e um anel de bola da minha amiga, mas eu bati nos meninos. Eles queriam comprar pane, panetto.”

Esta cena é confirmada no relatório de D. Augusta.

14. – Recordava-se de que Afonsa Dinari era casada e seu marido se chamava Gennaro. Era ele quem providenciava alimento para as crianças.

D. Zenaide menciona este episódio em seu relatório:

“Um dia, almoçando, viu que eu (a mãe de Simone) servia macarronada e ela disse:

— O Gennaro sempre levava vinho p’ra gente tomar junto com o maqueroni (pronúncia). É bom um vinhinho com maqueroni!

Perguntei:

— Quem era Gennaro?

Ela respondeu:

— O marido da Afonsa.”

Indagada pela avó acerca do que comiam as crianças lá no abrigo:

— “Falou também que quase não havia comida e só o Gennaro levava arroz.” (Cf. relatório de D. Augusta).

15. – As crianças do abrigo ganhavam chicletes dos soldados.

Quando D. Augusta perguntou à Simone o que comiam lá no abrigo, ela imediatamente respondeu:

— “Chicletes”!

A avó e a mãe de Simone alarmaram-se com o fato de a garota saber o que era chiclete, pois este confeito era rigorosamente proibido naquele lar. Uma vizinha perdera a filhinha engasgada por um chiclete. Daí os cuidados. Mas logo foram informadas por Simone de que eram os soldados americanos acantonados em Roma que distribuíam chicletes às crianças de lá. Ela guardou a recordação dos chicletes que lhe eram dados por eles.

Este incidente parece-nos muito interessante, pois revela o quanto é marcante para uma criança a lembrança daquilo que lhe causa prazer.

16. – Comparou os vidrinhos vazios de penicilina, com os vidros de leite do abrigo.

Ao que parece, as crianças de Afonsa Dinari recebiam uma ração de leite. Conforme pode ler-se no relatório de D. Zenaide.

— “Brincando com uns vidros vazios de penicilina, ela disse que pareciam os vidros de leite lá do salvatorio (asilo em italiano).”

17. – Conhecia o cappelletti, mas dava-lhe nome diferente, roccanini.

Ao ver a mãe preparar o cappelletti, reconheceu-o logo e exclamou:

— “Oé, mãe. Oba! Hoje tem roccanini!” (sic)

É possível que Simone tivesse conhecido esta comida italiana, com outro nome roccanini (pedrinha); nome dado pela meninada do asilo devido à semelhança do cappelletti com pequenos seixos. É uma suposição apenas, pois não temos dados seguros para confirmar tal hipótese.

18. – Na casa onde moravam não havia telhado na cozinha, era tudo quebrado, até as paredes.

D. Zenaide relata este episódio assim:

— “Na casa em que elas moravam a cozinha não tinha telhado, era tudo quebrado, até as paredes.”

No diário de D. Augusta, há uma outra referência feita por Simone a respeito do local onde ela residiu:

— “Noutro dia quando chovia muito e fazia muito barulho, as prateleiras balançavam, caindo tudo ao chão, rachando a parede da casa.”

A família de Simone enquadra-se na classe média de São Paulo. Sempre usufruiu de relativo conforto. A casa dos pais bem como as dos demais parentes de Simone são também confortáveis e bem construídas. Mesmo o apartamento onde a família costuma passar as férias e fins-de-semana, em São Vicente, é bastante confortável. Quando lá estivemos pessoalmente, em companhia do Professor Dr. Ian Stevenson, pudemos verificar o que relatamos. Desse modo, até aos três anos de idade, Simone não teria tido

suficiente experiência para descrever, com tanta propriedade, o desolador aspecto que parecia ter a casa onde ela e suas companheirinhas eram presumivelmente abrigadas sob a proteção de Afonsa Dinari, lá em Roma. É verossímil que os constantes bombardeios ocorridos nos arredores do Campidoglio produzissem abalos suficientes para ocasionar estragos e rachaduras nas paredes de edifícios de fraca estrutura.

Como se vê, este item é de muita significância. Ele aduz apreciável evidência a favor da hipótese de que Simone estaria descrevendo uma cena ocorrida em outras circunstâncias e experimentada por ela em um local diferente do seu ambiente normal.

19. – Aos 9 (nove) anos de idade, revela ainda seu horror à guerra e parece guardar reminiscências dos terríveis fatos que teria vivido.

No dia 14 de agosto de 1972, D. Zenaide enviou-nos uma comunicação escrita, narrando duas ocorrências significantes relacionadas com o comportamento atual de Simone. Vamos transcrevê-las:

“Segunda semana de maio de 1972.

Assistindo a um programa de televisão: Via-se um avião lançando bombas e estas iam explodir lá embaixo, arrasando tudo.

Simone ficou olhando muito séria para a televisão; saiu a seguir, sem esperar que o filme terminasse, e falou:

— Não gosto de guerra; eu não esqueço mesmo.

— Não gosto de alemães.”

Em outro trecho da comunicação, lê-se o seguinte:

“Lição de casa – Composição durante a Semana do Soldado.

‘Se eu fosse um soldado’

Eu não queria ser soldado de jeito nenhum. Porque eu não gosto de ser soldado; é horrível. Quer dizer, eu acho.

Eu como menina não gosto disso, mesmo se eu fosse menino, não queria. Porque o soldado tem que se sacrificar e lutar para ganhar o que quer conseguir.

E também por causa da guerra; é horrível; quase todos os soldados morreram na guerra.” (sic)

Embora aos nove anos Simone aparentasse ter esquecido os detalhes dos eventos, é possível que tenha mantido certas reações suscitadas pelas experiências que sofrera naquela outra presumível existência.

20. – Denota forte relutância em comentar acerca do passado e algumas vezes mostrou temor de ser levada de volta para Roma.

À medida que Simone foi crescendo, passou a relutar em falar sobre os acontecimentos revelados em sua primeira infância, conforme D. Augusta explica em seu diário:

“Ultimamente, depois que Simone fez 4 (quatro) anos, foi rareando nas informações e não gosta que se pergunte. Diz zangada: — Não quero voltar ao Capitólio, agora eu nasci aqui e quero só esta mãe Zenaide, é esta mãe que eu quero. Outra vez falou: — Vó, da outra vez eu nasci lá, agora eu nasci aqui e não vou voltar mais para lá.”

D. Zenaide, em seu relatório, confirma tal comportamento de Simone:

“Ela não gosta que se fale nesse passado, pois não gosta de lá. Ela gosta daqui, com esta mãe que ela tem agora. Simone diz: — É esta mãe que eu queria. Eu nasci aqui. Parece-me que Simone sofre quando alguém se refere ao Capitólio.”

Dia 6 de maio de 1970, quando de uma das nossas entrevistas, mostramos a Simone o calendário onde figuram as ruínas do Campidoglio e que foram por ela reconhecidas. Sua reação foi imediata: — “Eu não gosto de falar nisto.” Nessa ocasião observamos a grande resistência que ela opunha em tratar das suas experiências anteriores. Notamos, inclusive, imediata mudança do seu humor. Assim mesmo, com muita paciência, conseguimos ouvir dela uma ou outra informação. Mas sua relutância era grande nesse particular e ela não escondia o seu aborrecimento.

Como resultado da entrevista do dia 24 de outubro de 1978, em que submetemos à avó e à mãe de Simone um questionário complementar para ser respondido por escrito, obtivemos uma informação concernente a este item e contendo muita significância. Êi-la:

“Quando Simone estava ainda com três a quatro anos – quando por duas ocasiões diferentes ficou doente e necessitou tomar medicamentos – Simone chamou-me e, levando-me ao quarto, disse aflita, segurando-me as mãos:

Vó reza p’ra Jesus me fazer sarar, porque eu não quero voltar p’ra lá; eu quero ficar aqui, com esta mãe; é esta mãe que eu quero.

Oramos juntas um Pai Nosso e depois de afirmar que ela ficaria boa, e que nós não a deixaríamos voltar p’ra lá ela se acalmou.” (sic)

21. – Entre várias bandeiras de diversos países que foram mostradas a Simone, ela reconheceu somente duas: a do Brasil e a da Itália.

Quando de nossa entrevista pessoal com a paciente e sua família, dia 19 de fevereiro de 1970, apresentamos a Simone uma estampa de uma enciclopédia onde se viam as figuras das bandeiras de inúmeros países. Pedimos a ela que nos apontasse todas as bandeiras que ela conhecia. Depois de percorrer com os olhos aquelas figuras, Simone apontou duas que ela reconheceu: a do Brasil e a da Itália.

Esperávamos que ela reconhecesse também as dos Estados Unidos e da Alemanha, pois tropas destes países estiveram na Itália durante a II Guerra Mundial. Mas a paciente não demonstrou conhecer as respectivas bandeiras daqueles países. Supomos que a figura da bandeira italiana ter-se-ia gravado melhor em sua memória, devido talvez a ela ter sido impressionada durante os tempos de escola aquela presumível encarnação. Lembramos que os países fascistas adotavam uma intensa propaganda nacionalista desde os primeiros anos de estudos. Quanto à bandeira brasileira, é óbvio que ela estivesse familiarizada com a figura da mesma.

22. – Descreveu, de maneira dramática, como teria ocorrido sua morte e a de Afonsa Dinari. Referiu-se a um tipo de mina explosiva com o formato de caneta-tinteiro, que fora apanhada na rua e entregue a Afonsa por um dos garotos do asilo. A mina explodiu ao ser aberta.

Simone estava com três anos e um mês de idade quando contou este episódio. Os relatos constantes dos depoimentos da mãe e da avó são praticamente iguais. O da avó parece retratar mais vivamente a cena: — “Simone parou um momento e disse, olhando bem para mim: sabe, Vó, quando eu estava lá no Capitólio, veio um menino correndo com uma canetinha na mão, mas não era canetinha, era uma bomba que estourou...

Senti qualquer coisa indescritível, dentro de mim, mas perguntei:

- e depois?

- a bomba estourou e machucou muito a minha prima, a minha amiga, Afonsa Dinari, na cabeça, e saía muito sangue – e Simone, passando as mãos na cabecinha, mostrava como o sangue estava caindo – e então eu percebendo agora o que havia acontecido, tornei a perguntar:

- e você querida?

- eu fiquei escondidinha no cantinho; (e com os dois bracinhos apertados no peito demonstrava dor, medo, susto);

- eu continuei – e depois querida?

- depois eu e minha amiga fomos subindo, subindo...

- as escadas do Capitólio? Interrompi eu;

- não Vó, fomos subindo, subindo, lá no alto.
- não suportei mais, com lágrimas, larguei tudo e peguei Simone no colo, abraçando-a com muito carinho e ainda perguntei:
 - e depois?
 - não sei – foi a resposta – eu vim para cá.”

Posteriormente a avó e a mãe de Simone obtiveram com ela mesma melhores informações a respeito da bomba que o menino trouxera para Afonsa Dinari. O formato assemelhava-se mesmo ao de uma caneta-tinteiro.

Esta comunicação foi feita por Simone no domingo de Páscoa, em abril de 1966. Aqui no Brasil, pouquíssimas pessoas estariam informadas acerca desse tipo de engenho destinado a aterrorizar as populações dos países aliados. A família de Simone soube disto através do relato da própria paciente. Quando nos relacionamos com eles, notamos que apenas acreditavam tratar-se de um acidente particular ocorrido com Afonsa, o menino e a Simone. Eles não sabiam, como nós também o ignorávamos, que se tratava de um caso mais genérico e implicado com o terrorismo bélico. Mais tarde ficamos sabendo deste pormenor da II Guerra Mundial e o comunicamos aos familiares de Simone, os quais manifestaram-nos espontaneamente sua surpresa.

Outro episódio envolvido com esse evento foi-nos transmitido posteriormente pela mãe e pela avó de Simone, o qual achamos oportuno acrescentar a este comentário. D. Zenaide contou-nos o seguinte, na entrevista do dia 6 de maio de 1970, às 20 horas e 30 minutos:

— “Nós morávamos em uma outra casa e todos os dias Simone brincava no quintal. Ela sempre dizia que ia levar café para uma outra amiga.

Até que, um dia, ela disse que a amiga se achava muito doente e que estava com a cabeça toda machucada. Eu não liguei. Mas ela ficou muito brava porque eu não queria ajudar a moça que estava com a cabeça toda machucada. Então eu disse:

— Mas, meu bem, não há ninguém no quintal...

— Tem sim, mamãe.

E eu pensei que talvez fosse algum espírito e disse a ela, então vamos lá, nós vamos rezar, e a moça vai embora contente.

Fomos até lá e rezamos, e daí eu perguntei:

— Ela foi embora, Simone?

— Não, mamãe, ela quer o remédio.

Então eu fui para dentro e trouxe um remédio velho de ouvido. Ela pegou o remédio e levou-o até o muro. Depois disse:

— Agora ela foi embora. Mas não se referiu ao nome da moça. E todas as tardes ela queria levar um cafezinho para a amiga.” (sic)

Este episódio pode ser interpretado de duas maneiras: 1) Simone estava dando expansão à sua fantasia infantil; 2) Ela estava tendo alucinações ou realmente vendo alguma coisa. Em ambos os casos é interessante notar-se o modelo de iconografia mental da paciente, no qual persistiu a imagem de uma mulher ferida na cabeça. Esta imagem é congruente com a narração da morte de Afonsa Dinari. Entretanto não corresponde às possíveis imagens oriundas da experiência cotidiana da paciente. Ao que se sabe Simone não presenciara, nesta sua existência, nenhuma cena semelhante que pudesse tê-la marcado tanto, a ponto de provocar-lhe alucinações ou fantasias tão incomuns em uma criança de três anos de idade. Por quê, então, a imagem da mulher ferida na cabeça?

23. — Quando pequena, ela, ao ver os anúncios nos jornais e revistas, encantava-se com as figuras dos tratores. Chegou a ganhar um tratorzinho de brinquedo, tal o seu interesse por este tipo de máquina.

Simone referiu-se muito aos soldados americanos e sempre manifestou simpatia por eles. Certamente associou também suas recordações aos tanques de guerra trazidos com as tropas de ocupação. É provável que a admiração infantil da personalidade anterior tenha se impressionado com o aspecto inusitado daquelas máquinas de guerra. A semelhança dos tratores com os tanques, devido às lagartas de tração, bem poderia ter originado a atração de Simone pelas figuras dos tratores. As impressões ocorridas na infância são as que mais perduram na memória. É notável o contraste entre os dois tipos de engenhos recordados e as respectivas ideias a eles associadas: os aviões e os tratores (tanques). Os primeiros causavam-lhe pânico; os últimos infundiam-lhe admiração. Isto mostra os tipos de experiência que a personalidade anterior teria sofrido em relação a essas máquinas. Certamente a personalidade anterior não presenciara batalhas de tanques. Por isso não associava a tais armas o mesmo juízo que fazia a respeito dos aviões. Para ela, estes últimos destinavam-se a semear a morte e a destruição, ao passo que os primeiros serviam para transportar os soldados que lhe davam chicletes, tratavam dos feridos, etc.

* * *

OUTROS DETALHES RELEVANTES CONCERNENTES AO CASO DE SIMONE

1. – As marcas-de-nascença relacionadas com ferimentos sofridos na vida anterior (birthmarks).

O Dr. Ian Stevenson e o Prof. Hemendra Nath Banerjee assinalaram inúmeros casos de crianças que se recordavam de uma reencarnação anterior na qual sofreram ferimentos mortais. Tais pacientes, ao nascer, traziam marcas ou cicatrizes no corpo, nos lugares correspondentes àqueles em que receberam os ferimentos que lhes causaram a morte anteriormente. A tais marcas-de-nascença reencarnatórias foi dado o nome de “birthmarks” (em inglês).

Aqui no Brasil assinalamos alguns casos de reencarnação com “birthmarks”.

Quando levantamos o caso de Simone, ocorreu-nos investigar a eventualidade de encontrarmos tais marcas na paciente. Ela tivera morte violenta e possivelmente trazia algumas dessas marcas. Assinalamos as seguintes “birthmarks” que presumivelmente têm relação com os ferimentos sofridos na anterior existência:

— Uma marca de forma ovalada com, aproximadamente, 43 milímetros por 20 milímetros, de cor castanho bem claro, situada do lado de fora da coxa direita, a cerca da metade da distância entre o joelho e a articulação superior da coxa.

— Uma depressão óssea na cabeça à altura do occipital, à esquerda. Quando ela nasceu, a referida marca era muito acentuada. Por ocasião da nossa primeira entrevista era claramente perceptível ao tato. Os cabelos encobrem-na. Faz lembrar uma região onde o osso houvesse sido fraturado e, por isso, deprimido para a interna do crânio.

Em declaração escrita de próprio punho, feita por D. Augusta, lê-se o seguinte:

“Logo que Simone nasceu, observei o abaulamento na sua cabecinha, na região occipital esquerda, apresentando mais ou menos 7,5 cm no sentido vertical, e 5 cm no sentido horizontal.

A depressão era muito nítida e apenas encoberta pelos cabelos.

Fiquei muito apreensiva, pensando logo numa possível lesão cerebral, pois Simone nasceu de um descolamento prematuro da placenta; pensei também em defeito congênito.

No primeiro ano de vida de Simone examinei com frequência a depressão, sempre pensando que poderia haver uma consequência desagradável, para o desenvolvimento mental da criança.

Guardei vários anos essa apreensão, sem nunca haver contado aos meus familiares.

Certa, porém, de que realmente Simone não era portadora de qualquer perturbação mental, contei à Zenaide e ao meu filho.

Simone nunca se queixou de dores de cabeça, nem percebemos qualquer modificação na coloração do local.

O que realmente observei foi o tamanho, e que o centro do abaulamento era menos consistente do que o restante da depressão, meses depois toda ela era consistente.

Estou observando também, que à medida que Simone está se desenvolvendo a depressão está diminuindo gradativamente, no sentido vertical, de cima para baixo, e toda ela é consistente.

Como sou enfermeira obstetra e Simone é minha neta muito amada, o senhor deve compreender como fiquei apreensiva, pensando numa possível consequência mental, futura.

Continuarei a observar a depressão, e à medida que ela for desaparecendo, darei notícias ao senhor.

Muito grata pela atenção que o senhor tem dispensado à minha querida neta.”

(a) Augusta

São Paulo, 06/05/1970.

Não podemos considerar que a marca da coxa seja definitivamente uma “birthmark”, pois Simone não se referiu a qualquer ferimento na coxa recebido por ela em sua presumível existência anterior. Entretanto, assinalamo-la para uma eventual constatação posterior, caso fossem encontradas as pessoas que conviveram com a personalidade anterior e que pudessem dar informações a seu respeito.

A falha óssea verificada por D. Augusta, e consequente depressão óssea por nós registrada diretamente, parece-nos provavelmente oriunda de fratura do crânio ocorrida por ocasião da explosão que ocasionou a morte de Afonsa, do menino e da personalidade anterior. A descrição desta cena, feita por Simone, dá a impressão de que a explosão da mina atirou-a a certa distância, de encontro às paredes do cômodo em que se achavam. Relembrando suas palavras registradas por D. Augusta:

- “a bomba estourou e machucou muito a minha prima, a minha amiga Afonsa Dinari, na cabeça, e saía muito sangue – e Simone passando as mãos na cabecinha mostrava como o sangue estava caindo – e então eu percebendo o que havia acontecido, tornei a perguntar:

- e você querida?

- eu fiquei escondidinha no cantinho (e com os dois bracinhos apertados no peito demonstrava dor, medo, susto)”.

A expressão escondidinha no cantinho faz pensar que ela teria sido projetada à distância contra um dos cantos de um cômodo, tendo as costas viradas em direção às paredes. Em tal circunstância a fratura do crânio poderia resultar do choque da cabeça contra uma das paredes que formam o ângulo interno do canto contra o qual ela teria sido atirada.

2. – Pesquisa visando a descobrir, na Itália, as pessoas relacionadas com a personalidade anterior de Simone.

O caso de Simone apresenta tal soma de evidência intrínseca, que praticamente dispensaria a pesquisa das pessoas que houvessem conhecido ou mesmo convivido com sua anterior personalidade. Entretanto, foram feitas inúmeras tentativas neste sentido, pois seria o ideal se fossem encontradas tais pessoas. Infelizmente, apesar de reiterados esforços, não nos foi possível descobrir nenhuma das referidas personagens.

Parece que Roma foi capturada pelos aliados, em 4 de junho de 1944. Desse modo a personalidade prévia de Simone teria morrido após esta data, porquanto ela afirma que conheceu os soldados americanos. Nossas buscas começaram em janeiro de 1971, primeiramente, por iniciativa do Dr. Ian Stevenson, o qual remeteu os dados de Simone a seu correspondente em Roma, Sr. Jacopo Comin. Em maio de 1971, foi solicitada a colaboração do “Centro de Pesquisas Psicobiofísicas” de Santo André, Estado de São Paulo, o qual é ligado a uma organização similar italiana. Em 1972, foi solicitada a ajuda da RAI (Radiotelevisione Italiana). Em 1973, o Sr. Rui Egídio, bailarino morador em Roma, fez extensa pesquisa na Itália, a fim de localizar alguma das pessoas em questão.

Nenhuma destas tentativas teve êxito e temos agora poucas esperanças de descobrir alguém ligado à personalidade anterior de Simone. O sobrenome Dinari é muito usual na Itália. De 1944 até agora já se passaram 34 anos. Durante a II Guerra é possível que tenham ocorrido muitas falhas de registro. É muito provável que, após tantos anos, os remanescentes do drama recordado por Simone já não existam mais. Mesmo que um ou mais

deles tenham sido atingidos pelo apelo da RAI, não iriam escrever para o IBPP, no Brasil, para informar sobre um assunto tão pouco conhecido e tão discutível em um país predominantemente católico.

A falta de localização das pessoas ligadas à presumida personalidade anterior de Simone, embora possa enfraquecer a evidência do caso, não significa que não hajam existido realmente tais personagens.

Se fossem encontradas algumas dessas pessoas seria possível levantar-se a correspondência entre os fatos ocorridos e as informações fornecidas por Simone. Isto traria um grande reforço ao caso. Entretanto, poderia servir também para enfraquecer a hipótese da reencarnação, pois os adversários desta hipótese imediatamente atribuiriam o caso a mera captação por ESP ou, forçando mais, a uma eventual informação acerca dessas pessoas a um ou mais membros da família de Simone. Os canais poderiam ser: notícia de jornal, rádio ou relacionamento pessoal direto. Sempre é possível imaginar-se uma hipótese paralela, ainda que absurda, para descartar a hipótese da reencarnação.

Analisaremos, mais adiante, a validade desses e de outros argumentos quando aplicados ao presente caso.

O que cabe notar é que o caso de Simone apresenta consistência devido às evidências intrínsecas que ele oferece. Logo de início, parece-nos lógico descartar a suposição de que tudo o que Simone relatou não passou de mera fantasia infantil. Há muita coerência e concordância entre suas afirmações e alguns fatos realmente ocorridos em Roma durante a II Guerra Mundial.

As descrições sugerem que Simone viveu uma experiência real ou, se quisermos fazer maior concessão, teve alguma informação acerca dos acontecimentos por ela mencionados. A sua criatividade, com a tenra idade em que se manifestou, dificilmente geraria tamanha congruência na concatenação dos episódios relatados.

Por esta e outras razões, consideramos que o fato de não ter-se localizado as personagens da alegada vida prévia de Simone não reduz tanto assim a significância e a consistência do seu caso.

3. – Relatório de D. Augusta, concernente a um episódio ocorrido entre ela e Simone, em 1973, portanto aos 10 anos de idade.

Dia 24 de outubro de 1978, fizemos uma visita à família de Simone. Estávamos interessados em observar os traços de comportamento da paciente, agora, depois que ela se tornou moça. Nessa oportunidade conversamos demoradamente com D. Augusta, D. Zenaide e o Sr. Divaldo,

pai de Simone. Pudemos inteirar-nos de inúmeros aspectos da vida da paciente, bem como observá-la atentamente.

Recebemos das mãos de D. Augusta um pequeno relatório escrito de próprio punho, acerca de um fato passado em 1973, quando Simone estava com dez anos de idade. Eis o conteúdo do mesmo na íntegra:

“Ano de 1973 – Simone com 10 anos completos.

Liguei a TV – Simone estava comigo na sala – Ao ver na TV o que ia passar: ‘Ascensão e Queda do III Reich’, eu disse: vamos desligar, não quero assistir isso.

Simone perguntou: - Por quê, vó? – Porque isso aconteceu naquele lugar onde você viveu; e isso lembra muita desgraça, muita tristeza que você passou... – É? (o arzinho de Simone era entre interrogação e surpresa).

—É, querida.

—Mas foi em 1944?

—Foi; era já o fim da guerra.

—E como é que eu já estou aqui?

Não era para estar – devia ficar lá 100 anos.

— Querida você veio antes, para nós, 1º porque Deus permitiu; 2º porque nós desejávamos que você viesse, pois nós a amamos muito.

Simone ficou muito pensativa e só respondeu: - É.

Não perguntou mais nada e ficamos assistindo outro programa.”

(a) Augusta

O acontecimento relatado por D. Augusta refere-se a uma das derradeiras manifestações de Simone concernentes às suas recordações de sua presumível vida pretérita. Após os quatro anos de idade, a paciente foi perdendo aparentemente a memória dos fatos relativos àquela fase pregressa. Ao mesmo tempo, passou a manifestar relutância em tratar desse assunto. Esta resistência em retornar à questão das suas experiências anteriores talvez se explique, admitindo-se a criação de um mecanismo de defesa destinado a bloquear as recordações de eventos ligados a um drama que a fizera sofrer muito, Entretanto, apesar de sua resistência inconsciente, é possível que determinadas associações de ideias conseguissem varar a barreira estabelecida como defesa.

Na visita que fizemos à família de Simone, dia 24 de outubro de 1978, pudemos notar seu mutismo aliado à persistente presença junto aos pais, à avó e a nós. Ao mesmo tempo em que ela deixava claro, pelo silêncio, a

relutância em abordar o problema da sua presumível vida anterior, mostrava sinais de uma intensa curiosidade acerca do que possivelmente tentaríamos focalizar. Ela estava ciente de que nossa visita se prendia ao seu caso. E talvez houvesse sentido certa frustração ao perceber que jogávamos com ela, usando a mesma tática do silêncio a respeito do assunto.

Deixamos propositadamente ao alcance de suas mãos o grosso documentário referente à sua história e passamos a conversar com os demais, sem mostrar que a observávamos. Assim que pôde, ela tomou discretamente o documentário e procurou, atentamente, inteirar-se do seu conteúdo. Depois de folheá-lo por inteiro, lendo um ou outro trecho, não tocou na questão. Manteve-se discreta, respondendo por monossílabos ou por expressões faciais às perguntas que lhe eram dirigidas a respeito de suas atividades cotidianas normais. Propositadamente não lhe dirigimos, também, nenhuma indagação acerca do problema. Sabíamos de antemão que não iríamos ser bem-sucedidos.

4. – Um comportamento paradoxal.

Simone, atualmente, deseja estudar engenharia aeronáutica e tem intensa admiração pelos aviadores americanos!

Este surpreendente aspecto do comportamento de Simone é realmente curioso. Em sua primeira infância demonstrou intenso medo de aviões. Relatou suas recordações dos bombardeios aéreos que lhe originaram aquele terror. Sua família preocupou-se de tal maneira com a fobia manifestada pela paciente, que procurou reiteradas vezes extinguir-lhe o temor, levando-a ao aeroporto para habituá-la com os aviões.

Agora Simone insiste em tornar-se uma engenheira aeronáutica. Mostrou-se revoltada quando soube que o Instituto Tecnológico de Aeronáutica – ITA não admite alunos do sexo feminino. Seus brinquedos prediletos são pequenos aviões e aeromodelos. Gosta muito dos aviadores americanos e tem total preferência por rapazes loiros. Manifesta sua intenção de ir para os Estados Unidos, a fim de especializar-se em engenharia aeronáutica.

Quando tocamos neste assunto, abriu-se um pouco mais e trocou ideias conosco, mas sempre de forma arredia.

HIPÓTESES EXPLICATIVAS PARA AS RECORDAÇÕES E O COMPORTAMENTO DE SIMONE

O caso de Simone admite várias hipóteses explicativas. Tentaremos passar em revista as que usualmente são propostas para esclarecer fatos similares. Serão escolhidas aquelas ou aquela que puder esclarecer maior área de eventos.

FRAUDE DELIBERADA

Sempre começamos pela hipótese da fraude, tendo em vista o seu caráter eliminatório. Desde que demonstrada a fraude, o caso perde expressão e validade.

Precisamos, inicialmente, descobrir quais as razões presumíveis que poderiam ter levado a família de Simone a criar o drama relatado à equipe do IBPP. Verifica-se, imediatamente, que não deve ter havido nenhum motivo comercial, pois a família de Simone, além de não ter problemas financeiros, é constituída de pessoas de ótima reputação, laboriosas e com renda suficiente para viverem confortavelmente. Com a capacidade profissional de que são dotadas, não iriam tentar semelhante processo para obter dinheiro.

Poderíamos pensar no desejo de autopromoção, ou na intenção de alcançar “status” pela fama. Se tal alternativa fosse real, D. Augusta e D. Zenaide não teriam mantido oculta, durante tantos anos, a história de Simone. Vale notar que o sucedido foi descoberto ocasionalmente através de um informante que conhecia a família. A equipe do IBPP foi quem tomou a iniciativa de estudar o caso. Quando os investigadores entraram em contato com os familiares da paciente, já encontraram pronto o diário de D. Augusta. Nesse diário estavam minuciosamente anotados os principais eventos ocorridos na infância de Simone. A equipe do IBPP pôde verificar, com absoluta segurança, que não houvera nenhum preparo intencional do referido documento, visando a fins específicos e interesseiros. O aspecto do caderno e da tinta, assim como o do dicionário, revela imediatamente o que afirmamos acima.

Outro ponto relevante é a preocupação por parte de seus pais e da avó de não permitir a divulgação do fato com os nomes reais da paciente e dos seus familiares. Certa ocasião, o repórter de um dos periódicos de maior circulação nos Estados Unidos insistiu em entrevistar Simone e sua família. O IBPP mantém rigoroso sigilo a respeito de seus pacientes. Mas, diante da obstinação do repórter, comunicamo-nos com a família de Simone e indagamos se permitiriam uma entrevista com a garantia de que os nomes

seriam mudados. Mesmo nestas condições, os familiares não quiseram aceitar o encontro com o repórter, temendo uma eventual indiscrição por parte do mesmo.

Poderia pensar-se em uma manobra intencional por parte de D. Zenaide ou de D. Augusta, visando à propaganda do Espiritismo no Brasil. Este argumento é frágil e insustentável. O Espiritismo no Brasil é um movimento irreversível e tão difundido, que a história de Simone passaria despercebida na volumosa literatura espírita brasileira. Menor ainda seria a sua significância diante da abundância de fenômenos paranormais espontâneos observados no Brasil.

Creemos que não há razões suficientes para pensar-se em fraude no caso de Simone.

INFORMAÇÃO DIRETA - CRIPTOMNÉSIA

Esta hipótese talvez pudesse explicar o fenômeno de xenoglossia manifestado nos primeiros anos de vida de Simone. Em São Paulo há muitos estrangeiros e a colônia italiana é grande. Entretanto, não é a maior. A colônia libanesa e principalmente a japonesa parecem competir com a italiana, na Capital. Sendo o italiano um idioma latino, sua semelhança com o português deve facilitar o seu aprendizado. Poderia admitir-se que Simone, antes dos dois anos, houvesse escutado, uma ou outra vez, frases e palavras italianas. Estas palavras gravaram-se em seu subconsciente. Depois, por um processo natural (criptomnésia) elas emergiram em forma de expressão verbal, simulando a xenoglossia (falar palavras ou frases em língua estrangeira, sem havê-las aprendido previamente). A explicação é atraente e tem-se a tentação de adotá-la em lugar de outra que seja paranormal.

Entretanto, sempre é de bom aviso atentar-se para as circunstâncias em que a manifestação da xenoglossia ocorreu. Primeiramente deve ter-se em conta a pouca idade da paciente na ocasião. Em segundo lugar, deve lembrar-se de que ela deu respostas adequadas aos estímulos que lhe provocaram as expressões em italiano. Por exemplo: io parlo, quando a lavadeira disse que na casa de D. Zenaide ninguém falava o italiano; a indagação de se era para ficar mais lúcido (lúchido), quando a mãe pôs alvejante na roupa que estava sendo lavada, etc. Ora, poucos são os que ignoram que a palavra é um reflexo condicionado do segundo sistema de sinalização. Torna-se assim difícil ajustar a hipótese da criptomnésia às

condições em que Simone manifestou a xenoglossia. Ao que nos parece, uma simples informação concernente apenas à configuração sonora de um vocábulo não preenche as mínimas condições indispensáveis à criação de um reflexo do segundo sistema de sinalização em uma criança na situação de Simone. A hipótese da criptomnésia, como se vê, não é suficiente para explicar a xenoglossia manifestada pela paciente.

Vejam as demais declarações de Simone a seus pais.

Remetemos o leitor à Tabela das Recordações da Paciente. Os itens 2 e 3, por exemplo, revelam que Simone referiu-se várias vezes ao Capitólio (Campidoglio). Com três anos de idade, ao ver a estampa das ruínas do Fórum Romano situadas no Campidoglio, reconheceu-a imediatamente. Quando sua mãe indagou acerca da palavra Capitólio, pensando que ela fazia alusão ao palácio do governo americano em Washington, foi corretamente informada a respeito, dizendo que se tratava de um monte. Nesse último episódio, Simone estava com dois anos de idade apenas. Será que uma criança com dois anos de idade, criada no sistema tradicional, brasileiro, rodeada das atenções da avó e da mãe – D. Zenaide deixou o emprego, para cuidar do lar – teria tido ocasião de informar-se tão bem acerca de Roma ao ponto de esclarecer à própria mãe o que significava o Capitólio? Convém notar que D. Zenaide, logo após a resposta da filha, recorreu ao dicionário para verificar se realmente ela estava certa. E estava.

Como teria Simone obtido as informações a respeito dos bombardeios aéreos e da destruição de uma ponte, resultando no espalhamento dos “metalzinhos” que feriam as pessoas? Quem a teria informado, e como veio ela a dramatizar, depois, acerca da mina com formato de caneta, que teria causado a morte de Afonsa, do menino e dela própria?

Parece-nos que já bastam esses poucos exemplos, para mostrar que a hipótese da criptomnésia dificilmente explicaria de forma satisfatória o caso de Simone.

TELEPATIA, ESP E SUPER-ESP

Geralmente a percepção extrassensorial (ESP) é invocada como explicação para as manifestações paranormais subjetivas. Alguns parapsicólogos chegaram a postular a super-ESP, ampliando assim o juízo acerca das possibilidades da mente humana, elevando-a à categoria de uma entidade capaz de obter informação de maneira ilimitada através do espaço e do tempo. Para os criadores dessa hipótese, bem como para alguns

aficionados da Parapsicologia, não há limites de distância para ocorrer uma captação telepática. Do mesmo modo, a mente pode transitar ao longo do tempo, para o passado e para o futuro, captando os eventos sem, praticamente, qualquer limitação cronológica. Alguns mais cautelosos preferem fixar limites geográficos e históricos, usando escalas arbitrárias, avaliadas de acordo com seus critérios pessoais firmados à base do bom senso.

Não queremos, logo de início, entrar muito pormenorizadamente na análise de semelhantes modelos teóricos. Alguns fatos poderiam ser lembrados a favor da hipótese da super-ESP. Edgard Cayce, famoso sensitivo americano, parecia manifestar um tipo de super-ESP, pois fazia diagnósticos a grandes distâncias, alguns dos quais foram constatados rigorosamente como corretos. Ele descrevia, também, fatos pretéritos ocorridos com os seus consulentes. Suas revelações eram em sua maioria exatas e resistiam satisfatoriamente às verificações. Atualmente há uma fundação nos Estados Unidos, a ARE (Association for Research and Enlightenment, Inc.), onde estão arquivados e ainda são estudados os documentos comprobatórios do imenso acervo de eventos ocorridos com o extraordinário sensitivo Edgard Cayce.

Na URSS, experiências levadas a efeito por Leonid L. Vasiliev demonstraram a possibilidade da transmissão telepática a distâncias variando de 25 metros a 1.700 quilômetros. Esta última transmissão foi efetuada entre Sebastopol e Leningrado, em 15 de julho de 1934. (VASILIEV, L. L., 1963).

Não pomos em dúvida e nem queremos contestar tais possibilidades de comunicação classificável na categoria de super-ESP. Se assim procedêssemos, teríamos de negar também as manifestações de genialidade intelectual, artística, matemática, etc. A experiência cotidiana revela a existência de criaturas dotadas de faculdades muito acima do normal. Acreditamos que a ESP, que parece ser uma função de mente, não seria a única a ostentar exceção.

Talvez a super-ESP pudesse ser usada para explicar o caso de Simone. Diríamos, então, que sua mente infantil (aos dois anos de idade ou menos) teria captado as experiências de uma suposta garota cujo nome poderia provisoriamente admitir-se como sendo Angelina. Esta garota teria perecido em Roma durante a ocupação americana na Itália, por ocasião da II Guerra Mundial. Uma vez realizada a referida captação, em virtude da super-ESP,

Simone passaria a falar algumas palavras ou frases em italiano e a descrever alguns lances da vida da defunta Angelina. Estaria, assim, completamente elucidado o fato, sem necessidade de admitir-se a reencarnação e nem mesmo a sobrevivência após a morte.

O fato de não ter sido localizada a família de Afonsa Dinari e as demais pessoas ligadas ao drama da desditosa Angelina não representaria o mínimo empecilho, pois a super-ESP não encontra barreiras nem de espaço, nem de distância, nem de tempo passado ou futuro. Segundo essa hipótese, todos nós somos, potencialmente, oniscientes!

Como dissemos no início desta análise, não pretendemos descer logo ao mérito da referida hipótese. Entretanto, quer parecer-nos que, mesmo que ela fosse irrefutável, não se aplicaria ao caso de Simone. Ela não explica a xenoglossia no que tange às respostas adequadas aos estímulos. A palavra, mesmo captada telepaticamente, não pode transformar-se em um reflexo condicionado do segundo sistema de sinalização. Seria necessário que Simone ouvisse a lavadeira dizer: - “Mas aqui ninguém fala o italiano ...” Depois, transmitir a frase ao cérebro da finada Angelina. Esta operação teria de retroagir à época em que Angelina estava viva, o que complica um pouco a operação. Dali Angelina teria de traduzir a frase, do português para o italiano, compreendê-la, elaborar a resposta, manda-la de volta ao futuro para o cérebro de Simone e daí emergir como resposta em forma de: — “Io parlo”. Se o leitor reportar-se à história inicial de Simone, observará que, em inúmeras ocasiões, ela usou palavras italianas no contexto de suas respostas a diversos estímulos. Foram cerca de 30 (trinta) palavras empregadas corretamente aos respectivos estímulos.

Algumas peculiaridades do comportamento de Simone também seriam assim explicadas pela super-ESP. Embora as emoções sejam mais facilmente transmissíveis por ESP, o medo de aviões teria que sofrer o mesmo processo descrito anteriormente a respeito da xenoglossia. Simone não manifestava tal medo ao nível de um reflexo incondicionado. Seu pavor era especificamente relacionado com o ruído dos aviões. Era, portanto, um reflexo condicionado, do primeiro sistema de sinalização. Pela história do comportamento de Simone, é difícil demonstrar que ela tivesse adquirido tal reflexo logo nos primeiros dias de vida. É discutível a admissão de que uma criancinha de alguns meses de idade possa discriminar, entre os ruídos de veículos com motor a combustão interna, aquele que especificamente é produzido pelos aviões. Além disso, a avó e os pais procuravam justamente

acalma-la, mimando-a e acariciando-a. Neste caso ela teria adquirido outro reflexo, associando o ruído dos aviões às carícias recebidas.

A super-ESP, como se vê, não parece explicar satisfatoriamente o medo de aviões manifestado por Simone. Além disso, temos de pensar também em outros problemas surgidos com a hipótese em análise. Por quê Simone “captou” seletivamente apenas a falecida Angelina e não uma das companheiras de asilo mencionadas em suas declarações e que eventualmente ainda estivesse viva? Por quê, pelo menos uma vez ou outra ela não dramatizou, representando a personalidade das outras pessoas? René Sudre sugere esta possibilidade em casos de captação desse tipo: a “prosopopeia metagnômica”. Simone sempre se colocava como uma única pessoa dentre as ocupantes do “salvatorio”, uma das protegidas da sua prima e amiga Afonsa Dinari, mas ou não se recordava ou não gostava de revelar seu próprio nome (possivelmente Angelina). Se fosse uma captação por super-ESP, não seria esta a primeira coisa a revelar? Mas informou que era chamada de “amore mio” e “bambola”, por Afonsa Dinari; por quê?

Sem dúvida, as possibilidades da super-ESP são fascinantes. Ela constituiria a chave para explicar tudo e todos os fatos da área dos fenômenos psi-gamma.

A este respeito, o Dr. Karlis Osis, da American Society for Psychical Research, faz os seguintes comentários:

— “Uma das mais fascinantes características da ESP é que ela pode vencer longas distâncias no espaço, e aparentemente no tempo, penetrando o futuro.”

A seguir, Karlis Osis comenta acerca das conseqüências de semelhantes características, dizendo que “esta aparente soberania da ESP sobre o espaço e o tempo excitou, durante séculos, a imaginação criadora de pesquisadores e filósofos.” Para estes, a ESP encarada sob tal ângulo “restitui ao homem muito da dignidade e grandeza perdidas nos modernos conceitos científicos da personalidade.”

Entretanto, tanto quanto outros investigadores que tiveram contato direto com a pesquisa da ESP, Karlis Osis mostra-se cético acerca dessa questão:

— “O problema do espaço-tempo demonstrou ser (a ESP) um dos mais perigosos engodos na Parapsicologia porque tentou os pesquisadores a especular muito além daquilo que nosso conhecimento da ESP baseado em fatos permite.”

Segundo Osis, o nosso conhecimento dos fatos a respeito da ESP e relacionado com o espaço e o tempo é ainda precário. Além disso, esses fatos “estão emaranhados com uma multidão de outras variáveis inseparavelmente implicadas nos dados.” (OSIS, K., 1965).

Karlis Osis tem autoridade para opinar sobre esta questão, porque ele fez inúmeras pesquisas a respeito da influência da distância sobre a captação por ESP. Além disso, ele se baseou em inúmeros outros trabalhos de vários investigadores, chegando à conclusão de que a distância tem influência na captação ou transmissão por ESP. Por conseguinte, é temerário e inconsistente com os fatos afirmar-se que não há barreiras de espaço e tempo capazes de influenciar a percepção extrassensorial. A eventual manifestação de super-ESP por parte de um sensitivo excepcional apenas seria concernente à acuidade de sua própria função paranormal. Teríamos uma analogia no concernente à capacidade de resolução de um telescópio ou de um microscópio. Mas isto não derogaria a lei física do inverso do quadrado das distâncias, que governa a distribuição da intensidade luminosa partida de um foco de luz.

Simone nunca manifestou qualquer faculdade ostensiva da categoria psi-gamma, que autorizasse classificá-la como uma dotada paranormal de alta sensibilidade. Suas informações surgiram com a naturalidade de quem descrevia recordações associadas aleatoriamente às ocorrências cotidianas, ora em diálogo informal com a avó e a mãe, ora diante de situações que lhe feriam a suscetibilidade infantil. Não se assemelhavam, em absoluto, às manifestações de um transe ou de uma captação paranormal especial. Eram espontâneas e aparentemente normais. Assinala-se apenas uma exceção que, a nosso ver, não seria também classificável dentro da categoria de uma super-ESP: trata-se de sua visão da mulher ferida na cabeça, para a qual ela solicitou que D. Zenaide encontrasse um remédio (ver Tabela de Recordações da Paciente, item 22). Pensamos que uma simples alucinação ou mesmo visão por clarividência, de uma entidade theta, não seria suficiente para enquadrar Simone na categoria de um Edgar Cayce, por exemplo.

Aqueles que investigam a ESP em laboratório parecem menos inclinados a aceitar as possibilidades quase ilimitadas da suposta super-ESP. Eles sabem como é problemático encontrar um bom sensitivo. E, quando se encontra um deles, não é sempre que alcança altas marcas de acertos com cartas Zener e outros métodos. É preciso notar, também, que as marcas altas

se detectam dentro de um número muito grande de tentativas e após refinada avaliação estatística. A percepção extrassensorial não é uma faculdade que funciona assim tão facilmente, de maneira constante e para qualquer pessoa. Se a manifestação da ESP fosse tão corriqueira como pensam alguns mais entusiasmados, o Dr. Joseph Banks Rhine não teria levado tantos anos para convencer a Ciência oficial da existência das funções e fenômenos paranormais. Por quê, então, tamanha relutância por parte dos cientistas? Talvez seja esta uma das razões da resposta do Dr. William G. Roll ao Diretor de Pesquisa da “Spiritual Frontiers Fellowship”, Mr. Robert H. Ashby. Este inquiriu ao Dr. Roll se ele considerava a hipótese da super-ESP uma tese razoável e consistente, com comprovação válida e evidente, ou aquilo que Alan Gould chamou de “um mito”. A resposta de Roll foi incisiva:

— “Um mito. A hipótese da super-ESP é incapaz de ser cientificamente válida porque é impossível de ser refutada, ou melhor, contrariada.”

De fato, uma hipótese de trabalho para ter características de uma hipótese científica deve permitir sua verificação ou sua refutação. Uma hipótese que não apresente tais requisitos torna-se um sistema cerrado sobre si mesmo. Os que adotam como válidos tais sistemas geralmente procuram adaptar os fatos às ideias preconcebidas e não as ideias aos fatos observados.

Independentemente dessas considerações, parece-nos que a hipótese da ESP não se aplica aos fatos observados no caso de Simone.

MEMÓRIA GENÉTICA

A hipótese da memória genética, na realidade, poderia ser encarada como uma reedição moderna das várias tentativas de rever certos aspectos da teoria do transformismo de Jean Baptiste Lamarck, ilustre naturalista francês (1744-1829). Segundo Lamarck as espécies vivas transformam-se e evoluem graças à transmissão dos caracteres adquiridos que mais contribuem para a sua adaptação ao meio.

Charles R. Darwin, notável naturalista e fisiologista inglês (1809-1882), demonstrou que a evolução biológica e a correspondente modificação das espécies operam-se por seleção natural e não pela transmissão dos caracteres adquiridos conforme postulava Lamarck. A obra revolucionária de Darwin, *Da Origem das Espécies por Via de Seleção Natural* (1859), constitui-se em um marco na história da Ciência.

Com os progressos da genética, as concepções lamarckistas foram se tornando cada vez menos consistentes em relação às evidências experimentais.

À medida que tal mudança se operava, foram também surgindo outras ideias concernentes à natureza dos caracteres psicológicos, particularmente os de comportamento dos seres vivos. Ao lado dos caracteres fisiológicos, cuja herança genética decorre da composição dos genes cromossômicos dos genitores, não estariam também os psicológicos? Não existiria uma herança psíquica resultante dos caracteres fisiológicos herdados dos ancestrais? Esta hipótese teve ampla aceitação por parte dos fisiólogos e psicólogos, particularmente os psicofisiologistas de formação rigorosamente materialista, para os quais os caracteres psicológicos são diretamente decorrentes das estruturas cerebrais dos indivíduos. Estabeleceu-se que o sistema nervoso é a sede da alma. Portanto, esta, com todas as suas manifestações, não seria senão o resultado das complexas reações físico-químicas operadas no cérebro, em resposta aos estímulos externos e internos captados pelos sentidos ou outros meios e conduzidos àquele órgão através da rede nervosa do organismo todo.

As teorias psicológicas baseadas no comportamento, particularmente a Psicologia animal, trouxeram grande reforço a tais ideias. Inúmeras observações do comportamento animal dão apoio à hipótese de sua herança genética.

Pesquisas rigorosas acerca das características de comportamento dos animais demonstraram que algumas delas eram herdadas geneticamente, não importando nem mesmo a diferença de espécies. Konrad Z. Lorenz enumera uma série de comportamentos devidos à herança genética muito típicos e interessantes. Assim, grande número de mamíferos, pássaros e répteis “têm o hábito de coçar-se com o membro traseiro passando-o por cima de um dianteiro.” (LORENZ, K.Z., 1958).

Outros tipos de comportamento, como o de exibição, meneio de cabeça, incitamento, corte, etc., revelam sua origem hereditária.

Um estudo sobre o comportamento dos periquitos feito por William C. Dilger revela que, nos casos de hibridagem, os indivíduos resultantes do cruzamento herdam as duas formas de comportamento dos pais. Por exemplo, o periquito de Fischer costuma transportar no bico uma tira de fibra vegetal de cada vez, para construir o ninho. O periquito cara-cor-de-pêssego carrega várias tiras de cada vez, entre as penas. “Quando um

híbrido começa a construir o ninho, pela primeira vez, age de forma completamente confusa. Somente após três anos ele fixa o comportamento de carregar a tira no bico, mas uma vez ou outra ele tenta colocar as tiras entre as penas.” (DILGER, W.C., 1962).

De um modo geral pode considerar-se que tais caracteres de comportamento representam uma forma de memória ancestral que se fixou definitivamente. A nossa estrutura nervosa deve conduzir-nos a certos padrões, não só de comportamento como de apreensão da realidade e até mesmo da maneira de pensar. Não estariam aí as bases da Psicologia da forma? Não seriam, os arquétipos de Jung, oriundos de sutis estruturas celulares cerebrais transmitidas geneticamente ao longo das gerações?

Mas, que seria a memória? Onde e como ela se estabeleceria? Fugiria, a memória das experiências vividas, às restrições impostas pela intransmissibilidade dos caracteres adquiridos? Será que as ideias lamarckistas não teriam sua aplicação, excepcionalmente, no caso dos reflexos adquiridos ou da memória das experiências vividas?

Esta questão vem sendo cogitada há muito tempo. Filósofos, psicólogos e muitos outros pensadores têm debatido este problema. A possibilidade de uma memória genética capaz de transitar ao longo de uma ou várias gerações, para emergir em forma de recordações do tipo memória extracerebral, simulando lembranças reencarnatórias, tem sido invocada para explicar certos casos paranormais como o de Simone. Quando se encontram crianças que manifestam este tipo de lembranças, uma das primeiras hipóteses explicativas que se propõem é a da memória genética.

Para o caso de Simone tal hipótese parece, à primeira vista, perfeitamente adequada, pois Simone teve um bisavô materno, nascido na cidade de Conegliano-Veneto, na Itália, em 19 de março de 1868, e falecido em Araraquara, Brasil, dia 10 de outubro de 1954. Era este o único ancestral italiano de Simone. A bisavó materna de Simone era brasileira, nascida em Araraquara, em 11 de novembro de 1874, mas descendente de portugueses. Faleceu em 9 de agosto de 1968, na mesma cidade de Araraquara. Embora a bisavó de Simone não falasse o italiano e o bisavô houvesse falecido nove anos antes da paciente haver nascido, não teria ela herdado geneticamente a memória da linguagem e certas experiências do bisavô que era italiano? Estaria aí a explicação pelo menos para o fenômeno da xenoglossia. Afinal de contas, trinta palavras não são um cabedal linguístico tão grande assim.

Seria, a hipótese da memória genética, consistente com alguma experimentação? Podemos responder que, aparentemente, sim. Alguns trabalhos de pesquisa em laboratório, feitos por J. B. Best com planárias, parecem a uma primeira análise, propiciar algum apoio à referida hipótese. (BEST, J.B., 1963). Para os que preferem o idioma português, indicamos o artigo de James V. McConnell: “Aventuras de um Cientista no Mundo do Humorismo”. Em ambos há interessante exposição das experiências de transmissão aos seus descendentes, dos reflexos adquiridos pelo platelminto denominado planária.

Não queremos descer aos detalhes técnicos dessas pesquisas com planárias, mas em síntese foi verificado que o aprendizado de uma pode transmitir-se à sua descendência.

Suspeita-se que o responsável pela transmissão da memória seja uma molécula muito grande: o ácido ribonucléico (RNA). Algumas experiências reforçam tal hipótese. Eis algumas delas:

Foram conduzidas experiências, também com planárias, por William C. Corning, no Laboratório de E. R. John, na Universidade de Rochester. Sabe-se que as planárias, quando convenientemente cortadas em pedaços, regeneram as partes faltantes. Neste caso, se foram previamente treinadas, as planárias resultantes da regeneração dos pedaços também herdam o aprendizado. W. C. Corning treinou algumas planárias, seccionou-as e deixou-as regenerarem-se dentro de uma solução aquosa contendo ribonuclease, uma enzima que destrói o RNA. Ao tentar o retreinamento dos vermes regenerados, Corning verificou que apenas aquelas planárias que se formaram a partir das cabeças guardaram a memória do treinamento anterior. As planárias originadas dos outros pedaços não tinham retido a memória. Mas em procedimentos semelhantes, porém sem a interferência da ribonuclease, mesmo os vermes derivados dos outros pedaços retiveram a memória. Daí se conclui que há indícios de ter sido o RNA a molécula portadora da informação que se transferiu às descendentes oriundas das porções regeneradas.

McConnell, Jacobson e Barbara Humphries alimentaram planárias não treinadas, com fragmentos de outras planárias previamente amestradas. O resultado foi que os vermes não previamente ensinados adquiriram em grande parte o condicionamento dos que lhes serviram de alimento.

A opinião mais geral dos cientistas a respeito do RNA é de que esta molécula funciona sobretudo como mensageiro e não como exclusivo

armazenador de memória. Ele toma parte ativa na síntese de certos compostos complexos implicados na estocagem da memória. McConnell postula que as primeiras planárias amestradas formaram um novo RNA capaz de sintetizar novas proteínas contendo a memória de que determinado estímulo deve provocar uma correspondente resposta. Quando as planárias canibais ingeriram as primeiras que foram treinadas, absorveram também o RNA mensageiro. Este colaborou na síntese das referidas proteínas que produzem a memória do reflexo condicionado adquirido pelas primeiras.

Ungar fez experiências semelhantes, empregando ratos. Esses roedores têm preferência pelos locais escuros, onde parecem sentir-se mais seguros. Usando choques elétricos, Ungar condicionou vários ratos a tomarem aversão pelo escuro. Depois preparou um extrato feito com o cérebro desses animais e injetou certa porção no abdômen de ratos não condicionados. Estes passaram a reagir à escuridão, de modo semelhante aos primeiros. Ungar observou que o reflexo era tanto mais acentuado, quanto maior a dose do extrato injetado.

Creemos não ser necessário ir além destas ligeiras referências, para justificar a hipótese em análise, a da memória genética, que poderia explicar de forma natural as recordações de Simone, especialmente o fenômeno da xenoglossia por ela manifestado desde menos de dois anos de idade.

Feito tão longo preâmbulo, vamos analisar o caso de Simone, sob este particular aspecto, o da memória genética. Vamos admitir, de início, a possibilidade da transferência genética da memória adquirida. Postulemos que ocorreu o fenômeno com Simone, a qual herdou do seu bisavô a memória da língua italiana. Embora a palavra seja um reflexo condicionado do segundo sistema de sinalização, lá se acharia ela encravada nas estruturas moleculares do cérebro de Simone, após passar por três gerações sucessivas. A informação transportada pelo referido mensageiro, o RNA, passou quase despercebida no avô e na mãe de Simone, para surgir nesta última com a manifestação de xenoglossia. Podemos ajudar um pouco a tese, lembrando que D. Zenaide, por duas vezes, manifestou o mesmo fenômeno: dramatizou a personalidade de Afonsa Dinari e falou correntemente o italiano durante um transe mediúnico. Em outra oportunidade, ela cantarolou uma velha canção italiana “La Zingarella”. (Ver Tabela das Recordações, item 8).

O estranho desse fenômeno é que D. Zenaide nunca mais teve a menor manifestação de xenoglossia em seu estado normal de relacionamento verbal, nem expressões ocasionais, nem sotaque, nem nada. Tivemos várias oportunidades de conversar longamente com D. Zenaide sem notar a mínima manifestação de xenoglossia, além daquelas que mencionamos. O mesmo ocorreu com Simone. Depois dos quatro anos, cessaram por completo suas manifestações de xenoglossia. É difícil de explicar esse bloqueio, uma vez que as moléculas do RNA se mostraram tão persistentemente estáveis, resistindo às transferências através de três gerações consecutivas.

Outro fato inexplicável é a ausência da herança dos referidos caracteres adquiridos, em relação às irmãs de Simone. Estas jamais manifestaram os mínimos sinais de xenoglossia. O mesmo ocorreu com o avô da paciente.

O bisavô de Simone nasceu na Itália, em 1868. Casou-se em Araraquara, para onde houvera emigrado e fixado residência. O filho deste, portanto o avô de Simone, nasceu em Araraquara em 1899. Logo, o bisavô de Simone, então com 31 anos, nesta época já morava no Brasil. Não voltou mais à Itália. Também ele não conheceu Roma e nem lá esteve durante a II Guerra Mundial. Como teria transmitido, por herança genética, os conhecimentos manifestados por Simone, relativos a Roma e à II Guerra Mundial?

Podemos argumentar que, sendo italiano, ele teria lido notícias nos jornais, as quais lhe causaram forte impressão. Mas, nesta ocasião, D. Zenaide já havia nascido e não teria tido tempo de operar-se a transmissão do mensageiro RNA provindo do seu avô.

E o medo de aviões? No tempo do bisavô de Simone não se conheciam os aviões. O poder maléfico dessas armas de guerra começou a ser experimentado muito depois do nascimento do avô de Simone (1899). Não consta que tivessem ocorrido bombardeios aéreos em Araraquara, até a data de hoje. Conclui-se daí que o tal medo de aviões não deve ter-se transmitido por herança genética.

Será que as demais recordações de Simone poderiam ser explicadas pela hipótese da memória genética? Examinando-se a Tabela de Recordações, vê-se logo que a maioria dos eventos relatados por Simone não se enquadra em semelhante modelo. Por conseguinte, a hipótese da memória genética não consegue justificar todos os aspectos do caso de Simone. Vejamos se poderia esclarecer pelo menos a manifestação de xenoglossia.

Parece-nos suficientemente alicerçada nos fatos e amplamente aceita a hipótese da existência de um código genético no núcleo das células, o qual responde pelos caracteres hereditários de determinado indivíduo. A informação genética está armazenada em uma molécula gigante: o ácido desoxiribonucléico (DNA).

Aceita-se também que as informações partidas do núcleo das células são transportadas por intermédio de uma molécula estreitamente relacionada com o DNA. É uma molécula também bastante grande: o ácido ribonucléico (RNA). Este é o mensageiro portador da informação armazenada no núcleo pelo DNA. Por conseguinte, enquanto o RNA não se destrói, ele igualmente funciona como um depósito provisório de informação. A este respeito acrescenta Jay Boid Best, Professor Emérito de Biofísica, da Universidade Estadual do Colorado, USA.

— “É conhecido que a informação genética está armazenada no ácido desoxiribonucléico (DNA). Concebivelmente a informação acerca dos eventos experimentados está estocada nas células nervosas em uma molécula gigante estreitamente relacionada: o ácido ribonucléico (RNA).” (BEST, J.B., 1963).

J. B. Best quer dizer com isto que, quando um indivíduo passa por uma certa experiência, ocorre a produção de um determinado tipo de RNA. Este ácido funciona como portador da informação, a qual se mantém nele registrada. Posteriormente, o RNA irá sintetizar proteínas que se armazenarão nas células do sistema nervoso. As moléculas protéicas conterão, pois, uma cópia da informação transportada pelo RNA que lhes serviu de molde. São as referidas proteínas que servirão para estocar a memória da experiência sofrida pelo indivíduo. Vejamos como Holger Hydén se refere a este respeito:

— “Presumivelmente o aumento do conteúdo em RNA das células nervosas durante a primeira metade da vida está diretamente associada com a estimulação sensorial da célula.”

— “... observamos que, quando um nervo central sensorial ou motor é estimulado dentro de limites fisiológicos, suas células nervosas individuais mostram um aumento no teor de RNA, proteínas e lípidos. Este incremento de produção começa imediatamente quando o nível de estimulação é aumentado e inverte-se dentro de horas quando sofre redução.” (HYDÉN, H., 1961).

Para responder à indagação do que acontece às células do sistema nervoso, quando este é excitado, Hydén estimulou o sistema vestibular de mais de 100 coelhos, por meio de suaves rotações a 30 revoluções por minuto, durante 25 minutos diários e por uma semana. Depois disso ele analisou as células do grande nervo de Deiters, bem como as células gliais adjacentes, extraídas dos referidos animais. Comparou os resultados com os de igual número de animais-controles. Hydén notou que “as alterações bioquímicas nas células gliais eram o oposto daquelas das células do nervo. Enquanto o conteúdo de RNA das células do nervo aumentava em cerca de 5%, o das células gliais caíam aproximadamente 30%.” (Opus cit.).

Hydén observou que, “apesar da resposta inversa assinalada nos dois tipos de células, pode notar-se que as mudanças não estão em uma correspondência recíproca. Em outras palavras, provavelmente não existe transferência direta de enzimas da célula glial para a célula do nervo. Entretanto é óbvio que a célula glial e o neurônio estão ligados entre si energeticamente.” (Opus cit.).

Hydén e seu colega Joseph T. Cummins apresentaram, no Congresso Internacional de Bioquímica, em Moscou, um trabalho que esclarece o processo de ligação energética entre as células do nervo e as células gliais. Neste processo está implicada uma substância portadora de energia, o trifosfato de adenosina (ATP), da qual as células do nervo são ricas e as células gliais são pobres.

Em uma primeira etapa, Hydén propõe uma hipótese para explicar o caráter transitório dos modelos de atividade elétrica dos nervos, baseando-se em estudos neuroquímicos que revelam a elevada taxa de produção de RNA e da síntese de proteínas dentro do nervo.

Em outra etapa, Hydén aborda o problema do papel do RNA no mecanismo da memória. Ele considera que este segundo desempenho do RNA é muito mais especulativo e é oferecido somente para incentivar uma posterior discussão. Hydén acredita que “a maioria dos neurofisiologistas admitirá que está faltando uma satisfatória explicação para a memória.” (Opus cit. p.68).

Sem embargo disto, ele desenvolve uma teoria baseada nos processos electroquímicos e bioquímicos desencadeados nas células nervosas e gliais quando uma célula nervosa é estimulada. Através de uma série de claros raciocínios. Hydén traça um hábil esquema de reações sucessivas nas quais

estão implicadas a molécula de RNA e as proteínas por ele sintetizadas. Seria fastidioso e desnecessário repetir a descrição oferecida por Hydén, do complicado mecanismo desses processos bioquímicos e electroquímicos. Mas não poderíamos deixar de assinalar a sincera posição desse cientista, relativamente à sua hipótese de trabalho:

— “Como o organismo consegue acesso a estes registos armazenados é um problema frustrador e à parte. A dificuldade provavelmente jaz em nossa inabilidade para imaginar quantos neurônios são envolvidos no reconhecimento e no registro do mais simples item de informação.” (Opus cit., p.70).

Finalizando seu interessante trabalho com a humildade peculiar ao verdadeiro cientista, Hydén conclui desta maneira:

— “Eu enfatizaria, ainda, que tudo isto é altamente especulativo e pode estar completamente errado. A importante lição da pesquisa neuroquímica é que a rica atividade elétrica do sistema nervoso é acompanhada por uma atividade química igualmente rica. Não faremos muito progresso em compreender como nossos cérebros trabalham, enquanto não soubermos como as duas formas de atividades estão relacionadas.” (Opus cit., p.70).

A honesta atitude de Hydén talvez servisse de ótimo paradigma em uma análise séria das apressadas explicações que geralmente se formulam quando surgem casos de memória extracerebral como este de Simone.

Um dos pontos mais importantes acerca dos estímulos experimentados por um indivíduo é o sentido seguido pelas reações operadas nas células do sistema nervoso. A reação parte do DNA existente nas estruturas cromossômicas que pertencem aos núcleos dos neurônios.

Estas estruturas são hereditárias e, por isso mesmo, praticamente imutáveis. É ali que a natureza preserva os caracteres hereditários do indivíduo, mantendo desse modo estáveis os padrões das espécies e das variedades. E é por idêntica razão que os caracteres adquiridos não se transmitem. Lamarck e, mais tarde, Lyssenko e Mitchourine tentaram demonstrar exatamente o contrário, mas não tiveram sucesso.

A informação que parte do núcleo das células nervosas é transportada pelo RNA. Este mensageiro é sintetizado pelo DNA. Entretanto, não há reciprocidade neste processo. Isto quer dizer que o DNA do núcleo celular comanda a síntese do RNA mensageiro. Este último é o efeito e não a causa. O RNA não parece exercer alterações típicas no DNA capazes de alterar o código genético do indivíduo. Desse modo os caracteres adquiridos

em virtude de estímulos recebidos pelo indivíduo não se tornam hereditários.

Como, então, explicar a transmissão do reflexo condicionado de uma planária às suas descendentes? A resposta é simples. A referida transferência ocorre quando a multiplicação desses platelmintos se efetua por seccionamento. Entende-se facilmente que os pedaços que irão gerar outros indivíduos possuem ainda certa quantidade de RNA mensageiro portador da informação. A prova disso é que os fragmentos tratados pela ribonuclease, por W. C. Corning, não geravam indivíduos portadores dos reflexos. Isto significa que o DNA do núcleo de suas células não sofreu alterações. Por outras palavras, não houve transmissão genética da memória adquirida, isto é, ela não se tornou hereditária.

Quanto às planárias que se regeneram das cabeças, W. C. Corning reconhece, ele próprio, que elas conservaram a memória pelo fato de a ribonuclease não haver atingido aquela parte do organismo dos vermes e, por esta razão, não ter desfeito o RNA ali existente.

Vamos analisar novamente o caso de Simone, à luz das considerações apresentadas. Parece-nos inverossímil que uma ou mais moléculas do RNA portador da informação concernente à língua italiana tenham passado do bisavô para o avô, deste para a mãe e desta para Simone. Admitir isso, equivale a aceitar as ideias neolamarckistas de Lyssenko e Mitchourine, que teriam assim uma escapatória com relação às bem demonstradas regras da hereditariedade genética.

Respeitamos a opinião daqueles que, diante de casos de memória extracerebral como o de Simone, fazem tamanha concessão às possibilidades da memória genética, tentando assim explicá-los de forma natural. Sem embargo disto, confessamos que nossa opinião é diferente, por parecer-nos que a hipótese da memória genética não pode explicar nem ao menos a manifestação de xenoglossia ocorrida com Simone.

Pensamos que o significado de memória deveria ser encarado com maior rigor. Parece-nos que há uma indiscriminada aplicação deste vocábulo a conceitos paralelos mas não idênticos. Assim, acreditamos que há uma grande diferença entre caracteres de comportamento herdados geneticamente e a evocação de eventos e imagens por parte de alguém que se recorda de cenas passadas. O mecanismo do armazenamento da memória poderia ser explicado sob o ponto de vista neurofisiológico ou neuroquímico. Entretanto, sob o ponto de vista psicológico deve ser

encarado sobretudo como um processo de recordação. Atualmente, quase não se tem mais esperança de localizar-se, no cérebro, áreas específicas de armazenamento da memória. A este respeito, diz Karl H. Pribram, notável neurocirurgião que vem fazendo profundas investigações acerca da neurofisiologia da memória:

— “Talvez não seja surpreendente que o cérebro possa explorar, entre outras coisas, o mais sofisticado princípio de armazenamento de informação até agora conhecido: o princípio do holograma. Em um holograma a informação de uma cena é registrada numa chapa fotográfica sob a forma de um complexo modelo de interferência, ou difração, que parece sem sentido. Quando o modelo é, de qualquer forma, iluminado por luz coerente, a imagem original é reconstruída.” (PRIBRAM, K. H., 1969).

Pribram considera esta hipótese como a mais próxima da realidade acerca do armazenamento da memória e da sua recordação.

Paul Pietsch, da Universidade de Indiana, USA, também é adepto da teoria holográfica da memória, considerando-a o melhor modelo para descrever, em termos compreensíveis, o extraordinário processo de estocagem de informações usado pelo cérebro.

Esta teoria originou-se da descoberta do físico Dennis Gabor, em 1948. Ele tentava aperfeiçoar o microscópio eletrônico e daí chegou ao holograma óptico. Em 1971 recebeu o Prêmio Nobel por esta descoberta. Quando o psicólogo Karl Lashley levou a efeito uma pesquisa visando a descobrir, no cérebro, uma região responsável pelo armazenamento da memória, surpreendeu-se ao verificar que podia enfraquecê-la através da ablação de porções do tecido cerebral, mas não conseguiu suprimi-la. Já, anteriormente, muitos feridos de guerra e doentes, que tiveram grande parte da massa encefálica destruída, revelavam não haver manifestado perda apreciável da memória e do raciocínio. Lashley concluiu que a memória estava contida no interior das partes, mas não localizada como resultado do relacionamento entre tais partes. Isto é o que ocorre também com os hologramas ópticos. Cada fragmento de um holograma pode reproduzir novamente a imagem total holografada. Basta para isto que se faça passar pelo fragmento um feixe de luz coerente. Quando maior o fragmento, mais intensa será a imagem; quanto menor, mais fraca. Tal qual Lashley observou em relação à memória reproduzida pelo cérebro. Lashley concluiu, então, que o cérebro armazena a memória, da mesma forma como

um holograma registra a informação relativa à imagem espacial de um dado objeto.

Ao que parece, o problema da recordação dos eventos deve envolver questões que vão muito além do simples armazenamento da memória de meros reflexos condicionados. Questões mais profundas e abrangentes devem decorrer dos processos cerebrais, os quais chegam mesmo a sugerir outros modelos para a realidade cósmica.

Marilyn Ferguson, no editorial do boletim Brain Mind, dá destaque à notícia das mais recentes teorias do neurocientista Karl Pribram, de Stanford, e do físico David Bohm, da Universidade de Londres. M. Ferguson informa que as duas teorias, em conjunto, parecem abranger toda a experiência transcendental, os eventos paranormais e as singularidades perceptuais “normais”. Ela resume o citado conjunto teórico, desta forma:

— “Nossos cérebros constroem matematicamente a realidade ‘concreta’ interpretando frequências vindas de outra dimensão, um domínio da realidade primária, ordenada e significativa que transcende o tempo e o espaço. O cérebro é um holograma interpretando um universo holográfico.” (FERGUSON, M., 1977).

Não parece, portanto, que o fenômeno da memória extracerebral possa ser tão facilmente interpretado, usando-se apenas as preliminares observações exploratórias de transferência química dos reflexos condicionados em planárias e ratos.

Devemos considerar, além disso, que a Parapsicologia vem observando, com igual rigor, outras ocorrências psíquicas que até então eram sistematicamente alijadas do elenco de fatos relacionados com os fenômenos da área psicológica. Atualmente acumulou-se considerável volume de evidências a favor da realidade das funções e fenômenos paranormais. Esta constatação muda profundamente a maneira de encarar-se a realidade psicológica e pode mesmo pôr em xeque as teorias psicológicas exclusivamente fisiologistas. Somos tentados a transcrever mais um trecho do citado boletim Brain Mind, por vir muito a propósito para a presente discussão:

— Embora o modelo holográfico tenha gerado fecundas respostas, ele levanta uma questão que vem assombrar Pribram. Quem está olhando por trás do holograma? Quem é o ‘homenzinho dentro do pequeno homem’ que Arthur Koestler chamou de ‘o fantasma da máquina’?” (Opus cit., p.3).

A recordação de cenas, eventos, etc., pode ocorrer de forma aparentemente espontânea nas livres associações, induzida por outras ocorrências. Mas pode ser evocada voluntariamente. Que ou quem aciona a máquina cerebral para trazer à tona da consciência a memória de um evento? No mesmo caso está o ato voluntário puro. Que ou quem o desencadeia?

Dr. J. R. Smythies, Dr. Joseph B. Rhine e Dr. R. H. Thouless são de opinião que, por trás da máquina do cérebro, deve existir um fator ou entidade Psi que responde pela iniciativa das suas operações. (RHINE, L. E. 1970).

Será que o problema da memória pode resumir-se pura e simplesmente em termos de estocagem ao estilo dos computadores, por meio dos códigos químicos contidos nas extensas cadeias moleculares do RNA e do DNA? Se assim fosse, como se explicariam certos casos de informação e de memória que parecem operar-se sem o auxílio do cérebro, como ocorre nos casos de experiências de desdobraimento? (OOBE – “Out of the body experience”). E os mais de dois mil casos que sugerem reencarnação, inúmeros dos quais apresentam evidências bem definidas e verificadas de memória extracerebral? (STEVENSON, I., 1974, 1975, 1977, 1980 e 1983).

É fora de dúvida que as mencionadas investigações acerca da transferência do aprendizado entre planárias e ratos são muito importantes para a elaboração futura de um modelo teórico capaz de explicar corretamente o mecanismo da memória. Entretanto, acreditamos que tal modelo terá de incluir também os fatos bem constatados da memória extracerebral. Para completar nosso ponto de vista, achamos interessante citar a opinião do falecido sábio Henri Bergson, da Academia Francesa e da Academia de Ciências Morais e Políticas:

— “... se nós tivermos em conta de que a atividade mental do homem ultrapassa a sua atividade cerebral, de que o cérebro armazena hábitos motrizes mas não lembranças, de que as outras funções do pensamento são ainda mais independentes do cérebro que a memória, de que a conservação e mesmo a intensificação da personalidade são desde então possíveis e mesmo prováveis após a desintegração do corpo, não suporemos nós que, em sua passagem através da matéria que ela encontra aqui, a consciência se tempera como o aço e se predispõe a uma ação mais intensa?” (BERGSON, H., 1949).

Sem embargo das anteriores digressões sugeridas pela questão em análise, não acreditamos que a hipótese da memória genética possa aplicar-se corretamente ao caso de Simone, porquanto ela não elucida nenhum dos eventos levantados no referido caso.

INCORPORAÇÃO MEDIÚNICA

A hipótese da incorporação mediúnica é também muito invocada para explicar os casos que sugerem reencarnação. A paciente poderia ser uma médium bem desenvolvida e que, já na infância, tivesse possibilidade de ser incorporada por um Espírito. Duas categorias de manifestação poderiam ocorrer: 1º) O Espírito da pessoa falecida – no presente caso, Angelina – daria todos os informes acerca de sua anterior encarnação, fazendo com que os familiares se enganassem, acreditando tratar-se de uma reencarnação; 2º) Um ou mais Espíritos mistificadores tomariam conta do corpo da paciente e periódica ou permanentemente representariam uma farsa. Para os que acreditam nos demônios, seriam tais agentes maléficos os autores da referida farsa.

Embora esta hipótese exija um cortejo de outras evidências anteriores, tais como a da sobrevivência, a da possibilidade de comunicação dos Espíritos através dos médiuns, etc., podemos dar como provisoriamente válidas as referidas premissas.

Passemos então ao caso de Simone, para ver se a hipótese da incorporação mediúnica se aplica a ele.

No Cap. III, discutiremos a mesma hipótese aplicada ao caso de reencarnação de Jacira x Ronaldo, assinalaremos aquilo que nossa experiência de mais de 40 (quarenta) anos no trato com fenômenos de incorporação mediúnica nos ensinou. Em resumo, observamos o seguinte:

1. – Normalmente o médium manifesta alterações psicofisiológicas típicas capazes de caracterizar o transe mediúnico e, muitas vezes, até mesmo de identificar a entidade manifestante;

2. – Os casos de incorporação em crianças são raríssimos, embora estas sejam muito suscetíveis às alterações de comportamento provocadas por entidades desencarnadas;

3. – Tanto na incorporação como na possessão, o paciente fala e age como se fosse a personalidade da entidade desencarnada, mas na possessão o transe é de longa duração e ainda mais marcante no que tange às alterações psicofisiológicas.

Simone manifestava outros tipos de comportamento que de maneira alguma se identificariam com uma incorporação ou possessão. Assim, por exemplo, podemos enumerar alguns: o medo de aviões; as expressões intercaladas com palavras em italiano; o reconhecimento da paisagem do Campidoglio na folhinha; a descrição do asilo e das companheirinhas, etc. Nessas ocasiões, Simone estava em seu estado normal, dialogando ou com a mãe ou com a avó. Em nenhuma oportunidade manifestou os mínimos sintomas de alteração física ou psíquica, nem de personalidade, que pudessem ser identificados com o transe mediúnico ou uma sutil posse espiritual por incorporação.

Acresce notar que D. Augusta e D. Zenaide são espíritas e estão habituadas com os transes mediúnicos. Elas seriam as primeiras a registrar qualquer ocorrência deste tipo. Em nenhuma oportunidade, quando entrevistadas, admitiram a hipótese de Simone ter estado sob a incorporação de um Espírito. Mesmo em nossos últimos contatos com a paciente e sua família não observamos quaisquer indícios de que Simone seja uma sensitiva desse tipo. Finalmente, sugerimos um reexame da Tabela de Recordações da Paciente, por parte do leitor, a qual representa o melhor argumento contra a hipótese da incorporação mediúnica.

REENCARNAÇÃO

A hipótese da reencarnação irá ser testada no presente caso, a fim de verificarmos se ela poderá explicá-lo no todo ou apenas parcialmente. Foi o que fizemos com as alternativas da memória genética, da criptomnésia, da ESP, etc.

Não somos o único investigador desses casos a admitir a alternativa da reencarnação como uma das suas hipóteses explicativas. Assim também, não somos o único a reconhecer que a hipótese da reencarnação é a que tem melhor servido para a maioria dos casos de crianças que mostram recordar-se de uma ou mais vidas anteriores, mencionando pessoas, lugares e acontecimentos, dos quais de forma alguma poderiam ter tomado conhecimento em sua presente existência. O número e a variedade de semelhantes casos são suficientemente grandes para aconselhar um estudo e uma análise mais profundos por parte dos cientistas.

De acordo com as mais correntes ideias a respeito da reencarnação, podemos resumir da seguinte forma o seu conceito:

1. – Todo ser vivo compõe-se de uma parte material e outra espiritual;

2. – Quando ocorre a morte, a parte material, ou corpo físico, se destrói, enquanto a parte espiritual, uma vez abandonado o corpo, conserva-se indestrutível;

3. – Após permanecer algum tempo nesse estado, de desencarnado, ao qual se chama de intermissão, a parte espiritual torna a ligar-se a um ser vivo em início de formação e, seguindo todo o processo embrionário, volta a nascer de novo (reencarna-se);

4. – Normalmente o reencarnado perde a memória dos detalhes de sua encarnação anterior, mas conserva certos resíduos psicológicos e até mesmo fisiológicos daquela vida passada, sob a forma de tendências, aptidões, genialidades ou suscetibilidades fisiológicas, marcas-de-nascença, etc.;

5. – Excepcionalmente, certas pessoas podem reter a memória de algumas experiências oriundas da encarnação anterior, de maneira a fornecer dados que permitam estabelecer evidências a favor da hipótese da reencarnação.

Uma vez sejam descartadas todas as demais explicações paralelas que poderiam aplicar-se a uma ocorrência de presumível recordação de encarnação anterior, resta como hipótese mais viável a da reencarnação. No presente caso de Simone, quer parecer-nos que esta seria a explicação mais consentânea com os dados levantados. A reencarnação não só justificaria facilmente as ocorrências de xenoglossia e demais recordações manifestadas pela paciente, como cobriria a ocorrência da falha óssea assinalada por D. Augusta na região occipital esquerda de sua neta Simone. Sem querermos afirmar aprioristicamente tratar-se de uma marca-de-nascença de origem reencarnatória, a referida falha poderia ser assim razoavelmente explicada, uma vez que é uma suposição consistente com outros casos semelhantes já observados por nós e por outros investigadores. A falha óssea em questão tem todas as características típicas das marcas-de-nascença reencarnatórias, inclusive o fato de estar se reduzindo paulatinamente.

CONCLUSÃO

Tendo em vista todas as razões expostas na precedente discussão deste caso, somos de opinião de que o mesmo tem evidências suficientes para ser enquadrado como um fato que sugere reencarnação.

Salvo possíveis futuras explicações mais abrangentes, a hipótese da reencarnação é a que melhor se lhe aplica, até agora.

Capítulo III - O caso Jacira x Ronaldo

APRESENTAÇÃO

O caso Jacira x Ronaldo, como o precedente (Simone x Angelina), também já foi divulgado de diversas maneiras, inclusive sob a forma de monografia.

O que vai ser exposto resultou das investigações acerca das recordações e do comportamento manifestados por uma garotinha, desde a idade aproximada de um ano, nascida no dia 31 de outubro de 1956.

Os nomes reais das personagens, bem como os dos locais onde os fatos se desenrolaram foram necessariamente mudados a pedido da família da paciente. Seus parentes temem ser molestados por curiosos indesejáveis. Além disso, como houve a ocorrência de suicídio da personalidade anterior, isto contribuiu mais ainda para essa atitude dos familiares de Jacira.

O Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas – IBPP mantém em seus arquivos o documentário completo deste caso, o qual se compõe de fitas gravadas dos depoimentos das testemunhas, fotografias e outros elementos comprobatórios.

O presente caso é do tipo “resolvido”, isto é, a personalidade anterior é conhecida, bem como os detalhes a respeito de suas características pessoais.

As transcrições dos depoimentos foram mantidas fielmente em seu tom coloquial, conforme o extraído das gravações. Em nossos trabalhos, temos procurado manter, sempre que possível, a íntegra dos depoimentos obtidos das testemunhas, sem preocupar-nos com os rigores gramaticais.

HISTÓRICO

PRELIMINARES

Em 1971, na cidade de Curitiba, Paraná, fomos informados acerca deste caso, pela Sra. Isaura Leite do Canto. Ela forneceu-nos o endereço de seu irmão, o qual conhecia a família da paciente, em Penápolis, no interior do Estado de São Paulo. Naquele mesmo ano, dia 26 de setembro, foi obtido o primeiro depoimento gravado do pai da paciente, pelo nosso correspondente Sr. Joaquim Norberto de Camargo, morador na referida localidade. O depoimento era animador. Devido a uma série de imprevistos, passaram-se quase dois anos sem que pudéssemos tratar do presente caso.

Somente em 14 de fevereiro de 1973, conseguimos entrar em contato direto com o Sr. Antônio B. Munhoz, pai da paciente, solicitando, por carta, uma entrevista pessoal em data que seria por ele escolhida. Fomos amavelmente atendidos. Entretanto, o Sr. Antônio B. Munhoz declarou em sua resposta: - “A única coisa que quero observar é que a Jacira não sabe e eu prefiro que ela continue ignorando o fato.” (sic)

Pela observação do Sr. Munhoz, percebemos que a paciente tivera as recordações na primeira infância, tendo-as esquecido após a puberdade. Esse fato é comum nos casos de lembranças reencarnatórias surgidas na infância. Todavia não atinamos com o motivo do segredo mantido pelos pais. Posteriormente ficamos sabendo que a personalidade anterior cometera suicídio. Recomendações rigorosas de “Espíritos orientadores” determinavam o sigilo, pois “se Jacira viesse a saber do ocorrido, poderia tentar novamente o suicídio, quando atingisse a mesma idade em que faleceu a personalidade anterior.” (sic)

Em 17 de agosto de 1973, fizemos a primeira visita pessoal à família de Jacira, em sua residência. Naquela ocasião obtivemos amplas informações sobre o caso, e o segundo depoimento gravado. Após ganhar a confiança dos familiares, pudemos convencer os pais de Jacira de permitir que revelássemos a ela o motivo da nossa visita. A paciente mostrou-se agradavelmente surpresa, ao certificar-se de que supúnhamos ser ela própria a reencarnação de seu falecido tio Ronaldo. Disse-nos que, embora seus pais tivessem evitado até então revelar-lhe aquele segredo, ela recebia com prazer a informação que lhe transmitíamos. Dispôs-se cordialmente a colaborar conosco. Todavia, cientificou-nos de que já não se recordava mais

dos fatos de sua vida passada, embora tivesse vago pressentimento de que tivera uma outra encarnação relacionada com sua avó, D. Odila.

Jacira é uma bonita adolescente de aspecto sadio e esportivo. É bem humorada, educada e comunicativa. Gosta de vestir-se muito simplesmente, preferindo camiseta e calça comprida. Não usa e parece não apreciar adornos. Pelo que soubemos não teve, até aquela ocasião (17 anos), nenhum namorado, aparentando certo desinteresse pelo sexo oposto. Embora fisicamente feminina e bela, manifesta um modo de ser menos feminino que o normal. Não usa enfeitar-se e nem parece ser vaidosa. Quando a reencontramos, em nossa segunda visita, dia 14 de maio de 1974, ela nos contou que já tinha um namorado. Mas não notamos grande entusiasmo de sua parte, relativamente a esse fato.

A família de Jacira é de padrão médio, do tipo tradicional do interior: gente simples, educada e acolhedora. O ambiente familiar é tranquilo e muito afetivo. Nota-se amorosa cordialidade no relacionamento entre todos os membros da família. O pai, Sr. Antônio B. Munhoz, nasceu em 1916. Mecânico especializado em aparelhos de refrigeração, é um homem aparentemente calmo e carinhoso para com os filhos. A mãe da paciente, D. Martha G. Munhoz, é uma eficiente e afável dona de casa, normalmente rodeada pelos filhos e netos, aos quais dedica todo o seu tempo. O casal é realmente muito simpático. Talvez por isso, alguns dos filhos já adultos ainda moram com os pais ou frequentam muito a sua casa. Ao todo, são seis os filhos do casal.

A maior parte das informações foi fornecida pelos pais. Devido ao cuidado que sempre tiveram em ocultar de sua filha os acontecimentos ligados à personalidade anterior, obviamente evitaram comentar, até mesmo com os demais filhos e parentes, as perguntas e as referências concernentes ao falecido Ronaldo, que a paciente fazia aos genitores quando era pequena ainda. Nos relatos de D. Martha, a respeito dos episódios relativos às recordações de Jacira, percebe-se o extremo cuidado da mãe em não estimular os diálogos com a filha, desviando o assunto ou fazendo-se de desentendida. Esse fato provocava certa irritação em Jacira, quando criança, a qual insistia em ser esclarecida acerca dos eventos lembrados e relacionados com a personalidade prévia.

Os parentes de D. Martha são católicos romanos. Para eles a reencarnação não tem sentido. Este era mais um motivo para que o assunto ficasse restrito apenas aos pais da paciente. Quando, em 15 de maio de

1974, visitamos D. Odila, avó de Jacira e residente na cidade de Lins, notamos que ela ignorava o fato. D. Martha já nos havia alertado a esse respeito também.

As demais testemunhas ouvidas foram a Sra. Angelina F. Botassi, que serviu como médium nas comunicações do Espírito de Ronaldo (personalidade anterior); a Sra. Antônia da Silva; o Sr. Hélio Alves, que presidia as sessões na ocasião; e a Sra. Maria Alves, esposa do Sr. Hélio. Todas essas pessoas referiram-se principalmente aos episódios relativos às sessões mediúnicas em que houve manifestação do Espírito de Ronaldo e de uma outra entidade implicada no caso. Infelizmente não puderam fornecer maiores detalhes concernentes às passagens da primeira infância de Jacira. Os cuidados para que o caso não se extravasasse além do âmbito familiar, restrito aos pais e à paciente, foi a principal causa dessa situação. Encontramos as mesmas dificuldades com relação aos irmãos da paciente. Na infância de Jacira, eram ainda muito jovens para prestar atenção e reter a lembrança dos fatos. O que eles sabiam eram informações fragmentárias partidas dos próprios pais, os quais evitavam, naturalmente, propalar os acontecimentos, a fim de que Jacira não viesse a tomar conhecimento da sua condição, mesmo indiretamente.

Entretanto, os depoimentos do Sr. Hélio Alves e de sua esposa, Sra. Maria Alves, são relevantes e merecem atenção. Apesar de estar esquecido de muitos detalhes da ocorrência, o Sr. Hélio afirmou que se recordava de pormenores relevantes de uma comunicação do Espírito da personalidade anterior, pouco antes de se reencarnar. Referindo-se à identidade do comunicante, o Sr. Hélio declarou:

— “Assim que o Espírito se comunicou, nós sabíamos tratar-se do irmão da esposa do Sr. Munhoz, que estava dando a comunicação. Era o Espírito do irmão dela, que havia se suicidado. E a comunicação era de tal maneira dirigida à esposa do Sr. Munhoz, que nós imediatamente sentimos a emoção do Espírito tratando com carinho a irmã e também agradecendo as preces que se faziam em benefício dele. Informava que em breve voltaria a reencarnar-se. No caso, seria no lar do Sr. Munhoz.”

Uma observação interessante feita pelo Sr. Hélio Alves diz respeito ao comportamento da mãe de Jacira: - “A esposa do Sr. Munhoz foi sempre uma senhora muito reservada. Ela nunca era expansiva em contar as artes dos filhos, nem nada. Ela era uma pessoa muito fechada.” Talvez esse fato seja explicado pelo seu receio de que o caso viesse a ser divulgado.

Solicitados a descrever o comportamento da paciente na infância, o Sr. Hélio e sua esposa afirmaram que ela tinha atitudes e modo de ser que lembravam antes um menino do que uma menina: - “Tipo garotão, mais disposta, modo de cortar o cabelo curtinho. Ela vivia correndo pelos quintais, terrenos baldios, subindo em árvores, pulando muros; enfim, brincadeiras mais violentas do que as de uma menina... Entretanto, era uma criança muito carinhosa e muito meiga”, comentaram eles. O Sr. Hélio e sua esposa declararam, ainda, que Jacira fora estrábica quando pequena. Esse defeito corrigiu-se espontaneamente. Ronaldo fora estrábico também, informaram eles.

* * *

FATOS RELEVANTES QUE ANTECEDERAM O NASCIMENTO DE JACIRA

No dia 15 de janeiro de 1951, faleceu na cidade de Lins, Estado de São Paulo, Brasil, com a idade de 28 anos, o jovem Ronaldo Gomes Barroso. A causa mortis foi suicídio por envenenamento com formicida dissolvido em guaraná.

Ronaldo era filho do Sr. João Gomes Barroso e de D. Odila A. Barroso. Ele tinha nove irmãos. Um deles era seu irmão gêmeo, de nome Romildo.

A irmã mais velha de Ronaldo chama-se D. Martha G. Munhoz. Ela é casada com o Sr. Antonio B. Munhoz. D. Martha fora pajem dos seus irmãos mais novos, dentre os quais distinguia o Ronaldo, com especial afeição.

Ronaldo não revelou a ninguém as razões do seu ato de desespero. Ele estava noivo de uma moça, Alice (atualmente casada). Mas, ao que parece, não havia nenhuma divergência entre eles que pudesse ter dado motivo ao suicídio. Ronaldo tinha uma sobrinha de criação, filha adotiva de D. Martha, cujo nome é Juraci e à qual votava muita estima. Juraci foi a única pessoa a quem ele confessou sua intenção de suicidar-se. Dois dias antes, dissera à sua sobrinha: — “Juraci, eu vou me matar. Mas você não deverá contar isso a ninguém. Se o fizer eu ficarei de mal com você.”

D. Martha morava em Penápolis, cidade próxima de Lins. Ronaldo achava-se em visita à irmã. Ele se despediu na noite de uma sexta-feira, dia 13 de janeiro de 1951, dizendo que iria para Lins. Na realidade ele seguiu para essa cidade somente no domingo, dia 15, à noite. Chegou em Lins às 21 horas mais ou menos. Tomou um banho e foi encontrar-se com seus

amigos. Mais tarde regressou para casa. Recolheu-se ao leito e, após ter-se levantado e dirigido ao banheiro onde preparou o veneno, entrou no seu quarto e daí a instantes gritou por socorro, depois de haver ingerido o formicida. Manifestando contorções e ânsias dolorosas, expirou assistido pela mãe e alguns parentes.

D. Martha ficou extremamente abalada com a morte de Ronaldo. Passados quase cinco anos, a lembrança da tragédia entrou a reavivar-se em sua memória. Sr. Munhoz era espírita e preocupava-se com o estado de sua mulher. Embora ela fosse de origem católica estava se iniciando no Espiritismo. De vez em quando, o Sr. Munhoz levava-a a um “Centro Espírita”, do qual era presidente o Sr. Hélio Alves. Funcionava como principal médium a Sra. Angelina F. Botassi. O Sr. Munhoz procurava, por este meio, aliviar o estado de angústia em que se encontrava D. Martha. Em janeiro de 1956, ela passou a ter frequentes sonhos, durante os quais via o falecido irmão em desespero: — “Em sonhos, eu me via em uma carruagem que seguia rápida em meio a uma tempestade. Eu o via apavorado, correndo no meio do temporal enquanto caíam os raios e eu gritava. Conteí os meus sonhos ao meu marido. Este sugeriu que fôssemos ao centro espírita para orar pelo Ronaldo”, disse ela.

Descrevendo o que se passou no Centro, naquela ocasião, D. Martha relatou o seguinte: — “Lá chegando, meu marido começou a orar por ele (Ronaldo). Então D. Angelina foi tomada pelo Espírito do Ronaldo, que estava desesperado... Disse que não sabia o que havia feito e que só após muito tempo ficou sabendo, porque foi levado ao suicídio por um obsessivo e só depois de algum tempo foi libertado. Ele agora queria voltar, mas com o apoio do meu marido que havia sido para ele como um pai, pois quando nós nos casamos ele ainda era pequenino. Disse que somente meu marido poderia ajudá-lo... Ele dizia: — Você vai me ajudar. Eu espero que você me ajude! Na volta para casa eu disse ao meu marido (nessa época o filho mais novo do casal tinha quatro anos) que talvez iríamos ter mais um filho. Meu marido perguntou por quê, e eu então lhe disse que havia entendido que o Ronaldo queria reencarnar. Não obstante, meu marido argumentou, dizendo que eu havia interpretado mal e que a ajuda pedida pelo Ronaldo se referia ao esclarecimento do seu Espírito.”

Apesar da opinião do marido, D. Martha julgava que o comunicante se referia à possibilidade de um novo nascimento em seu lar. Os seus sonhos continuavam a repetir-se e os quadros eram invariavelmente os mesmos: —

“A carruagem seguindo rápida em meio à tempestade, os raios, gritos de desespero, o Ronaldo solicitando socorro...”, explicou ela.

Em fevereiro de 1956, algum tempo após a sessão em que o Espírito de Ronaldo fez seu apelo ao cunhado e à irmã, organizou-se uma outra sessão durante a qual fizeram breves preces pelo morto. Compareceram algumas pessoas e entre elas a mesma médium, D. Angelina F. Botassi. A reunião teve lugar na própria residência do Sr. Antônio B. Munhoz.

Durante a sessão, D. Angelina entrou em transe, manifestando-se então o seu Guia espiritual, denominado Mãe Cristina. Eis como D. Martha descreveu este episódio:

— “Durante a sessão, a Mãe Cristina perguntou-me se eu estava disposta a mais um sacrifício. Eu respondi que, se dependesse de mim, estaria disposta. Ela avisou que iria ser duro, que eu precisaria ter muita coragem, Meu irmão iria voltar, mas não seria fácil a reencarnação dele. Ela disse que, assim que eu me sentisse grávida, teria que fazer sessões de preces ao menos uma vez por semana, para poder conseguir a reencarnação dele. Aí eu perguntei se não havia perigo, devido ao fato de haver ele bebido formicida, de eu ter uma criança com defeitos no organismo. Ela respondeu que a criança não viria defeituosa; quem sofreria as consequências seria eu. Daí a um mês senti que estava grávida e então começou: Tudo que eu pegava para comer parecia estar contaminado pelo formicida.”

Em seu depoimento o Sr. Munhoz refere-se a particularidades relevantes ligadas à anunciação do nascimento de Jacira. Vamos transcrever, na íntegra, suas três declarações concernentes a esse episódio. A primeira foi feita aos 26 de setembro de 1971, em Penápolis, quando de sua primeira entrevista gravada pelo nosso correspondente naquela cidade:

— “Passou o mês de janeiro. Quando foi no fim de fevereiro, estávamos numa reunião particular que fazíamos para a Diretoria do grupo e veio o Espírito que orientava os trabalhos da casa. Ele então me disse que aquele Espírito, do meu cunhado, ia reencarnar em minha casa e que minha senhora já estava grávida. Nós ignorávamos isso (a gravidez de D. Martha) quando o Espírito informou que ele devia reencarnar em nosso lar, Mas o Espírito disse claramente que, na existência passada, ele fracassara como homem e que Deus tinha concedido a ele voltar a reencarnar porém iria reencarnar como mulher.”

Em 17 de agosto de 1973, na cidade de Penápolis, quando gravamos o segundo depoimento, ele declarou o seguinte:

— “Comunicou-se então um Espírito, ao qual chamamos de Mãe Cristina, e esse Espírito anunciou, embora nem eu nem minha esposa o soubéssemos, que minha esposa estava grávida e que o Espírito que se reencarnaria seria o de Ronaldo, embora desta vez com o sexo feminino, como mulher.

Por ocasião de nossa segunda visita àquela família, em Penápolis, dia 14 de maio de 1974, tomamos o terceiro depoimento gravado do Sr. Munhoz. Suas declarações ratificam o que afirmara anteriormente:

— “Um dia, estávamos numa reunião particular que nós costumávamos fazer uma vez por mês, para orientação, e veio o Espírito de Mãe Cristina. Comunicou-se e revelou que Martha estava grávida. Nem ela e nem eu sabíamos que ela estava grávida. Aí o Espírito disse que o Ronaldo havia reencarnado em casa, só que não seria homem; seria mulher.”

Jacira nasceu em 31 de outubro de 1956. Retroagindo nove meses no tempo, vê-se que, realmente, em fins de janeiro de 1956, D. Martha já devia ter concebido. Desse modo, em fevereiro de 1956, quando o Espírito de Mãe Cristina avisou que o Ronaldo já estava em processo reencarnatório, a informação era correta, apesar de D. Martha não sentir ainda os sintomas da gravidez.

A informação sobre a troca do sexo também foi correta. No final os pais já estavam tão certos disto que, por sugestão de uma amiga muito íntima da família, de nome Margarida, haviam previamente escolhido o nome da futura filha : Jacira (ver tabulação, item 14).

Outro pormenor relevante comunicado a nós, em 14 de maio de 1974, pelo Sr. Munhoz e sua esposa, foi que, inicialmente, ambos alimentavam certo ceticismo quanto à anunciada reencarnação de Ronaldo em seu lar. A razão dessa descrença fundamentava-se no seguinte fato: os filhos de D. Martha eram bem grandes ao nascer. Isso acarretava sempre partos muito difíceis, exigindo posterior cirurgia plástica corretiva. Com o nascimento de Adauto, em 24 de março de 1952, o médico aconselhou que se fizesse a ligadura das trompas de D. Martha, a fim de poupá-la de futuros partos mais complicados. A operação foi feita. Em vista disso, após quatro anos sem ter engravidado, e estando já com 39 anos, ela não esperava mais conceber. Entretanto, assim mesmo, ocorreu a anunciada gravidez. O fato em si nada tem de extraordinário, pois em caso de apenas ligadura das trompas pode,

acidentalmente, dar-se a fecundação, se a operação não foi bem-feita. E deve ter sido isso o que ocorreu, pois D. Martha ainda teve mais um filho, Everton, nascido em 28 de junho de 1961, cinco anos depois de Jacira. Mas, na ocasião em que o Espírito de Mãe Cristina fez as suas revelações, tanto o Sr. Munhoz como sua mulher duvidaram da exatidão das informações, admitindo a possibilidade de ter havido interferência inconsciente da própria médium nas comunicações dadas. Somente depois que o médico confirmou que D. Martha se achava realmente grávida, é que passaram, ainda com certa relutância, a admitir os fatos revelados mediunicamente. A certeza firmou-se, mais tarde, com os acontecimentos que se desenrolaram durante o penoso período de sua gravidez.

Conforme o Guia espiritual de D. Angelina preconizou, D. Martha teria uma filha sadia, apesar de a personalidade anterior haver cometido o suicídio. Tanto o Sr. Munhoz como sua esposa estavam temerosos das consequências do envenenamento de Ronaldo. Declarado tal receio, o Espírito disse que D. Martha é quem sofreria as consequências e consultou-a se estaria disposta àquele sacrifício pela futura filha. Ela aceitou o desafio. E, de fato, os acontecimentos mais uma vez confirmaram as palavras do Guia:

— “Minha boca ficava em feridas, em carne viva. Eu sentia que era roída por dentro e então caía. Minha irmã disse que às vezes eu começava a tremer e parecia estar morrendo. Era preciso fazer preces para que eu voltasse ao normal”, contou-nos D. Martha.

Em seguida relatou-nos mais outro episódio doloroso. Quando já estava no oitavo mês de gestação, ela perdeu os sentidos e caiu, afetando seriamente a criança que estava para nascer. Esta parou de dar sinais de vida. Todos se apavoraram e procuraram recursos e conselhos com o Guia espiritual. Este os acalmou, afirmando-lhes que a criança seria salva. Receitou o chá de uma erva, cujo nome é funcho.

— “Só tomei esse chá, chá de funcho; ela começou a movimentar-se e não tive mais problemas”, disse ela. Finalmente o parto veio a termo: - “Eu sofri muito para Jacira nascer. Eu adoeci às nove horas da noite e ela só foi nascer no outro dia à uma hora da tarde. Ela nasceu em casa, com parteira e de parto normal. D. Angelina assistiu o parto e falou que foi confirmado, no momento em que Jacira nasceu, que havia sido o Espírito dele (do Ronaldo) que havia voltado”, finalizou D. Martha.

Após o parto todos os sintomas mórbidos, o gosto e o cheiro de formicida, a irritação da boca e do tubo digestivo, a sensação de queimação provocada pelos alimentos, os vômitos fétidos que ocorriam frequentemente à noite, os desmaios, tudo desapareceu como que por encanto.

Jacira nasceu pesando cinco quilos. Era uma menina sadia e sem defeito algum.

A INFÂNCIA DE JACIRA

A primeira infância de Jacira decorreu sem incidentes. Notou-se apenas que ela apresentava estrabismo em ambas as vistas, defeito este que se corrigiu naturalmente após um ano de idade. É relevante lembrar que Ronaldo sofria de estrabismo duplo também.

Ela revelou-se uma garota precoce. Aos nove meses aprendeu a andar. Aos dez meses já pronunciava algumas frases. Aos onze meses começou a fazer as primeiras referências à sua encarnação anterior, inquirindo a mãe acerca da dualidade do seu relacionamento familiar. Nessas ocasiões mostrava estranheza quanto ao seu novo parentesco com os tios, que foram irmãos de Ronaldo, e com a própria avó e D. Martha:

— “Você era minha irmã. Como é que agora é minha mãe? E aquela minha outra mãe que mora em Lins? Como ela é minha avó agora, se ela era minha mãe antes?”, inquiriu ela.

As referências da paciente a fatos de sua vida anterior começaram a ter maior frequência após os 18 meses de idade, crescendo de intensidade até os quatro anos, mais ou menos. Posteriormente, ao atingir a puberdade, a memória dos fatos extinguiu-se totalmente, restando apenas certos reflexos e características de comportamento.

Seus pais sempre cuidaram para que o caso não transpirasse, pois temiam que Jacira se conscientizasse da sua condição e viesse a reincidir na mesma falta da personalidade anterior. E conforme D. Martha mesmo explicou, Jacira preferia esclarecer suas dúvidas com os pais:

— “Ela gostava de conversar apenas entre nós. Às vezes ela falava assim: — Martha, você não se lembra, você não pode lembrar. Você nem sabe onde nós morávamos, só a mamãe que sabe.” Referia-se à D. Odila (a avó) como sendo sua verdadeira mãe e mostrava, por essas palavras, o seu desapontamento quando D. Martha fingia estar esquecida dos episódios ocorridos na chácara em São Bernardo do Campo, onde moraram inicialmente. Esta preferência em procurar seus pais para esclarecer suas

dúvidas era perfeitamente natural. E isso facilitava, até certo ponto, a manutenção do sigilo. Mas, assim mesmo, D. Martha angustiava-se com a possibilidade de as recordações de Jacira se avultarem e, mais tarde, ela vir a cometer o suicídio, conforme o Guia de D. Angelina houvera advertido.

É fácil de compreender o drama da mãe da paciente e o seu consequente comportamento diante dessa situação. O Sr. Munhoz declarou-nos, em 17 de agosto de 1973, quando da nossa primeira visita:

— “Às vezes eu chegava do serviço e encontrava minha esposa desesperada, chorando, e a causa era a conversa havida entre ela e Jacira, que começava a recordar-se dos fatos anteriores em que ela dizia ter morado em cidade grande, em São Bernardo do Campo, numa chácara e que se lembrava da casa e da cor da casa... Lembrava-se da casa, do local, do açude onde pescavam e lavavam roupa. Tinha todas as recordações e começava a fazer perguntas para a mãe sobre essas coisas... e a mãe começava a chorar, pois ficava nervosa, pensando que ela poderia vir a morrer mais tarde ou suicidar-se como havia se suicidado o Ronaldo.”

As descrições de Jacira, concernentes ao local em que a personagem anterior vivera, eram muito precisas, incluindo a forma e as divisões da casa, o caminho em declive que conduzia ao açude e outros pormenores.

Além dos acidentes da paisagem onde Ronaldo passara sua meninice, Jacira recordava-se das ocorrências que deviam ter-se marcado mais na lembrança da personalidade anterior. Um dos eventos que ela mais evocava incluía uma vaca de cujo nome ela se lembrava perfeitamente. Era a vaca “Morena”, que certa vez escapou do curral e investiu contra Ronaldo e seus irmãos, pondo-os em pânico. Salvaram-se graças à intervenção do irmão mais velho de D. Martha, o João, o qual conseguiu empurrá-los para dentro da casa, evitando um desastre sério. O susto deve ter-se gravado profundamente na memória do Ronaldo, pois Jacira repetidas vezes mencionou o incidente à D. Martha e ao Sr. Munhoz.

No sentido de tornar mais objetivo o presente relatório, organizamos uma Tabela de Recordações da Paciente onde procuramos agrupar por categorias as principais lembranças manifestadas por Jacira, durante o período de sua infância.

TABELA DE RECORDAÇÕES DA PACIENTE

1. – Desde pequena, manifestava aversão a líquidos de coloração vermelha. Relacionava com o veneno a cor vermelha de um líquido

qualquer.

D. Martha declarou que Jacira, desde que começou a falar, ao ver um líquido vermelho dizia:

— “Põe isso para lá que eu não quero tomar este veneno.”

Quando D. Martha fazia groselha, ela dizia:

— “Vocês podem morrer; eu não quero morrer.”

Se a obrigassem a tomar o refresco, ela imediatamente vomitava o líquido ingerido. Jacira declarou pessoalmente a nós, em 14 de maio de 1974, que ainda sente forte aversão a líquidos de cor vermelha ou semelhantes. Assim, por exemplo, evita os refrigerantes como “Crush” e “Fanta” cuja coloração é alaranjada. Entretanto, não sente aversão pela cor vermelha em objetos ou vestuários.

Na entrevista pessoal que tivemos com o Sr. Munhoz, em Penápolis, dia 14 de maio de 1974, este contou-nos que verificou pessoalmente que a cor da mistura ingerida pelo Ronaldo era vermelha:

— “Debaixo da cama estava a garrafa de guaraná, tirado só um pouquinho numa xícara de chá, e tinha um resto lá completamente vermelho da mistura do formicida com o guaraná”, esclareceu o Sr. Munhoz.

2. – Desde a idade de um ano, Jacira evitava ver a fotografia da personalidade anterior.

D. Martha declarou:

— “Ela não queria ver a fotografia do Ronaldo. E quando nós a mostrávamos, ela dizia:

— Tire isso para lá, leva isso para lá!”

Atualmente não manifesta mais esta aversão.

3. – Quando ainda pequena, Jacira mostrava desagrado ao ver o cartão de lembrança da missa do 7º dia, referente à morte do Ronaldo. Costumava rasgar os que caíssem em suas mãos.

D. Martha referindo-se a este episódio esclareceu:

— “Era aquela lembrança que a gente faz da missa do 7º dia e que tinha a fotografia dele (do Ronaldo). Os que ela pegou, ela rasgou. Ela dizia:

— P’ra que!? Eu não morri! Por quê está isto aqui?

— Quando ela via, pois tinha a fotografia dele, ela rasgava e jogava fora. Era bem pequena.

4. – Referia-se a traquinagens da personalidade anterior, particularizando os cuidados de D. Martha para que ela não corresse e viesse a cair em um rio que passava pelo sítio onde viveram seus pais e irmãos.

D. Martha fora pajem do Ronaldo e cuidava para que ele não caísse no rio que existe no local onde moraram anteriormente. Jacira referia-se a esse lugar dizendo:

— Mãe, a senhora lembra daquele dia em que eu corria e a senhora gritava que eu ia cair no rio? Sempre quando a senhora nos mandava parar e eu não parava? Mas nunca caí no rio!”

De outra feita, referindo-se a essa cena ela acrescentou:

— “Antes eu tivesse morrido lá; assim eu não teria tomado o veneno...”

5. – Quando ainda tinha um ano e meio de idade, lembrava-se de que em certa ocasião uma vaca chamada Morena investiu contra as crianças, o que obrigou um dos irmãos, o João, a acudi-los, atirando-os apressadamente para dentro de uma casa.

Uma vez ela disse:

— “Mãe, a senhora lembra daquela vez que a vaca quis pegar-nos e o João correu, nos agarrou e nos jogou para dentro?”

Lembrava-se da história da vaca, quando já estava com um ano e meio de idade. Sentada perto de D. Martha disse:

— “Ah! Mãe, a senhora lembra daquele dia em que nós estávamos sentados na grama e a vaca escapou?”

D. Martha perguntou:

— “Que vaca?”

Ela respondeu:

— “A vaca Morena.”

D. Martha perguntou-lhe como ela se lembrava disso, ao que Jacira respondeu:

— “Não se lembra que o João nos pegou e jogou dentro da sala e a senhora chorava?”

Então D. Martha disse que se recordava, ao que Jacira replicou:

— “Então como a senhora fala que não se lembra? Eu estava lá!”

Este episódio foi recordado pela paciente, quando tinha apenas um ano e meio de idade!

6. – Devido talvez ao incidente com a vaca Morena, Jacira tem, até hoje, um medo incoercível de vacas.

Jacira contou-nos pessoalmente o seguinte, durante a entrevista do dia 14 de maio de 1974:

— “Eu fui a uma fazenda com o meu irmão, perto da cidade de Piraju. Nós queríamos ir até o rio, mas havia algumas vacas a uma distância aproximadamente de 3 (três) quilômetros. Mas a meio do caminho tivemos de voltar, porque eu não conseguia prosseguir de jeito nenhum, nem com meu irmão me amparando não dava!”

Embora as recordações vivas da vida anterior tenham se apagado de sua memória consciente, restou esta fobia.

7. – Lembrava-se dos sustos que pregava em sua irmã Laurinda, no sítio em que viviam em São Bernardo do Campo, a quem Ronaldo apavorava, dizendo que o espírito da vaca Morena iria pegá-la.

Na chácara em que viveram em São Bernardo do Campo, havia uma das irmãs do Ronaldo, de nome Laurinda. Naquela ocasião a vaca de estimação, Morena, havia morrido. Laurinda costumava ir ao açude para lavar o coador de café. Ronaldo, então gostava de pregar peças em Laurinda, apavorando-a. Dizia:

— “Olha a vaca, Laurinda!”

A menina corria de medo do espírito da vaca. Jacira, quando ainda pequena, recordando-se desse fato, disse à D. Martha:

— “Lembra-se, mamãe, quando eu falava assim:

— Olha a vaca, Laurinda!”

Ao que D. Martha perguntou:

— “Que vaca?”

E Jacira respondeu:

— “A vaca Morena, né? A senhora não se lembra? Lá na chácara!”

A única coisa que ela tinha mais gravada era essa história da vaca – informou D. Martha.

— “Às vezes eu estava triste e ela dizia:

— Mãe, lembra-se de quando a Laurinda tinha medo da vaca? A vaca havia morrido e ela tinha medo da vaca!”

8. – Quando tinha dois anos e meio de idade recordava-se de quando o seu tio João (irmão mais velho do Ronaldo) caiu dentro do açude.

Certa ocasião ao chegar em casa, de seu trabalho, o Sr. Munhoz surpreendeu-a dizendo para a mãe:

— “A Senhora se lembra quando o tio João caiu dentro do açude, molhou-se todo e deu trabalho para tirá-lo?”

Nessa ocasião ela estava com dois anos e meio de idade.

9. – Entre dois e sete anos, costumava brincar com o Sr. Munhoz, de maneira um tanto estranha, dando a impressão de que era a personalidade do Ronaldo que se extravasava através de suas palavras e atitudes.

Ronaldo sempre fora brincalhão e tinha muita liberdade com o Sr. Munhoz, então seu cunhado. Aos 2 (dois) anos Jacira mostrava um comportamento semelhante. Quando o Sr. Munhoz, por qualquer razão, estava aborrecido, ela acercava-se dele e dava-lhe leves pancadinhas em sua perna e dizia:

— “Não adianta, velho... Você tem que me aguentar. Você quis, você aceitou, agora aguenta.”

Quando mais velha, ao ir à escola pedia dinheiro. O Sr. Munhoz então brincava com ela dizendo:

— “Mas você está ficando cara, heim?”

Então ela respondia:

— “Não tem nada de cara. Quem põe a cruz nas costas carrega-a até o fim.”

Esse seu comportamento durou até os sete anos, mais ou menos.

10. – Aos três ou quatro anos, lembrando-se do seu suicídio, pôs-se a chorar muito. Referiu-se então ao fato de haver contado antes à Juraci (irmã de criação da paciente) sua intenção de pôr fim à vida. Depois explicou, à D. Martha, que havia bebido “daquela água vermelha” (veneno diluído em guaraná).

Com três ou quatro anos, um dia ela estava sentada e começou a chorar. Ela chorava muito. D. Martha perguntou-lhe o porquê do choro. Então Jacira explicou:

— “Sabe do que estou me lembrando? Por quê eu fui fazer o que fiz? Eu contei à Juraci e disse que se ela falasse eu ficaria de mal com ela. Se eu tivesse conversado com o pai, não teria feito o que fiz!”

— D. Martha perguntou-lhe o que ela havia feito. Ela respondeu: — “Eu bebi daquela água vermelha.”

11. – Mostrava arrependimento de não haver revelado à D. Martha (então sua irmã) a intenção de cometer o suicídio.

D. Martha relatou-nos o seguinte acontecimento:

— “Um dia eu fiz refresco, e era vermelho. Ela começou a chorar. Mas chorava mesmo! Eu perguntei por que ela estava chorando e ela disse:

— A senhora pensa que eu sou boba? Eu não quero morrer mais!

— Eu perguntei: morrer mais como? Ela respondeu:

— Isto aí é veneno; não beba!”

Logo mais, abraçando a mãe, disse:

— “O que eu mais me arrependo é de não ter contado para a senhora o que eu ia fazer, o que eu ia beber. Eu contei para a Juraci, mas para a senhora eu não tive coragem de contar que eu ia me suicidar.”

Quando o Sr. Munhoz chegou em casa, encontrou-a ainda muito emocionada. D. Martha revelou-lhe a causa. Então o Sr. Munhoz aconselhou a esposa a disfarçar o incidente, mas demorou bastante tempo para a Jacira acalmar-se.

12. – Mostra nítida repulsa e preocupação pelo suicídio. Normalmente procura relevar a culpabilidade dos suicidas, como se estivesse tentando justificar um ato praticado em um momento de insensatez.

D. Martha, ao ser inquirida a respeito da atitude de Jacira com relação ao suicídio, respondeu:

— “Tem repulsa e não quer ouvir falar de pessoas que se suicidaram. Quando se fala nisso e fica-se cogitando do motivo, ela diz:

— Vai ver que foi sem querer, foi obrigada a fazer!

— Sempre justifica. Às vezes, quando conversando sobre isso, alguém diz que a pessoa não devia ter se suicidado, ela argumenta:

Ela fez sem saber o que estava fazendo.”

13. – Aos sete anos de idade, quando já frequentava a escola, referiu-se novamente ao suicídio. Ao mesmo tempo em que ponderava suas vantagens, reprovava o seu gesto de covardia:

— “Está vendo como foi bom? Agora eu posso ir à escola. Eu quero ser gente, não quero mais ser covarde.”

Devido às precárias condições financeiras dos pais, Ronaldo não pôde estudar. Alfabetizou-se depois de adulto e lamentava muito tal fato, pois sempre desejara instruir-se. Jacira, também revelou amor aos estudos.

Ao referir-se à atitude suicida da personalidade anterior, taxando-a de covarde, foi inquirida por D. Martha:

— “Por quê covarde?

Ao que ela respondeu:

— “A senhora não se lembra do que eu fiz? Eu não quero fazer mais o que fiz. Não quero ser covarde.”

14. – Recordava-se de Margarida a quem ainda chama de tia Margarida. Em sua homenagem mantém constantemente um vaso com uma margarida, no seu quarto.

No quarto de Jacira há constantemente uma margarida; D. Martha explicou o porquê desse fato, dizendo:

— “Uma moça conhecida da família, anteriormente à morte do Ronaldo, faleceu no dia 9 de outubro de 1956, vinte e dois dias antes do nascimento de Jacira. Essa moça, chamada Margarida, dizia que a criança que iria nascer seria do sexo feminino e deveria chamar-se Jacira. Dizia sempre:

— A Jacira vem aí!

— Jacira, apesar de não a ter conhecido, lembra-se dela.”

D. Martha adiantou mais, dizendo que Jacira sonha muito com a tia Margarida e então ela lhe pede flores; por isso ela mantém sempre o vaso com uma margarida para a tia.

15. – Quando era criança (6 anos) Jacira referia-se a um episódio: Ronaldo havia ido pescar em companhia de Margarida e caiu ao correr atrás de um tatu, fazendo-a rir muito.

Relatando esse acontecimento, D. Martha disse que o Ronaldo corraera atrás de um tatu e caíra, machucando-se. Nessa época ele já era moço. Jacira perguntou à D. Martha se ela se lembrava desse fato, dizendo:

— “A senhora se lembra daquele dia em que eu corri atrás do tatu e a tia Margarida até sentou para rir?”

D. Martha perguntou-lhe:

— “Você então se lembra da tia Margarida?”

Ao que ela respondeu:

— “Sim, eu me lembro.”

E descreveu-a corretamente. Jacira referia-se a ela como tia Margarida, tal qual o Ronaldo o fazia. Margarida morreu no dia 9 de outubro de 1956 e Jacira nasceu no dia 31 do mesmo mês; 22 (vinte e dois) dias depois.

16. – Do episódio da queda do Ronaldo ao tentar apanhar o tatu, Jacira recordava-se de que D. Martha é quem lavou sua camisa que se sujara na ocasião.

Em uma outra ocasião e referindo-se ao incidente do seu tombo, Jacira disse à D. Martha, num momento em que estava fazendo crochê:

— “Bem feito, né mãe?”

Surpreendida, D. Martha perguntou a que se referia. Ela então, explicou:

— “Aquele dia em que eu caí lá e sujei toda a minha camisa branca. O azar foi seu, né? Porque nós chegamos em casa e você teve que lavar e passar.”

D. Martha, fazendo-se de desentendida perguntou quem lhe havia contado aquilo. Ela retrucou:

— “A senhora não se lembra? Eu me lembro.”

17. – Lembrava-se do Sr. João Gomes Barroso, pai do Ronaldo e avô da paciente.

O Sr. Barroso faleceu no dia 17 de setembro de 1932, quando o Ronaldo tinha 9 (nove) anos de idade. Dirigindo-se à mãe, Jacira dizia:

— “Lembra-se de como papai ficava bravo, não querendo que nós fôssemos para o lado do rio?”

E quando D. Martha lhe perguntava como era o avô, ela o descrevia corretamente, dizendo que ele era “igualzinho ao tio João” (irmão de D. Martha, o qual se assemelha muito ao seu falecido pai). Quando o Sr. Barroso morreu, a mãe de Jacira tinha 14 anos de idade.

18. – Referindo-se à D. Odila (avó da paciente), dizia que ela era também sua mãe.

Quando D. Martha anunciava à Jacira que iriam a Lins, onde reside D. Odila, ela exclamava:

— “Oba! Hoje eu vou ver a outra mãe!”

Quando pequena, dizia também:

— “Olha vovó, eu tenho duas mães: a senhora e a mamãe.”

Inquirida pessoalmente por nós sobre este particular, Jacira afirmou:

— “Vejo minha avó como se fosse minha própria mãe. Eu não a sinto como minha avó.”

19. – Lembrava-se de ter sido do sexo masculino, ligando a personalidade anterior ao episódio do suicídio.

Jacira dizia:

— “Ainda bem que eu nasci mulher.”

Ao ser inquirida porque achava mais vantajoso ter nascido mulher, respondeu:

— “Para fazer o que eu fiz? Não queria ser homem não. Eu não quero fazer mais o que foi feito. Sendo mulher a gente aguenta mais, não é mamãe?”

D. Martha esclareceu que ela falava que tinha sido homem:

—“Eu fui homem; só que fui um homem covarde.”

20. – Mostrava, entretanto, preferência pelas calças compridas e, para justificar seu gosto, dizia que seria melhor ter voltado como homem. Sua atitude nessas ocasiões era contraditória com a assinalada no item 19.

Quando pequena, Jacira gostava muito de usar calça comprida. D. Martha advertia-a:

—“Você tem que pôr vestido, Jacira!”

E ela exclamava:

—“Ah... por quê eu não voltei homem outra vez?... Eu não era homem? A gente devia ser o que a gente foi; a mesma coisa.”

21. – Manifestava, quando pequena, momentos de forte identificação com a personalidade anterior, chegando a reclamar por que não tinha o mesmo nome que Ronaldo.

Jacira, quando pequena, reclamava por não lhe terem posto o nome de Ronaldo. Por isso os parentes caçoavam com ela, levando-a a justificar-se assim:

—“Gozado... Ronaldo e Jacira tem tanta diferença assim?”

Por quê? Perguntava-lhe D. Martha. Ela respondia:

—“Ué! Se fosse Ronaldo não era a mesma coisa?”

D. Martha explicava-lhe que Ronaldo era nome masculino e Jacira era nome feminino. Então ela retrucava:

—“É, mas eu podia ter continuado com o mesmo nome.”

Sua mãe insistia que não, pois ela era mulher, ao que Jacira replicava:

—“Então por quê não me põe outro nome combinado com o meu?”
(referia-se a Ronaldo).

Dava a impressão de que ela tinha preferência pelo nome da personalidade anterior, o qual considerava como sendo o seu verdadeiro nome.

22. – Quando o Romildo (irmão gêmeo do Ronaldo) faleceu, em 1970, Jacira deu mostras de ter, ainda, sentimentos ligados à sua encarnação anterior.

Jacira sempre manifestava forte apego ao Romildo, irmão gêmeo do Ronaldo. De todos os irmãos de D. Martha era aquele com o qual Jacira mais tinha afinidade. Ao receberem a notícia de sua morte, Jacira abraçou-se à mãe e disse:

— “Mãe, ele cumpriu a missão dele, foi mais feliz do que eu que não cumpri a minha missão.”

Referindo-se à morte de Romildo, Jacira afirmou:

— “Senti algo muito diferente, que nunca havia sentido em minha vida. Foi como ter tirado uma parte de mim. (Declaração aos 18 anos de idade, feita a nós).

23. – Quando pequena, Jacira referia-se à Alice, a qual fora noiva do Ronaldo. Ela mostrava grande predileção por aquele nome. Dizia que a Alice não se esquecia dela, perguntando se ela ter-se-ia casado.

Quando era pequena, Jacira perguntou:

— “Será que a Alice se casou?”

D. Martha disse-lhe:

— “Quem é Alice?”

Ela replicou:

— “Ah! Até parece que a senhora não sabe...”

Ela se mostrava zangada quando D. Martha fingia desconhecer tais fatos. Em seguida acrescentou:

— “Mas ela não se esqueceu de mim, não.”

A afirmação de Jacira, de que Alice não a teria esquecido, provavelmente se prende ao fato de Ronaldo ter ouvido da noiva tal jura de amor. De fato, certa ocasião, o irmão gêmeo de Ronaldo, o Romildo, encontrou Alice em São Paulo. Ela já se havia casado e era mãe de filhos. Chorou ao ver o Romildo e disse-lhe que só se esqueceria do Ronaldo, depois de morta.

Em 14 de maio de 1974, quando da nossa segunda visita a Penápolis, inquirimos Jacira, pessoalmente, acerca do nome “Alice”. Ela declarou que gostava muito desse nome. Por quê? Perguntamos; ao que ela respondeu:

— “Não sei. Acho legal o nome. Também tem hora em que sinto uma diferença pelo nome. Uma coisa passageira.”

24. – Quando tinha cerca de três a quatro anos de idade, Jacira chorou ao saber que a ex-noiva do Ronaldo iria casar-se.

D. Martha relatou este episódio a nós, em 14 de maio de 1974, da seguinte forma:

— “Ela estava ouvindo a conversa. Minha mãe contou-me que a Alice ia casar-se. Eu perguntei se o moço era de Lins, e minha mãe disse que não, que era de São Paulo. Ela (Jacira) estava tomando leite e nem acabou. Deitou na cama e começou a chorar. Minha mãe perguntou por que ela

estava chorando e eu disse que não sabia. Aí perguntei a ela se estava sentindo alguma dor, mas ela não quis falar. Quando minha mãe foi embora, eu perguntei por que ela chorara. Ela disse:

— Mas ela não tinha nada que casar!

— Eu perguntei quem não tinha que casar, e ela respondeu:

— A Alice; ela tinha que me esperar!

— Eu perguntei por que esperar por ela, e ela retrucou:

— Ué! Nós não éramos noivos? Ela tinha que me esperar!

— Então eu fiquei quieta e, quando o pai dela (Sr. Munhoz) chegou, ela correu e contou-lhe o caso, chorando.”

Este incidente é muito importante, pois mostra de maneira flagrante a identificação de Jacira com a personalidade anterior, o Ronaldo.

25. – Jacira, quando criança, mencionava inúmeras passagens referentes à chácara do avô, em São Bernardo do Campo, descrevendo detalhes dessa propriedade.

Jacira jamais esteve em São Bernardo do Campo e nunca visitou a antiga propriedade do avô. Essa propriedade fora vendida ao Cel. Rufino, um primo do Sr. Barroso (avô). Entretanto, Jacira recordava-se de fatos passados há mais de trinta anos antes, quando o sogro do Sr. Munhoz era fazendeiro em São Bernardo do Campo, no Estado de São Paulo e ali possuía uma casa branca de alvenaria, bem como um açude onde se criavam peixes. Quando Jacira se acomodava junto à D. Martha, em um sofá, costumava lembrar-se daquela chácara, descrevendo com minúcias precisas a respectiva casa, mencionando sua cor, assim como o número e particularidades dos cômodos da mesma. Reportava-se ao açude onde pescava em companhia das demais pessoas da família. Mencionava, também, o pomar e o local em que brincava com outras crianças. Ao falar desses acontecimentos, inquiria a mãe dizendo:

— “Como é que naquele tempo nós brincávamos juntos e, hoje, a senhora é minha mãe?”

As recordações acerca da chácara do avô (pai de Ronaldo) surgiram quando Jacira tinha cerca de um ano de idade. Foi com um ano de idade que começou a aludir-se àquele lugar.

26. – Em pequena, Jacira estranhava a dualidade de relacionamento entre ela e os parentes próximos.

Quando a esposa do Sr. Munhoz sentava-se costumeiramente em um sofá, Jacira procurava acomodar-se ao lado da mãe e fazia-lhe perguntas

assim:

— “Escute, eu tenho duas mães? Aquela que a senhora me diz ser minha avó é minha mãe. Como pode ela ser sua mãe também? Antes nós éramos irmãos. Por quê eu devo chamar-lhe, agora, de mãe? Por quê o tio Romildo era meu irmão e agora eu tenho que chamá-lo de tio? Por quê o tio João era meu irmão e agora eu tenho que chamá-lo também de tio?”

E assim se desenrolavam as conversas entre Jacira e sua mãe. Muitas vezes o Sr. Munhoz, ao chegar em casa, surpreendia a esposa sentada no sofá, chorando junto à menina, e esta falando sobre tais questões. O Sr. Munhoz esclareceu que, naquela ocasião, sua esposa não tinha conhecimentos suficientes da Doutrina Espírita. Em virtude desse fato, sentia-se angustiada ao ouvir as conversas e perguntas de Jacira. Acreditava então que essas recordações pudessem ser um prenúncio de morte prematura. Diante dessa situação desesperava-se e derramava abundantes lágrimas, na expectativa de que iria logo perder a filha.

Referindo-se a esses episódios, Sr. Munhoz contou que, numa ocasião em que Romildo os visitara Jacira dirigiu-se a ele e disse:

— “Como você pode ser meu tio, se eu gosto muito de você porque você era meu irmão e nós andávamos sempre juntos?”

27. – Quando era pequena, Jacira considerava D. Martha como sendo sua irmã e não como mãe.

D. Martha informou que Jacira, quando pequenina, falava:

— “Você é minha irmã! Você não é minha mãe!” (Empregava o tratamento “Você”). Quando D. Martha esclarecia que era sua mãe, ela respondia:

— “Que mãe nada! Você é minha irmã! Você quer mandar em mim?”

* * *

ANÁLISE DE ASPECTOS RELEVANTES OBSERVADOS NAS RECORDAÇÕES E NO COMPORTAMENTO DE JACIRA

No caso de Jacira, a sua identificação com a personalidade anterior é um dos aspectos mais notáveis. Essa identificação acentua-se principalmente no período de afloramento das recordações. Para melhor análise dessa particularidade, vamos tabular apenas os itens que consideramos mais marcantes.

1. – Durante sua infância, Jacira referiu-se à personalidade anterior, empregando o pronome na primeira pessoa do singular ou do plural.

Quando Jacira insistia com sua mãe para recordar-se de certos eventos passados com D. Martha e seus irmãos na chácara do avô, empregava a primeira pessoa:

— “Mãe, a senhora lembra daquele dia em que ‘eu’ corria e a senhora gritava que ‘eu’ ia cair no rio?” (sic)

— “Mãe, a senhora lembra daquela vez que a vaca quis ‘pegar-nos’ e o João correu, ‘agarrou-nos’ e ‘nos’ jogou para dentro?” (sic)

Inquirida a respeito dessa particularidade, D. Martha afirmou que Jacira nunca dizia ‘ele’, mas sim ‘nós’. Falava:

— “Lembra, mãe, quando em tal lugar ‘nós’ fazíamos isso?”

— “Citava os nomes dos ‘nós’ como se fossem seus irmãos e falava: ‘nós’ brincávamos no parque; ‘nós’ subíamos naquela árvore; ‘nós’ íamos ao açude... Era ‘nós’. Ela nunca falava ‘ele’; dizia ‘nós’.” (sic)

2. – Jacira manifestava, e ainda manifesta, forte aversão por bebidas de cor vermelha ou semelhante. Se for obrigada a ingerir líquidos de cor vermelha, vomita logo a seguir. Esta fobia mantém-se até hoje. (Ver tabulação, itens 1 e 11).

Pensamos que a paciente conservou o reflexo, sob a forma de náusea, que a personalidade anterior teria adquirido ao ingerir a mistura venenosa cuja cor era vermelha.

Sua aversão limita-se exclusivamente aos líquidos. Quando aos demais objetos vermelhos, não manifesta repulsa. Ela chega a mostrar preferência por esta cor nos trajes.

A repugnância pelos líquidos vermelhos é relacionada com a ideia de veneno. Quando menor, mostrava seu horror às bebidas vermelhas dizendo:

— “Põe isso p’ra lá, que eu não quero tomar este veneno.” (sic)

D. Martha não manifesta semelhante aversão às bebidas de cor vermelha. Nenhum parente de Jacira apresenta tal repulsa. Em suas entrevistas gravadas, D. Martha revelou que usa regularmente a groselha como refrigerante em sua casa. Entretanto Jacira, até hoje, nega-se a beber esse refresco.

É relevante assinalar que D. Martha não assistiu à morte do Ronaldo. Na ocasião ela se achava em Penápolis.

3. – Jacira manifestava ciúmes de Alice, que fora noiva de Ronaldo. Até hoje mostra preferência pelo nome de Alice. (Ver tabulação, itens

23 e 24).

Jacira nunca teve contato com Alice. Esta moça inicialmente morou em Lins e, mais tarde, mudou-se para São Paulo, onde se casou e fixou residência.

Além de sua noiva, Ronaldo teve uma amante cujo nome também era Alice. Quando ele ficou noivo e estava prestes a casar-se, houve um rompimento entre Ronaldo e a Alice II (a amante). Pelo que se deduz, ele amava realmente a Alice I (a noiva). Jacira nunca se referiu à Alice II. Seus cuidados dirigiam-se exclusivamente à noiva da personalidade anterior.

Em nossa entrevista, dia 14 de maio de 1974, inquirimos Jacira acerca do nome feminino de sua preferência:

P – Você tem preferência por algum nome feminino?

J – “Tenho. Eu gosto muito do nome daquela noiva do meu tio: Alice. Acho que é só. Não tenho preferência por mais nenhum.” (sic)

Nesta resposta nota-se que Jacira não empregou mais o possessivo minha noiva. Usou a expressão noiva do meu tio. Deve observar-se que, aos 18 anos de idade, a paciente já tinha sido informada acerca da sua condição. Sua forma de responder foi, portanto, congruente. A preferência pelo nome Alice identifica-a com a personalidade anterior, porquanto permaneceu em forma de sentimento. Aos 18 anos de idade as recordações dos fatos pretéritos já se haviam apagado da memória de Jacira.

4. – Jacira conserva, até a data das nossas entrevistas, um medo incoercível de bovinos. (Ver tabulação, itens 5 e 6).

Na idade adulta Jacira já não conservava mais a lembrança dos episódios passados com a personalidade anterior. Entretanto deve ter mantido, em forma de reflexo adquirido, o terror que manifestava pelos bovinos.

É provável que o incidente da vaca “Morena” tenha causado uma impressão muito forte em Ronaldo. Este era ainda muito jovem e, por isso, deveria ter-se apavorado intensamente ao ver o animal investir contra ele e seus irmãos. D. Martha, referindo-se às recordações de sua filha na infância, declarou:

— “A única coisa que ela tinha mais gravada era esta história da vaca.” (sic)

5. – Jacira identificava-se com o sexo masculino, não só na primeira infância como na puberdade. (Ver tabulação, itens 19, 20 e 21).

Atualmente, Jacira não se assemelha à personalidade anterior. Mesmo que isso ocorresse, seria normal, pois Ronaldo era seu tio. Entretanto, nos primeiros meses de vida, sua semelhança física com o Ronaldo era notória. Fora estrábica até quase os dois anos de idade. Ronaldo possuía também esse defeito.

Mas sua identificação com o sexo oposto era mais forte quanto ao comportamento e mesmo quanto ao físico, até os 15 anos de idade aproximadamente. O Sr. Hélio Alves e sua esposa afirmaram que o comportamento de Jacira se assemelhava muito ao de um garoto. Preferia folguedos de meninos. Usava cabelo curto. Seus brinquedos prediletos até os 10 anos não eram as bonecas ou outros objetos eleitos pelas meninas. Ela gostava de brincar com um estojo para pôr pesos de balança, feito de madeira. Quando D. Martha jogou fora o referido estojo de madeira, Jacira mostrou-se muito magoada.

Sua tendência a usar calças masculinas e trajes esportivos manifestou-se desde a infância, perdurando ainda hoje. Mostrava inclinação pelo nome do Ronaldo. Quando pequena, reclamava por não lhe terem posto este nome ou um nome combinando com o mesmo.

Presentemente Jacira é uma bonita moça, com formas acentuadamente femininas. Entretanto é menos feminina que o normal quanto ao modo de falar, andar e vestir-se. Parece não preocupar-se muito com o sexo oposto, pois até os 17 anos não tinha namorado. Quanto à sua maneira de comportar-se em família, percebe-se que recebeu uma excelente educação ao estilo tradicional brasileiro, favorecida pelo ambiente harmonioso em que cresceu. Daí Jacira ter atitudes típicas de uma adolescente afável, dedicada aos afazeres domésticos e às pessoas da família, como o normal das moças de sua idade. Ronaldo também foi muito unido aos parentes.

Convém observar que, no tocante aos gostos e preferências relativas a alimentos, dinheiro, viagens, músicas, carreira a seguir, etc., não se assinalaram coincidências significantes.

A aplicação de testes psicológicos comparativos mais rigorosos foi prejudicada, devido à precariedade de informações acerca da personalidade de Ronaldo. Entretanto, cremos que este fato não afeta, de maneira significativa, a análise em questão.

* * *

HIPÓTESES EXPLICATIVAS PARA AS RECORDAÇÕES E O COMPORTAMENTO DE JACIRA

Antes de tentar uma explicação para o presente caso, devemos analisar as diferentes hipóteses que poderiam ser propostas para o mesmo.

Escolheremos aquelas que nos parecem mais adequadas e que sejam fundamentadas em razões consideradas válidas. Em seguida procuraremos experimentar a hipótese eleita, a fim de verificar se ela poderá explicar todas as situações ou pelo menos um grande número delas. Aquela que cobrir maior extensão de situações será por nós aceita como a mais apropriada. Esclarecemos, todavia, que tal escolha estará condicionada a futuras mudanças, caso surjam hipóteses melhores. Portanto, seu caráter será provisório.

FRAUDE DELIBERADA

Será necessário começar pela hipótese da fraude. Ela tem caráter eliminatório. Uma vez que fosse demonstrada a fraude, o caso perderia totalmente sua validade.

A fraude normalmente pode ser motivada por razões várias. As principais seriam: interesse em ganhar dinheiro ou vantagens econômicas; desejo de notoriedade; proselitismo a favor de uma crença ou doutrina filosófica; necessidade de forçar determinada situação a fim de neutralizar escândalos; promover campanhas ideológicas, etc. Raramente se encontraria outro motivo além desses, especialmente numa circunstância semelhante à da família de Jacira.

Os dois primeiros motivos são prontamente eliminados, pois o Sr. Munhoz e sua esposa procuraram justamente abafar o caso. Eles tentaram sempre evitar que Jacira viesse a inteirar-se de sua condição. Temiam que a filha, mais tarde, cometesse o suicídio. Assim foram advertidos pelo Guia espiritual de D. Angelina (a médium). Não cremos que estivessem usando de um ardil, a fim de levar-nos habilmente a aceitar os fatos narrados. Não iriam esperar tantos anos para efetuarem essa manobra. Quando se decidiram a conceder as entrevistas, nenhuma oferta em dinheiro ou vantagens futuras lhes foram por nós propostas. Nem os pais, nem a paciente poderiam lucrar qualquer coisa em inventar semelhante drama.

Nenhuma notoriedade adviria para eles da divulgação desses fatos. Eles próprios solicitaram-nos sigilo, desde o início do nosso contato com a

família. Não fomos sequer autorizados a divulgar os nomes verdadeiros das pessoas e dos lugares neles implicados. A quebra do sigilo com relação a Jacira só foi concedida após demorada argumentação com os pais.

Levando-se em conta que os pais de Jacira são espíritas, poderia cogitar-se de uma intenção dos mesmos em fazer proselitismo religioso. Para quem conhece bem o Brasil e a extensão do movimento espírita neste país, tal suposição não tem cabimento. A divulgação das obras de Allan Kardec e de Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier) é de tal vulto, que um fato como o de Jacira equivaleria a uma gota d'água no oceano.

Finalmente, quando entramos em contato com a família da paciente, encontramos todos em perfeita paz e harmonia, sem outros problemas além dos comuns a todas as famílias modestas do interior. Tanto o Sr. Munhoz como D. Martha e seus filhos são pessoas tranquilas, honestas e devotadas ao estudo e ao trabalho. A tragédia do suicídio de Ronaldo havia ocorrido há mais de vinte anos e não deixara reminiscências muito além do âmbito familiar. Não notamos quaisquer problemas de ordem moral ou material que exigissem solução a ser buscada desta forma. A iniciativa do levantamento do caso partiu de nós.

Não cremos que a hipótese da fraude deliberada seja apropriada ao presente caso.

INFORMAÇÃO DIRETA - CRIPTOMNÉSIA

A primeira suposição que cabe ao presente caso é a de que a paciente teria obtido as informações acerca da personalidade anterior, através dos meios normais. Seria a hipótese da informação direta. Tais informações, embora aparentemente esquecidas, estariam latentes na subconsciência de Jacira. Em determinadas circunstâncias viriam à consciência, sob forma de personificação ou dramatização. Estaríamos diante de uma possível manifestação de criptomnésia.

É evidente que a morte trágica do Ronaldo, bem como suas passagens na infância e na adolescência deveriam ter sido objeto de comentários entre os membros da família. Devem acrescentar-se a isso os fortes laços de relacionamento de D. Martha e seu esposo, com o falecido Ronaldo. Seria, portanto, difícil descartar a suposição de alguma transmissão de informações à paciente por parte dos membros da família.

Entretanto, precisamos examinar mais atentamente as condições em que Jacira manifestou sua identificação com a personalidade de Ronaldo, bem

como a natureza de suas referências a situações e eventos relativos à personalidade do falecido tio.

O primeiro ponto a ponderar é a precocidade manifestada por Jacira. Ela começou a pronunciar as primeiras frases aos dez meses de idade. Aos onze meses já fazia alusões a episódios concernentes à personalidade de Ronaldo e inquiria a mãe acerca do seu relacionamento familiar imediato com a própria mãe e com aqueles que eram os irmãos da personalidade anterior. Nessas ocasiões ela se colocava na posição da personalidade do falecido. Não se tratava de meras perguntas relativas ao tio, o que seria mais lógico em um caso de informação verbal concernente à referida pessoa e sobre a qual a criança desejasse, eventualmente, satisfazer sua curiosidade. É importante, também, avaliar as condições inerentes à pouquíssima idade da paciente naquela ocasião. Quem tem experiência no trato com crianças sabe perfeitamente que seria pouco provável que uma menina de um ano de idade viesse a dramatizar a lembrança de uma informação verbal, colocando-se na posição da pessoa a respeito da qual desejasse melhores detalhes. Talvez isso fosse admissível em se tratando de um gênio. Entretanto, Jacira, sem embargo da precocidade no andar e no falar, não revela, em absoluto, traços de genialidade. Seus progressos na escola e em outras condições equivalentes são normais. Tivemos a oportunidade de observá-la demoradamente, conversamos com ela sobre diversos assuntos, e a impressão que nos deixou foi a de uma jovem normal.

Acresce notar que a diversidade de sexo seria mais outro motivo para que tal personificação se tornasse improvável. Neste caso ela o faria, por exemplo, mais logicamente com relação à Margarida, a respeito da qual provavelmente os comentários teriam sido mais comuns. Margarida havia escolhido seu nome, antes de falecer. Jacira até hoje mostra muita afinidade por essa mulher, que ela não pôde conhecer pessoalmente por haver falecido vinte e dois dias antes de seu nascimento (ver tabulação, itens 14, 15 e 16). Entretanto recordava-se dos episódios ocorridos entre Ronaldo e Margarida. O mais lógico seria Jacira ter-se colocado na pessoa de Margarida, inquirindo D. Martha acerca dos fatos por ela lembrados. Por quê escolheu, então, a personalidade de Ronaldo?

Admitindo-se, assim mesmo, a hipótese da informação verbal direta, ela por si só não explica a aversão de Jacira pelos líquidos de cor vermelha. Menos ainda, a repugnância que culmina nos vômitos se for ingerida qualquer bebida com essa cor (ver tabulação, itens 1 e 11).

Outro fato dificilmente explicável pela hipótese da informação direta é a aversão que Jacira manifestava, desde a idade de um ano, com relação ao retrato da personalidade anterior. Particularmente relevante é o comportamento da paciente relativamente aos cartões de lembrança da “missa do 7º dia” (ver tabulação, itens 2 e 3). Nessa ocasião ela mostrava forte identificação com o falecido Ronaldo e procurava contradizer a situação sugerida pelos cartões, dizendo:

—“P’ra quê!? Eu não morri! Por quê está isto aqui?”

Acreditamos que a simples informação relativa a um parente morto jamais poderia gerar semelhante comportamento por parte de uma criança de um a dois anos de idade.

Os itens 9, 10, 11, 12, 19, 20, 21, 23, 24, 26 e 27 revelam características de comportamento que excluem pura e simplesmente a mera recordação de informações recebidas. As ocorrências descritas nesses itens fazem mais alusão a uma identificação flagrante de Jacira com a personalidade do Ronaldo. É relevante a preocupação de Jacira com a ex-noiva do Ronaldo (item 23). A cena de ciúme, quando ela soube que Alice iria casar-se (item 24), dificilmente se explicaria pela criptomnésia, sobretudo em se tratando de uma menina de três a quatro anos de idade. Como transferir para uma criança todos os fatores subjetivos necessários à manifestação do ciúme em relação a uma pessoa desconhecida?

TELEPATIA – (ESP)

A hipótese da telepatia ou da percepção extrassensorial seria uma das melhores explicações para o presente caso. É particularmente relevante o clima de intensa emoção que precedeu o nascimento de Jacira. Naturalmente, todo o grupo implicado no caso, e especialmente D. Martha, estava inclinado a admitir que a criança em gestação seria a reencarnação do Ronaldo. Tal crença reforçou-se com a série de ocorrências coincidentes com as informações do Guia espiritual da médium. A convergência de provas confirmadoras das previsões feitas pelo Guia espiritual foram de molde a eliminar qualquer dúvida acerca da autenticidade da informação principal:

—“O Ronaldo reencarnou-se como Jacira!”

Acrescentem-se a isso os laços naturais de ligação e influência entre mãe e filha, e teremos as condições ideais para o estabelecimento de um possível relacionamento telepático entre elas. Jacira captaria as imagens

mentais de D. Martha, dramatizando-as e representando o papel do falecido Ronaldo. Poderia, inclusive, captar por ESP (percepção extrassensorial) os demais detalhes relativos ao local onde viveram os seus parentes. Teremos aí a retrocognição.

Não queremos, logo de início, descartar a hipótese em análise, argumentando que as experiências sobre a percepção extrassensorial não são de molde a autorizar a crença em tamanha facilidade de captação paranormal. Conviria assinalar que Jacira não demonstra ser uma sensitiva deste calibre. Os que lidam com os testes de ESP sabem como são difíceis as boas marcas de acerto com cartas Zener ou em quaisquer outros tipos de experimentação.

Admitindo-se, entretanto, que estejamos diante de um desses raríssimos casos de transmissão e captação telepática ostensivas, causa estranheza que tal situação se mantivesse por tempo tão longo, vindo a extinguir-se quase totalmente só no início da puberdade. As ocorrências de ESP muito nítida e muito intensa são, normalmente, de pouca duração e acontecem em determinados instantes ligados a situações dramáticas ou em razão de forte motivação. Basta compulsar a vasta literatura referente a casos extraordinários de ESP para perceber-se logo tal característica. Ainda que façamos uma concessão ao caso de Jacira, considerando-o uma notável exceção nesse sentido, restarão os óbices apontados anteriormente com relação à hipótese da informação direta à paciente. Não devemos perder de vista que a ESP é, de certa maneira, uma informação também.

Consideramos difícil de explicar, por exemplo, como Jacira captou por ESP a sua aversão às bebidas vermelhas, ao ponto de vomitar logo após tentar ingerir um inocente refresco de groselha. Admitamos que isso fosse a consequência de haver captado telepaticamente da mãe que a cor do veneno tomado pelo Ronaldo era vermelha. A ideia de veneno aliada à cor vermelha do líquido poderia desencadear um reflexo defensivo de vômito. Admitamos isso. Mas D. Martha não viu o Ronaldo morrer, nem viu a cor da mistura venenosa. Soube-o por informação de seu marido. Quem transmitiu o telepatema seis anos depois? Sabemos que D. Martha teve uma gravidez marcada por inúmeros sintomas mórbidos muito mais intensos e persistentes, que ela considerava ligados ao envenenamento do irmão. Por quê não foram aqueles sintomas os captados por Jacira? Sabe-se que D. Martha às vezes tinha vômitos à noite, mas não relacionados com líquidos vermelhos. Os sintomas predominantes eram outros, tais como a boca em

feridas, dores no esôfago e no estômago, gosto estranho ao deglutir os alimentos, tonturas, etc. Mas Jacira nunca os manifestou.

Não vemos como explicar por ESP a dramatização de Jacira, com relação à ex-noiva do Ronaldo (Alice). Como uma criança de três a quatro anos de idade poderia manifestar, em virtude de captação telepática, uma crise de ciúme, após ouvir o relato de que a ex-noiva do falecido tio iria casar-se? (Ver tabulação, item 24). Ou então, como se explicariam os cuidados de Jacira quanto à sorte de Alice, perguntando se ela ter-se-ia casado? (Ver tabulação, item 23).

Achamos desnecessário estender-nos mais na análise desta hipótese (ESP-Telepatia), pois para admiti-la como ajustável ao presente caso, teríamos que fazer concessões inaceitáveis pelo bom senso e pelo que se conhece como válido acerca da ESP.

MEMÓRIA GENÉTICA

Esta hipótese poderia apoiar-se na transmissão de caracteres de comportamento por via genética. Poderia pensar-se, também, na informação genética transportada através do RNA, após a aquisição de um reflexo condicionado.

As objeções apontadas anteriormente para as hipóteses da informação direta ou por ESP aplicam-se também à da memória genética. Por outro lado, achamos muito discutível saltar-se do caso de herança de comportamento e de reflexos para os de lembranças carregadas de imagens nítidas dos episódios vividos ou assistidos por um dos genitores. Como e por quê a paciente iria escolher justamente a experiência da mãe? Por quê ela e somente ela herdou apenas as experiências referentes ao Ronaldo? D. Martha teve mais um filho após Jacira e este não herdou tais características.

INCORPORAÇÃO MEDIÚNICA

A hipótese da manifestação da personalidade do falecido Ronaldo, através de Jacira, em forma de incorporação mediúnica, deve ser examinada. Teríamos que distinguir dois casos: incorporação ocasional de duração limitada; e incorporação com possessão de longa duração.

Em nossa experiência pessoal (mais de 40 anos) no trato com o fenômeno da incorporação mediúnica, sempre assinalamos uma série de alterações na pessoa do médium, devidas à influência do agente desencarnado, antes e depois de tomar o sensitivo. De um modo geral, o

transe mediúnico se manifesta com características típicas que o tornam imediatamente identificável. Na maioria das vezes é precedido por modificações no ritmo respiratório, seguidas de estado semelhante ao sonambúlico. Em outras ocasiões o médium se debate, precisando ser contido pelos circunstantes, a fim de não ferir-se ou sofrer quedas. Quando o médium já adquiriu suficiente prática, consegue controlar grande parte dos movimentos involuntários, e a incorporação se faz mais suavemente, mas mesmo assim podem notar-se as transformações manifestadas no paciente. Qualquer frequentador assíduo de sessões mediúnicas distinguirá facilmente os sintomas da incorporação. É muito típica e claramente identificável.

Os casos de incorporações em crianças são raríssimos. Em toda a minha experiência não assinalei nem uma só ocorrência de criança de tenra idade ser tomada por um Espírito. E se isso acontecesse, não seria apenas um único Espírito que iria incorporar-se de vez em quando. O médium desenvolvido e sem controle é sistematicamente assediado por entidades desencarnadas. Se não aprender a controlar sua faculdade, possivelmente irá cair em obsessão total.

A possessão é uma incorporação a longo prazo. Nesse estado o paciente fala e age como se fosse a personalidade do desencarnado. A identificação também é fácil, pois além dos sintomas prévios em tudo semelhantes à incorporação mediúnica, a transformação da personalidade do médium é flagrante.

Há variantes nos aspectos do fenômeno da incorporação com ou sem possessão, os quais não cabem ser tratados aqui. Entretanto é relevante assinalar que Jacira não apresentou e nem apresenta quaisquer características que autorizem admitir-se tal hipótese de trabalho. Desde a mais tenra idade, ela sempre se comportou como uma criança normal. Os afloramentos de lembranças dos eventos ocorridos com a personalidade anterior eram análogos a uma recordação comum. Sua curiosidade em elucidar as situações que lhe causavam estranheza revela nitidamente a posição de uma criança diante de um enigma. Se fosse a manifestação da personalidade do Ronaldo, semelhante fato não ocorreria, pois ele saberia da sua condição de desencarnado comunicando-se através de uma médium. Seu comportamento seria então diferente.

O Sr. Munhoz, pai de Jacira, é espírita há muitos anos. Tem grande experiência acerca de manifestações de desencarnados através de médiuns.

O grupo espírita por ele frequentado também é experiente nesse gênero de manifestações. Penso que eles seriam os primeiros a notar, caso Jacira estivesse mediunizada nos momentos em que revelava recordar-se dos fatos ocorridos com a personalidade anterior. Em nossas entrevistas, nem o Sr. Munhoz nem a sua esposa fizeram alusão a essa eventualidade. Nunca notaram alterações na personalidade da filha, que sugerissem um fenômeno de incorporação mediúnica. Em nenhuma oportunidade a paciente mostrou achar-se em transe mediúnico.

A mediunidade de incorporação pode surgir algumas vezes antes da puberdade ou da adolescência e sofrer um incremento com a idade e com a prática mediúnica. Se não aproveitada, pode resultar em anomalias psíquicas facilmente confundíveis com a neurose ou a psicose. Pode desaparecer com o tempo, na idade madura, mas deixa quase sempre os traços de sua influência no comportamento do paciente. No Brasil, devido à disseminação da prática espírita, comumente tais ocorrências são prontamente detectadas e os médiuns logo encontram centros espíritas onde aprendem a controlar suas faculdades. Jacira nasceu e cresceu em lar espírita. Sempre viveu nesse ambiente. Entretanto, pelo que apuramos, ela não frequenta regularmente as sessões espíritas. Não é tida como médium. Apenas participa do movimento espírita juvenil, onde as práticas mediúnicas não são adotadas. As “Mocidades Espíritas”, que constituem atualmente um amplo movimento cultural no Brasil, dedicam-se mais às atividades sociais e filantrópicas, e ao estudo teórico da Doutrina Espírita. Promovem grandes concentrações de confraternização, das quais participam Mocidades de diversas regiões do país e até mesmo de outras nações da América Latina. São atividades sobretudo culturais.

Vários dos aspectos já examinados e concernentes às recordações e comportamento de Jacira seriam dificilmente explicáveis pela hipótese da incorporação mediúnica ou da possessão. Achamos desnecessário enumerá-los. Basta um reexame atento da tabulação para descartar-se a hipótese que aqui discutimos, sem embargo das razões atrás apresentadas.

REENCARNAÇÃO

A hipótese da reencarnação exige a demonstração da sobrevivência de pelo menos parte da personalidade, após a morte do corpo físico. Esta parte sobrevivente deveria ser o repositório da lembrança de algumas ou de todas as experiências vividas pelo falecido e transmitidas à personalidade

sucessiva. Cremos que, acerca da demonstração da sobrevivência, não há falta de evidência e sim de aceitação dos inúmeros testemunhos aduzidos até agora. Tal resistência não afeta a eventual realidade do fato, apenas impede sua admissão como coisa provada. Assim, por exemplo, a relutância em aceitar-se o heliocentrismo, defendido por Galileu em sua época, não impediu que a Terra gravitasse ao redor do Sol. Era um fato real e ainda continua sendo, apesar das opiniões em contrário manifestadas pelos sábios peripatéticos de outrora.

Se tomarmos a reencarnação como hipótese de trabalho e a aplicarmos a um fato observado, como o presente caso, podemos pôr à prova sua eficiência para explicá-lo. Se a hipótese da reencarnação cobrir todos os eventos ou a maioria deles, ela deverá ser mantida como a mais provável, ainda que em caráter provisório. Entretanto, esta hipótese nunca descartará definitivamente as demais, desde que se mostrarem, ulteriormente, mais adequadas.

A hipótese da reencarnação cobre os antecedentes do nascimento de Jacira, nos episódios da manifestação do Espírito de Ronaldo e da anúncio do Guia espiritual da médium. Ela é adequada para explicar a manifestação da repulsa às bebidas vermelhas e do reflexo de vômito correlato. Explica as demonstrações de preocupação e ciúme relacionados com a pessoa de Alice. Igualmente ela esclarece a estranheza de Jacira, na infância, com respeito ao seu aparente dualismo de parentesco relativo à mãe, à avó e aos irmãos.

Além dos aspectos subjetivos revelados através das identificações de Jacira com Ronaldo, a hipótese da reencarnação justifica as características físicas patenteadas pela paciente nos primeiros meses de vida. O estrabismo, por exemplo, seria uma manifestação classificável na categoria das marcas-de-nascença (birthmarks). Tais ocorrências já foram assinaladas pelo Dr. Ian Stevenson e também por nós em nossa modesta coleção de outros casos que sugerem reencarnação. Jacira, na meninice, mais se assemelhava a um garoto, tanto no físico como no comportamento.

Reconhecemos que a hereditariedade poderia perfeitamente responder por essas características físicas. Entretanto, é importante assinalar que nenhum dos filhos de D. Martha apresentou estrabismo na infância. O último filho, do sexo masculino, jamais apresentou caracteres de comportamento ou personificação que lembrassem o falecido Ronaldo. Os anteriores também não. O estrabismo exibido por Ronaldo não era

congênito. Conforme afirmou-nos o Sr. Munhoz, Ronaldo tornara-se estrábico quando criança, após uma congestão. Não se conhece nenhum caso de estrabismo entre os parentes de Ronaldo e de Jacira.

CONCLUSÃO

Todas as demais hipóteses, exceto a da fraude, poderiam ser reconsideradas, pois todas elas encerram certa possibilidade de se ajustar a um outro item da tabulação. Entretanto, a da reencarnação é, sem dúvida, a que melhor se aplica ao presente caso, pois ajusta-se a todos os itens, sem exceção.

Somos de opinião que há suficiente evidência de que Ronaldo renasceu como Jacira.

Capítulo IV - O caso Rodrigo x Fernando

INTRODUÇÃO

O caso Rodrigo x Fernando é do tipo resolvido; isto é, conhecem-se ambas as personalidades: a atual e a prévia.

Os nomes verdadeiros das pessoas envolvidas no presente caso foram substituídos por pseudônimos, a pedido do próprio paciente e de seus familiares. Entretanto, o Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas – IBPP possui, em seus arquivos, minucioso documentário com fotografias, registro de testemunhas, formulários, depoimentos gravados, etc. concernentes ao presente processo, sobre cujos protagonistas mantém sigilo devido às razões apontadas.

A personalidade atual, Rodrigo, nasceu na cidade de Jaú, Estado de São Paulo, em 21 de dezembro de 1923. Até aproximadamente os 12 anos de idade, ele se recordava bem de vários fatos de sua vida anterior. Por ocasião da nossa primeira entrevista, aos 52 anos de idade Rodrigo ainda mantinha a memória de alguns episódios apenas, tendo olvidado a maioria deles. Assim mesmo, conservava a recordação de muitas passagens de sua infância, que foram sempre lembradas pela família e comentadas inúmeras vezes pelos parentes mais próximos.

Obtivemos a notícia deste caso pela Sra. D. Norma G. Adad, vizinha de uma das irmãs de Rodrigo, D. Rosely, de quem ouviu o relato da história do seu irmão. D. Norma obteve permissão da família de Rodrigo, para comunicar-nos o caso e realizarmos a sua pesquisa.

Em 3 de maio de 1975, fizemos a primeira entrevista, durante a qual ouvimos o próprio paciente e seus familiares.

Rodrigo é um pai de família exemplar, muito unido à esposa, três filhas e um filho. Simpáticos e acolhedores, procuraram colaborar conosco, ajudando-nos a preencher os extensos formulários empregados neste tipo de pesquisa. Como o paciente ainda conservava a lembrança de algumas passagens de sua infância, procuramos ouvi-lo em primeiro lugar. Posteriormente, entrevistamos sua esposa, D. Maria, que obtivera várias informações a respeito de Rodrigo quando era ainda menino, relatadas por sua sogra, mãe deste.

As filhas, que conheciam alguns detalhes do caso – naturalmente comentados na família -, ajudaram-nos a obter mais informes, bem como

auxiliaram-nos no preenchimento dos questionários sobre as características da personalidade do paciente nesta encarnação.

Dia 14 de junho de 1975, procuramos ouvir uma das irmãs de Rodrigo, D. Rosely, a vizinha de D. Norma, nossa gentil informante. Por ser dez anos mais moça do que ele, D. Rosely apenas tivera informações verbais sobre o caso, dentro do lar e relatadas pelos parentes mais próximos. Não obstante, seu depoimento foi muito valioso, por confirmar os demais informes obtidos de outras fontes. Não pudemos ouvir os genitores do paciente, porque ambos eram já falecidos.

A testemunha mais importante deste caso é a sua irmã mais velha, D. Antônia, que fora pajem da personalidade anterior, o Fernando, apelidado “Nandinho”. D. Antônia tinha sete anos de idade quando este faleceu em 13 de janeiro de 1923. Uma forte afeição mútua ligava as duas crianças. Fernando estava com 4 anos e 10 meses quando morreu. Uma semana antes do passamento de Fernando, um seu irmãozinho, de 6 (seis) meses apenas, o Cristiano, havia também falecido. Mas D. Antônia ressentiu-se mais com a perda do Nandinho (Fernando). Apesar de estar com 59 anos de idade na ocasião em que a entrevistamos, mostrou lembrar-se com nitidez dos fatos ocorridos em sua meninice. Emocionou-se até às lágrimas quando se referiu ao Fernando (personalidade anterior). É natural que também tenha transferido sua afeição ao Rodrigo.

D. Antônia era professora no SESI e residia na cidade de Catanduva, Estado de São Paulo, quando a procuramos dia 4 de julho de 1975. Fomos cordialmente recebidos por ela e seu esposo. Nesta ocasião, obtivemos grande quantidade de informações, em boa parte confirmadas pelas outras entrevistas já realizadas.

Baseados nas declarações do próprio paciente e nas de todas as demais testemunhas, pudemos levantar o presente caso, o mais fielmente possível, cujo sumário iremos relatar a seguir.

* * *

HISTÓRICO

A RONDA DA MORTE

Entre os dias 7 e 13 de janeiro de 1923, faleceram duas crianças no lar do Sr. Jesuíno V. Marques e sua esposa D. Eulina S. Vilares.

Cristiano ia completar exatamente seis meses no dia imediato ao de sua morte. Uma gastroenterite agravada por desidratação foi a doença que o vitimou.

Fernando, seu irmão, estava com 4 anos e 10 meses quando manifestou a mesma moléstia complicada com uma nefrite, vindo a falecer no dia 13 de janeiro; seis dias após o Cristiano.

Fernando era muito apegado ao seu irmãozinho Cristiano e à sua irmã mais velha, Antônia – naquela ocasião com sete anos de idade – a qual lhe servia de pajem. Antônia e Fernando tinham adoração um pelo outro, eram inseparáveis. Por isso a morte de Fernando representou um duro golpe para sua irmãzinha. Ainda recentemente, quando entrevistada por investigadores do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas – IBPP, D. Antônia emocionou-se e derramou abundantes lágrimas ao lembrar aqueles tristes dias que precederam a morte do Cristiano e do “Nandinho” (apelido de Fernando).

Após a morte dos dois meninos, os pais resolveram mudar-se daquela casa que lhes recordava a imensa tragédia que tanto os infelicitara. O Sr. Jesuíno adquiriu outra casa onde passaram a residir. A antiga, que lhe pertencia, foi alugada.

AS VISÕES DE ANTÔNIA

Uma vez instalados na nova casa, Antônia passou a ter visões muito reais relativas ao Fernando. Contou ela, na entrevista do dia 4 de julho de 1975, o seguinte:

— “Não era sonho, eu via mesmo. Toda vez que eu me deitava, dormia um pouco e, lá pelas onze horas ou meia-noite, eu acordava e via quando ele subia na caminha, me abraçava e deitava comigo, como ele fazia quando dormíamos juntos, pois éramos bem pequenos... Eu via quando ele já ia subindo na grade e ia pondo a perninha para entrar na cama. Me abraçava e adormecíamos assim. Um dia eu falei ao papai que Fernando vinha todas as noites deitar comigo.

Papai disse que eu estava sonhando. Eu repliquei que não, que eu estava acordada. Ele disse que, para saber se eu estava acordada ou sonhando, quando o Fernando aparecesse, que eu o chamasse. Assim teríamos a prova.

Na hora em que o Nandinho vinha vindo, eu chamei meu pai... O Nandinho falou: — ‘Pssiuuu! Você falou ao papai? Eu não venho mais!’ – Já fazia uma semana que ele vinha. Aí eu não o vi mais.”

D. Antônia acrescentou que, quando seu pai chegou ao quarto, não pôde mais ver o garoto, pois este desaparecera em forma de nuvem que subiu e se desfez próximo ao teto do quarto. O pai não logrou ver nem mesmo a nuvem, por isso não acreditou na história. Além disso, o Sr. Jesuíno, nessa ocasião, era totalmente incrédulo, ateu e materialista. Com a perda dos filhos sua atitude radicalizou-se mais ainda neste sentido.

NASCIMENTO DE RODRIGO

Durante o período de onze meses e oito dias após a morte de Fernando, nada de notável ocorreu além do episódio narrado atrás. Depois desse intervalo de tempo, D. Eulina S. Vilares teve mais um filho, o Rodrigo, nascido no dia 21 de dezembro de 1923.

Rodrigo era mais moreno do que Fernando, mas tinha muita semelhança com seu falecido irmão quanto ao caráter. Brincava normalmente, mas de vez em quando ficava quieto, como se estivesse cismando. Nestas ocasiões, D. Eulina procurava despertá-lo de seus devaneios chamando-lhe a atenção para qualquer outra coisa. Ele deveria ter, então, cerca de dois anos de idade. Foi a partir desta época que Rodrigo começou a manifestar os primeiros indícios de identificação com a personalidade de Fernando.

MEMÓRIA EXTRACEREBRAL, PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES

Rodrigo devia ter aproximadamente dois anos e meio, quando D. Eulina resolvera rever alguns objetos que pertenceram ao falecido Fernando e que ela houvera guardado em uma gaveta. Quando aqueles objetos começaram a ser retirados, Rodrigo revelou-se vivamente interessado, demonstrando conhecê-los perfeitamente bem. Eis como D. Antônia relatou esse episódio:

— “Mamãe foi remexer alguns guardados que pertenceram ao Fernando. O Rodrigo disse:

— Ah! O meu copo!

Era um copinho que se abria, de alumínio. Ele disse:

— É meu mamãe!

Mamãe replicou:

— Não, esse era do Nandinho.

Ele continuou:

— Eu sei, eu sei!

Mamãe repetiu:

— Não, meu bem, você é Rodrigo, esse era do Fernando.

Ele levantou-se na ponta dos pés, pôs a mão sobre a cabeça e disse:

— Eu sou o Rodrigo, mas eu era o Fernando! Eu era grande assim!

Mostrava com a mãozinha o quanto fora maior.”

O copinho de alumínio pertencera realmente ao Fernando que o havia ganho de seu pai. Este, certa vez, ao preparar-se para uma viagem resolveu levar o tal copinho de alumínio. Rodrigo ao vê-lo pôr o objeto dentro da mala disse:

— “Olha papai, o senhor leva o copinho emprestado, porque o copinho é meu.”

O Sr. Jesuíno contestou, dizendo que o copo não era dele, mas Rodrigo respondeu imediatamente:

— “O copo que o senhor deu ao Fernando, tal dia assim, assim.” e descreveu detalhadamente a história do copo, concluindo que o copo lhe pertencia, de vez que ele era o Fernando.

Rodrigo sempre insistia em dizer que ele era o Fernando. Outra irmã de Rodrigo, D. Rosely, afirmou, em entrevista concedida aos investigadores do IBPP, dia 14 de junho de 1975, que – “quando Rodrigo começou a falar, passou a relatar passagens da vida de Fernando. Mamãe dizia:

— Mas você não é o Fernando! Você é o Rodrigo.

E ele dizia:

— Agora sou o Rodrigo, mas eu era o Fernando.

Ficava, então, na ponta dos pés e dizia:

— Eu era grande assim, mas eu fiquei doente, me puseram num caixãozinho e me levaram embora...”

Quando D. Eulina estava mexendo nos pertences de Fernando, além do copinho de alumínio, surgiu uma farda de escoteiro que ela confeccionara para o filho. Fernando era entusiasmadíssimo pelos escoteiros e reclamava

uma roupa igual à deles. Foi por isso que sua mãe lhe fez a farda. Ao vê-la, Rodrigo exclamou:

— “Ah! Minha roupinha de escoteiro.”

D. Eulina, impressionada, disse-lhe que falasse com o pai:

— “Conte ao papai o que você estava dizendo para a mamãe, que você era o Fernando.”

Dirigindo-se ao pai, foi logo dizendo:

— “Lá naquela rua, lá embaixo...”

O pai interrompeu-o:

— “Era um palacete, não?”

Ele respondeu:

— “Não, papai, não era um palacete, era uma casa.”

O pai perguntou:

— “E quem morava perto?”

Ele retrucou:

— “A sua mãe.”

O Sr. Jesuíno, ainda incrédulo e querendo tirar uma prova para ver se ele estava realmente tendo recordações de uma existência anterior conforme parecia, perguntou:

— “Minha mãe era assim bem magrinha, não?”

Rodrigo respondeu:

— “Não, papai, era gorda assim.”

E mostrando com os bracinhos e mãos, acrescentou:

— “Vovó andava de bengalinha, lembra papai?”

Estes episódios foram relatados por D. Antônia e por outras testemunhas inquiridas separadamente. Os investigadores do IBPP perguntaram a D. Antônia se o Rodrigo chegara a conhecer a avó, pessoalmente, ou por fotografia:

— “Não, de jeito nenhum, pois a vovó havia falecido antes que o Rodrigo nascesse. Nem a casa era a mesma. Nem em fotografia. Ele era tão pequeno... Depois não se comentava acerca dos casos de Fernando, pois nós éramos muito ligados... papai e mamãe evitavam de falar no nome dele.”

D. Antônia deixou transparecer que a emoção provocada pela recordação do irmãozinho era muito dolorosa para todos eles. Prosseguiu contando o seguinte:

— “Aí ele começou a dizer:

— A vovó trazia assim – referindo-se a um avental com as pontas amarradas no qual ela trazia frutas do quintal -. Papai perguntou o que ela trazia e ele disse:

—Fruta, papai. Fruta!

Ele se recordava de todos os pormenores.”

A GALINHA DE ESTIMAÇÃO

Em nossa entrevista com D. Rosely, irmã de Rodrigo, dia 14 de junho de 1975, esta referiu-se a um fato ocorrido com Fernando, um pouco antes deste falecer, do qual Rodrigo se lembrava em sua meninice. Trata-se de uma galinha de estimação que fora criada pelo Fernando e que se acostumara com ele. Fernando votava-lhe grande afeição.

D. Rosely afirmou-nos que Rodrigo se recordava dessa galinha. À nossa pergunta de se o Rodrigo também se lembrava do episódio ocorrido com a galinha, D. Rosely respondeu firmemente: — “Sim, tudo, ele contava detalhadamente.”

Vamos transcrever a descrição da passagem com a referida galinha de estimação, conforme foi-nos relatado por D. Antônia, a irmã mais velha, pois esta assistiu ao ocorrido e descreveu-o com minúcias.

O fato se deu quando Fernando estava próximo de morrer. Ele perguntou pelo pai e em seguida manifestou desejo de ver a sua galinha, cujo nome era Petita:

— “E o papai, mamãe? – já estava com a língua meio enrolada –. Mamãe disse que ele fora buscar umas frutas para ele.

Ele disse:

—E a minha Petita, mamãe? Eu queria ver a minha Petita.

Assim se referia à galinha. Ele era muito apegado à galinha. Tudo o que mamãe fazia, dava um para cada um, os pintinhos da galinha, os canteirinhos... E a galinha estava ciscando próximo da janela quando ele disse que queria vê-la. Parece que ela ouviu, pois subiu na janela do quarto. Ele chamou-a e a Petita foi onde ele estava. Ele passou a mão sobre suas costas, ela abaixou-se, ele agradou-a bastante, beijou-a e disse:

—Agora pode ir; viu Petita?”

Esta cena, ocorrida nos últimos momentos da vida de Fernando, parece ter ficado intensamente gravada em sua memória. Tais episódios marcantes geralmente são os que, mais frequentemente, se transferem como recordação, de uma para outra encarnação.

AS CADEIRAS DE PERNAS CURTAS

Quando o Fernando ainda era vivo, sua avó mandara fazer duas pequenas cadeiras iguais e de pernas bem curtas, uma para ele e outra para Antônia. Para distinguir a sua cadeira, da pertencente à irmã, Fernando fez dois riscos no espaldar da dele. Imitando-o, Antônia fez um risco na dela. Os riscos foram feitos com um prego e ficavam do lado direito. Assim, facilmente poderiam saber de quem era cada cadeirinha.

Logo que Rodrigo cresceu e passou a usar uma das cadeirinhas, sua irmã Antônia já estava grande e não se preocupava com aquele objeto. Entretanto Rodrigo escolhia corretamente a cadeira que pertencera ao falecido Fernando. Guiando-se pelas marcas, ele dizia: “Esta é a minha cadeira.”

O SAPATINHO MARROM

O pai de Fernando comprara para este um par de sapatinhos de cor marrom, que muito agradara ao menino. Com a morte de Fernando, um dos sapatinhos foi ciosamente guardado, assim como vários pertences do garoto falecido. D. Antônia, ultimamente, tinha-o ainda em sua posse.

Com dois anos de idade, aproximadamente, ao ver o sapatinho restante, Rodrigo exclamou, excitado:

— “Ah! Meu sapatinho que papai trouxe!”

Sua mãe tentou corrigi-lo, esclarecendo:

— “Não é seu, meu bem; era do Nandinho.”

Ao que ele respondeu:

— “Eu sei mamãe! O Nandinho sou eu mamãe!”

Estabeleceu-se uma porfia entre D. Eulina (a mãe) e o Rodrigo, na qual aquela tentava convencê-lo de que estava equivocado, mas o menino insistia, reiteradas vezes, que ele era o Fernando e que o sapato lhe pertencia por isso.

O INCIDENTE DA CASA

Passado algum tempo, o Sr. Jesuíno encontrou um bom negócio e vendeu a casa em que moravam e onde Rodrigo havia nascido. Na mesma ocasião, a casa onde Fernando havia morrido ficou vaga com a saída do inquilino. Tendo que entregar a casa vendida, o Sr. Jesuíno pensou em reocupar a antiga casa, apesar das recordações que isso traria para todos

eles. D. Antônia relatou em sua entrevista o incidente que ocorreu nessa ocasião:

— “Papai disse para mamãe: Vá àquela casa que foi de seu pai, para ver se precisa de algum reparo. Nós mudaremos para lá até conseguirmos outro negócio.

Mamãe arrumou-se. O tempo parecia bom. Nós descemos também. O Rodrigo, nessa ocasião, estava com uns três anos e pouco. Assim que chegamos, começou a chover, e mamãe abriu a porta da casa. O menino arregalou os olhos, apavorado, começou a segurar o vestido da mamãe, a puxar, a olhar um dos quartos, e dizia:

— Mamãe! Não entre! Não entre aí, mamãe!

E começou a chorar tão desesperado, que a mamãe não conseguiu entrar na casa nem para ver, nem para se resguardar da chuva! O menino começou a ir embora. Mamãe disse:

— Nós não vamos entrar...

Pois o menino ia indo embora e olhava para trás tão assustado! Ela fechou a casa e foi embora. Contou ao papai e este sugeriu que se procurasse outra casa.”

AS COROAS DE FINADOS

Em 1925, D. Eulina teve uma filha, a Lucy, a qual veio a falecer com a idade de um ano e poucos meses. Logo após faleceu também o Sr. Cristiano, um irmão de D. Eulina. A lista dos mortos era grande naquela família. Por isso, quando chegava a ocasião de finados, havia intensa atividade para a confecção de flores e coroas, conforme era costume na época. Usava-se levar ao cemitério coroas de flores artificiais, com que eram enfeitados os túmulos. Para os que tinham posses já existiam, prontas, coroas feitas com flores de porcelana ou de outros materiais.

Os pobres fabricavam-nas em casa, da forma como podiam. D. Eulina fazia flores de madeira, lascando cuidadosamente pequenos pedaços de vime, usando para isso faca ou canivete bem afiados. Depois coloria-as e formava as coroas usando arame para montá-las. Ela estava empenhada nessa tarefa, quando Rodrigo – com quatro anos de idade – acercou-se dela e perguntou:

— “Mamãe, para que tanta coroa?”

D. Eulina, então, começou a mencionar os nomes dos mortos aos quais se destinavam as coroas:

— “Uma é para o tio Cristiano, outra para a Lucynha, outra para o Cristianinho, outra para o Nandinho...”

Ele imediatamente atalhou:

— “Tem demais, mamãe!

— Por quê?

Perguntou a mãe.

— Porque para o titio, a Lucynha e o Cristianinho está bom, mas para o Nandinho não precisa não, mamãe!”

D. Eulina insistiu que precisava sim, que era para o seu falecido irmão. Aí Rodrigo disse:

— “Ele era eu, mamãe! Eu estou aqui, não preciso de coroa...”

Nesta ocasião achava-se presente, também, o pai de Rodrigo, o qual testemunhou o ocorrido. O Sr. Jesuíno V. Marques – pai de Rodrigo – conta este fato, em uma carta dirigida por ele ao Sr. A.O. Rodrigues, Diretor do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento.

Mais adiante, transcreveremos, na íntegra, este importante documento.

MINHA BONECA

“Minha boneca” era o apelido que Fernando usava para designar seu irmãozinho Cristiano, a quem dedicava grande afeição.

Fernando e Cristiano adoeceram na mesma época. Quando o estado de ambos se agravou, foram alojados em quartos separados. Entretanto, Fernando sentia falta do irmãozinho e reiteradas vezes pedia para vê-lo. Nessas ocasiões, dirigia-se à mãe e solicitava desta que lhe trouxesse a sua “boneca”, no que era atendido, quando o doentinho estava acordado e em condições de ser transportado até o quarto de Fernando.

Cristiano faleceu uma semana antes de Fernando. Os pais tomaram todas as precauções possíveis para que os funerais do garotinho fossem feitos sem que Fernando o percebesse. Temiam que, devido ao seu forte apego ao irmão, ele viesse a piorar mais ainda. Não obstante, Fernando, em seus últimos momentos, ao requisitar a presença do irmãozinho doente e não tendo sido atendido, percebeu que Cristiano havia morrido. D. Antônia relatou-nos comovida estes momentos dramáticos vividos por ela e seus familiares:

— “Passados alguns dias ele pedia o irmãozinho e mamãe dizia que estava dormindo. E ele disse outra vez:

— Não mamãe, ele não está dormindo, ele já foi.

Mamãe então perguntou:

— Foi para onde?

Ele respondeu: Lá para o céu...”

A lembrança do irmãozinho deve ter-se transmitido ao Rodrigo, pois este se referia muitas vezes ao Cristiano, usando o mesmo apelido que Fernando lhe pusera: “Minha boneca.”

O EPISÓDIO DO RIO

Rodrigo, atualmente, é um simpático e inteligente senhor. Trabalha como químico-analista em uma importante empresa estatal. É casado e tem quatro filhos, três garotas e um rapaz.

O Sr. Rodrigo Marques Vilares – este é o seu nome todo – ainda conserva a memória de alguns eventos de sua vida anterior. São, naturalmente, os mais marcantes. Assim, por exemplo, ele diz recordar-se perfeitamente de uma ocasião em que Fernando, juntamente com outro companheirinho, caiu dentro de um rio. Eis como ele relata este episódio:

— “Certa ocasião eu cheguei e disse a minha mãe:

— Mãe, a senhora lembra que uma vez eu cheguei em casa todo molhado, a senhora estava passando roupa com ferro de brasa? A senhora lembra?

E ela respondeu:

— Eu lembro sim, mas só que não foi com você isto aí, isto foi com o Fernando.

Aconteceu isso: eu cheguei em casa todo molhado, havia caído no rio, e um rapaz, eu até disse o nome... Mas aí eu errei no nome da pessoa – o Bartolo da D. Brígida.

Ela respondeu:

— Isso não foi com o Bartolo da D. Brígida não; foi uma outra pessoa que pegou o Fernando dentro do rio e o entregou para uma preta na beira do barranco. Isso não foi com você, foi com o Fernando.”

A equipe do IBPP apurou que o referido Bartolo da D. Brígida era amigo da família, de muitos anos. Mas Rodrigo misturou suas recordações reencarnatórias com a situação existente após seu renascimento.

Inquirido sobre como percebia as duas situações, a encarnação anterior como Fernando e a posterior como Rodrigo, ele declarou que não notava a solução de continuidade entre uma e outra. Possivelmente o período de intermissão de cerca de onze meses entre as duas encarnações representasse

o equivalente a um sono profundo. Neste caso, as ocorrências anteriores e posteriores parecer-lhe-iam como acontecimentos desenrolados ao longo de uma única vida.

É interessante observar que as experiências desse tipo variam de paciente para paciente. Alguns guardam lembranças do período de intermissão, outros não.

A CARTA DO PAI

O Sr. Jesuíno V. Marques, pai de Rodrigo, era, como já dissemos linhas atrás, inteiramente descrente. Os acontecimentos ocorridos com Rodrigo passaram, portanto, a causar-lhe intensa inquietação e surpresa. Ele não conseguia entender tais ocorrências insólitas e seu materialismo começou a sofrer abalos.

Frente à sua casa morava o chefe da estação ferroviária, Sr. José Farina, homem inteligente e culto. Este senhor era filiado ao Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento. O Sr. Jesuíno resolveu relatar o problema de seu filho ao Sr. Farina e ouvir deste alguns esclarecimentos. Como resposta, recebeu do vizinho um punhado de livros e recomendações para que os lesse em dada sequência e atentamente. Breve o Sr. Jesuíno começou a entender o que se passava e pôde trocar ideias com seu amigo, a respeito do que estava ocorrendo com Rodrigo.

Em 5 de janeiro de 1928, o Sr. Jesuíno escreveu uma carta ao então Diretor do Círculo Esotérico. Esta carta é documento muito importante, pois foi escrita na época em que Rodrigo começou a surpreender seus familiares com as suas recordações reencarnatórias. Eis o teor da carta:

“Jahú, 5 de Janeiro de 1928

Ilmo. Sr. A. O. Rodrigues

São Paulo

Caro irmão e mestre

Conforme prometi, mando-vos as photographias dos meninos. Fernando nasceu em 25 de Março de 1918 e desencarnou-se a 13 de Janeiro de 1923, à Rua Gomes Botão, nº 11. Rodrigo nasceu no mesmo anno de 1923, a 21 de Dezembro.

Desde que começou a falar, affirma ter estado doente e ter morrido. Muitas vezes deixa de brincar para ir dizer: ‘Mamãe, eu morri’. Por muito tempo, não demos valor a isto, porém elle se exprimiu dessa forma e como segue. No dia 1º de Novembro último, tendo a minha esposa preparado

algumas corôas, elle perguntou: ‘Papae, para quem são essas corôas?’ Indiquei-lhe os nomes de meus filhos já desencarnados, aos quaes eram destinadas. Disse então: ‘Mas, papae, Fernando sou eu’.

‘Não meu filho, você é Rodrigo’, respondi-lhe.

‘Mas primeiro era Fernando, affirmou em sua linguagem infantil. Eu era grande assim’ e, firmando-se nas pontas dos pés, levantou a mão para indicar o tamanho. Na verdade, o outro era mais alto. Continuou elle: ‘Estive muito doente, e morri, e os homens me levaram e me enterraram, e depois vim outra vez com os senhores e agora sou Rodrigo.’

Fazendo-lhe perguntas, dirigidas para obter respostas differentes, elle continuava a explicar e affirmar a mesma cousa. ‘Não, papae, nós não morávamos na casa bonita da rua calçada, mas sim naquela rua de barro, lá embaixo, na casa feia.’ A Rua Gomes Botão, pela posição geográfica do terreno, occupa lugar mais baixo.

No dia 7 de Novembro de 1927, fazia meus preparativos para uma viagem, quando elle avistou sobre a mesa o copo de alumínio, dos que se levam no bolso, que eu tencionava levar commigo e que tinha sido dado de presente a meu filho Fernando, em Novembro de 1922, disse: ‘Papae, o senhor deu esse copo para o Fernando e agora eu sou o Fernando, é meu copo. Só leve-o como empréstimo.’

O facto seguinte chamou-me a attenção: Tendo eu de mudar de casa, em Janeiro de 1927, e estando desocupada aquella casa em que meu filho Fernando se desencarnara, minha esposa foi lá para ver se necessitava de limpeza interna. Foi acompanhada pelo meu filho Rodrigo. Logo que este entrou na casa, começou a chorar desesperadamente, permanecendo na porta e olhando com o olhar assustado para o interior da casa, como se alguma cousa alli o incomodasse.

Desisti de mudar para a mesma casa e este facto não succedeu em nenhuma das outras casas em que tenho residido.

Muito mais poderia referir-vos a respeito do que elle tem dito acerca de sua existência anterior mas seria longo enumerar tudo.

Pedindo-vos desculpar as faltas próprias de quem nunca esteve na escola, saúdo-vos com as vibrações de Harmonia, Amor, Verdade e Justiça.

Vosso humilde irmão nº 26.379

Jusuíno Vilaes Marques.”****

* * *

TABELA DE RECORDAÇÕES DO PACIENTE

1. – Reconheceu um pequeno copo de alumínio que o pai dera à personalidade anterior.

D. Antônia revelou-nos que algum tempo antes de manifestar nitidamente sua identificação com o irmão falecido, Rodrigo tinha momentos de abstração, durante os quais parecia alienar-se da realidade circunjacente. Nestas ocasiões, sua mãe procurava despertá-lo de seus devaneios, chamando-lhe a atenção para alguma coisa.

Certa vez o Rodrigo procurou mostrar que ele era o Fernando, mas não foi entendido pelos presentes. D. Antônia contou-nos como foi o incidente:

— “A primeira demonstração que ele deu foi numa vez que minha mãe estava fazendo uma comida no fogão e pediu-lhe que fosse buscar uns cavaquinhos para ela colocar no fogo, e disse-me para pegar uma caixinha dessas de sapato de bebê, amarrar num cordão para que o garoto se distraísse.

Dali a momentos o menino chegou – ele estaria com dois anos e pouco – e começou a dizer:

— Mamãe, eu trazi! Eu trazi!

Mamãe disse-me para ajudá-lo. Eu subi as escadinhas, eram uns três degraus. Ele dizia:

— Eu trouxe! Eu posso!

Minha mãe não entendia o que o menino queria dizer. Quem poderia pensar? Eu quis ajudá-lo e ele dizia:

— Não! Eu posso!

E ficava implicado porque ninguém entendia o que ele queria dizer. Trouxe a caixinha. Acabamos esquecendo o incidente...

Passados uns tempos, isso ficou esquecido e a mamãe foi um dia arrumar uma das gavetas e ele estava perto. Mamãe foi remexer em alguns guardados que pertenciam ao Fernando. Ele disse:

— Ah! O meu copo!

Era um copinho que se abria, de alumínio. Ele disse:

— É meu mamãe!

Mamãe falou:

— Não, esse era do Nandinho.

Ele retrucou:

— Eu sei, eu sei!

Mamãe acrescentou:

— Não, meu bem, você é Rodrigo; esse era do Fernando!
Ele levantou-se na ponta dos pés, pôs a mão sobre a cabeça e disse:
— Eu sou o Rodrigo, mas eu era o Fernando! Eu era grande assim!
Mostrava com a mãozinha o quanto fora maior.”

Rodrigo revelava muito zelo pelos objetos que pertenceram ao Fernando. Seu pai, ao preparar-se para uma viagem resolveu levar o referido copinho de alumínio. O garoto disse-lhe que poderia levá-lo como empréstimo, porque o copo era seu. Ao ser contestado pelo Sr. Jesuíno, sob a alegação de que o copo não era dele, surpreendeu o pai, dizendo: — “O copo que o senhor deu ao Fernando, tal dia assim, assim...” e descreveu detalhadamente como o copo fora dado ao Fernando pelo pai. Finalmente, concluiu que o copo era seu, porquanto ele era o Fernando!

2. – Logo que começou a falar, Rodrigo passou a relatar várias passagens da vida de Fernando, identificando-se com ele e contando que fora levado embora em um caixãozinho.

D. Rosely, irmã de Rodrigo, enfatizou este detalhe, em entrevista concedida dia 14 de junho de 1975.

— “Eu era pequena ainda e meus pais contavam o caso que ocorrera em casa. Na época em que o fato se deu eles não entendiam o que estava acontecendo, porque o Rodrigo, quando começou a falar, passou a contar a vida do Fernandinho, um menino que já falecera. Quando morreu tinha cinco anos... Mamãe dizia:

— Mas você não é o Fernando! Você é o Rodrigo.

E ele dizia:

— Agora sou o Rodrigo, mas eu era o Fernando!

Ficava na ponta dos pés e dizia:

— Eu era grande assim, mas eu fiquei doente, puseram-me num caixãozinho e me levaram embora...”

Este detalhe da recordação do episódio em que Rodrigo foi posto em um caixão e levado embora é bem marcante e reaparece em outras passagens de sua meninice, conforme o item 10 e o relatado na carta do Sr. Jesuíno ao Diretor do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento.

3. – Reconheceu uma farda de escoteiro, que fora feita para o Fernando, exclamando que era a “sua roupinha de escoteiro”.

D. Antônia relatou-nos com minúcias este episódio. Ela contou-nos que o Fernando sempre desejara uma farda de escoteiro. Ele via o pelotão de escoteiros quando desfilava pela cidade e entusiasmava-se vivamente com o

espetáculo. D. Eulina então fez uma roupinha de escoteiro para o filho. Este tinha grande apego à fardinha. Ao mexer nos pertences de Fernando, apareceu a farda. Eis as palavras de D. Antônia, referindo-se ao comportamento de Rodrigo:

— “Assim que ele viu a roupinha, falou:

— Ah! Minha roupinha de escoteiro!”

Como de costume, ele insistiu com a mãe que ele era o Fernando. D. Eulina, cada vez mais intrigada com tais fatos, assim que o marido chegou contou-lhe o ocorrido e, dirigindo-se ao Rodrigo, disse:

— “Conta ao papai o que você estava dizendo para a mamãe, que você era o Fernando.”

Neste ponto D. Antônia relatou mais outra passagem: Um diálogo entre o Sr. Jesuíno e o Rodrigo, o qual faz parte do item a seguir.

É importante notar a constante identificação com o falecido irmão, manifestada por Rodrigo, desde os dois anos de idade.

4. – Recordava-se de haver morado em outra casa, situada em outro local um pouco distante e mais baixo.

Quando D. Eulina mandou que Rodrigo contasse ao pai que ele afirmara à sua mãe ser o Fernando, o Sr. Jesuíno, homem cético, resolveu tirar uma prova do fato. Naquele momento, Rodrigo começou a explicar-se, dizendo:

— “Sim, mamãe! Lá naquela rua, lá embaixo...”

Seu pai, então, procurou embarçá-lo e atalhou, perguntando-lhe se era uma casa bonita da rua calçada o local onde ele havia morado. Rodrigo respondeu:

— “Não, papai, nós não morávamos na casa bonita da rua calçada, mas sim naquela rua de barro, lá embaixo, na casa feia.”

Aí o Sr. Jesuíno, mais incrédulo ainda, perguntou-lhe:

— “E quem morava perto?”

A resposta foi pronta:

— “A sua mãe.”

Conforme esclareceu D. Antônia, o Rodrigo não conhecera a casa onde eles moraram anteriormente. Da mesma forma, ele não sabia quem era a sua avó paterna, pois esta morrera antes de Rodrigo haver nascido. Fernando, sim, porquanto convivera com ela.

5. – Descreveu como era sua falecida avó, sem tê-la conhecido nesta encarnação.

Quando Rodrigo afirmou que era a mãe do Sr. Jesuíno, quem morava perto da antiga casa, este resolveu, mais uma vez, embarçar o garoto. Eis como D. Antônia relatou-nos esta passagem:

— “Então meu pai, para ver se ele lembrava mesmo, perguntou:

— Minha mãe era magrinha assim, meu bem?

Ele disse:

— Não, papai, era gorda assim...

E mostrava com as mãozinhas. Disse ainda:

— Andava de bengalinha, a vovó, lembra papai?”

Perguntamos se Rodrigo havia conhecido a avó. D. Antônia respondeu prontamente:

— “Não, de jeito nenhum, pois a vovó já havia falecido antes de Rodrigo nascer. Nem a casa era a mesma.”

Insistimos em saber se ele realmente se reportava à casa onde moraram anteriormente e também à sua avó:

— “Sim. Começava a referir-se à avó e à rua. Aí ele começou a dizer:

— A vovó trazia assim..., referindo-se a um avental no qual ela trazia frutas do quintal, amarrado assim...

Papai perguntou o que ela trazia e ele disse:

— Fruta, papai! Fruta!

Ele se recordava de todos os pormenores...”

Morava, defronte à casa do Sr. Jesuíno, um senhor muito versado em Ocultismo. Seu nome era José Cardoso Farina. Ambos eram amigos, porém o Sr. Jesuíno não professava credo algum. Era cético e materialista. Com o surgimento dos episódios de Rodrigo, o Sr. Jesuíno procurou esclarecimentos com seu vizinho, que entendia bem desses assuntos.

O Sr. Farina procurou explicar da melhor maneira o que ele supunha estar ocorrendo com o pequeno Rodrigo. Devia ser um caso de lembranças reencarnatórias. Neste ponto, vamos ouvir novamente D. Antônia:

— “Sim. Era para ver se ele estava lembrando realmente. Porque esse Sr. José Cardoso Farina dizia que se ele fosse mesmo a reencarnação (do Fernando), ele se lembraria de tudo. Então meu pai falava ao contrário para ver se o menino lembrava realmente. Papai disse:

— Você lembra bem de onde nós morávamos? Era um palacete?

Ele disse:

— Não, papai, não era um palacete, era uma casinha menor, uma casinha, pequena, lá naquela rua da igrejinha, perto da vovó.

Quando papai perguntou que vovó que era, ele disse:

— A sua mãe.

Papai disse:

— A minha mãe era magrinha, não?

Ele respondeu:

— Não, papai! A sua mãe era bem gorda!

E abria as mãozinhas assim...”

Como se vê, por ser incrédulo e materialista, o pai de Rodrigo custou a aceitar a explicação do Sr. Farina. Aos poucos seu ceticismo foi sendo minado pelos fatos constatados por ele próprio, ao testar as manifestações de recordação reencarnatória de seu filho.

6. – Lembrava-se de uma galinha de estimação, que fora criada pelo Fernando.

Este evento foi-nos relatado, pela primeira vez, por D. Rosely, a irmã mais nova de Rodrigo. Ela afirmou-nos que, em pequeno, Rodrigo se referia detalhadamente à cena ocorrida na ocasião em que Fernando, próximo de morrer, pediu para ver sua galinha de estimação.

D. Antônia, a irmã mais velha, testemunhou a cena que se passou com a personalidade anterior e da qual Rodrigo se recordava em criança.

D. Rosely na entrevista de 14 de junho de 1975, contou-nos esta passagem:

— “...Ele narrava numa perfeita lembrança de tudo. Também da galinha quando ele estava doente. Ele disse que queria ver a galinha e a galinha veio, pousou na janela e da janela pousou nos pés da cama dele. Depois foi embora. O Rodrigo se lembra ainda deste fato.”

7. – Distinguia, entre duas cadeirinhas, a que pertencera à personalidade anterior.

Este episódio foi-nos relatado por D. Antônia. Ela concluiu que o Rodrigo reconhecia a cadeirinha, devido à marca de dois riscos no seu espaldar, feita pelo Fernando:

— “Parece que lembrava sim, pois ele dizia:

— Esta é a minha cadeira!”

8. – Insistia em afirmar que um sapatinho marrom lhe pertencia. Entretanto o sapato havia sido do seu irmão Fernando, já falecido.

Neste evento é notável a insistência com que Rodrigo procurava fazer entender à sua mãe a sua identidade com o Fernando. A disputa entre Rodrigo e D. Eulina não envolvia simplesmente a posse do objeto que

pertencera ao Fernando. Tratava-se das reiteradas tentativas de Rodrigo em fazer sua mãe compreender que ele era o Fernando. D. Eulina relutava em aceitar ou não entendia aquela identificação, tantas vezes reclamada pelo seu filho, com relação ao outro já falecido.

Relembremos um trecho dessa passagem, contado por D. Antônia. Referindo-se ao sapatinho marrom do Fernando (aliás era apenas um pé que restara do par, e que estava atualmente na posse de D. Antônia), ela disse:

— “Estava guardado também e ele disse:

— Ah! Meu sapatinho que papai trouxe.

Era um sapatinho marrom.

Mamãe dizia:

— Não é seu, meu bem. Era do Nandinho.

Ele respondia:

— Eu sei mamãe! O Nandinho sou eu mamãe!

Mamãe dizia:

— Não, meu bem. Você é Rodrigo. Fernando é seu irmão.

Ele falava:

— Ah! Mamãe... Ah!...”

Se o Rodrigo quisesse apenas disputar o sapato, o diálogo teria sido outro; assim por exemplo: “Ah! Um sapatinho. É meu; eu quero o sapatinho! Me dá o sapatinho mamãe...”

Mas a questão foi outra: Rodrigo reconheceu o sapato como tendo sido dado pelo pai. Em seguida tentou convencer a mãe, de que ele era o legítimo possuidor, porquanto ele era o Fernando quando ganhara o par de sapatinhos marrons.

9. – Manifestou intenso horror ao entrar, pela primeira vez, na antiga casa, especialmente ao avistar o quarto onde falecera o Fernando.

Na ocasião em que se deu este fato, Rodrigo tinha aproximadamente três anos. D. Eulina, Antônia e Rodrigo foram ver como se achava a antiga casa onde moraram anteriormente. O Fernando morrera ali. Era a primeira vez que Rodrigo visitava aquele lugar. Entretanto, ao chegarem em frente à velha residência, Rodrigo começou a manifestar forte inquietação, demonstrando intenso pânico. Eis as próprias palavras de Rodrigo quando, na entrevista do dia 3 de maio de 1975, comentava conosco o incidente em questão:

— “...Depois de um certo tempo, meu pai disse à minha mãe:

— Eulina, dá uma chegada na casa e vê o que é preciso fazer para reformar, pintar; para a gente fazer e voltar para lá.

Eu fui lá com a mamãe, mas não foi possível a mudança. No quarto onde o outro faleceu, eu não consegui entrar. Para mim, o quarto não estava vazio... Senti um horror tremendo! Para mim o quarto não estava vazio, havia algo lá que me impedia de entrar na casa!”

Perguntamos ao Sr. Rodrigo o que ele sentira na ocasião, qual havia sido a sua reação. Ele nos respondeu enfaticamente:

— “De horror, de pesadelo! Não consegui... Mamãe chegou em casa e disse:

— Jesuíno, não vamos mudar para a casa... Era uma sensação de medo. Para mim aquele quarto não estava vazio; havia algo que ainda queria me fazer mal. Não sei o que era. Mas minha mãe não conseguiu de maneira nenhuma me fazer entrar.”

Essas manifestações de fobia são bastante comuns em casos que sugerem reencarnação. No capítulo anterior, Jacira x Ronaldo, assinalamos duas ocorrências desse tipo: a aversão a bebidas de cor vermelha e o medo incoercível de bovinos (ver o item 1 p.122 e o item 6 p.124). Tanto quanto as fobias, as preferências por alimentos, objetos, animais e pessoas também podem transitar de uma encarnação para outra.

Não estariam aí os fundamentos dos instintos, pela fixação, nas espécies, de hábitos, fobias, preferências, reflexos, etc. adquiridos ao longo dos renascimentos? Sabemos que um tal raciocínio implica o retorno às ideias lamarckistas já amplamente tidas como superadas. Entretanto, à luz da Parapsicologia, especialmente no que se refere à interação noética nos casos de psicocinesia, parece haver a possibilidade de semelhante fixação ao nível genético.

10. – Disse à sua mãe que a coroa de finados destinada ao falecido Fernando tornava-se dispensável, porquanto ele era o próprio Fernando que havia voltado.

D. Antônia relata com detalhes impressionantes o episódio das coroas de finados, em que Rodrigo manifestou claramente ser a reencarnação de seu falecido irmãozinho Fernando:

— “O senhor sabe que naquela época usava-se fazer muitas coroas e a mamãe estava fazendo umas coroas de vime, que ela fazia com canivete e depois pintava e formava umas flores muito bonitas.

O Rodriguinho perguntou:

— Mamãe, para que tanta coroa?

E mamãe começou a mencionar os nomes: uma é para o tio Cristiano, outra para a Lucynha, outra para o Cristianinho, outra para o Nandinho e outra para...

— Ele disse:

— Tem muito mamãe!

— Mamãe perguntou por quê e ele disse:

— Porque o titio, a Lucynha e o Cristianinho está bom, mas o Nandinho não precisa não mamãe.

Mamãe disse que precisava sim, que era seu irmãozinho.

E ele disse:

— Era eu mamãe! Eu estou aqui, não preciso de coroa.

O senhor vê que incidente, com tão pouca idade!”

Perguntamos a idade de Rodrigo na ocasião do episódio das coroas de finados. D. Antônia prosseguiu:

— “Ele era dois anos mais velho do que a Lucynha. Esta estaria com um ano e quatro meses, se fosse viva; ele estava com três anos. Ele fez cinco aqui em Catanduva.

Mamãe tornou a repetir:

— Não, meu bem, Nandinho era mais velho do que você!

Ele esquecia e tornava a repetir:

— Tem coroa demais mamãe. Fernando não precisa.

Mamãe disse:

— Não bem, você é Rodrigo.

Ele respondeu:

— Mamãe, eu me lembro quando eu morri. Os homens me levaram, mas a senhora me chamou muito, me chorou, a manita (Antônia) chorava e eu voltei!”

Procuramos certificar-nos mais deste último pormenor e perguntamos se realmente ele se recordava de quando foi levado para o enterro; indagamos, ainda, se verdadeiramente ele demonstrou ter sido atraído pelos pensamentos de pesar dos seus familiares. D. Antônia respondeu:

— “Ele dizia que eu chorava muito por causa dele e que, por isso, ele voltou.

Procuramos, então, saber se o Rodrigo, quando menino, contara onde estivera durante o período de intermissão. A resposta foi negativa:

— “Não. Só dizia que morrera e que os homens haviam-no levado..”

Fernando faleceu no dia 13 de janeiro de 1923. Rodrigo nasceu no dia 21 de dezembro de 1923. O intervalo entre uma e outra data é de 11 meses e 8 dias. Tendo, este último, nascido de parto normal, devemos descontar 9 meses para o período de gestação. Portanto, Fernando ficou em estado de Espírito livre, apenas 2 meses e oito dias. É provável que durante este curto prazo ele tenha estado junto à família, vagando, preso ainda ao ambiente doméstico. Um indício desta possibilidade é o episódio descrito por D. Antônia, concernente às visitas noturnas que o Fernando lhe fazia, deitando-se com ela para dormirem juntos. Breve, ele entraria no estado de letargo espiritual que precede o reencarne.

Esta hipótese talvez explique por que Rodrigo se recordava apenas do estado de angústia e pranto da família, após o seu falecimento, bem como da cena da saída de seu caixão mortuário.

Procuramos ouvir o episódio das coroas de finados descrito pelo próprio Sr. Rodrigo, pois ele tinha ainda recordações desta passagem. Eis como ele a descreveu, durante a entrevista do dia 3 de maio de 1975:

— “Eu tinha três anos. Foi mais ou menos entre 1926 e 1927. Ela estava preparando essas coroas e eu fui perguntar o que era aquilo, pois achei estranho o movimento. Meu pai estava sentado na sala, vestindo apenas a calça do pijama, com o peito nu, e assistindo o trabalho.

Eu perguntei:

— Mamãe, para que é isso?

Ela respondeu:

— São coroas que estou fazendo para os mortos da família: para titio Cristiano, para a Sucynha e para o Nandinho.

Aí eu disse:

— Não, para o Nandinho não precisa: eu estou aqui! Eu sou o Fernando.

Ela disse:

— Não meu filho, você não é o Fernando, você é o Rodrigo.

Eu disse:

— Não mamãe; eu sou o Fernando. Eu morri e os homens me levaram, mas como eu não estava morto, eu voltei outra vez e estou aqui! A senhora não se lembra mamãe? Eu era grande assim. E levantei-me na ponta dos pés para mostrar a altura do outro.”

O Sr. Rodrigo afirmou recordar-se nitidamente desta passagem, quando o entrevistamos.

11. – Até a data da nossa entrevista, com 52 anos de idade Rodrigo afirmava recordar-se perfeitamente de uma cena em que Fernando, juntamente com outro companheirinho, caiu dentro de um rio.

Durante a entrevista do dia 3 de maio de 1975, perguntamos ao Sr. Rodrigo como fora o acidente ocorrido com o Fernando e seu amiguinho, do qual ele ainda se recordava como tendo se passado com a sua pessoa. A cena relatada por Rodrigo é a seguinte:

— “Na verdadeira história o Fernando estava brincando na beira do ribeirão com um companheiro. O companheiro caiu na água e ele foi atrás para tentar salvá-lo. Ia passando um moço conhecido que se jogou na água, pegou o Fernando e entregou-o a uma preta que logo acudiu ali também. E foi salvo...”

Comentando como foram se extinguindo, com o tempo, as suas lembranças reencarnatórias, o Sr. Rodrigo disse-nos que o episódio do rio manteve-se bem gravado em sua memória:

— “O do rio está como um quadro na mente. Ficou gravado mesmo.”

Ao reiterarmos nossa pergunta de se ainda se recordava da cena, ele reafirmou:

— “Sim. Eu me lembro que o rapaz que me pegou no rio teve de levantar-me para o alto, porque a distância entre a água e o nível de cima era grande.”

Com o passar do tempo e já com a personalidade de Rodrigo, este recordava-se do acidente, mas não percebia a solução de continuidade entre o período em que era Fernando e o atual. Por isso misturou suas recordações como Fernando, com as lembranças e personagens da vida atual. Desse modo, ele confundiu o rapaz que o salvou, com um outro seu conhecido da presente existência, o “Bartolo da D. Brígida”. Isto explica a passagem relatada no Histórico deste caso. Vamos repeti-la:

— “Certa ocasião eu cheguei e disse a minha mãe:

— Mãe, a senhora lembra que uma vez eu cheguei em casa todo molhado, a senhora estava passando roupa com ferro de brasa? A senhora lembra?

Ela respondeu:

— Eu lembro sim, mas só que não foi com você isto aí, isto foi com o Fernando.

— Aconteceu isso: eu cheguei em casa todo molhado, havia caído no rio, e um rapaz, eu até disse o nome... Mas aí eu errei no nome da pessoa,

‘o Bartolo da D. Brígida’. E ela respondeu:

— Isso não foi com o Bartolo da D. Brígida não; foi uma outra pessoa que pegou o Fernando dentro do rio e o entregou para uma preta na beira do barranco. Isso não foi com você, foi com o Fernando!”

D. Antônia relatou-nos detalhadamente o acidente do rio:

— “Nesse tempo não existia o Rodrigo. Era ainda na Rua Gomes Botão. Ele (o Fernando) brincava muito com um menino chamado Miguel e iam brincando de cavalinho com aqueles cabos de vassoura. Foram indo, e não sei se a ponte estava quebrada, ou como é que foi, pois eu não estava junto. Só sei que os dois foram passar a ponte e o Miguel caiu. E como amiguinho, tentou dar a mão... Era assim, pelo menos, que ele contava para mamãe.”

O Fernando e o Miguel foram atendidos por um senhor que estava ali por perto, que cuidava de um rebanho. Ele viu quando os meninos caíram no rio e tratou de salvá-los. Informou-nos D. Antônia.

12. – Recordava-se do irmãozinho, o Cristiano, que havia falecido uma semana antes de Fernando, e referia-se a ele com o mesmo apelido dado por este ao garotinho.

Fernando era muito apegado ao Cristiano, seu irmão mais novo.

Cristiano nascera no dia 7 de julho de 1922 e falecera em 7 de janeiro de 1923, com 6 meses apenas de idade. Uma semana depois, no dia 13 de janeiro de 1923, falecia o Fernando.

D. Antônia contou-nos que ambos se encontravam acamados em quartos separados. Quando Cristiano faleceu, procuraram fazer-lhe o enterro, da forma mais discreta possível, a fim de evitar que Fernando percebesse e tivesse um agravamento de seu estado.

Fernando não chamava o irmãozinho pelo nome. Apelidara-o de “minha boneca”.

Referindo-se ao triste episódio da morte de Fernando, D. Antônia assim o descreveu, emocionando-se intensamente:

— “Quando ele estava na cama muito mal, papai tinha saído para comprar umas frutas. O menino perguntou:

— Mamãe, e a ‘minha boneca’?

Estava com a linguinha que mal se podia entender o que ele dizia...

Mamãe disse:

— Está dormindo meu filho.

Ele disse:

— Não está dormindo. Traz assim mesmo mamãe.

Mamãe falou:

— Está dormindo meu filho, eu não quero acordá-lo...

Ele replicou:

— Não está mamãe. Ele já foi...

O menino não havia visto. Em casa não se fez o menor barulho para que ele não percebesse. Ele gostava demais do menininho...

Passados alguns dias ele pedia o irmãozinho e mamãe dizia que estava dormindo. E ele disse outra vez:

— Não, mamãe, ele não está dormindo, ele já foi.

Mamãe então perguntou:

— Foi para onde?

Ele respondeu:

— Lá para o céu.

E perguntou:

— E papai, mamãe?

Mamãe disse que já vinha e indagou o que ele queria do pai. Ele falou:

— Eu queria me despedir..."

Passada a crise de choro que envolveu D. Antônia ao relatar-nos este dramático episódio, perguntamos-lhe se o Rodrigo, em sua meninice, também se recordava do irmãozinho que falecera poucos dias antes do Fernando morrer. D. Antônia respondeu afirmativamente, dizendo que Rodrigo se referia ao falecido Cristianinho pelo mesmo apelido que Fernando costumava chamá-lo: minha boneca.

HGA – Rodrigo recordava-se do irmãozinho que havia falecido?

D. Antônia – Ele falava “minha boneca”.

HGA – Então ele se lembrava do Cristiano?

D. Antônia – Sim. Falava “minha boneca”, não falava o nome.

HGA – O mesmo que o Fernando usava dizer?

D. Antônia – Sim.

Esta particularidade é de certa forma importante. Mostra que até os pequenos detalhes, como este do apelido usado para chamar-se uma pessoa, podem transferir-se de uma para outra encarnação. Talvez esta fixação esteja na dependência da carga emocional ligada ao relacionamento entre os indivíduos envolvidos em um dado drama.

**** Firma reconhecida pelo tabelião Alberto Barbosa.

A carta foi transcrita na íntegra, conservando-se a ortografia da época. Foram mudados apenas os nomes das pessoas, tendo em vista as normas éticas observadas pelo Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas.

DETALHES RELEVANTES CONCERNENTES AO CASO DE RODRIGO

Durante a leitura e análise do caso de Rodrigo x Fernando, vários episódios merecem destaque. Vamos apontar alguns deles.

1. – Rodrigo insistia sempre em afirmar que ele era o Fernando. Mostrava identificar-se com o falecido irmão, ressaltando que a diferença entre um e outro era simplesmente de tamanho. Punha-se na ponta dos pés e erguia uma das mãos acima da cabeça, dizendo que o outro era apenas maior assim, mas que ele era realmente o Fernando que havia voltado.

2. – Quando, ao entrevistá-lo, já adulto, e em 3 de maio de 1975, fizemos-lhe a seguinte pergunta:

— O senhor se recordava também do nome que o senhor tinha?

A resposta foi pronta:

— “Lógico, foi a primeira coisa que recordei quando mamãe disse que a coroa era para o Fernando. Eu disse:

— Eu sou o Fernando e estou aqui.

Ela disse:

— Você é o Rodrigo.

Eu respondi:

— Não, eu sou o Fernando. Eu morri, os homens me levaram, mas como eu não estava morto eu voltei!”

3. – Referiu-se várias vezes ao seu funeral, conforme pudemos encontrar relatado na Tabela de Recordações, itens 2 e 10, bem como na transcrição da carta do pai de Rodrigo, dirigida ao Diretor do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento.

4. – Rodrigo, ao recordar-se dos eventos ocorridos com Fernando, não parecia notar a solução de continuidade entre a existência daquele e a sua presente existência como uma nova personalidade. Para ele era como se tivesse adormecido Fernando e acordado Rodrigo, de um dia para o outro.

Este fato se patenteou, de maneira marcante, no acidente do rio. Ao perguntar à sua mãe se ela se recordava da ocasião em que “ele chegara em casa todo molhado”, Rodrigo o fez, certo de que o fato houvera ocorrido

com ele próprio. Foi preciso D. Eulina esclarecê-lo, explicando que o acidente se dera com o Fernando e não com ele.

Tal detalhe é de grande relevância para o estudo da reencarnação. Vemos, no caso de Rodrigo, o aspecto marcante do fenômeno de transição da carga psicológica de uma encarnação para a outra, no processo reencarnatório. Os budistas denominam sankharâ ou samskharâ a referida herança psicológica que passa de uma personalidade à outra no fenômeno do renascimento. O problema do karma tem implicação com a transferência dos sankharâs, no processo da reencarnação. O sankharâ determina grande parte do karma dos indivíduos.

5. – Quando Rodrigo nasceu, o credo religioso de seus pais não incluía a reencarnação como dogma. A mãe era católica. O pai era ateu, não professava nenhuma religião; provavelmente de ascendência católica, pois era espanhol. D. Eulina também era nascida na Espanha, país tradicionalmente católico.

Diante desse fato, pode ter-se a certeza de que Rodrigo não fora induzido, por razões religiosas da família, a afirmar que ele era o Fernando que voltara novamente. Suas declarações neste sentido, quando era ainda uma criança, foram inteiramente espontâneas.

Somente mais tarde, os pais de Rodrigo chegaram, diante dos fatos, a aceitar a possibilidade de Fernando haver renascido como Rodrigo. Sob a influência do Sr. Farina, seu vizinho, o Sr. Jesuíno e D. Eulina passaram a admitir a plausibilidade da reencarnação, como explicação para o comportamento de Rodrigo.

Entretanto, unicamente depois de Rodrigo haver manifestado aquele comportamento tão estranho, que seu pai se viu na contingência de buscar explicações para tal situação. Aí então, o Sr. Jesuíno procurou esclarecer-se com o Sr. Farina e tornou-se espiritualista.

6. – Durante a entrevista do dia 3 de maio de 1975, fizemos ao Sr. Rodrigo as seguintes perguntas:

HGA – Este fato de o senhor ser protagonista de um caso que sugere reencarnação parece-lhe realmente verdadeiro, uma ocorrência de reencarnação mesmo, ou uma captação telepática do pensamento de seus pais e de sua irmã Antônia?

Rodrigo – Não, para mim é de fato reencarnação. Foi a vivência do fato. Naquele momento em que protestei, na hora em que minha mãe estava

fazendo as coroas de flores e disse que uma coroa era para o Fernando, eu respondi que não...

HGA – Mas, no momento em que ela fazia a coroa, é evidente que ela estava fixada, pensando no Fernando, na morte do Fernando...

Rodrigo – Não seria só no Fernando e sim nos outros da família também.

HGA – E o senhor, na ocasião, sentia-se como sendo o Fernando?

Rodrigo – Sim.

HGA – Tinha, o senhor, certeza absoluta de que era a personalidade dele?

Rodrigo – Sim, tanto é que descrevi a pessoa e disse que era mais alto quando eu havia falecido.

Neste rápido diálogo temos a opinião do próprio paciente, a respeito da sua sensação íntima. Ele sempre afirmou, nas mais diversas situações, especialmente quando criança, que ele era o Fernando. Depois de adulto, ainda mantém a mesma convicção. Ele está firmemente convencido de que é a reencarnação do irmão falecido.

7. – Dos sete aos doze anos de idade, Rodrigo teve um sonho que se repetiu cerca de oito vezes, sempre o mesmo: “Era um galo vermelho cantando sobre uma pilha de lenha muito alta; apenas isto.” Ele afirmou que não descobriu a significação deste sonho.

Entretanto, a cessação deste sonho coincidiu com a idade de 12 anos, quando a maior parte de suas recordações reencarnatórias se dissipou, restando apenas umas poucas mais marcantes. Pensamos que o sonho recorrente, do galo cantando sobre a pilha de lenha, tenha alguma ligação com o episódio da galinha de estimação (ver item 6 da Tabela de Recordações).

8. – Segundo informação de D. Antônia, Rodrigo, quando criança, tinha os mesmos traços de caráter e o mesmo comportamento de Fernando. A pequena diferença estava em que Rodrigo, aproximadamente aos dois anos de idade, tinha momentos de abstração, que preocupavam D. Eulina. Nestas ocasiões, sua mãe procurava atrair sua atenção para qualquer outra coisa.

Pela descrição de D. Antônia, não se tratava de nenhum estado de transe, e sim de uma espécie de ligeira distração, como alguém que está cismando, pensando... Não mencionou a ocorrência de convulsão ou estremeção de qualquer natureza. Era um cismar tranquilo de quem está

meditando em alguma cena qualquer. Estas distrações desapareceram logo que Rodrigo passou a identificar-se com Fernando.

9. – Merece destaque a passagem em que Antônia, logo após a morte de Fernando, passou a vê-lo à noite, tal qual ele fora em vida. Vamos repetir as palavras de D. Antônia, quando a entrevistamos dia 4 de junho de 1975:

— “Não era sonho, eu via mesmo. Toda vez que eu me deitava, dormia um pouco e, lá pelas onze horas ou meia-noite, eu acordava e via quando ele subia na caminha, me abraçava e deitava comigo, como ele fazia quando dormíamos juntos, pois éramos bem pequenos...”

Pela descrição do episódio, feita por D. Antônia, pode concluir-se que, pelo menos em uma das vezes em que o fato se deu, ela não estava dormindo e sim bem desperta. Foi quando, assim que ela avistou o irmão, chamou o pai para que este também visse o Fernando junto à sua cama. Neste momento o garoto disse: “Psssiuuu! Você falou ao papai? Eu não venho mais!”

Depois disso, ele desapareceu e não voltou mais. Fazia uma semana que ele realizava essas visitas à irmã.

* * *

HIPÓTESES EXPLICATIVAS PARA AS RECORDAÇÕES E O COMPORTAMENTO DE RODRIGO

À primeira vista, parece óbvio que o presente caso seja uma ocorrência bem evidente de reencarnação. Entretanto, antes de chegar-se a uma semelhante conclusão, faz-se mister examinar cuidadosamente todas as hipóteses que poderiam explicá-lo, também. Vamos, portanto, passar em revista as mais correntes e que são comumente evocadas para justificar casos como este, que sugerem reencarnação.

FRAUDE DELIBERADA

Esta é a hipótese inicial, a qual deve ser sempre lembrada em primeiro lugar devido ao seu caráter eliminatório decisivo.

Parece-nos que, no presente caso, nada há que possa sugerir uma suspeita de fraude. As primeiras manifestações do fato deram-se aproximadamente em 1926, portanto cerca de 49 anos antes de serem comunicadas ao IBPP. A comunicação foi feita, espontaneamente, por uma

vizinha da irmã do paciente. Não houve nenhuma intenção, por parte do paciente ou da família deste, de divulgar os fatos. É evidente que não visaram a nenhum benefício com o despertar do interesse do IBPP, pois é público e notório que este Instituto não tem finalidades lucrativas e nem oferece quaisquer vantagens pecuniárias ou de outra espécie aos seus pacientes.

A possibilidade de obter fama ou reconhecimento público também está fora de cogitação, pois o paciente e seus familiares optaram pelo anonimato.

Tratando-se de pessoas honradas e bem situadas econômica e financeiramente, não iriam criar uma fantasia desta ordem. Além disso, a carta dirigida pelo Sr. Jesuíno Vilares Marques ao Diretor do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, em 5 de janeiro de 1928, é uma garantia ponderável da autenticidade dos fatos apurados nesta pesquisa.

Não acreditamos que a hipótese de fraude deliberada possa explicar o presente caso.

INFORMAÇÃO DIRETA - CRIPTOMNÉSIA

Apesar das providências da família de Rodrigo, no intuito de apagar os indícios que os fizessem reviver a tragédia sofrida, é possível que uma ou outra vez viessem à baila os episódios concernentes aos dois garotos falecidos. Alguns comentários sempre deveriam ter ocorrido. Rodrigo cresceu neste meio e deve ter recebido, uma ou outra vez, algumas informações acerca de Cristiano e de Fernando. O mesmo poderia ter acontecido em relação à falecida avó paterna e à casa em que viveram anteriormente.

Estas informações, embora reduzidas e esparsas gravaram-se na memória do Rodrigo, passaram ao seu subconsciente, ocultaram-se ali sob a forma de uma criptomnésia. Mais tarde, emergiram como lembranças que foram dramatizadas, dando a Rodrigo a impressão de ser ele o Fernando.

Esta hipótese parece servir para explicar este caso. Mas, vejamos quais os seus pontos falhos e duvidosos, que a enfraquecem sobremaneira.

Inicialmente, ela não explica cabalmente por que Rodrigo escolheu, para representar, a personalidade do Fernando e não a do Cristiano. Seria por causa dos pertences de Fernando, que ter-lhe-iam suscitado a cobiça? Seguramente não, pois ele apenas reivindicava seu direito à posse de alguns pouquíssimos objetos que pertenceram ao Fernando, mas não tentava tomá-los para si. Unicamente insistia em convencer os pais de que ele era o

Fernando. Punha-se nas pontas dos pés, elevava uma das mãos sobre a cabeça e dizia: “eu era o Fernando e eu era grande assim.”

Quando D. Eulina procurava esclarecê-lo de que ele era o Rodrigo e não o Fernando, o menino respondia que “já sabia”, mas que “houvera retornado como Rodrigo, apesar de ter morrido e ter sido levado embora em um caixãozinho.” Ele mostrava recordar-se, de maneira dramática, do seu funeral. Isto, a hipótese da criptomnésia não explica decisivamente, como não explica o episódio das coroas de finados.

Ao ouvir os nomes das pessoas a quem se destinavam as coroas, ele apenas vetou o nome do Fernando, dizendo: “Tem muito mamãe!” “...Era eu mamãe!” “ Eu estou aqui, não preciso de coroa.” (Ver item 10 da tabulação). Este comportamento por parte de uma criança de três anos não nos parece bem explicável pela hipótese da criptomnésia. Lendo-se todo o item 10 da tabulação, percebe-se claramente que o Rodrigo não estava apenas tendo reminiscências de supostas conversas ocorridas entre seus familiares a respeito dos falecidos garotos. Levando-se em conta a sua tenra idade, a atitude dele era a de quem naturalmente se recordava de uma real vivência quando fora a personalidade de Fernando.

O episódio da queda no rio (item 11 da tabulação) também é pouco explicável pela criptomnésia. A naturalidade da pergunta feita à mãe por Rodrigo, se ela se recordava de quando ele caíra no rio, é típica de alguém que houvera vivido o acidente. A simples informação eventualmente captada de conversas ouvidas não seria capaz de, mais tarde, dar ao paciente a nítida sensação de ter sido ele o protagonista da cena que se passou com outra pessoa.

Mesmo depois de adulto, o Sr. Rodrigo declarou-nos que sua recordação deste acontecimento era a de ter sido ele mesmo quem caíra no rio, chegara em casa todo molhado e encontrara sua mãe passando roupa com ferro de brasa. Houve outro companheiro que sofreu, junto com Fernando, o mesmo acidente. Entretanto Rodrigo não confundiu a sua personalidade com a do parceiro. Sua confusão foi a respeito da pessoa que os salvara. Ele disse à sua mãe que fora o “Bartolo da D. Brígida”, e sua própria mãe o corrigiu.

Ainda que, para muitos adeptos de uma explicação reducionista, a hipótese da criptomnésia pudesse ser preferível para justificar os itens 10 e 11, anteriormente focalizados, há um episódio que foge inteiramente a semelhante possibilidade: É o do item 9 da tabulação. Este item refere-se ao

intenso horror manifestado por Rodrigo, ao entrar na antiga casa, especialmente ao avistar o quarto onde falecera seu irmão Fernando.

Esta fobia não se justificaria, jamais, pela criptomnésia, especialmente em uma criança de três anos, e nas condições em que o fato se deu. Era a primeira vez que Rodrigo visitava aquela casa. Não havia nenhuma experiência prévia que pudesse, nesta existência, tê-lo predisposto a tamanha reação de terror, ao ali entrar na companhia da mãe e da irmã. Uma fortuita informação, captada de conversas familiares e sepultada no inconsciente, dificilmente levaria um menino de três anos a ter semelhante reação à vista de um quarto que nunca antes contemplara. Seria fazer excessiva concessão a uma mera hipótese de trabalho, sem apoio consistente em razoável número de evidências observacionais e experimentais.

TELEPATIA – (ESP)

Teria, Rodrigo, captado extrassensorialmente as imagens mentais da mãe, da irmã, ou do pai?

Esta é outra hipótese de trabalho que costuma evocar-se para explicar tais manifestações que sugerem reencarnação.

Antônia era muito apegada ao Fernando, pois chegara a ter aparentes alucinações em que via o falecido irmão vir, à noite, deitar-se com ela. Sua ideia fixa na figura e no modo de ser do Fernando não teria, de certa forma, sido captada por Rodrigo, de quem era a pajem e a companhia constante? Esta captação dar-se-ia ao nível do inconsciente e emergiria sob forma de comportamento, induzindo, mesmo, o Rodrigo a identificar-se com o Fernando. Não haveria tal possibilidade?

O episódio da “galinha de estimação”, por exemplo, (item 6 da tabulação) poderia ter sido percebido telepaticamente, pois parece ter emocionado muito a Antônia e os seus pais. A emoção é captável telepaticamente, talvez com maior facilidade do que as ideias.

Os itens 4, 5, 7 e 12, da tabulação seriam talvez explicáveis pela hipótese da telepatia.

Entretanto os itens 1, 2, 3, 8, 9, 10 e 11. não seriam justificáveis pela telepatia, especialmente os itens 9, 10 e 11, que abordamos na parte correspondente à criptomnésia. É importante observar que o comportamento de Rodrigo não consistia apenas em meras aflorações de ideias e imagens eventualmente captadas por uma criança que, até os três

anos, obtivesse telepaticamente informações de seus parentes. Ao contrário, ele se apresentava como sendo o Fernando que morrera e retornara à vida novamente. Ainda mais (ver item 10), quando sua mãe lhe disse que ele não era o Fernando e sim o Rodrigo, ele esclareceu: “Mamãe eu me lembro quando morri. Os homens me levaram, mas a senhora me chamou muito, me chorou, a manita (Antônia) chorava e eu voltei!”

Pelo que acabamos de expor, a hipótese da telepatia dificilmente explicaria totalmente o caso de Rodrigo. Ela é notoriamente inadequada.

MEMÓRIA GENÉTICA

Esta hipótese, já foi exaustivamente analisada nos casos anteriores, especialmente no de Simone (pp. 86-101). Baseia-se na suposta possibilidade da transmissão, à posteridade, das experiências psicológicas adquiridas por um animal, no curso de sua vida que antecedeu ao nascimento dos seus descendentes.

No presente caso, os pais de Rodrigo ter-lhe-iam transmitido a experiência por eles adquirida no convívio com o Fernando. Assim, Rodrigo teria recebido de seus pais, por via genética, a informação a respeito de Fernando.

A primeira objeção seria: por quê não lhe foram transferidas, também, as informações adquiridas pelos pais relativamente ao Cristiano, à Antônia e demais familiares e amigos?

Mesmo que se tornasse demonstrada a possibilidade de uma herança genética nessas condições, ela estaria sujeita às mesmas objeções feitas às hipóteses examinadas anteriormente: a criptomnésia e a telepatia. Como vimos, elas não são suficientes para cobrir todos os itens da tabulação.

INCORPORAÇÃO MEDIÚNICA

Vamos examinar a possibilidade de ter ocorrido uma manifestação do Espírito de Fernando, através de Rodrigo, por via mediúnica. Esta hipótese implica a sobrevivência e a comunicabilidade do Espírito de uma pessoa falecida. Ela é contestada pelos materialistas e por certas correntes religiosas; especialmente quanto à possibilidade de o Espírito comunicar-se por meio de uma incorporação mediúnica.

Mas, como hipótese de trabalho, ela serviria aos que negam a possibilidade da reencarnação em geral ou, particularmente, para o caso que estamos analisando.

Considerando-se que Rodrigo, um pouco antes de manifestar a personalidade de Fernando, tivera um pequeno período em que às vezes ficava absorto, como que alheado ao ambiente e pensativo, poderia supor-se estar ele em uma espécie de transe mediúnico, incorporado pelo Espírito de Fernando. Daí poderia concluir-se que, em dados momentos, o Fernando se apossasse do Rodrigo e passasse a manifestar sua personalidade, com suas maneiras e suas recordações.

Esta hipótese falha ao explicar certos aspectos dos episódios assinalados na tabulação. Além disso, os momentos de abstração do Rodrigo não se assemelhavam, de forma alguma a um transe mediúnico. Segundo informou-nos, D. Antônia, esses momentos eram fugazes e não se faziam preceder de nenhum dos costumeiros sintomas de uma incorporação e muito menos de uma possessão. Outro ponto importante era o fato de D. Eulina despertá-lo imediatamente, chamando-lhe a atenção para alguma coisa qualquer (ver item 1).

Logo que Rodrigo começou a falar, os seus devaneios cessaram. Em nenhum dos episódios assinalados, seu comportamento foi precedido de qualquer manifestação que pudesse interpretar-se como um estado alterado de consciência. Suas identificações com a personalidade de Fernando eram espontâneas, adequadas à situação, e não extemporâneas.

Ao contrário do que sucede com as comunicações mediúnicas, a recordação dos eventos e a sua identificação com o falecido irmão eram permanentes. Em certo aspecto durou até a ocasião em que entrevistamos o paciente, quando ele já contava mais de cinquenta anos de idade. E nesta oportunidade, pudemos verificar, com absoluta segurança, não achar-se, o Sr. Rodrigo, em estado de transe mediúnico. Todavia ele nos informou, com toda a naturalidade, que não percebia solução de continuidade entre a personalidade de Fernando e a sua, quando nos relatou o episódio da queda no rio (item 11).

Outro ponto de importância é o fato de Rodrigo nunca haver manifestado, durante toda a sua vida, qualquer indício de mediunidade de incorporação. Ora, se na meninice ele já tivesse este dom, seria impossível que tal faculdade não se apresentasse pelo menos alguma vez, na adolescência ou depois de adulto.

A hipótese da incorporação mediúnica, ou da possessão permanente, não nos parece viável para explicar o presente caso.

REENCARNAÇÃO

A hipótese da reencarnação envolve a admissão da sobrevivência de algum outro fator que fazia parte do ser, quando vivo. Este fator poderia, genericamente, ser identificado com um Espírito. Ele conservaria o estoque de informações adquiridas pela personalidade durante a vida corporal. Uma vez perecido o corpo físico, o Espírito o abandona, mas leva consigo a memória das experiências e a maneira de ser, que caracterizaram a personalidade do falecido. Em estado de liberdade, o Espírito continua a manter íntegra a sua identidade.

Após um período de tempo que varia desde alguns instantes até séculos, o Espírito deverá retornar outra vez à experiência carnal. Ele voltará a renascer em outro corpo físico, passando a constituir outra personalidade sucessora da anterior. Mas as experiências adquiridas anteriormente não se perdem. Ficam arquivadas na individualidade (Espírito) e poderão influir na nova personalidade que se está formando.

Em certas circunstâncias, as informações estocadas na memória subconsciente da individualidade espiritual poderão aflorar, em forma de “memória extracerebral”, na nova personalidade. Têm-se, então, as manifestações de comportamento e de lembranças reencarnatórias, isto é, oriundas da personalidade prévia. Presume-se que algumas circunstâncias poderão propiciar tais emersões mnemônicas de origem reencarnatória. Poderíamos enumerar algumas: morte violenta precedida de intenso terror; morte na fase infantil, seguida de curto período de intermissão, isto é, sucedida por um reencarne quase imediato (caso de Rodrigo); vida caracterizada por sucessos muito marcantes, felizes ou infelizes, seguida de curto período de intermissão após a morte; necessidade de retorno muito breve (intermissão curta) visando a concluir tarefa ou missão importante; reencontro com fortes laços de afeição, ou com violentos sentimentos de ódio, entre pessoas que foram protagonistas de dramas, tragédias e disputas; etc.

No caso de Rodrigo, a hipótese da reencarnação poderia justificar todos os itens da tabulação sem exceção, sobretudo os itens 9, 10 e 11 que resistiram a todas as demais hipóteses. De todos estes, o mais difícil de explicar pelas outras hipóteses é o 9 (nove). Entretanto, seria plenamente esclarecido pela hipótese da reencarnação. Seria o mais facilmente explicável.

CONCLUSÃO

A análise do presente caso destacou uma coleção de 12 itens, componentes da Tabela de Recordações da Paciente. A aplicação das hipóteses de fraude, criptomnésia, telepatia, memória genética e incorporação mediúnica mostrou a insuficiência de todas elas, para explicar cabalmente os referidos doze itens da citada tabulação.

Todavia, a hipótese da reencarnação facilmente justifica os referidos doze itens, sem exceção. Em vista disso, optamos pela hipótese da reencarnação, até que uma outra explicação melhor possa surgir e competir com esta.

Capítulo V - O caso Rogério x Manoel Jerônimo

INTRODUÇÃO

O caso Rogério x Manoel Jerônimo é do tipo classificável como resolvido, pois ambas as personalidades, a atual e a prévia, são conhecidas.

A personalidade atual é o menino de cor branca, Rogério Fernando Borges de Carvalho, nascido no dia 16 de julho de 1977, na cidade de Franca, Estado de São Paulo. Até a data da nossa entrevista, dia 6 de setembro de 1984, Rogério mostrava lembrar-se de sua anterior encarnação, identificando-se com a personalidade prévia e comportando-se de maneira a deixar perceber claramente que, por trás de sua aparência infantil, existia, ainda latente, aquele outro personagem que ele teria sido no passado.

A personalidade prévia, que Rogério alega haver sido, era o falecido preto curandeiro chamado Manoel Jerônimo Rodrigues Nunes, nascido em 1862, na cidade de Itirapuã, Estado de São Paulo, e falecido no distrito de Miramontes, da cidade de Franca, em junho de 1945. Ele morou durante muitos anos em Miramontes (antigo Arraial das Covas) e era ali conhecido pelo apelido: Mané Jerônimo.

Segundo informações colhidas de pessoas que o conheceram, Manoel Jerônimo, um a dois anos antes de falecer, fora picado na perna esquerda por uma cobra (Urutu = *Lachesis alternatus*). Acudido a tempo, recebeu tratamento na Santa Casa de Franca. Como seqüela do acidente sofrido, Manoel Jerônimo adquiriu uma enorme úlcera na parte anterior da perna. A ferida devia doer-lhe, obrigando-o a mancar e a usar muletas para andar. Posteriormente, a chaga deve ter-se infeccionado, resultando daí o agravamento da lesão e posterior falecimento do pobre homem, ao 83 anos de idade.

Manoel Jerônimo tinha fama como curandeiro e parecia viver deste expediente, pois era muito conhecido e estimado, graças às curas que efetuava usando ervas e benzeduras. Para benzer, ele valia-se das virtudes milagrosas de uma pequena imagem de Nossa Senhora da Aparecida, à qual votava especial devoção. Pouco antes de expirar, entregou a estatueta da santa ao seu irmão e vizinho, Antônio Nunes da Silva, por alcunha Cinza, recomendando-lhe: “Guarda a minha santinha quando eu morrer; qualquer dia eu venho buscar a santa.”

O Cinza conservou a estatueta, cuidadosamente, junto com outras imagens do seu oratório. Ele também era curador e benzedor, devotando-se àqueles objetos sagrados para suas rezas.

Antônio Nunes da Silva (Cinza) nasceu no dia 8 de março de 1894, e faleceu em 1984, com 90 anos de idade, em Miramontes, onde morou até o fim de sua vida. Quando seu irmão Manoel Jerônimo morreu, Cinza já contava 51 anos de idade. Ambos residiam em casebres de taipa e pau-a-pique, próximo à entrada do distrito de Miramontes, o qual dista de Franca cerca de 6 km. Eram muito pobres.

A personalidade atual, o menino Rogério, é filho do Sr. Carlos Borges Carvalho, nascido a 16 de março de 1938, na cidade de Franca, Estado de São Paulo, e de D. Maria Aparecida Borges de Carvalho, nascida a 30 de novembro de 1943, na cidade de Ibiraci, Estado de Minas Gerais.

Os pais do Sr. Carlos Borges moraram, durante algum tempo, em Miramontes e lá conheceram o Manoel Jerônimo. Quando o Sr. Carlos Borges nasceu, em 1938, seus pais já se haviam mudado para a Vila Raycos em Franca. Entretanto, como Carlos Borges, em criança, tivera problemas de saúde, eles valeram-se da ajuda do Manoel Jerônimo, confiando o filho aos seus cuidados. Quando Manoel Jerônimo faleceu, Carlos Borges tinha apenas 7 (sete) anos de idade.

D. Maria Aparecida é casada em segundas núpcias com o Sr. Carlos Borges. Do primeiro matrimônio ela teve cinco filhos, dos quais um morreu. Da segunda união, após casada com o Sr. Carlos Borges, ela teve seis filhos. Destes ela perdeu dois. O Rogério é o penúltimo filho do segundo casamento.

Na ocasião em que entrevistamos o Rogério, em 6 de setembro de 1984, ele era um menino um tanto franzino, mas muito comunicativo. Demonstrava certa gravidade no falar, porém não era loquaz e empregava o vocabulário infantil, próprio da sua idade e nível social. Rogério frequenta o pré-primário na escola, mas seu aproveitamento tem sido obstado pelas repetidas crises de bronquite, que o obrigam a perder as aulas, dificultando-lhe o acompanhamento regular do curso. Entretanto, mostra-se normalmente inteligente para sua idade e condições em que se vem desenvolvendo. O que o diferencia das demais crianças de sua faixa etária é o seu comportamento, conforme iremos ver no desenrolar do presente relato.

Fomos informados acerca deste caso, através de uma série de artigos publicada pelo Dr. Agnelo Morato no periódico espírita, A Nova Era, da cidade de Franca, nos números de outubro e dezembro de 1982, janeiro e fevereiro de 1983.

Dr. Agnelo Morato é um filantropo, cirurgião dentista, funcionário público aposentado e escritor. Mora em Franca, onde é pessoa respeitadíssima pela sua cultura e humanitarismo. Em 1981 ele teve informações sobre o caso de Rogério, pela Sra D. Clarice Barros Garcia, integrante da Diretoria do Centro Espírita “Francisco Borisi”, de Vila Nova, em Franca. Ao inteirar-se do caso, Dr. Agnelo Morato foi também consultado pela mãe do paciente, a conselho do médium Sr. Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier), de Uberaba. Eis as palavras do Dr. Agnelo Morato, ao iniciar seu primeiro artigo, no número de outubro de 1982, de A Nova Era:

— “Antes, porém, de termos sido procurados para tomar conhecimento dessa história, a mãe de Rogério procurou orientação com Chico Xavier, em Uberaba (MG). E esse, naturalmente, por seu volume anormal de trabalhos, pediu à genitora do garoto que nos procurasse, bem como a professora Leonor Neves Gomes, a fim de que pudéssemos dar cobertura ao referido fato. Desse modo, vieram-nos as informações sobre o ‘Caso do Menino Rogério’, um a mais para a literatura espírita sob incidências comuns destes últimos tempos.”

O Dr. Morato fez uma pesquisa sobre o caso Rogério, inquirindo várias testemunhas, inclusive os pais do menino. Obteve um caderno onde a mãe do garoto anotou os eventos ocorridos desde que ele começou a manifestar explicitamente as suas recordações reencarnatórias. Os artigos do Dr. Morato contêm a essência das anotações da mãe de Rogério, acrescidas das demais informações obtidas diretamente em vários contatos com testemunhas, com o paciente e com o irmão da personalidade anterior, o Cinza. Este último, infelizmente, faleceu em 1984, antes que pudéssemos, também, entrevistá-lo pessoalmente, pois só pudemos ir a Franca, em 1984, para investigar este caso, poucos meses após o falecimento do Cinza.

Todavia, os detalhes mais importantes do fato foram cuidadosamente preservados graças à inteligência e generosidade do Dr. Agnelo Morato, a quem devemos a possibilidade de incluí-los neste trabalho. Logo que lemos o primeiro artigo sobre o caso do menino Rogério, escrevemos ao Dr. Morato, solicitando um relatório, fotografias e mais elementos elucidativos,

no que fomos prontamente atendidos, inclusive autorizados a valer-nos de seu valioso trabalho de pesquisa.

Desse modo, qualquer mérito que possa ter este capítulo de nossa obra, deverá ser creditado ao Dr. Agnelo Morato.

Vamos, agora, passar à narração dos fatos ocorridos, desde que o garoto Rogério começou a revelar a seus pais a sua identidade com o falecido preto curandeiro Manoel Jerônimo.

* * *

HISTÓRICO

AS PRIMEIRAS REVELAÇÕES

— “Meu filho, Rogério Fernando B. de Carvalho, nasceu no dia 16 de julho do 1977, na Vila São Sebastião, Bairro desta cidade. No dia do seu aniversário, em 1981, demos a ele uma festinha e convidamos seus amiguinhos para participar dessa comemoração em nossa casa. No dia seguinte a esse acontecimento marcante de minha vida, pois nunca pude oferecer aos meus filhos uma festinha de aniversário, surgiram muitas revelações por parte do meu filho Rogério. E no dia 18 de julho assistíamos a um programa de televisão, quando Rogério começou a dizer o seguinte: Seu nome era Manoel Jerônimo e dizia ser protetor do Sr. Carlos Carvalho, pai do Rogério.”

Este é o trecho do diário escrito em um caderno, pela mãe de Rogério e reproduzido pelo Dr. Agnelo Morato, em A Nova Era, número de 15 de dezembro de 1982.

Rogério informou, ainda, a seus pais que, quando era o Manoel Jerônimo, fora curador e, ao desencarnar em 1945, entregara uma santa (imagem) ao seu irmão Antônio Nunes da Silva (deu nome: Antônio Cinza). Disse que este último residia em Miramontes. Encareceu a seus pais que tinha necessidade de ir à casa do Cinza, em Miramontes, para recuperar a imagem de Nossa Senhora da Aparecida, que deixara em mãos dele ao morrer.

ROGÉRIO RECONHECE O LOCAL E O IRMÃO DE MANOEL JERÔNIMO

Instada pelo menino e após alguma relutância, sua mãe, acompanhada de outras pessoas, resolveu levá-lo a Miramontes, para satisfazer os seus insistentes pedidos. Eis como o Dr. Agnelo Morato descreveu o encontro do Rogério com o Cinza:

— “Tal a insistência sobre o mesmo assunto, que a mãe, em companhia de outros elementos ligados a esses relatos, seguiram para a Vila de Miramontes. O espanto, porém, foi maior para esses, quando viram o menino apontar para a rua onde estava a casa do Cinza, numa favela, perto de um campo de futebol. Ao chegar a esse local, Rogério entrou sem cerimônia e dirigiu-se ao Antônio Cinza (tido como benzedor do lugar). Ele

mesmo reconheceu o homem, naquela casa humilde, e explicou que ali fora buscar o objeto que lhe confiara há mais de trinta anos! Indicou em um canto, onde estava um altar com oratório, com diversas pequenas estatuetas de santos, a que lhe pertencia. Tomou-a e acrescentou ao curador: ‘Eu também fui curador e preciso corrigir muitas coisas. Com essa imagem você não vai ganhar mais dinheiro. Isto é um pecado muito grande...! Interessante, o Cinza não discutiu nada e nem reclamou coisa alguma da criança. Deixou que ela tomasse a estatueta e a retirasse de sua casa. Contou, dias após, a mãe de Rogério, que logo que eles saíram, o Antônio Cinza ajoelhou-se no chão batido de sua casinha e começou a chorar e pronunciou estas imprecações: ‘Meu Deus, como é que esse menino soube disto?!’”

Em um trecho das anotações do caderno, feitas pela mãe do Rogério, há a seguinte passagem também concernente à visita que fizeram ao Cinza:

— “Após alguma relutância fomos até o local indicado pelo meu filho Rogério e esse mostrou a casa em que morava antes de sua última encarnação. Antônio Cinza não duvidou do menino e disse que era isso mesmo: Seu irmão Manoel Jerônimo, que era também benzedor e curador, disse que viria buscar aquela imagem. Nesse dia, ao retornar à nossa casa, houve uma coisa que me deixou muito admirada. Meu filho mais velho havia ferido a vista esquerda com um galho e o olho estava muito congestionado. Rogério colocou a sua mãozinha sobre o lugar do ferimento e horas depois o meu rapaz dormiu e, no outro dia, estava curado!”

A CISTERNA

Nesse dia da visita ao casebre do Antônio Cinza, Rogério conversou longamente com ele, lembrando alguns episódios passados. Entre os fatos recordados, Rogério referiu-se a uma cisterna que existira em determinado local, então já completamente aterrada e sem vestígios. O Cinza confirmou o fato e explicou que aquele poço sofrera um desmoronamento, pondo em risco a segurança das pessoas dali. Isso obrigou-o a aterrá-lo, abrindo nova cisterna em outro lugar.

Em outra visita feita pelo Dr. Agnelo Morato à casinha do Antônio Cinza, ele fez-se acompanhar pelo Rogério, sua mãe D. Maria Aparecida, e o fotógrafo Jair Barbosa. A data dessa entrevista foi 20 de dezembro de 1982.

Nesta ocasião, Antônio Cinza confirmou as alegações de Rogério, de que Manoel Jerônimo morrera por volta de 1945, devido a uma picada de cobra, Urutu (*Lachesis alternatus*). Contava então 83 anos de idade.

Quando o Dr. Agnelo arguiu o Cinza, a respeito do que ele achava do Rogério, ele benzeu-se três vezes e falou calmo, em seu próprio linguajar de preto-velho:

— “Óia moço, sô católico. Só sei dizê que esse menino veio aqui e falô p’ra mim coisas que só eu e o finado mano sabíamo. Num credito que é ele não. Deve sê o espirito do Mané Jeromo que assombra nos ovido (ouvido) desse menino.” (sic).

Dr. Agnelo Morato, então, dirigiu-se ao Rogério e procurou saber deste onde ficava a antiga cisterna que fora aterrada. Eis as palavras do Dr. A. Morato:

— “Escuta Rogério, você me afirmou que aqui perto da casa ficava uma cisterna. Onde fica esse poço? Ele nos tomou pela mão e nos levou para um lado do casebre e apontou o lugar: ‘A cisterna tava aqui tio...’ E nós lhe falamos novamente: ‘Mas aqui não tem sinal de cisterna, Rogério’. Nesse ínterim, Antônio Cinza interveio: ‘O menino tá certo, capitão. Aí tinha uma cisterna. Ela desmoronô e precisei entupi tudo p’ra ninguém caí dentro dela...’” (Sic).

Diz o Dr. Morato que, logo após, o Cinza e o Rogério mantiveram um diálogo a meia voz, que não lhe foi possível entender bem. Observou que a criança balançava a cabeça, como a concordar com o que o preto lhe dizia.

DEPOIMENTO DA PROFESSORA LEONOR NEVES GOMES

Dr. Agnelo Morato submeteu um questionário à Professora Leonor Neves Gomes, figura proeminente na sociedade francana, Diretora do “Nosso Lar Espírita” da cidade de Franca, que abriga uma centena de crianças menores, além de velhinhas e criaturas deficientes. A Professora Leonor esteve junto aos pais de Rogério, bem como presenciou diversos episódios em presença do Rogério e do Antônio Cinza. Transcrevemos, a seguir, o referido documento:

1. – D. Leonor, a senhora pesquisou de perto o caso do menino Rogério Carvalho?

R. – Fui informada pela mãe de Rogério, de suas reminiscências, em contato que tivemos no Centro Espírita “Esperança e Fé”. Após esse

encontro, estive em sua casa algumas vezes, buscando uma conversa com o menino. Mas este tem estas recordações espontaneamente e nesses momentos é que Rogério revela à sua mãe suas lembranças do passado e que, aliás, tivemos oportunidade de comprovar.

2. – Qual a dedução que sua observação permite concluir em contato com esse caso?

R. – Embora seja abundante o material que nos chegou ao conhecimento, o que nos foi dado observar se nos apresenta de clara autenticidade. Rogério lembra-se, com detalhes, de sua antiga casa (aliás um casebre), de seu nome****, de sua morte, de sua enfermidade na perna, da imagem da Santa que ele possuía e com a qual fazia suas benzeções. Tudo isso pudemos comprovar em visita que fizemos à sua antiga casa e ao Sr. Antônio Nunes da Silva (Cinza), que foi seu irmão na anterior encarnação.

3. – Sobre o Cinza, que nos pode dizer? Ele é normal?

R. – De cor preta e de idade avançada, condição muito humilde, o senhor Antônio Cinza é uma pessoa ainda muito consciente, lúcido e perfeitamente normal. Recorda, com detalhes, os fatos passados e narrados pelo menino.

4. – Ao avaliar as informações do Cinza e do menino Rogério, conclui-se ser um caso de reencarnação?

R. – Estudando os dados apresentados, conclui-se ser um caso típico de reencarnação, que se deu após breve tempo de permanência do Espírito no espaço, após sua última desencarnação. Esta condição favorece suas lembranças, ou melhor, a anterior estada na Terra.

Nota (1) O menino Rogério, de cinco anos de idade afirma ter sido Manoel Jerônimo da Silva, vulgo “Mané Jerônimo”.

ENTREVISTA COM ROGÉRIO E SUA MÃE D. MARIA APARECIDA

No dia 6 de setembro de 1984, Eng^o Ney Prieto Peres, Professora Suzuko Hashizume e nós (HGA) entrevistamos, em Franca, o Rogério e sua mãe. Tal encontro tornou-se possível graças à valiosa colaboração do Dr. Agnelo Morato, que nos proporcionou todas as facilidades, inclusive generosa hospedagem. O Eng^o Ney Prieto Peres incumbiu-se da documentação fotográfica. A Professora Suzuko Hashizume cuidou do registro sonoro e gráfico da entrevista. Nós havíamos preparado um

questionário que serviu de roteiro para a entrevista. Algumas respostas foram dadas pela mãe de Rogério; outras fornecidas por ele próprio.

Vamos reproduzir esta entrevista, em sua parte essencial. As respostas de D. Maria Aparecida, mãe do paciente, serão indicadas pelas letras MA; as de Rogério, pela letra R.

1. – Quando o Rogério se referiu à personalidade anterior, dia 18/07/1981, teria ele dado o nome todo real, ou apenas a alcunha Mané Jerônimo?

MA. – Deu a alcunha Mané Jerônimo. Disse ainda que houvera cuidado de seu pai (Sr. Carlos Borges) quando este era pequeno. Ele chegou a dizer que se recordava das peraltices do pai em criança. De fato, o pai de Rogério foi um menino problemático e seus genitores solicitaram a ajuda de Manoel Jerônimo, na orientação do garoto, até os sete anos de idade.

R. – Quando eu consegui descobrir quem eu era, eu tinha quatro anos. Eu era preto e baixinho e nossa casinha era de taipa.

2. – Quando Rogério se referiu ao irmão, Antônio Nunes da Silva, ele deu o seu nome real ou apenas Cinza, ou somente Antônio?

MA – Ele falou Antônio Cinza. Nós fomos lá. Rogério, logo que viu, reconheceu a rua, sem saber e antes de ir lá. Ao chegar e encontrar o Cinza foi logo dizendo: “Eu vim buscar minha santa.” O Cinza ficou assustado, porque ele era católico e não podia entender o que estava se passando. Mas logo percebeu o que era, e deu a santa ao menino. Mas assim mesmo mostrou-se surpreso, especialmente quando o Rogério se referiu a vários fatos passados no tempo em que o Manoel Jerônimo vivia lá; por exemplo, quando ele perguntou por uma cisterna que havia ali em um certo lugar.

3. – Como o Rogério se conduziu ao achar-se em Miramontes, até encontrar a casa do Cinza? Ele a encontrou sozinho ou reconheceu-a somente quando a avistou?

MA – Encontrou-a com nossa ajuda. Mas quando avistou a casa, ele a reconheceu imediatamente. Quando era Manoel Jerônimo, ele morava ao lado da casa do Cinza.

4. – Qual a Santa Casa à qual Rogério se referiu?

MA – Referiu-se à Santa Casa de Franca. Disse que, quando a cobra o picou, ele foi tratado na Santa Casa, mas ficou, muito tempo depois, com uma lesão na perna.

R – Foi na perna esquerda, na frente (canela), um pouco abaixo da metade da mesma. Aqui assim...

MA – Rogério informou que foi tratado na Santa Casa. O Cinza disse que ele faleceu em sua própria casa. Não durou muito depois do acidente.

R – Eu andava de muleta, mancava muito e tinha de me sentar, porque a perna doía bastante. Eu desencarnei em casa mesmo. Na hora de morrer, falei com meu irmão: “Guarda a minha santinha quando eu morrer; qualquer dia eu venho buscar a santa.”

5. – O Rogério já teria visitado Miramontes alguma vez ou outra, antes dos 4 anos de idade?

MA – De jeito nenhum; nem eu mesma nunca fui lá. Meu marido sim, quando era pequeno, pois era afilhado de batismo do Manoel Jerônimo. Por esta razão, o Rogério fala em casa: “eu sou pai de meu pai.” Meu marido sofre do sistema nervoso, é doente. Parece que tem mediunidade não desenvolvida. Quando criança era muito rebelde. Então os pais valeram-se da ajuda de Manoel Jerônimo para a educação dele, até os sete anos de idade. Rogério lembra-se de quando tratava de meu marido e conta algumas passagens desse tempo, que são confirmadas pela minha sogra, mãe do Carlos (pai do Rogério).

6. – Pergunta dirigida ao Rogério: Que fazia Você, naquele tempo?

R – Eu fazia remédios com plantas e curava as pessoas. Eu benzia as pessoas que ficavam muito mal. Até hoje sei fazer remédios com aquelas plantas usadas antigamente. Eu me lembro, ainda, das pessoas que tratei, mas esqueci dos nomes. Vendo eu conheço.

7. – O Rogério teria ouvido, antes dos 4 anos, casos ou referências a Miramontes, ao Manoel Jerônimo ou a outras pessoas de lá?

MA – Não, não se faziam referências a Miramontes, Meu marido andou por lá quando era muito pequeno. A família dele mudou-se de lá, há muitos anos. Meu marido nem se lembra de quando o Manoel Jerônimo morreu; ele era muito criança e está, agora, com 45 anos.

8. – Como se comportou, o Rogério, quando, em sua última visita a Miramontes, soube da morte do Cinza?

MA – Ele teve um grande choque. Sentiu tanto que até adoeceu. Precisou ser internado no hospital, onde ficou cinco dias.

Ele sempre insistia em ir ver o Cinza. Todas as vezes que podíamos, nós o levávamos lá. Mas, ultimamente, já fazia um mês e meio que não se tinha uma oportunidade de ir a Miramontes com o Rogério. E ele estava

insistindo demais para ir ver o Cinza. Então mandei um dos meus filhos levá-lo lá. Quando chegaram, tiveram a notícia da morte. Fazia mais de mês que o Cinza havia sido enterrado.

O Cinza era muito agarrado com o Rogério. Fazia tudo para agradá-lo, embora fosse muito pobre.

9. – Como foi que se deu a primeira comunicação de Rogério, revelando que ele era o Manoel Jerônimo?

MA – Foi numa segunda-feira, às 8 horas da noite, mais ou menos. Nós estávamos vendo televisão, quando ele começou a falar: “Eu sou o Manoel Jerônimo; eu criei meu pai.” Aí ficamos surpreendidos, pois meu marido tinha mais de quarenta anos e o Rogério estava com quatro. Eu perguntei: “Mas como, meu filho? Ele respondeu: “Eu sou o Manoel Jerônimo; eu era um velho benzedor e curador; curei muita gente aqui em Franca.” Disse que havia curado o filho do Dr. Hygino, o qual era paralítico, não andava. Por isso o Dr. Hygino dera a ele um atestado e, então, o Manoel Jerônimo fazia suas curas e benzeções, sem ser incomodado pelas autoridades.

Depois, procuramos saber deste fato e tivemos confirmação.

10. – Foi o Rogério quem informou acerca da data do falecimento do Manoel Jerônimo? Foi confirmada a exatidão: 1945?

MA – Sim foi ele mesmo quem disse haver falecido em 1945. Foi o Dr. Agnelo quem confirmou a data, pois em casa ninguém sabia.

11. – O Rogério teria nascido com alguma marca ou qualquer sintoma, na perna que foi molestada pela picada da cobra que feriu Manoel Jerônimo?

MA – Não; não me lembro de ter ele nascido com qualquer sinal estranho nas pernas. Mas, às vezes ele tem sonhos com certas pessoas desconhecidas que o agridem e ele amanhece com dor na mesma perna e no mesmo lugar que se presume Manoel Jerônimo ter tido a ferida.

R – O lugar da ferida da cobra ficava aqui (mostrou a canela, um pouco abaixo da metade do comprimento da perna). É aqui que, às vezes, amanhece doendo. Na perna esquerda.

12. – O Manoel Jerônimo morreu logo depois da picada da cobra?

MA – Não; ficamos sabendo que a picada da cobra provocou uma lesão que durou algum tempo.

R – Eu andava mancando e com muleta. Fiquei muito tempo assim, mancava demais e, quando tinha de fazer qualquer coisa, precisava de sentar. A perna quase não me deixava fazer nada. Depois de algum tempo,

eu desencarnei. Desencarnei em minha casa. Quando eu morri eu falei assim com meu irmão: “Irmão quando eu desencarnar, Você guarde a minha santinha, porque um dia eu venho buscá-la.” E naquele dia que eu vim buscar, quando conversei em particular com ele, eu escolhi a santinha que estava com os outros santos escondidos no quarto dele.

13. – Como se comportava o Rogério, depois de haver revelado ser o Manoel Jerônimo?

MA – Ele quase não brincava com os outros meninos da idade dele. Queria que eu saísse com ele para tratar de outras pessoas doentes. Colhia plantas e raízes e dizia que elas serviam para curar essa ou aquela moléstia. Algumas visitas que iam em casa e que conheciam remédios caseiros confirmavam a exatidão do que o Rogério dizia a respeito das plantas curativas. Eu me preocupava com isso, receiando que ele induzisse alguém a tomar uma infusão de raízes ou ervas e causar algum dano à saúde da pessoa. Mas aconteceu, algumas vezes, de doentes terem insistido em experimentar as infusões de raízes ou ervas indicadas por ele e, para nossa surpresa, ficarem curados.

Ele saía pelo quintal ou arredores e colhia plantas e raízes. As pessoas entendidas confirmavam tratar-se realmente de remédios vegetais.

14. – (Pergunta ao Rogério) – Quando Você foi o Manoel Jerônimo, quem lhe ensinou estes remédios?

R – Não aprendi com ninguém; eu aprendi sozinho.

15. – Durante a sua gravidez, D. Maria Aparecida, teriam ocorrido alguns fatos relevantes?

MA – Nada de importante, nem sonhos nem avisos, apenas que, até os quatro meses de gestação, eu não sabia que me achava grávida. Quanto a desejos por alimentos ou bebidas, apesar de não beber de jeito nenhum, durante a gravidez eu senti forte atração por cerveja. Quanto à saúde, apenas tive aumento da pressão sanguínea.

16. – Como se comporta, o Rogério, com relação à sua vida passada?

MA – Agora ele está mais calmo e até meio levado, depois que passou a frequentar regularmente a escola. Mas antes ele se referia muito à sua vida anterior. Queria a todo custo, mudar-se para Miramontes e ir viver com o Cinza. Ficava abatido, perdia o apetite e não falava em outra coisa, chegava até a adoecer com a mania de querer ir ver o irmão – o Cinza – e o lugar onde viveu. Felizmente agora que está já há dois anos no pré-

primário, ele está mais tranquilo e falando menos no passado. Até há pouco tempo, ele ainda conservava a mania de benzer as pessoas doentes, mas até isso já está passando.

17. – (Pergunta ao Rogério) – Do quê Você gosta de brincar mais?

R – Gosto de brincar com carrinho, bicicleta e de médico.

MA – Temos notado que as “benzeduras” do Rogério produzem efeito curativo em algumas pessoas, especialmente em seus irmãos. Um filho meu de quinze anos foi curado, assim, de um problema da garganta.

18. – Quando Rogério se referia ao Manoel Jerônimo ele dizia eu ou ele?

MA – Dizia eu; eu sou o Manoel Jerônimo; eu era velhinho...

19. – Qual a opinião sua e de seus familiares, a respeito desse comportamento de seu filho? Creem que seja um caso de reencarnação mesmo, ou seja a influência do Espírito de Manoel Jerônimo?

MA – Nós acreditamos que seja realmente um caso de reencarnação. Procuramos verificar se o que ele dizia correspondia à realidade dos fatos e terminamos por convencer-nos de que era de fato um caso de reencarnação.

* * *

Termina aqui a nossa entrevista com D. Maria Aparecida e seu filho Rogério. Durante a conversa informal antecipando as despedidas, o Rogério dirigiu-se a nós e com a maior naturalidade falou o seguinte: “Se vocês forem a Miramontes, eu gostaria de ir junto; eu quero ir lá para ver o meu povo...” Com estas poucas palavras, Rogério revelou o seu apego ao lugar e ao restante da família do Cinza.

* * *

TABELA DE RECORDAÇÕES DO PACIENTE

1. – Aos quatro anos de idade, no dia 18 de julho de 1981, quando junto a seus pais e irmãos assistia a um programa de televisão, começou a dizer: “Eu sou o Mané Jerônimo; eu cuidei de meu pai quando ele era pequeno...”

O pai de Rogério, Sr. Carlos Borges de Carvalho, realmente, quando criança, esteve sob os cuidados de Manoel Jerônimo, até presumivelmente os sete anos de idade. Ele era um menino com problemas de comportamento, e seus pais valiam-se da ajuda do benzedor para melhorá-lo o gênio.

O Sr. Carlos Borges nasceu em Franca, na Vila Raycos, em 1938. Manoel Jerônimo faleceu em Miramontes, em 1945; portanto o pai de Rogério estava com sete anos apenas, nessa ocasião. O relacionamento entre ambos deve ter sido por um período de tempo pequeno, pois o Manoel Jerônimo, após o acidente da perna, teria ido poucas vezes a Franca, devido à distância e ao fato de ter ficado quase impedido de andar. Miramontes dista seis quilômetros de Franca.

A revelação de Rogério causou surpresa a seus pais, porque o Sr. Carlos, embora fosse seu afilhado de batismo, pouco sabia acerca do Manoel Jerônimo, a não ser da época em que conviveu com ele em pequeno. Ele ignorava, mesmo, a causa mortis do velho curandeiro, pois já faziam trinta e sete anos que este último havia falecido em sua casa, em Miramontes. D. Maria Aparecida não chegou a conhecer o Manoel Jerônimo, pois quando este morreu, ela vivia em Minas Gerais e tinha apenas dois anos de idade. Em vista disso, não havia comentários acerca do Manoel Jerônimo, no lar de Rogério.

2. – Disse que precisava ir a Miramontes para rever seu irmão ali residente, cujo nome era Antônio Cinza.

Ele deu apenas a alcunha do irmão, Antônio Cinza, cujo nome verdadeiro apurou-se, mais tarde, ser Antônio Nunes da Silva. Em Miramontes era conhecido pela sua alcunha e tido como curandeiro e benzedor, também.

Na ocasião em que Rogério se referiu ao Cinza, este já contava 88 anos de idade.

3. – Revelou que houvera sido curandeiro, quando em vida, e que tinha curado muitas pessoas e citou entre elas o filho de um médico, Dr. Hygino; por isso, possuía uma carta deste último, declarando a cura do filho, o que lhe permitia exercer tranquilamente o curandeirismo.

Dr. Agnelo Morato confirmou o caso do filho do Dr. Hygino. De fato, naquela época Manoel Jerônimo era conhecidíssimo em Miramontes e em Franca, onde ainda há algumas pessoas que foram curadas por ele.

Na entrevista do dia 6 de setembro de 1984, Rogério disse-nos que fazia remédios com plantas e curava as pessoas. Afirmou-nos que até hoje sabe fazer remédios com as plantas usadas por ele antigamente. Disse mais: “Eu me lembro, ainda, das pessoas que eu tratei, mas esqueci dos nomes. Vendo eu conheço.”

4. – Disse que havia falecido em 1945, em consequência da picada de uma cobra, e que fora socorrido na Santa Casa.

Esta data, 1945, foi dada pelo Rogério, aos quatro anos de idade. Só foi confirmada, mais tarde, pelo Dr. Agnelo Morato, pois na família do Rogério ignoravam quando Manoel Jerônimo havia falecido. Supunha-se, após as revelações de Rogério, que ele falecera na Santa Casa. Porém, o Dr. Agnelo Morato, depois de uma pesquisa no obituário do hospital, não encontrou menção da morte de Manoel Jerônimo, no citado ano e naquele nosocômio.

Posteriormente, em seguida ao encontro com o Antônio Cinza, ficou confirmada por este último a data e a causa da morte do Manoel Jerônimo. Realmente ele morrera em consequência da picada de uma Urutu (*Lachesis alternatus*). Não faleceu imediatamente, mas sim em consequência de infecção da ferida resultante do acidente.

Dr. Agnelo Morato soube, por intermédio do Prof. Celso de Toledo, ex-diretor do Grupo Escolar “Dr. Orlick Luz” de Miramontes, que Manoel Jerônimo “morrera na Santa Casa devido a uma infecção na perna e que essa ferida atribuiu-se à picada de cobra venenosa.” (MORATO, A. – A Nova Era, 15 de janeiro de 1983, p.2).

A informação do Prof. Celso de Toledo, embora indique erroneamente a Santa Casa como o local do óbito de Manoel Jerônimo, ajuda a esclarecer acerca do local onde ele teria provavelmente sido atendido logo após o acidente. De acordo com informações do Cinza e do próprio Rogério, Manoel Jerônimo veio a morrer em sua própria casa, depois de algum tempo de sofrimento devido à ferida na perna. Se não houvesse sido acudido, na Santa Casa, com soro antiofídico, não teria sobrevivido, pois a Urutu é uma cobra altamente venenosa.

5. – Ao dar sua identidade, Rogério disse a alcunha pela qual ele era conhecido no lugar: Mané Jerônimo, ou mais precisamente: Mané Jeromo.

De fato fora esta a alcunha pela qual o curandeiro era conhecido em Miramontes e Franca naquela época.

6. – Referiu-se a uma pequena imagem de Nossa Senhora da Aparecida, que Manoel Jerônimo entregara ao seu irmão benzedor, Antônio Cinza, alguns instantes antes de morrer, recomendando que a guardasse, pois viria buscá-la a qualquer dia.

Rogério diz que, quando ele era o Manoel Jerônimo, ao morrer, dissera ao seu irmão Antônio Cinza as seguintes palavras – “Eu falei com meu

irmão: guarda a minha santinha quando eu morrer; qualquer dia venho buscar a santa.” De fato, inquirido a este respeito, Antônio Cinza confirmou as palavras do Rogério. Quando este último o encontrou pela primeira vez, cobrou imediatamente a posse da imagem. Diante de várias imagens de outros santos do oratório de Antônio Cinza, ele escolheu corretamente a que pertencera ao Manoel Jerônimo, tomou-a e falou àquele: - “Eu também fui curador e preciso corrigir muitas coisas. Com esta imagem você não vai ganhar mais dinheiro. Isto é um pecado muito grande...”

As testemunhas do encontro afirmaram que o Cinza, estupefato, não esboçou qualquer reação e entregou a Santa ao menino. Após a saída de todos, ajoelhou-se no chão batido de sua casinha e, chorando, falou: — “Meu Deus, como é que esse menino soube disto?!”

7. – Reconheceu e apontou a casa onde Manoel Jerônimo havia morado quando em vida.

A mãe de Rogério, acompanhada de D. Clarice Barros Garcia, levou o menino a Miramontes, pela primeira vez, atendendo aos seus insistentes pedidos para encontrar-se com o Antônio Cinza. As senhoras que levavam o Rogério não conheciam o lugar; nunca haviam ido até lá. Ao chegarem em Miramontes, procuraram informar-se onde morava o curador Antônio Cinza. Finalmente conseguiram localizar a rua e para lá se dirigiram. Tão logo se aproximaram do lugar, Rogério reconheceu-o imediatamente e encaminhou-se diretamente para a casa do Cinza, onde foi entrando sem cerimônia.

8. – Reconheceu imediatamente o Antônio Cinza, assim que o viu, dirigindo-se a ele, sem vacilar.

As testemunhas observaram que o encontro de Rogério com o Cinza foi o de dois antigos conhecidos, embora houvesse, no início, certa surpresa por parte do velho benzedor.

9. – Falou com o Antônio Cinza acerca de assuntos que somente ele e seu falecido irmão conheciam.

O Cinza ficara realmente impressionado com a familiaridade demonstrada pelo menino, relativamente às questões abordadas; ele teve as seguintes palavras ditas ao Dr. Agnelo Morato: Óia moço, sô católico. Só sei dizê que esse menino veio aqui e falô p’ra mim coisas que só eu e o finado mano sabíamo. Num cridito que é ele não. Deve sê o espirito do Mané Jeromo que assombra nos ovido (ouvido) desse menino.” (sic).

10. – Indicou com precisão o local certo onde existira uma cisterna, próximo à casa do Cinza.

Rogério, em uma das suas conversas, referira-se a uma cisterna que não se encontrava mais em seu primitivo local. Dr. Agnelo Morato, desejando tirar uma prova, indagou do Rogério onde ficava o poço ao qual ele fizera alusão. O menino tomou-o pela mão, levou-o para um lado do casebre do Cinza e apontou o lugar: “A cisterna tava aqui tio...” disse ele. O Dr. Agnelo, não notando qualquer vestígio do poço, naquele local, falou-lhe novamente: “Mas aqui não tem sinal de cisterna, Rogério.” Naquele momento, o Antônio Cinza interveio: “O menino tá certo, capitão. Aí tinha uma cisterna. Ela desmoronô e precisei entupi tudo p’ra ninguém caí dentro dela...” (sic).

11. – Tenta continuar com práticas de curandeirismo, como fazia a personalidade anterior, Manoel Jerônimo.

D. Maria Aparecida, a genitora de Rogério, afirma que este tem mania de curar os doentes e fazer benzeduras. Quando alguém adocece em sua casa, ele logo se preocupa em benzer o doente ou preparar-lhe remédios vegetais. Segundo D. Maria Aparecida, ele obtém curas reais.

Quando entrevistamos o Rogério, em 6/09/1984, perguntamos a ele qual a atividade à qual se dedicava, quando era o Manoel Jerônimo. Ele nos respondeu, prontamente, que “fazia remédios com plantas e curava as pessoas.” Disse, ainda, que “benzia as pessoas que ficavam muito mal.”

Afirmou-nos que, até hoje, sabe fazer remédios com aquelas plantas usadas antigamente.

Sua mãe disse-nos que, inicialmente, o Rogério era retraído, não brincava e queria que ela saísse com ele, procurando doentes para serem tratados. Atualmente, depois de frequentar a escola, já está mais normal.

12. – Informou, em entrevista conosco, que mancava muito, pois a perna lhe doía bastante, obrigando-o a andar de muleta e a sentar-se todas as vezes que tinha alguma coisa a fazer.

Dr. Agnelo Morato confirmou este fato com o Prof. Celso de Toledo, o qual informou que “o Manoel Jerônimo era portador de uma enorme úlcera na perna esquerda, proveniente de picada de cobra venenosa. Mancava muito ao andar.”

13. – Apontou, corretamente, a perna esquerda como sendo o membro lesado pela picada da cobra.

Confirmado pelo Prof. Celso de Toledo (ver item 12) e pelo Antônio Cinza.

14. – Recorda-se de que era muito velho, preto e baixo, quando desencarnou como Manoel Jerônimo.

Na entrevista de 6/09/1984, D. Maria Aparecida disse-nos que Rogério dizia “eu sou o Manoel Jerônimo; eu era velhinho...”

A nós ele afirmou, ainda, que era preto e baixo.

De fato, Manoel Jerônimo faleceu aos 83 anos. Seu irmão, o Cinza, tem estatura um pouco abaixo do normal; talvez ele fosse também de pequena estatura.

15. – Sempre mostrou grande afeição por Antônio Cinza.

Rogério sentia grande alegria ao encontrar-se com o Cinza; votava-lhe imensa estima. Insistia para ir morar com ele em Miramontes, deixando seus pais preocupados.

Quando soube da morte do Cinza, sofreu profundo abalo, que se refletiu em sua saúde, tendo sido hospitalizado por cinco dias, devido ao choque recebido.

Em nossa entrevista com Rogério, dia 06/09/1984, este perguntou-nos se iríamos a Miramontes, no dia seguinte. Diante da nossa afirmativa, declarou que gostaria de ir lá conosco, pois “eu desejava ver meu povo”, disse ele.

A naturalidade com que teve esta expressão impressionou a todos nós.

* * *

OUTROS DETALHES RELEVANTES CONCERNENTES AO CASO DE ROGÉRIO

1. – Dores ocasionais sobrevindas na perna de Rogério, na região correspondente à ferida outrora existente na perna de Manoel Jerônimo, no mesmo local.

Ao inquirirmos D. Maria Aparecida, acerca de algum sinal de nascença eventualmente observado nas pernas de Rogério, ela informou-nos que nada de anormal notara nesse particular. Entretanto, disse-nos que, após os quatro anos de idade, Rogério costumava ter, esporadicamente, sonhos em que se via sendo agredido por dois indivíduos. Os sonhos não eram suficientemente nítidos. Mas, de manhã ao acordar, o Rogério queixava-se de dor, no mesmo local da perna esquerda, um pouco abaixo da metade da canela. Esta era a região onde ele se recordava de ter existido a chaga na

perna do Manoel Jerônimo. A dor era discreta, de pouca intensidade e passageira.

Devido ao longo tempo de intermissão (tempo durante o qual a individualidade se manteve desencarnada), cerca de 32 anos, é possível que tivesse obtido, no plano espiritual, a reparação da lesão sofrida na perna. Desse modo, ao reencarnar-se, o Espírito já estaria livre dos reflexos do ferimento, deixando, por isso, de influir fisicamente no novo corpo. A dor a que nos referimos, poderia ser um leve resquício do antigo mal que afetou a personalidade prévia.

2. – Nenhum dos irmãos de Rogério, oriundos do segundo matrimônio de D. Maria Aparecida, apresentou qualquer anomalia de comportamento que se assemelhasse ao dele.

Os irmãos vivos de Rogério, provenientes do segundo casamento, são: Ronaldo (31/10/1970); Carlos Alberto (10/12/1971) e Patrícia (29/06/1984). Os dois primeiros, não conheceram e nem haviam sido informados detalhadamente acerca do Manoel Jerônimo, até a época em que Rogério manifestou suas recordações. Conviveram sob o mesmo teto e no mesmo lar, há muito mais tempo que aquele seu irmão. Entretanto nenhum deles, em época alguma, nem ocasionalmente, chegou a fazer qualquer alusão ao Manoel Jerônimo, na forma como ocorreu com Rogério. Aos quatro anos de idade, este último deveria estar ainda menos informado a respeito daquele preto curandeiro, do que os seus irmãos mais velhos.

3. – Rogério, bem como seus pais e irmãos são de cor branca. Entretanto Rogério, reiteradas vezes afirmou: “Eu era preto, velho e baixo.”

Esta afirmativa por parte de um menino de quatro anos, habituado a ver heróis tipo “superman” na TV, é bem estranha. O mais natural seria ele escolher um modelo mais de acordo com os estereótipos impingidos às massas pelos programas de TV. Em sua idade, o esperado seria ele dizer que havia sido um corpulento e audacioso demolidor de monstros ou malfeitores que lançam raios mortíferos.

4. – Rogério insistia em morar junto ao Cinza, cujas condições eram muito inferiores às que o paciente usufrui em seu próprio lar.

Se o Antônio Cinza morasse em uma bela casa, rodeada de jardins e modernamente equipada com todos os requintes de conforto, seria natural a preferência do garoto em ir morar com o velho benzedor de Miramontes. Mas, no presente caso, a troca seria por demais desvantajosa. O casebre do Cinza não oferecia nenhuma atração que pudesse seduzir uma criança de

quatro anos, criada com certo conforto, em meio ao asseio e ao calor humano dos pais e irmãos. Na desconfortável moradia do Cinza havia apenas um cômodo preenchido por duas camas, e sem outra mobília; a cozinha ficava ao relento e constava de uma pequena mesa de caixote e de um fogãozinho a lenha; a única criança existente era uma garotinha débil-mental; uma pobreza absoluta...

* * *

HIPÓTESES EXPLICATIVAS PARA AS RECORDAÇÕES E O COMPORTAMENTO DE ROGÉRIO

À semelhança dos demais fatos relatados neste livro, vamos examinar as diferentes hipóteses que serviriam para explicar o caso de Rogério.

FRAUDE DELIBERADA

A hipótese da fraude é sempre evocada em primeiro lugar, devido ao seu caráter eliminatório. Vamos, pois, analisar o caso de Rogério, sob a suspeita de ter havido uma fraude deliberada.

Seria real o que se contou a respeito do Rogério? Teria ele, verdadeiramente, se comportado como foi relatado pela sua mãe e, posteriormente, confirmado pelo Dr. Agnelo Morato, a Professora Leonor Neves Gomes e outras testemunhas?

A esta pergunta, sempre deve contrapor-se a indagação de quais seriam as vantagens pecuniárias ou promocionais resultantes de uma farsa conjunta desta espécie, envolvendo uma modesta mãe de família, uma proeminente figura da sociedade de Franca, conhecidíssima pelas suas atividades no campo da assistência aos necessitados, e um respeitável e culto cidadão, cujas qualidades e obras humanitárias são do domínio, não só dos habitantes de Franca, como extravasam além de seus limites, para ecoar nos demais Estados do nosso País. Mas, sendo o Dr. Agnelo Morato e a Professora Leonor Neves Gomes reconhecidamente espíritas militantes, não estariam eles procurando obter uma evidência de apoio à Doutrina Espírita, alardeando um episódio de simples fantasia infantil, travestindo-o de um real caso de lembranças reencarnatórias? Sabe-se que, antes de procurar o Dr. Agnelo Morato, D. Maria Aparecida levou o Rogério para consultar o Sr. Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier). Este tê-la-ia aconselhado a dirigir-se à Professora Leonor Neves Gomes e ao Dr. Agnelo Morato, na

sua própria cidade. Não seria, isto, mais um indício de mancomunação entre espíritas?

Este tipo de suspeita é comum, embora não constitua uma correta hipótese de trabalho visando a elucidar o caso, pois deixa sem explicação o comportamento do paciente. Se o garoto não houvesse tido atitudes inusitadas, sua mãe não teria se abalado a ponto de ir a Uberaba para consultar o Chico Xavier, pois até então, sua religião declarada era a católica, assim como a de seu marido. Ela valeu-se deste expediente a conselho de amigos espíritas, pois não encontrava explicação para o comportamento do filho, preocupando-se, por isso, com sua saúde mental.

Por outro lado, a hipótese da fraude motivada pelo interesse de dar respaldo à Doutrina Espírita é extremamente fraca. Já tivemos ocasião de apontar esta peculiaridade. No Brasil, um caso de reencarnação a mais ou a menos teria influência insignificante como sustentação do Espiritismo, diante do enorme volume de outras evidências já existentes. Muito antes de surgir a sistemática pesquisa dos casos de reencarnação, levada a efeito nestas últimas décadas do Século XX, o Espiritismo já se havia firmado solidamente aqui no Brasil. A investigação dos casos que sugerem reencarnação teve como origem as áreas da moderna Parapsicologia, interessadas na pesquisa da sobrevivência, e não nos setores do Espiritismo no Brasil. Agora é que está começando este tipo de perquirição em nosso país. Embora a iniciativa desta modalidade de investigação, aqui no Brasil, tenha ocorrido no meio espírita, seus objetivos visam à ampliação do conhecimento acerca da natureza do homem e não à defesa do Espiritismo, pois este jamais careceu de defesa ou apoio, nesses últimos tempos.

Talvez o Dr. Agnelo Morato não houvesse ido além da publicação do seu primeiro artigo em A Nova Era, se a natureza do caso não houvesse espicaçado sua inteligência de homem sério e familiarizado com a Ciência. A prova disso foi a sua pronta colaboração com o IBPP, fornecendo-nos precioso material informativo e facilitando generosamente a nossa pesquisa direta do caso. Tudo isso o Dr. Agnelo Morato fez gratuitamente, proporcionando-nos inclusive a hospedagem e outras facilidades, sem nenhum ônus para nossa equipe de investigadores.

A família de Rogério também não cobrou qualquer importância em dinheiro, pela entrevista havida entre nós, o paciente e sua digna genitora.

Como se vê, a hipótese de fraude não se aplica, de modo algum, como explicação para o presente caso.

INFORMAÇÃO DIRETA E CRIPTOMNÉSIA

O leitor, que eventualmente tenha lido os anteriores casos deste livro, já deve estar familiarizado com o significado desta hipótese.

Não teria, o Rogério, ouvido inúmeras alusões ao Manoel Jerônimo, feitas pelo seu pai? Sabe-se que este fora afilhado de batismo daquele curandeiro e que estivera sob seus cuidados, mais ou menos até os sete anos de idade. É admissível que, pelo menos uma ou outra vez, tivesse feito referências ao Manoel Jerônimo, às suas curas, às habilidades e até mesmo, ao acidente que o vitimou e abreviou sua existência.

O Rogério, desde pequenino, teria ouvido as aludidas conversas de seu pai, gravando-as consciente ou inconscientemente. Aos quatro anos, toda essa informação ter-se-ia afluído ao seu consciente, sob forma de uma personificação: “Eu sou o Manoel Jerônimo; eu cuidei de meu pai; eu era velho, preto e baixo; eu curei muitas pessoas, etc.”

Por haver cuidado de seu pai quando criança, a figura de Manoel Jerônimo poderia surgir, na mente infantil de Rogério, como um herói. Este teria encontrado, na imagem de Manoel Jerônimo, o modelo ideal para sua própria pessoa. Assim como certas crianças se identificam com o animal poderoso ou o personagem heróico e dominador, o Rogério poderia ter descoberto, em Manoel Jerônimo, a sua própria identidade. Os detalhes da vida simples de Manoel Jerônimo poderiam estar gravados no inconsciente de Rogério e ressurgir como resultado da criptomnésia (memória oculta). Estaria assim explicado o que ocorreu com aquela criança, quem sabe, impressionável.

Esta explicação talvez coubesse ao caso de Rogério, embora tenha sido afirmado por D. Maria Aparecida que, em sua casa, não se comentava sobre o Manoel Jerônimo. Faziam trinta e dois anos que este havia falecido, quando o Rogério nasceu. Além disso, o Sr. Carlos Borges tinha apenas sete anos quando o Manoel Jerônimo morreu. É possível que muita coisa acerca do curador de Miramontes tenha sido olvidada pelo pai de Rogério.

Não parece que a figura de Manoel Jerônimo fosse tantas vezes lembrada e comentada no lar de Rogério, pois seus dois irmãos mais velhos não manifestaram sintomas parecidos com o comportamento do irmão mais novo. Eles conviveram mais tempo com o pai. Portanto era mais lógico que se tivessem influenciado mais intensamente, caso o pai cultivasse o hábito de reviver, em casa, as histórias de Manoel Jerônimo. Tais circunstâncias

enfraquecem o valor da hipótese da informação direta, ou da criptomnésia, embora não a elimine totalmente.

Vejamos, agora, o que tal hipótese dificilmente ou de maneira alguma poderia explicar.

Vamos começar pelo episódio da santa que fora entregue ao Cinza, no momento de Manoel Jerônimo falecer, e da promessa deste ao irmão de que voltaria para buscar a imagem. Somente o Cinza, ou alguém que tivesse assistido aos últimos momentos do velho curador, poderia saber deste detalhe. Ao que consta, o pai de Rogério não testemunhou a morte de Manoel Jerônimo.

Outro fato inexplicável pela hipótese da informação direta é o caso da localização exata da cisterna que fora aterrada. Ainda que o pai de Rogério houvesse mantido um relacionamento constante com o Cinza, indo sempre a Miramontes, seria praticamente impossível transmitir verbalmente ao garoto de quatro anos a informação suficiente para que o menino chegasse a afirmar ao Dr. Agnelo Morato: “A cisterna tava aqui tio...” (Ver item 10 da tabela de recordações).

Os itens 7 e 8 da tabela de recordações revelam que Rogério reconheceu, logo que avistou, o casebre onde morara, bem como o Antônio Cinza, dirigindo-se a este com toda a familiaridade. Pelo item 9 fica-se sabendo que Rogério falou com o Cinza, acerca de assuntos íntimos, levando este último a comentar com o Dr. Agnelo Morato, nestes termos: “Óia moço, sô católico. Só sei dizê que esse menino veio aqui e falô p’ra mim coisas que só eu e o finado mano sabíamos. Num crédito que é ele não. Deve sê o espírito do Mané Jeromo que assombra nos ovido (ouvido) desse menino.” (sic).

Penso que não precisamos de outros exemplos mais, para demonstrar que a hipótese da informação direta, ou da criptomnésia, não se presta, com sucesso, para a explicação de todos os aspectos do presente caso.

TELEPATIA, ESP E SUPER-ESP

A ESP (percepção extrassensorial) transformou-se na fortaleza inexpugnável, atrás da qual se entrincheiram os reducionistas que procuram uma explicação “normal” para os fenômenos como o de Rogério. Tudo se reduz, pura e simplesmente, a captações através das funções paranormais subjetivas: telepatia, clarividência, retro e precognição. A ESP, uma vez demonstrada experimentalmente através de refinados testes estatísticos,

tornou-se o “solvente universal”, capaz de demolir qualquer hipótese enquadrável como espiritualista.

Para o caso de Rogério, ela serviria como uma luva, assim como, se aplicaria também a qualquer tipo de manifestação atribuível à reencarnação ou à ação dos espíritos. Foi justamente esta fácil interpretação reducionista que levou o Dr. Joseph Banks Rhine e seus colegas a efetuarem uma deflexão na trajetória impressa em suas investigações, no início da fase parapsicológica moderna. Sempre que se examina um evento no qual fica evidenciado que uma pessoa manifesta um conhecimento acerca de fatos ou pensamentos de outro indivíduo, sem que tenha havido qualquer forma de transmissão da informação pelas vias normais, suspeita-se que houve captação paranormal. Diz-se que a ESP funcionou no caso.

No episódio do Rogério a explicação através da ESP flui com facilidade: o menino captou todas as informações através da telepatia, da clarividência e da retrocognição. Não há dificuldade alguma para uma explicação por meio da percepção extrassensorial (ESP). O Rogério obteve, inicialmente, as primeiras informações acerca do Manoel Jerônimo, captando-as telepaticamente do pai. Isto, por sua vez, serviu de elo telepático entre Rogério e o irmão de Manoel Jerônimo, o Cinza. O casebre do Cinza e ele próprio foram percebidos inconscientemente e extrassensorialmente pelo garoto. Quando o Rogério avistou a casinha e o velho Cinza, aquelas imagens vieram-lhe à tona do consciente, sob a forma de um “*déjà vu*”. Ele logo os reconheceu. Uma vez em contato com o Cinza, foi-lhe fácil obter todas as informações, através da telepatia ou da retrocognição, de maneira a poder, o Rogério, ter um diálogo íntimo com o Antônio Cinza, referindo-se à santa, às últimas palavras do seu irmão ao morrer, etc., etc.

Até este ponto, já deveríamos classificar o pequeno e frágil Rogério como o maior prodígio telepático surgindo depois de Edgard Cayce e Wolf Messing. Mas, quando se trata de evitar uma explicação idealista, ou mais precisamente, espiritualista, costumam fazer-se todas as concessões, “*ab absurdo*”. Para evitar repetições fastidiosas sugerimos ao leitor uma volta às páginas de 80 a 85, em que fazemos uma avaliação da hipótese da telepatia, ESP e super-ESP. Embora a referida hipótese seja dificilmente sustentável, devido aos malabarismos exigidos pela invenção de outras suposições “*ad hoc*”, necessárias à sua justificação, podemos supô-la aplicável aos episódios anteriormente mencionados. Ainda assim, restariam

certos particulares que ela não seria suficiente para explicar satisfatoriamente. Vamos enunciá-los pela ordem da tabela de recordações:

Item 2 – Disse que precisava ir a Miramontes para rever seu irmão ali residente, cujo nome era Antônio Cinza.

Como e onde iria o paciente captar esse desejo de ir rever o irmão do Manoel Jerônimo? Acresce notar que o anseio por rever o Antônio Cinza era intenso por parte de Rogério, a ponto de obrigar sua mãe a ceder diante da insistência com que ele pedia para ir a Miramontes. Será que uma captação telepática tem tamanha intensidade assim? Precisaria que o pai de Rogério estivesse desejoso de ir a Miramontes ver o Cinza, em grau tão intenso e tão permanente, que chegasse a transferir telepaticamente tal aspiração ao filho. Neste caso, seria mais lógico admitir que o próprio Sr. Carlos Borges tomasse afoitamente uma condução e seguisse para Miramontes, à procura do Antônio Cinza...

Item 4 – Disse que havia falecido em 1945, em consequência da picada de uma cobra, e que fora socorrido na Santa Casa.

Pelos comentários deste item, verifica-se: 1º) A confirmação da data, 1945, precisou ser obtida pelo Dr. Agnelo Morato pois, na família de Rogério, todos ignoravam-na. Logo, a telepatia entre o garoto e o pai não deve ter ocorrido. 2º) Houve uma controvérsia acerca do local onde Manoel Jerônimo teria falecido, se na Santa Casa ou se em sua casa. Finalmente, foi confirmado pelo Cinza e pelo próprio Rogério, haver sido em casa mesmo. Então o pai de Rogério não sabia. Foi preciso o Rogério “captar” este fato, na mente do Cinza. Complicado, não? Se, por azar, o Rogério sintonizasse a mente do Prof. Celso de Toledo, ele teria dito: “eu morri na Santa Casa...” Mas a nós ele afirmou: “eu morri em casa mesmo.”

Item 6 – Referiu-se a uma pequena imagem de Nossa Senhora da Aparecida, que Manoel Jerônimo entregara ao seu irmão benzedor, Antônio Cinza, alguns instantes antes de morrer, recomendando-lhe que a guardasse, pois viria buscá-la a qualquer dia.

O pai de Rogério não assistiu aos últimos momentos de Manoel Jerônimo. Logo o menino não poderia ter obtido esta informação através de seu pai. Tê-lo-ia por intermédio do Cinza? Façamos esta concessão à hipótese da ESP. Mas, assim mesmo, é muito estranha a maneira como Rogério abordou esta questão com o Cinza. Após haver escolhido corretamente, entre as várias imagens do oratório do benzedor, aquela que pertencera a Manoel Jerônimo ele a tomou e disse ao Cinza estas palavras: -

“Eu também fui curador e preciso corrigir muitas coisas. Com esta imagem você não vai ganhar mais dinheiro. Isto é um pecado muito grande...”

Aonde Rogério foi captar telepaticamente estas expressões?

Item 11 – Tenta continuar com práticas de curandeirismo, como fazia a personalidade anterior, Manoel Jerônimo.

Este aspecto do comportamento de Rogério é realmente estranho e dificilmente explicável pela telepatia, pois o Sr. Carlos Borges é pedreiro e deve entender muito pouco, ou nada, a respeito de ervas medicinais. Além disso, o Rogério tenta benzer as pessoas doentes, coisa que seu pai ignora como fazer. Onde teria, o garoto, percebido extrassensorialmente estas práticas?

Item 15 – Sempre mostrou grande afeição por Antônio Cinza.

Esta peculiaridade do comportamento de Rogério é absolutamente inexplicável pela ESP, a menos que façamos concessões absurdas às possibilidades da função psi-gamma.

Finalmente, achamos oportuno lembrar, neste ponto, as derradeiras palavras de Rogério, quando encerrávamos a nossa entrevista com ele: — “Eu desejava ver meu povo...”

Como pode ver-se, a hipótese da telepatia, ESP e super-ESP é insuficiente para explicar, sem forçar, todos os diferentes aspectos do caso de Rogério.

Vamos tentar outra explicação:

MEMÓRIA GENÉTICA

De acordo com esta hipótese, o Rogério teria herdado, geneticamente, de seus genitores as lembranças acerca de Manoel Jerônimo. Como D. Maria Aparecida tinha dois anos de idade e morava em Minas Gerais quando aquele curador faleceu, a única fonte de informação genética seria o Sr. Carlos Borges, que convivera com o Manoel Jerônimo até os sete anos de idade. Quando o Rogério nasceu, já se haviam passado trinta e dois anos, desde a última possível informação obtida pelo pai do paciente, a respeito do Manoel Jerônimo. Após todo este tempo decorrido, o penúltimo filho do Sr. Carlos Borges, aos quatro anos de idade, começa a manifestar a lembrança de vários episódios ocorridos com o falecido Manoel Jerônimo! É surpreendente; mas há quem simpatize com esta hipótese.

A hipótese da memória genética estaria na mesma situação das duas últimas já analisadas e esbarraria nas mesmas dificuldades que se

apresentam àquelas. Achamos supérfluo repetir as objeções já explanadas anteriormente. Vamos, portanto, passar à hipótese seguinte, a da incorporação mediúnica.

INCORPORAÇÃO MEDIÚNICA

Esta hipótese poderia explicar quase todos os aspectos do fenômeno ocorrido com o Rogério. Assim, por exemplo, ele repentinamente exclama: “Eu sou o Manoel Jerônimo; eu cuidei de meu pai quando ele era pequeno; eu morri em 1945, devido a uma picada de cobra, na perna esquerda; tenho um irmão chamado Antônio Cinza, que mora em Miramontes”, etc., etc. O comportamento do menino, à primeira vista, faz pensar na possibilidade de estar ele incorporado pelo Espírito de Manoel Jerônimo e dando uma comunicação mediúnica.

O primeiro artigo do Dr. Agnelo Morato, em A Nova Era, de 31 de outubro de 1982, tem o seguinte título: “Reencarnação ou Mediunidade Precoce”. Embora seja um profundo conhecedor do fenômeno mediúnico, o Dr. Agnelo Morato, inicialmente, suspeitou tratar-se da manifestação do Espírito do finado Manoel Jerônimo, através do menino Rogério. Posteriormente, após uma investigação mais profunda, o Dr. Morato concluiu tratar-se de um caso típico de reencarnação.

A mesma opinião teve a Profa. Leonor Neves Gomes, que é pessoa altamente credenciada para emitir tal parecer, dada a sua grande vivência e experiência no campo do Espiritismo teórico e prático. Eis seu parecer exarado nas respostas ao questionário que lhe foi proposto pelo Dr. Agnelo Morato:

“Estudando-se os dados apresentados conclui-se ser um caso típico de reencarnação que se deu após breve tempo de permanência do Espírito no espaço depois de sua última desencarnação, condição esta que favorece as suas lembranças da penúltima, ou melhor, anterior estada na Terra.”

O exame da tabela de recordações do paciente fornece várias evidências contra a hipótese da incorporação mediúnica. Como exemplo, vamos lembrar do item 2:

“Disse que precisava ir a Miramontes para rever seu irmão ali residente, cujo nome era Antônio Cinza.”

Se fosse um caso de incorporação mediúnica, tal pedido não teria razão de ser. O Espírito de Manoel Jerônimo, com toda a facilidade, poderia ir a

Miramontes visitar o irmão. Não dependeria de deslocar o médium até lá, a fim de rever o Antônio Cinza.

O Rogério insistia com seus pais para mudar e ir morar junto ao Cinza. Se fosse um caso de incorporação, até mesmo de possessão, não teria sentido este comportamento por parte do Espírito obsessor.

Outro fato que elimina a hipótese da incorporação mediúnica é a permanência do estado normal de consciência por parte do Rogério, durante todas as suas manifestações de recordação reencarnatória. Quando o entrevistamos e dele obtivemos algumas informações sobre sua anterior encarnação, ele se achava em seu estado normal, sem nenhuma manifestação de transe mediúnico. O mesmo ocorreu em suas revelações anteriores aos seus pais, ao Dr. Agnelo Morato, à Profa. Leonor Neves Gomes e a outras pessoas. Especialmente o Dr. Agnelo Morato e a Profa. Leonor N. Gomes, que são espíritas há muitos anos, teriam logo percebido em Rogério as alterações típicas da incorporação mediúnica, caso ela se manifestasse em qualquer ocasião.

Rogério refere-se com toda a naturalidade ao seu passado, comportando-se, desse modo, como se fosse Manoel Jerônimo encarnado no soma do garoto Rogério, com todas as limitações de achar-se em um corpo de criança; tão natural, que nos surpreendeu com sua espontânea expressão: “Eu desejava ver meu povo...”

A hipótese da incorporação mediúnica, ou da possessão permanente, não se ajusta como uma correta explicação para o presente caso. Um reexame do histórico dos fatos ocorridos é a melhor refutação a tal hipótese.

REENCARNAÇÃO

A hipótese da reencarnação, a nosso ver, é a que melhor poderia elucidar o presente caso. Ela cobriria, sem exceção, todos os itens da tabela de recordações do paciente. Da mesma forma estaria em perfeita harmonia com o histórico do presente caso, bem como justificaria os itens dos outros detalhes relevantes concernentes ao caso de Rogério.

CONCLUSÃO

Não descartamos definitivamente qualquer das hipóteses examinadas, exceto a primeira.

Entretanto, optamos pela hipótese da reencarnação, porquanto ela explica, sem forçar, o caso de Rogério x Manoel Jerônimo, conforme

acabamos de demonstrar.

**** O menino Rogério, de cinco anos de idade, afirma ter sido Manoel Jerônimo da Silva, vulgo “Mané Jerônimo”.

Capítulo VI - O caso Dráusio x Maria Aparecida

INTRODUÇÃO

O caso Dráusio x Maria Aparecida é classificável como resolvido. Conhecem-se ambas as personalidades: a atual e a anterior. Esta última foi irmã de Dráusio.

Maria Aparecida, a personalidade anterior, nasceu na cidade de Aramina, Estado de São Paulo, em 26 de julho de 1966. Faleceu aos três anos de idade, em 8 de junho de 1969, na Santa Casa de Igarapava, vítima de atropelamento.

Dráusio Aparecido, a personalidade atual, nasceu na cidade de Igarapava, Estado de São Paulo, em 9 de outubro de 1970. Portanto, seu nascimento ocorreu exatamente 1 ano, 4 meses e 1 dia, após o falecimento de sua irmãzinha, Maria Aparecida.

Ambos são filhos do casal, Sr. Luiz Antônio Miotto e D. Tereza de Oliveira Miotto.

Tomamos conhecimento deste caso, por intermédio de um artigo da autoria de D. Zilda Giunchetti Rosin, conhecida escritora espírita. O artigo tem o título “Reencarnação em Aramina” e foi publicado em São Paulo, na Revista André Luiz, ano X, nº1 – II – 1979. Posteriormente, D. Zilda Giunchetti Rosin inseriu este caso em um de seus livros denominado Eles Vivem; São Paulo: edição da Autora, 1980, pp. 146 a 152.

Graças à informação pessoal de D. Zilda, acerca do endereço da família Miotto, conseguimos entrar em contato, por carta, com os pais de Dráusio, em Aramina, obtendo sua permissão para entrevistá-los. No dia 7 de setembro de 1984, estivemos naquela cidade e pudemos realizar o encontro com a família do paciente, obtendo muitos dados informativos sobre o presente caso.

A família de Dráusio é formada por pessoas simples, educadas e muito acolhedoras. O pai é proprietário de uma barbearia. O irmão mais velho é Engenheiro Mecânico. As senhoras são afáveis e prendadas donas de casa. Fomos recebidos com muita atenção e cordialidade.

Por ocasião de nossa visita, Dráusio já havia completado 14 anos de idade. Faziam, portanto, cerca de doze anos que ele começara a manifestar os primeiros sintomas de lembranças reencarnatórias. Assim mesmo, as pessoas por nós entrevistadas guardavam bem, de memória, os fatos

ocorridos na infância de Dráusio e que sugeriam, fortemente, tratar-se de manifestações de recordações reencarnatórias.

Felizmente, D. Zilda Giunchetti Rosin esteve envolvida neste caso, desde o seu início. Sendo uma senhora culta e inteligente, percebeu, logo, tratar-se de um fato importante como evidência de reencarnação. Desse modo, ela registrou meticulosamente os detalhes mais importantes, desde o começo dos acontecimentos, preservando-os para a posteridade. Demonstrando, mais uma vez, as suas excepcionais qualidades de inteligência e compreensão, D. Zilda, generosamente, autorizou-nos a valer-nos de seu valioso trabalho, para elaboração mais completa e segura deste capítulo.

Pelos motivos acima expostos, creditamos à Sra. Zilda Giunchetti Rosin todo o mérito que possa ter esta parcela do presente livro.

Quando estivemos com o Dráusio, ele já havia perdido quase totalmente as suas reminiscências reencarnatórias, sabendo, entretanto, de alguns detalhes do seu caso, por ouvi-los dos pais e demais parentes com quem convive.

* * *

HISTÓRICO

O ACIDENTE

No dia 8 de junho de 1969, um domingo, pela manhã, o Sr. Luiz Antônio Miotto estava em sua barbearia, atendendo alguns fregueses. Dentro do salão encontrava-se também sua filhinha, Maria Aparecida, de três anos de idade. Em um dado instante, esta tomou seu velocípede, presumivelmente para ir até sua casa que ficava bem perto da barbearia.

O Sr. Luiz, normalmente, controlava as saídas de Maria Aparecida, como neste caso. Mas, naquele instante, o número de fregueses a serem atendidos havia crescido e o Sr. Luiz distraiu-se momentaneamente, percebendo apenas que o ruído das rodas do velocípede havia cessado. De repente, uma mulher, que se encontrava na porta do salão com dois meninos para cortar o cabelo, exclamou: “Nossa Senhora, um caminhão pegou uma menina ali!” No momento, o Sr. Luiz teve o pressentimento de que devia ser a sua filha. Dirigiu-se imediatamente à porta e indagou, aflito: “Que menina?” A mulher disse-lhe logo: “É a sua filha!”

O Sr. Luiz saiu correndo e encontrou a Maria Aparecida já no colo de um amigo. Ela estava ainda com vida. Um caminhão de entrega de jornais, ao fazer uma manobra, colhere a garotinha, ferindo-a gravemente. Levada às pressas para Igarapava, a cidade mais próxima onde havia um hospital, a menina foi operada, mas sem êxito, pois tinha sofrido o esmagamento do baço e de outros órgãos vitais. Maria Aparecida faleceu naquele mesmo dia, 8 de junho de 1969, deixando seus pais e demais familiares mergulhados na maior dor e desespero...

CHICO XAVIER

Com a morte da filha o Sr. Luiz entrou em uma fase de intensa depressão, o mesmo ocorrendo com sua esposa e demais familiares. Os Miottos eram todos católicos romanos, porém possuíam amigos espíritas. Estes aconselharam os pais de Maria Aparecida a procurarem o médium Sr. Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier), a fim de obterem um aconselhamento ou alguma notícia da filha morta.

Não suportando mais a sua dor e a saudade da menina, o casal resolveu ir a Uberaba, à procura de lenitivo. O Sr. Luiz e D. Tereza, acompanhados de outras pessoas da família foram até lá e falaram com Chico Xavier,

acerca de seu angustiante problema. O grande Médium mineiro confortou-os muito com suas palavras cheias de sabedoria e calor humano e deu-lhes um aviso: “Não se desesperem, a alegria voltará ao lar de vocês.” A seguir, Chico Xavier revelou claramente a eles que Maria Aparecida renasceria naquele lar, novamente.

Os membros da família Miotto, não sendo espíritas, não podiam entender muito bem aquele aviso, mas sentiram-se confortados assim mesmo. Em Uberaba, viram um livro da autoria de D. Zilda Giunchetti Rosin: Perda de Entes Queridos. Adquiriram-no. O livro foi um bálsamo para eles. Por isso, resolveram entrar em contato com aquela escritora. Enviaram-lhe uma carta, relatando o que se passara e solicitaram a D. Zilda que os visitasse quando fosse a Uberaba. Aramina fica situada no trajeto entre São Paulo e Uberaba.

O SONHO DE LEDA E O PRIMEIRO ENCONTRO COM D. ZILDA

Em resposta à carta enviada pelo Sr. Luiz e D. Tereza, D. Zilda prometeu-lhes que, na sua próxima viagem a Uberaba, faria uma escala em Aramina, mas não marcou a data desta visita.

Alguns dias antes de D. Zilda passar por Aramina, e sem que esta houvesse avisado sobre sua intenção de ir visitar o Chico Xavier, a irmã do Sr. Luiz, Srta. Leda Miotto, que ainda não conhecia pessoalmente D. Zilda, teve um sonho com esta senhora. Em entrevista conosco, ela contou-nos o seguinte:

— Sonhei que saí na porta de casa e de lá avistei um carro branco, marca Opala. Dois jovens tinham vindo no carro. Um deles estava ainda no banco da frente; o outro achava-se em pé, do lado de fora, junto à porta aberta. Então perguntei quem eram eles. Responderam: “Vimos trazer nossa mãe.” No sonho eu ouvia a voz de uma pessoa, que devia ser D. Zilda, na casa ao lado, onde morava meu irmão Luiz. O sonho interrompeu-se neste ponto.

De fato, no dia 15 de dezembro de 1969, D. Zilda chegava a Aramina, para sua primeira visita à família Miotto.

Leda contou-nos como foi este primeiro encontro:

— Daí a oito dias após o meu sonho, D. Zilda chegou. Eu estava na varanda de casa quando ouvi a voz de uma pessoa que estava entrando na residência de meu irmão. Imediatamente reconheci aquela voz. Era idêntica

à que ouvira em meu sonho; então exclamei: “D. Zilda está aí!” Saí no portão e vi um Opala branco estacionado defronte a casa do Luiz!

Os dois jovens, que Leda viu em seu sonho e que disseram estar trazendo sua mãe, possivelmente seriam os filhos de D. Zilda. Mas no episódio real eles não se achavam no Opala branco em que a escritora viajou, pois eles já eram falecidos. Seus nomes são: Dráusio e Diógenes.

A trágica morte desses dois rapazes, filhos de D. Zilda, ocorrera em 5 de julho de 1966, em uma terça-feira. Um acidente automobilístico ceifou de uma só vez estas duas preciosas vidas. Desde então, D. Zilda passou a dedicar-se àqueles que perderam seus entes queridos, buscando consolar e dar ânimo às pessoas que se encontram em desespero por verem-se privados para sempre de seus filhos, pais e outros parentes muito caros. Reagindo positivamente ao violento impacto recebido, D. Zilda superou sua imensa dor e converteu-se no anjo consolador que ela realmente é, publicando livros e artigos confortadores, além de proporcionar assistência direta a inúmeras pessoas em crise de sofrimento e angústia, devido aos golpes do destino, semelhantes ao que ela mesma suportou naquela terça-feira, dia 5 de julho de 1966.

Além das excelsas virtudes desta excepcional missionária, D. Zilda é uma notável médium, tendo a faculdade de desdobrar-se astralmente. Durante suas experiências fora do corpo, ela tem entrado em contato com pessoas desencarnadas, inclusive com seus próprios parentes falecidos e, naturalmente, com seus filhos, Diógenes e Dráusio.

Esta pequena digressão acerca de D. Zilda G. Rosin justifica-se, para tornar compreensível o episódio do seu primeiro encontro com a família Miotto.

Vamos relatá-lo, transcrevendo as próprias palavras de D. Zilda encontradas em sua obra, *Eles Vivem*:

— No dia 15 de dezembro de 1969 fui até eles. Era a primeira vez que nos víamos.

Assim que entrei, chorando pediram-me que orasse por Maria Aparecida e por eles.

Pusemo-nos em preces.

Repentinamente fui envolvida pelo Espírito de meu filho Dráusio.

Ele disse: “Sosseguem. A alegria vai voltar neste lar.”

As mesmas palavras de Chico Xavier.

Eu nem sabia que tinham ido procurar o Chico.

Depois Dráusio continuou falando por meu intermédio: “A criança irá reencarnar. Voltará com outra roupa, numa nova missão.”

Os pais não acreditaram. Primeiramente porque não eram espíritas e depois porque a mãe não podia mais conceber. Segundo os médicos, se ela fizesse um tratamento intensivo, talvez pudesse ainda ter filhos.

Acontece que a situação financeira em que se encontravam não permitia a Tereza tratar-se.

Assim, logo que saí, muito descrentes da verdade dita por Dráusio, falaram: “Vamos deixar nas mãos de Deus.”

E, embora a incredulidade deles, Tereza engravidou-se um mês após o recado de Dráusio.

No dia 9 de outubro de 1970, a criança nasceu, tal como disse Dráusio, com “outra roupa”, isto é, como menino. Naturalmente veio para nova tarefa.

A alegria voltou, mesmo, no ambiente.

Antes do renascimento da criança, todos sonhavam com a que havia desencarnado.

Depois, ninguém mais sonhou.

Em homenagem a meu filho a criança chama-se Dráusio. (Opus cit. pp. 147 e 148)

PRIMEIROS INDÍCIOS – A BICICLETA

Desde os primeiros meses de vida, Dráusio começou a dar sinais que sugeriam ser ele a reencarnação de Maria Aparecida. Favoreceu o registro desses episódios, a expectativa dos parentes relativamente à possibilidade do renascimento de Maria Aparecida na pessoa de Dráusio.

O Sr. Luiz tinha o hábito de levar Maria Aparecida a passear, montada no guidão da bicicleta. Ela apreciava imensamente esta brincadeira.

Quando Dráusio estava com cinco meses de idade, o Sr. Luiz levou-o à barbearia. Ocorreu achar-se a sua bicicleta no salão, naquela oportunidade. Ao avistá-la, o garoto começou a inclinar o corpo em direção ao lugar onde se encontrava a bicicleta. Não sendo logo compreendido pelo pai, pôs-se a chorar e a forçar o corpo naquela direção. Aí o Sr. Luiz percebeu que se tratava da bicicleta. Colocou o garoto sobre o guidão. Imediatamente ele cessou de chorar e mostrou seu contentamento com um largo sorriso. Alegrou-se especialmente quando o pai caminhou com ele sentado no guidão da bicicleta. Era a primeira vez que o Dráusio via semelhante objeto.

PALAVRAS EXTEMPORÂNEAS

É fato corrente que a atividade elocutória somente surge no ser humano, aproximadamente aos dois anos de idade. Ao que parece, a fala depende do completo desenvolvimento de certas regiões do cérebro, o que ocorre perto daquela idade.

Entretanto, têm-se assinalado casos de precocidade, em que certas crianças aprendem a falar, bem antes dos dois anos. Um exemplo mundialmente conhecido é o de Christian Henry Heinecken, cognominado: o “Menino de Lubeck”. Nascido em 1721, pouco tempo após passou a falar fluentemente. Com a idade de um ano, conhecia toda a Bíblia. Aos quatro anos, já havia aprendido o latim e o francês. Morreu antes de atingir os cinco anos de idade. (HOLROY, 1977, p.137).

No presente trabalho, Cap. III, no caso de Jacira x Ronaldo, temos mais um exemplo de precocidade no falar. Jacira, com cerca de dez meses, pronunciava as primeiras palavras; aos onze já indagava, à mãe, acerca de sua vida passada (ver. P.119).

Dráusio manifestou alguns instantes de atividade elocutória precoce, mas o fenômeno foi fugaz. A primeira ocorrência deste tipo deu-se quando ele contava apenas sete meses de idade. D. Domingas, a avó do garoto, insistiu reiteradas vezes em calçar-lhe as luvas, pois estavam em pleno inverno. Todas as vezes que sua avó lhe punha as luvas, o menino teimosamente as retirava. Já um tanto impaciente, D. Domingas falou-lhe energicamente: “Não tire mais as luvas! Ouviu, Drauzinho?” Neste momento, a avó ficou estupefata, pois o garotinho de sete meses, que ainda não falava, retrucou claramente: “Não está frio não, vovó!” Era o modo da menina expressar-se.

Em algumas ocasiões, achando-se sentado na janela que dava para a rua, chamava pelo nome a tia Leda ou um dos tios, quando eles passavam pela calçada. Se, mais tarde, se insistisse com o Dráusio para repetir os nomes, ele nada dizia, pois ainda não sabia falar. Parece que se dava, na ocasião em que ele avistava um de seus tios, um repentino afloramento da reminiscência reencarnatória relativa àquele parente, suscitando-lhe, então, o reflexo da fala.

A GAVETA DE FERRAMENTAS

No salão de barbeiro, o Sr. Luiz reservou uma gaveta destinada a guardar várias ferramentas de uso corrente, tais como tesouras, máquinas de cortar cabelo, etc. Como todas as demais gavetas da barbearia, esta também era trancada a chave. Quando em vida, Maria Aparecida tinha especial predileção por aquele escaninho, pois adorava brincar com as ferramentas do pai. Assim que chegava ao salão, pedia a chave para abri-lo. O Sr. Luiz atendia ao pedido e ela própria abria o móvel e punha-se a brincar com aqueles objetos.

Certa vez, o Drauzinho, ainda com um ano e dois meses, achava-se na barbearia, no colo de seu pai. O Sr. Luiz lembrou-se da predileção de Maria Aparecida pelas ferramentas e resolveu fazer um teste. Pôs o pequeno Dráusio no chão e entregou-lhe a chave da referida gaveta. O garotinho imediatamente encaminhou-se para a fechadura certa e tentou abri-la com a chave. Depois de várias tentativas infrutíferas, pôs-se a chorar. Ele era muito novo ainda e não conseguia o seu intento. A esta altura, o Sr. Luiz ajudou-o a abrir a gaveta. O menino parou de chorar e revelou grande alegria ao poder mexer nas ferramentas, como se as estivesse reconhecendo naquele momento.

A BORBOLETA

Fixada no teto do salão da barbearia, há uma peça de louça, estreita e um tanto comprida, ali instalada há algum tempo. Servia de suporte a uma chave elétrica atualmente inutilizada. Quando Maria Aparecida era viva, mostrara sua atenção atraída por aquele objeto estranho e solitário preso ali no forro. Para diverti-la o Sr. Luiz apontava para aquele isolador e dizia-lhe: “Olha a borboleta!” Assim, a garotinha aprendeu a chamar de borboleta, àquele suporte de louça. Perguntando-se-lhe pela borboleta, ela imediatamente apontava para o forro, em direção ao isolador.

No mesmo dia em que o Drauzinho descobriu as ferramentas, localizando corretamente a gaveta em que elas se encontravam, o Sr. Luiz lembrou-se de fazer mais uma prova com o garotinho. Perguntou-lhe de chofre: “Dráusio, onde está a borboleta?” Imediatamente o menino olhou para o forro e apontou com o dedinho em direção ao velho suporte da chave elétrica!

RECORDAÇÕES DA ANTIGA CASA

Inicialmente, a família do Sr. Luiz morou na Rua Capitão Scandiuzzi, pegado à casa onde ainda habitam os avós de Dráusio e sua tia Leda.

Com a morte de Maria Aparecida, o Sr. Luiz mudou-se para outra casa situada na Rua Manoel Antônio Maciel. Dráusio não conhecia a antiga residência.

Com a idade de um ano e oito meses, achando-se em companhia da mãe, ele passava em frente à antiga casa quando, como de costume, iam visitar os avós. Neste momento, ele subiu na primeira trave do pequeno portão que fecha a entrada lateral daquela residência e, balançando-o, disse: “Eu quero entrar; já morei nesta casa; abre a porta, porque eu quero ver o galinheiro da vovó!” Mais tarde, satisfeito o seu pedido, Drauzinho mostrou reconhecer o antigo galinheiro onde D. Domingas criava suas galinhas. Do mesmo modo, verificou-se sua familiaridade com a horta existente no quintal. Daí em diante, sempre que ia à casa dos avós, Dráusio queria também entrar na antiga casa onde Maria Aparecida houvera morado.

NO LOCAL DO ACIDENTE

Dráusio estava com cerca de um ano e nove meses quando, eventualmente, passeando em companhia do pai, cruzou pelo local onde se deu o acidente que vitimou a Maria Aparecida.

Imediatamente o menino acusou dor no abdômen, na região onde sofrera o esmagamento do baço e lesões graves em outros órgãos.

Este fato, ao que parece, é o único episódio de sua infância de que o Dráusio ainda se recorda e que tem relação com sua anterior encarnação. Ele próprio nos informou: - Quando passei com papai, pelo lugar onde se deu o acidente, senti uma dor exatamente no local da barriga, onde Maria Aparecida foi atingida e ferida pelo caminhão. Aí eu disse: — “Pára papai está doendo aqui...”

O Sr. Luiz informou que, em seguida, ele ergueu a camisa, mostrou a barriga e disse: — “Papai o dodói já sarou!”

A vista do lugar onde se deu o acidente deve ter provocado em Dráusio a lembrança do ocorrido com Maria Aparecida ao ser colhida pelo caminhão, desencadeando-lhe, então, uma espécie de reflexo.

EU SOU AQUELA MENINA...

Dráusio já havia completado os dois anos de idade e estava, um dia, conversando com sua tia Leda. A uma certa altura, ele disse:

— “Eu sou aquela menina que tinha aqui.”

Leda perguntou-lhe:

— “Qual menina?”

Drauzinho redarguiu:

— “Aquela que foi embora no buracão e que morava naquela casa.”

Dizendo isso ele apontou para a antiga residência onde Maria Aparecida houvera morado em companhia de seus pais. Como se sabe, esta casa fica pegada àquela em que mora a tia Leda, na rua Capitão Scandiuzzi.

A VIOLINHA DO CLÁUDIO

D. Leda contou-nos uma passagem bem interessante concernente ao Dráusio, quando este ainda não havia completado dois anos de idade: A irmã de Leda, D. Maria, dera ao Cláudio, o irmão mais velho de Dráusio, uma violinha. Maria Aparecida nasceu depois deste fato e, quando maiorzinha, gostava de brincar com a violinha, mas foi ensinada que aquele brinquedo era do seu irmão Cláudio e que fora um presente da sua tia Maria.

Depois do acidente que vitimou Maria Aparecida, os brinquedos que lhe haviam pertencido foram todos guardados, inclusive a violinha. Esta última foi colocada na prateleira de cima de um armário existente em uma edícula situada no quintal da nova residência. A violinha manteve-se ali por muito tempo, sem que Dráusio chegasse a conhecê-la.

Um dia, indo com a mãe àquela dependência da casa, Dráusio avistou a violinha no alto da prateleira. Ele aproximou-se do móvel e começou a apontar para ele com o dedinho, pedindo algo que ali se achava e chamara sua atenção. D. Tereza mostrou-lhe vários brinquedos que lá se encontravam, mas Dráusio recusou-os categoricamente. Finalmente a violinha, que estava no ponto mais alto, foi-lhe apresentada. Aí ele manifestou sua aprovação e, muito contente exclamou: — “Essa! É a violinha que tia Maria deu para o Cláudio...”

De um modo geral, Dráusio mostrava-se familiarizado com os brinquedos que haviam pertencido a Maria Aparecida, conforme iremos relatar um pouco mais adiante.

O TRAVESSEIRINHO

Muitos objetos que tinham sido de Maria Aparecida foram guardados pelos seus parentes mais próximos como lembrança. A tia Leda conservou um travesseirinho usado pela sobrinha quando esta ainda vivia. Para evitar que embolorasse, Leda periodicamente pendurava-o no varal, expondo-o ao sol.

Dráusio estava com cerca de dois anos e três meses e, eventualmente, havia ido à casa da vovó Domingas, onde mora a tia Leda. Justo neste dia, o travesseirinho de Maria Aparecida encontrava-se dependurado no varal para tomar sol. Dráusio, ao avistá-lo, reconheceu-o imediatamente e, comicamente, propôs à tia Leda que lhe “vendesse” o travesseirinho. Esta, divertindo-se com a história, entregou-lhe a pequena almofada e perguntou-lhe para que ele queria aquele objeto. Aí o garoto explicou-lhe que o travesseiro era dele. Ao recebê-lo, encostou-o à cabeça e disse à sua tia que houvera dormido assim no travesseirinho, quando fora aquela menina.

Este comportamento de Dráusio é interessante, porquanto ninguém comentava, perto dele, o caso da sua reencarnação. Aliás, com tão pouca idade, dificilmente ele poderia compreender tal questão, uma vez que até mesmo algumas pessoas adultas sentem-se incapazes de entender como é possível o processo do renascimento.

EU VOLTEI !

D. Tereza costumava passar a roupa na cozinha. Em uma dessas ocasiões o Dráusio achava-se brincando próximo da mãe. Coincidiu que ela estava alisando a roupa dele. Como é natural, ela devia, então, recordar-se da época em que cuidava assim dos vestidos de Maria Aparecida. Emocionada, começou a chorar discretamente. Em um dado instante Dráusio interrompeu seu brinquedo e, dirigindo-se a D. Tereza, falou:

— “Mamãe, eu voltei!”

A mãe, no momento, não compreendeu bem o que o garoto havia dito e perguntou-lhe:

— “Voltou de onde?”

Aí ele confirmou:

— “Voltei, ora...”

Neste ponto, D. Tereza compreendeu que seu filho estava querendo dizer que ele fora a Maria Aparecida e que voltara de novo como Dráusio.

A LATA DE SEQUILHOS

A avó de Maria Aparecida, D. Domingas, costumava fazer sequilhos, os quais eram apreciadíssimos pela sua netinha. Para guardar os referidos biscoitos, D. Domingas usava uma lata com tampa. Quando chegava em casa da avó, a garotinha ia direto à lata de sequilhos, abria-a e saboreava, com grande satisfação, os biscoitos ali guardados para ela.

Após o desencarne de Maria Aparecida, D. Domingas deixou de fazer sequilhos, mas conservou a lata no mesmo lugar do armário.

Dráusio devia estar, mais ou menos com dois anos e meio e, visitando a avó, ocasionalmente avistou a lata dos sequilhos. Assim que a viu pediu a lata e tentou abri-la. Sua avó explicou-lhe que ela estava vazia e não tinha nada dentro. Então, o Dráusio insistiu para que a abrissem, dizendo: “Eu quero os sequilhos que estão aí na lata.”

OS ALIMENTOS PREFERIDOS

Durante a nossa entrevista, a tia Leda enfatizou muito a particularidade concernente aos alimentos escolhidos por Dráusio:

— Ele mostrava a mesma predileção por alimentos que eram preferidos por Maria Aparecida. Quando se perguntava a ele por que desejava determinada coisa para comer, ele invariavelmente dizia: “Porque eu gostava disso, quando era a menina que morou naquela casa.” Até os três anos, ele sempre relembra haver sido a Maria Aparecida. Depois foi esquecendo disso.

Em seu livro, *Eles Vivem*, D. Zilda Giunchetti Rosin também se refere a este aspecto das preferências por alimentos, manifestadas pelo Drauzinho, em sua meninice:

— O menino tem, pelos alimentos, o mesmo gosto da menina. Tal como ela, não gosta de doces e, se não esconderem o saleiro, é capaz de comer sal puro, como fazia Maria Aparecida. (Opus cit. p.151).

Entretanto, assim como o Dráusio demonstrava as mesmas preferências por determinados alimentos apreciados por Maria Aparecida, ele refugava aquelas iguarias que eram detestadas por sua falecida irmãzinha.

DIVERTIMENTOS PREDILETOS

Antes dos três anos de idade, Dráusio mostrava mais inclinação para brincar com as bonecas e outros brinquedos femininos que pertenceram a Maria Aparecida. Do mesmo modo que esta, gostava de lambuzar a boca com batom, calçar os sapatos de salto alto e enfiar-se nos vestidos de sua

mãe, saindo a arrastá-los pela casa. Era este um dos divertimentos prediletos de sua irmãzinha, e de Dráusio também.

Os pais do garoto tinham preocupação por este comportamento do filho. Temiam que a troca de sexo de uma encarnação para outra pudesse influir, futuramente, em sua definição sexual predominante.

Entretanto, a partir dos três anos de idade, a tendência de Dráusio foi se tornando cada vez mais acentuada em direção aos brinquedos e divertimentos masculinos. Logo passou a preferir o velocípede que pertencera à irmã, disputando-o, e insistindo com o pai, que ele era legitimamente seu.

Atualmente, durante nossa entrevista, pudemos observar, com segurança, que Dráusio é um jovem perfeitamente normal e com acentuadas características masculinas. Entre seus divertimentos prediletos, figuravam a natação, o “basketball”, o “volley-ball”, o namoro com as garotas e a frequência aos bailes familiares. Mesmo quanto ao aspecto físico, Dráusio é sadio e másculo.

O fato de Maria Aparecida haver falecido muito antes da puberdade, quando ainda não houvera fixado definitivamente os seus caracteres sexuais, deve ter contribuído para reduzir e até impedir a influência do sexo na encarnação subsequente. Constatamos que Dráusio é, decisivamente, heterossexual normal.

ESTE BRINQUEDO É MEU!

Por ocasião de nossa entrevista, D. Tereza contou-nos o seguinte:

— Quando mudamos de casa, tínhamos guardado vários brinquedos que haviam pertencido a Maria Aparecida. Foram postos em um cômodo separado da casa. Ao entrar pela primeira vez no referido quarto, Dráusio avistou um dos brinquedos e o reconheceu, dizendo: “Olha ali meu brinquedo!” Eu repliquei, esclarecendo-o: “Não é seu não, meu bem.” E ele retrucou, com firmeza: “É meu sim; eu sei que é meu sim!”

A mesma manifestação de reconhecimento dos objetos, que outrora haviam pertencido a Maria Aparecida, ocorreu várias vezes. Certa ocasião, Dráusio disputou com o pai a posse legítima do velocípede que fora de sua falecida irmãzinha, dizendo: “Este velocípede é meu!” E quando o Sr. Luiz lhe explicou que ele podia ficar com o brinquedo, mas que ele tinha sido de Maria Aparecida, o garoto tornou a insistir: “Eu sei; mas ele é meu sim; eu sei que é meu!”

Ele parecia querer explicar que o velocípede sempre lhe pertencera.

MEDO DE VEÍCULOS A MOTOR

Um dos fenômenos mais frequentes observados em casos de lembranças reencarnatórias são as fobias. Geralmente o paciente manifesta temor, repulsa ou intolerância em relação a certos objetos, animais, alimentos, situações, etc., que lhe teriam causado dano, sofrimento ou morte, em encarnações anteriores. Quase sempre as fobias surgem em uma dada época da vida, durando certo tempo ou indefinidamente, até mesmo por toda a existência.

Dráusio, até aproximadamente os três anos, manifestava acentuado temor em relação a veículos motorizados, tais como automóveis e caminhões. Pouco a pouco, ele foi perdendo esta fobia. Atualmente não a manifesta mais.

Terminamos, neste ponto, nosso relatório acerca dos eventos mais marcantes que pudemos levantar no presente caso.

A seguir, iremos oferecer uma tabulação desses fatos e, posteriormente, uma avaliação dos mesmos, visando a explicá-los à luz das principais hipóteses, entre elas a da reencarnação.

* * *

TABELA DE RECORDAÇÕES DO PACIENTE

1. – Aos cinco meses de idade, Dráusio deu mostras de haver reconhecido a bicicleta na qual o Sr. Luiz costumava levar Maria Aparecida a passear, sentada no guidão.

Achando-se no colo do pai, o garoto inclinou o corpo em direção à bicicleta que se encontrava na barbearia. Não sendo logo atendido, pôs-se a chorar. Sossegou somente depois que o Sr. Luiz o levou até a bicicleta e o colocou sobre o guidão.

Em uma barbearia, há um grande número de objetos que poderiam atrair a atenção de uma criança. Há os espelhos, as cadeiras rotatórias com os braços niquelados, as luminárias, os aparadores com o instrumental, etc. Alguns até mais atraentes e mais à vista, do que uma simples bicicleta encostada em um canto qualquer. Entretanto, o garotinho de cinco meses deu mostras de conhecer a bicicleta em que o pai levava Maria Aparecida a passear sentada no guidão.

2. – Aos sete meses de idade, manifestou, em algumas ocasiões, a atividade elocutória precoce.

Em casos de crianças que exibem lembranças reencarnatórias, costumam dar-se ocorrências de fala precoce. Embora a palavra resulte de um reflexo condicionado do segundo sistema de sinalização, e se instale após completar-se a formação de certas zonas cerebrais, tem-se assinalado casos de grande precocidade neste sentido.

Dráusio manifestou, quando ainda muito novo, alguns instantes fugazes de atividade elocutória. Talvez este fato se explique pelo eventual afloramento da lembrança reencarnatória, naquelas ocasiões.

3. – Com um ano e dois meses de idade, Dráusio, entre diversas outras gavetas, escolheu corretamente a gaveta de ferramentas preferida por Maria Aparecida quando em vida.

Depois de dirigir-se sozinho em direção à gaveta certa, o garoto tentou abri-la com a chave que o pai lhe fornecera. Além disso, o menino mostrou intensa satisfação ao poder brincar com as ferramentas, como o fazia sua falecida irmã.

4. – Dráusio apontou imediatamente para um velho isolador de louça, pregado no forro da barbearia, quando o Sr. Luiz lhe perguntou onde estava a “borboleta”.

Maria Aparecida aprendera a chamar de “borboleta” àquele suporte de chave elétrica. Dráusio nunca houvera sido ensinado, assim, a respeito daquele objeto. Entretanto, encontrando-se na barbearia com o pai, olhou para o teto e apontou para o isolador, assim que lhe foi perguntado onde se achava a “borboleta”.

5. – Reconheceu a antiga casa onde morara a Maria Aparecida.

Ao passar defronte à antiga residência da família do Sr. Luiz, onde residira a sua falecida irmãzinha, Dráusio subiu na trave inferior do portãozinho lateral e, balançando-o, disse: “Eu quero entrar; já morei nesta casa...”

6. – Ao passar pelo local em que Maria Aparecida se acidentara, sentiu dor na região onde aquela fora ferida.

O sofrimento causado pelo acidente, em Maria Aparecida, poderia ter ficado registrado em seu Espírito e ter ressurgido, como uma espécie de reflexo, à vista do lugar em que ocorrera o desastre.

Dráusio, até a ocasião em que o entrevistamos, ainda se recordava de ter sentido uma dor no abdômen, quando passou com seu pai pelo local do

acidente. Atualmente não apresenta mais este reflexo.

Ao cessarem as recordações reencarnatórias, com o escoar do tempo, é natural que reações dessa natureza cessem também.

7. – Recordava-se de ter sido Maria Aparecida.

Em diversas oportunidades Dráusio, antes dos três anos, declarou que ele “era aquela menina”.

Esta revelação não ocorreu somente desta vez, em que ele disse à sua tia Leda que havia sido “aquela que foi embora no buracão e que morava naquela casa.”

No episódio do travesseirinho, Dráusio explicou, à sua tia, que “houvera dormido assim no travesseiro, quando fora aquela menina.”

Na questão dos alimentos preferidos, a tia Leda conta que, quando se perguntava a ele por que desejava determinada coisa para comer, ele invariavelmente dizia: “Porque eu gostava disso, quando era a menina que morava naquela casa.”

Parece óbvio que, até os três anos de idade, Dráusio devia lembrar-se de ter sido Maria Aparecida, embora, devido à sua pouca idade, ele não mostrasse estranhar tal fato.

8. – Reconheceu a violinha que pertencia a seu irmão Cláudio, revelando recordar-se de que ela havia sido dada a este pela tia Maria.

Além de mostrar familiaridade com os brinquedos de Maria Aparecida, Dráusio conhecia detalhes como este acerca da violinha de Cláudio, dizendo: “Essa! É a violinha que tia Maria deu para o Cláudio...”

Isto mostra que o interesse de Dráusio, pelos brinquedos com os quais sua irmãzinha se divertia, não era oriundo do simples atrativo que geralmente tais objetos exercem, indiferentemente, sobre as crianças. O seu interesse parecia resultar, também, do apego que Maria Aparecida teria tido pelos brinquedos e pelo prazer por eles proporcionado na participação de seus folguedos infantis.

9. – Aos dois anos e três meses, Dráusio reconheceu o travesseirinho que pertencera a Maria Aparecida.

Parece que as crianças, e mesmo os adultos, se apegam bastante aos objetos que lhe pertencem e lhe são úteis. Este apego deve acompanhar a personalidade, até após a morte. Isto explicaria por que, em alguns casos que sugerem reencarnação, é tão frequente o reconhecimento dos objetos que pertenceram à personalidade anterior. Quando isto ocorre, o

reconhecimento é seguido pelo desejo de reapossar-se daquilo que teria pertencido à pessoa, na encarnação anterior.

Com Dráusio, este comportamento manifestou-se várias vezes. O caso do travesseirinho é bem típico, pois o garoto, ao avistá-lo, logo tentou recuperá-lo, propondo-se a “comprá-lo” de sua tia Leda.

Após ganhá-lo de sua tia, ele justificou o seu interesse por aquele objeto, explicando que dormira nele, quando fora aquela menina...

10. – Em uma certa ocasião, Dráusio disse à sua mãe: “Mamãe, eu voltei!”

É natural que, ao passar as roupas de Dráusio, D. Tereza tenha se recordado intensamente do tempo em que ela cuidava dos vestidos de Maria Aparecida. O garoto brincava próximo de sua mãe.

Talvez tenha se estabelecido um momentâneo elo telepático entre os dois. Em um nível inconsciente, o menino teria compreendido mais profundamente o sentimento de saudade que provavelmente fazia a mãe sofrer. Então, espontaneamente, procurara consolá-la, esclarecendo que o objeto de sua saudade estava ali presente, que ele era a Maria Aparecida que voltara novamente. Daí sua expressão: “Mamãe, eu voltei!”

11. – Estando aproximadamente com dois anos e meio, Dráusio reconheceu uma lata em que sua avó costumava guardar sequilhos para Maria Aparecida.

Além de reconhecer a lata de biscoitos, o garoto pediu-a e tentou abri-la, dizendo: “Eu quero os sequilhos que estão aí na lata.”

Maria Aparecida gostava imenso dos sequilhos que D. Domingas fazia para ela, guardando-os na referida lata.

Drauzinho conservou a mesma preferência pelos biscoitos.

12. – Dráusio tinha os mesmos gostos pelos alimentos que Maria Aparecida apreciava.

O caso anterior, dos sequilhos, não constitui o único exemplo de similitude, na preferência por determinados tipos de alimento, entre Dráusio e Maria Aparecida. Esta identidade de inclinação por dadas iguarias era acompanhada, também, por idêntica repulsa por outras espécies de alimentos.

O interessante desta semelhança de predileção é que o garoto a justificava dizendo: “Porque eu gostava disso quando era a menina que morou naquela casa.”

13. – Até os três anos, Dráusio mostrava maior preferência pelos brinquedos e brincadeiras femininos. Depois dos três anos, esta sua tendência modificou-se, passando a escolher brinquedos e divertimentos masculinos.

Em grande maioria de casos que sugerem reencarnação, as lembranças reencarnatórias iniciam-se nas proximidades dos dois anos de idade. Depois sofre um incremento entre os dois e quatro anos, para começar a declinar, desaparecendo às vezes totalmente, entre os sete e doze anos. É verdade que há exceções a esta regra, permanecendo algumas recordações, até por toda a vida do paciente. Porém, mesmo em casos tais, o número e a nitidez das lembranças diminuem consideravelmente com o passar dos anos.

As tendências, bem como as demais formas de comportamento, podem sofrer a influência das vidas pregressas. Seriam como espécies de recordações reencarnatórias. Elas podem apagar-se com o tempo, e mesmo as que ficam deverão ser modificadas ou sepultadas pelas novas condições da última encarnação. Não fora assim, seriam impossíveis a educação e a instrução.

14. – Ao ver os brinquedos de Maria Aparecida, além de reconhecê-los, insistia com os pais que aqueles objetos lhe pertenciam, dizendo: “É meu sim; eu sei que é meu sim!”

A atitude de Dráusio nesses momentos não era a de um garoto que, ao ver um brinquedo, procurava conquistá-lo para si. Seu procedimento era o de alguém que encontrando um objeto, do qual é legítimo dono, reivindica a sua posse imediata.

Ao disputar, com o pai, o velocípede que pertencera a Maria Aparecida, ele apenas afirmou: “Este velocípede é meu!” E quando o Sr. Luiz procurou explicar-lhe que o velocípede pertencera à sua irmãzinha e que podia ficar com ele, Dráusio não discutiu a posse do brinquedo e sim a sua propriedade, dizendo: “Eu sei; mas ele é meu sim; eu sei que é meu!”

15. – Aproximadamente até os três anos de idade, Dráusio revelava acentuado temor aos veículos motorizados, tais como automóveis e caminhões.

A manifestação de fobias, como resultado de danos, acidentes e morte sofridos em vidas pregressas é mais comum do que se pensa.

As fobias podem apresentar-se em uma dada época da vida e desaparecer espontaneamente com o decorrer do tempo. Este foi o caso de

Dráusio que, após os três anos, perdeu pouco a pouco, o receio a veículos motorizados.

Vamos mencionar, a seguir outros fatos interessantes, relacionados com o presente caso.

* * *

OUTROS DETALHES RELEVANTES CONCERNENTES AO CASO DE DRÁUSIO

1. – O sonho premonitório do Sr. Luiz.

Dez dias antes do falecimento de Maria Aparecida, o Sr. Luiz teve um sonho, no qual ele via o filho mais velho, Cláudio, morto em um ataúde. Sr. Luiz acordou aflitíssimo e, extremamente preocupado, relatou o sonho à sua esposa.

2. – O sonho da tia Leda.

Pouco tempo após Maria Aparecida haver morrido, Leda estava visitando uma amiga. Conversando com ela, sobre o desastre que vitimou sua sobrinha, aquela mostrou-lhe o livro da autoria de D. Zilda Giunchetti Rosin: Perda de Entes Queridos.

Leda não chegara a ler o referido livro e nem conhecera, ainda, D. Zilda. Entretanto, teve um sonho com esta senhora.

No sonho, D. Zilda encontrava-se em casa dos pais de Maria Aparecida. A escritora chamou a Leda. Ao chegar perto de D. Zilda, esta mostrou-lhe um pano branco e perguntou-lhe se desejava ver sua falecida sobrinha. Em seguida abriu o pano branco, no qual Leda pôde ver o desenho de um útero, tendo em seu interior um embrião humano. No sonho, D. Zilda disse-lhe: “Olha aqui; é a Maria Aparecida que vai voltar.”

3. – Ruídos em casa dos tios, quando Maria Aparecida faleceu.

Maria Aparecida gostava muito de visitar seus tios, Sr. João Antunes Barreto e D. Aparecida Teodoro Barreto. Na casa destes parentes, havia um armário onde eram guardadas várias peças de “pirex”. Maria Aparecida mostrava grande predileção por estes objetos. Sempre que ia à casa dos tios João e Aparecida, a garota corria até o armário e entretinha-se mexendo com os “pirex”, porém sem os danificar. Era seu costume.

Quando Maria Aparecida faleceu, seus tios ouviram, nitidamente, o ruído de quem estivesse mexendo nos “pirex”, tal qual a garotinha costumava fazer.

4. – Parecença fisionômica entre Dráusio e Maria Aparecida.

Embora exista muita probabilidade de irmãos se parecerem fisionomicamente, há casos em que a semelhança é maior; por exemplo, entre gêmeos monovitelinos.

Entretanto, antes dos três anos, a semelhança entre Dráusio e Maria Aparecida era notável. Vamos transcrever da obra de D. Zilda G. Rosin, *Eles Vivem*, uma referência a este fato:

“Além das provas que tem dado, é também muito parecido com a menina. Há uma fotografia de Maria Aparecida, antes de completar os três anos. Quando Drauzinho estava na mesma idade, deixaram seus cabelos crescerem e tiraram a fotografia dele. Colocando-se as duas perto, não sabemos qual é Drauzinho, qual é Maria Aparecida. Antes de enterrarem o corpinho da menina, Luiz cortou uma mecha de seus cabelos. Colocando junto do cabelo de Drauzinho, também se confundem.” (Opus cit. p.149).

* * *

HIPÓTESES EXPLICATIVAS PARA AS RECORDAÇÕES E O COMPORTAMENTO DE DRÁUSIO

Como todos os casos expostos anteriormente, este também deve ser examinado à luz das principais hipóteses que poderiam explicá-lo convenientemente. Vamos adotar o mesmo roteiro já usado para os casos precedentes.

FRAUDE DELIBERADA

Parece evidente que, no presente caso, não há como apontar a existência de fraude. Os familiares de Dráusio eram, inicialmente, católicos e nada entendiam acerca da possibilidade de uma pessoa falecida vir a reencarnar-se. Depois de terem ido ao Chico Xavier, por sugestão de amigos, voltaram de Uberaba ainda sem entenderem bem a questão do renascimento. Somente após lerem o livro de D. Zilda, resolveram entrar em contato com esta escritora, buscando um lenitivo para seu grande sofrimento.

Depois da visita de D. Zilda, ainda deixaram transparecer certa descrença, conforme D. Zilda claramente assinalou em seu livro *Eles Vivem*:

“Os pais não acreditaram. Primeiramente porque não eram espíritas e depois porque a mãe não podia mais conceber. Segundo os médicos, se ela fizesse um tratamento intensivo, talvez pudesse ainda ter filho.” (Opus cit. p.147).

Seria difícil explicar como, com esta disposição de espírito, os pais iriam colaborar em uma farsa, na qual se acharia envolvido o nome da filha recém-falecida.

D. Zilda G. Rosin, além de ser pessoa honradíssima e acima de qualquer suspeita, relatou exclusivamente os fatos conforme ela observou, sem alterá-los. Pudemos comprovar isto, durante a nossa investigação sobre o caso.

Não houve jogo de interesses materiais ou promocionais de qualquer das partes. A família de Dráusio é modesta, mas aufero o suficiente para viver com todo o conforto e sem passar necessidades. D. Zilda G. Rosin não tira proveito próprio de suas obras, pois normalmente cede os direitos autorais a

instituições filantrópicas. Além disso, ela é pessoa de posses e não necessita da renda de suas obras, para viver.

Quando procuramos a família Miotto, fizemo-lo por nossa iniciativa própria. Ao entrarmos em contato com o pai de Dráusio, fomos acolhidos sem nenhuma exigência de caráter pecuniário, ou equivalente. Não observamos qualquer intenção, por parte dos entrevistados, de se autopromoverem ou de exagerarem os acontecimentos narrados.

Não cremos que a fraude deliberada possa explicar o caso de Dráusio x Maria Aparecida.

INFORMAÇÃO DIRETA - CRIPTOMNÉSIA

O leitor, já familiarizado com os casos anteriores, pode dispensar a explicação acerca desta hipótese. Vamos analisar diretamente o presente caso à luz desta hipótese.

A hipótese da informação direta e da criptomnésia não explica corretamente os seguintes itens da tabulação:

Item 1 – Aos cinco meses, Dráusio reconheceu a bicicleta, na qual o Sr. Luiz levava Maria Aparecida a passear sentada sobre o guidão.

Item 3 – Com um ano e dois meses, Dráusio escolheu a gaveta correta, que continha as ferramentas do pai e com as quais Maria Aparecida gostava de brincar.

Item 4 – Apontou imediatamente para o isolador instalado no forro da barbearia, quando o pai lhe perguntou pela “borboleta”.

Item 8 – Reconheceu a violinha que pertencia a seu irmão Cláudio, dizendo corretamente: “Essa! É a violinha que tia Maria deu para o Cláudio.”

Era a primeira vez que Dráusio via aquele objeto e jamais houvera recebido qualquer informação acerca da violinha e da sua origem.

Item 9 – Dráusio reconheceu o travesseirinho que havia pertencido à sua irmãzinha.

Após havê-lo ganho de sua tia Leda, explicou-lhe que havia dormido nele quando fora aquela menina.

Item 11 – Reconheceu a lata em que a avó guardava sequilhos para Maria Aparecida.

Ao receber a lata e tentar abri-la, disse: “Eu quero os sequilhos que estão aí na lata.”

Apontamos apenas os itens mais evidentes, havendo, entretanto, outros que poderiam também ser aqui citados. Como pode ver-se, a hipótese da informação direta e criptomnésia não é suficiente para explicar este caso.

TELEPATIA, ESP E SUPER-ESP

Esta hipótese poderia explicar vários itens da tabulação, tais como os seguintes: 1, 3, 4, 7, 10 e 15.

Entretanto, dificilmente explicaria os demais itens; por exemplo os de número: 6, 8, 9, 11, 12, 13 e 14.

Portanto, a hipótese da telepatia, ESP e super-ESP não é adequada para explicar o presente caso.

MEMÓRIA GENÉTICA

Esta hipótese, embora fraca e discutível não pode ser descartada, antes que demonstremos sua inadequação ao caso em exame.

No presente estudo, poderíamos atribuir alguns itens da tabulação, à memória genética oriunda ou do pai ou da mãe de Dráusio, ou mesmo de ambos.

Vejam alguns deles talvez explicáveis pela memória genética:

Item 1 – Reconhecimento da bicicleta em que o Sr. Luiz transportava Maria Aparecida, a passeio.

Seria uma lembrança herdada do pai?

Item 3 – A escolha correta da gaveta de ferramentas. Poderia ser herança do pai.

Item 4 – A “borboleta”.

Também poderia ser memória oriunda do pai.

Item 5 – Reconhecimento da casa antiga, onde morou Maria Aparecida.

Poderia ser herança mnemônica do pai e da mãe.

Os demais itens, principalmente aqueles que dizem respeito ao comportamento, fobias e preferências do paciente, dificilmente seriam explicáveis com base na hipótese da memória genética. Além disso, como já demonstramos no caso de Simone x Angelina (pp. 86-101) esta hipótese é praticamente insustentável para casos deste tipo, que sugerem reencarnação, devido à natureza de memória observada. Não se trata de reflexos condicionados que foram herdados e sim de lembranças carregadas de imagens e emoções.

Para o presente caso, a hipótese da memória genética, é insuficiente e inadequada para esclarecer as recordações e consequentes comportamentos apresentados por Dráusio, em sua meninice.

INCORPORAÇÃO MEDIÚNICA

Esta hipótese é totalmente descartável, pois em nenhuma das oportunidades e durante toda a sua meninice, Dráusio jamais manifestou estar se comportando sob a ação de um transe. Os itens todos revelam situações normais em que o garoto simplesmente agia como se estivesse recordando de certas experiências anteriores, ocorridas com ele.

A hipótese da incorporação mediúnica é, pois, insustentável para justificar o que se passou com o Dráusio, conforme os itens da tabulação.

REENCARNAÇÃO

A hipótese da reencarnação poderia facilmente explicar a totalidade dos itens da tabulação. Particularmente o item 7 (Recordava-se de ter sido Maria Aparecida) seria o melhor justificado pela hipótese da reencarnação.

Deve atentar-se para idade de Dráusio, quando ele fazia afirmações como estas:

“Eu era aquela menina.”

“Aquela que foi embora no buracão.”

“Eu dormia assim neste travesseirinho quando fui aquela menina.” (Ver o caso do travesseirinho).

“Mamãe eu voltei!”

“Porque eu gostava disso, quando era a menina que morou naquela casa.” (Ver alimentos preferidos).

Todas estas informações foram dadas por Dráusio, antes dos três anos de idade.

O item 13 (Preferência, até os três anos, por brinquedos e brincadeiras femininos) é inexplicável pelas demais hipóteses. Entretanto, a reencarnação esclarece-o admiravelmente.

Até o sonho da tia Leda, em que ela viu a figura de um útero, tendo em seu interior um embrião humano, e ouviu D. Zilda esclarecer-lhe que se tratava de Maria Aparecida que iria voltar, pode ser explicado pela hipótese da reencarnação.

CONCLUSÃO

Sem descartar totalmente a possibilidade de surgir outra elucidação mais adequada para o presente caso, somos de opinião que, até agora, a hipótese da reencarnação é a que melhor pode justificá-lo. Os fatos apurados levam à conclusão de que Dráusio é a reencarnação de Maria Aparecida.

Capítulo VII - O caso Patrícia x Alexandra

INTRODUÇÃO

O caso Patrícia x Alexandra não foi ainda publicado como monografia, mas já teve divulgação em obras estrangeiras, de forma resumida e com nossa autorização. Um sumário deste caso foi também dado a público no periódico Folha Espírita, de maio de 1978.

O presente caso é do tipo “não-resolvido”. No entanto, contém muita evidência intrínseca, não só pelas circunstâncias que o rodeiam, como pela existência, no corpo da paciente, de marcas-de-nascença de origem reencarnatória (birthmarks).

Suas recordações, quando criança, começaram a ser comunicadas aos parentes, mais ou menos aos dois anos e meio, praticamente quando começou a falar.

Patrícia ainda conservava a memória de alguns episódios de sua anterior encarnação, na ocasião em que comunicou, por carta, seu caso ao Eng^o Ney Prieto Peres, membro do IBPP. Este fato tornou possível obter, da própria paciente, o relato minucioso das ocorrências lembradas.

Por solicitação de Patrícia, o seu nome real e os de seus familiares foram substituídos por pseudônimos. Porém, os nomes das pessoas e localidades ligadas à personalidade anterior foram mantidos, pois os investigadores deste caso ainda alimentam a esperança de se descobrirem os conhecidos e membros da família de Alexandra.

A paciente mencionava, desde pequena, o apelido que lhe deram os pais da encarnação anterior: Alex. Como Patrícia recorda-se de que fora do sexo feminino naquela ocasião, supõe-se que o seu verdadeiro nome tenha sido Alexandra. Daí o adotarmos, ainda que provisoriamente, até que uma possível identificação de seus parentes ou conhecidos possa confirmá-lo ou não. Acreditamos que, neste caso, Alex teria sido a abreviatura de Alexandra.

A personalidade atual, Patrícia nasceu na cidade de Araraquara, Estado de São Paulo, no dia 14 de novembro de 1939. Ela, além de Professora primária, é formada em direito e exerce elevado cargo em uma Empresa Estatal. Seus pais são brasileiros, descendentes de italianos.

Atualmente, Patrícia é uma bela mulher, tranquila e inteligente, de saúde física e mental estável. Sua meninice correu normalmente, sem incidentes

ou doenças graves, em um lar carinhoso do qual ela é a única filha. Na infância, conviveu com algumas primas que regulavam em idade com ela. Nesta época, morou sempre em Araraquara, então acolhedora e sossegada cidade interiorana. Nasceu mediante parto normal, aos sete meses de gestação, sem problemas e traumatismos quaisquer. Desde o nascimento foi rodeada de cuidados e atenção por parte dos pais, avós e demais parentes.

* * *

HISTÓRICO

PRELIMINARES

O caso de Patrícia x Alexandra foi-nos comunicado pela própria paciente, através de uma carta dirigida a um dos membros do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas (IBPP), Eng^o Ney Prieto Peres, dia 11 de dezembro de 1970.

Eis o teor da carta:

“Folheando o jornal ‘Notícias Populares’ de 11 de dezembro de 1970, em sua terceira página, deparei com uma reportagem deveras interessante para mim, com o seguinte título: ‘Quem nasceu homem pode ser mulher no futuro.’ Lendo-a fiquei surpresa e bastante interessada no assunto; mesmo porque eu também recorde-me de minha reencarnação.

Gostaria imensamente de fazer esse curso que vai haver aí nesse fim de semana, mas meu trabalho me obriga a r enunciá-lo.

Dr. Ney, relatar ei algumas coisas de minha vida e se inter essar aos psicobiofísicos, ficar ei muito contente.

Sou filha única, de uma família muito simples, porém com bastante amor. Eles têm tendências espíritas e eu não fugi à r egra.

Mamãe conta e eu me recorde que aos 2 (dois) anos e ½ (meio) comecei a falar que havia vivido perto do Havre e que eu me chamava Alex Amadado Barralouf. Conte i, também, que morri bem mocinha (15 anos mais ou menos), de um tiro que um soldado me havia dado (por dedução lógica, penso ter sido na guerra de XVIII).

Dr. Ney, meus pais deveriam ter tomado mais dados e tirado o máximo possível de mim, mas com a simplicidade deles, deixaram passar .

Eu cresci; com o esforço de meu pai, consegui um diploma superior; hoje sou advogada, r ecém-formada, mas nunca a ideia de um dia poder desvendar esse sonho, me saiu da cabeça.

Dr. Ney, não sei se o Sr. terá tempo para ler esta simples missiva, mas se porventura eu tiver essa felicidade, agradecer ei a Deus.

É quase uma utopia, mas gostaria imensamente se o Professor Hemendra Nath Banerjee tomasse conhecimento de minha carta.

Gostaria que não fosse publicado nada em jornal, agora, e sim, a mim pessoalmente.

Sem mais, o meu cordial abraço e muito obrigada.”

Assinada e datada em 11 de dezembro de 1970.

No dia 10 de março de 1971 endereçamos carta à Patrícia, enviando-lhe questionários a serem preenchidos e devolvidos. Solicitamos, além disso, um relato mais minucioso do seu caso e que incluísse dados precisos quanto ao local, datas e pessoas relacionadas com o mesmo.

Como não obtivemos resposta, encarregamos o Eng^o Djalma Caselato e sua esposa, Professora Eleonora S. Caselato, de fazerem uma visita a Patrícia, em seu domicílio na cidade de Araraquara. Esta entrevista ocorreu dia 6 de julho de 1971 e foi inteiramente gravada. Achavam-se presentes, além da paciente, seu tio, Sr. Ivo, e sua avó, D. Josefa.

ENTREVISTA DO DIA 6 DE JULHO DE 1971

Solicitada a relatar aquilo de que se recordava relativo à sua anterior encarnação, Patrícia disse o seguinte:

Patrícia: “Eu vivi na França. Chamava-me Alex Amadado Barralouf; meu pai Jean Paris Barralouf; minha mãe Anala Barralouf. Lembro-me que ela era loira, alta e bem esguia. De meu pai não guardei bem as características físicas.

Recordo-me que, quando morri, contava mais ou menos quinze anos de idade. Devia ter sido por ocasião de uma guerra, pois lembro-me que bateram à porta, um soldado entrou e eu recebi um tiro. Senti sede, pedi água e morri.

Eu era sempre levada por meus pais a passear no Havre (França).

Lembro-me do tipo da casa em que morava então. Aqui em Araraquara há uma casa cujo aspecto se lhe assemelha, pelo menos na aparência.”

Eleonora: Desde quando se manifestaram suas recordações?

Patrícia: “Desde a idade de dois anos, eu já relatava tais episódios às pessoas da família. Mas ainda tenho, desses fatos, a lembrança semelhante à dos episódios que normalmente ocorrem comigo na presente existência. É como se eu os tivesse realmente vivido.”

Djalma: No decorrer de sua vida atual, ter-se-ia, você, impressionado por gravuras de livros, fotografias ou descrições relacionadas com a França?

Patrícia: “Eu sempre gostei muito do idioma francês. Adoro-o. Sempre fui ótima aluna de francês. De um modo geral gosto de tudo o que se relacione com a França. Apreciaria bem fazer uma viagem até lá. É um país que realmente desejo conhecer. Não me lembro de ter sido particularmente impressionada por gravuras, fotografias ou descrições relativas à França. Mas gosto em geral de tudo de lá. Não sei por quê.

Aprecio moderadamente a comida francesa. Todavia não gosto tanto dos pratos italianos, embora devesse apreciá-los. (Ela descende de

italianos). A batata agrada-me muito. Parece-me que os franceses gostam desse alimento também.”

Djalma: Recorda-se, você, de algum fato relevante de sua existência passada, além do que nos relatou?

Patrícia: “No momento, não.”

Djalma: Pelo nome que você diz ter sido o seu em sua existência anterior, Alex, teria sido você, um rapaz ou uma moça?

Patrícia: “Alex devia ter sido um apelido. A impressão que se tem é que derivaria de Alexandra; Alexandra, Alex. Mas minha lembrança é a de que eu era mulher. Alex teria sido apenas um apelido.”

Djalma: Nesta vida, você gostou ou gosta de usar roupas masculinas?

Patrícia: (rindo) – “Não sei... Agora está se usando tanto roupas masculinas, não? Unisex... Mas não me dou muito bem com isso.”

A Professora Eleonora observou, então, que Patrícia parecia bastante feminina, apesar de achar-se, no momento, trajando calça-comprida.

Patrícia: “Não tem problema. É uma coisa completamente diferente, não? Eu não aprecio mesmo roupas masculinas. Não gosto nem de usar calça-comprida.”

Djalma: Naquela ocasião, quando você diz ter morrido, achavam-se com você os seus pais? Teriam eles morrido também?

Patrícia: “Não me recordo absolutamente de nada a esse respeito. Lembro-me apenas de minha pessoa naquele momento; de mais ninguém.”

Djalma: Apreciaria muito que o Sr. Ivo nos relatasse aquilo que a Patrícia revelou quando ainda estava com dois ou três anos de idade.

Ivo: “Posso contar. Ela disse-nos que fizera uma viagem, transportada juntamente com outras pessoas em um carro branco. Passaram sobre o mar. Alguns dos que com ela vieram desceram em outros locais. Não me recordo onde. Quanto à Patrícia, esta desceu frente à nossa casa. Disse ela que, ao avistar a cortina da janela, falou: ‘Eu paro aqui; é este o lugar onde devo ficar.’

Na ocasião em que nos relatava esses fatos, Patrícia também descreveu minuciosamente como se encontravam os objetos que compunham o interior da nossa casa quando, segundo ela, aqui chegou. Descreveu como eram os móveis, as cortinas, os quartos, enfim tudo.

O extraordinário dessa ocorrência reside no fato de ter sido, o arranjo da casa, quase todo modificado antes da Patrícia ter nascido. Portanto, ela

não poderia ter visto como era o interior da casa naquela ocasião, pois ainda não havia sido dada à luz.

Há uma particularidade muito interessante. Ela se referiu até ao ‘peignoir’ da sua atual mãe, descrevendo-o corretamente.

Restaram para serem trocadas apenas as cortinas. A Patrícia era ainda muito nova quando nos dispusemos a mudar também as cortinas. Nesta ocasião ela se opôs, pedindo-nos que não as retirássemos, pois gostava imensamente delas. Aliás, a Patrícia interessava-se por todos os objetos que ainda restavam da época em que ela dizia ter vindo para cá. Posteriormente, esse apego foi-se apagando com o passar dos anos.”

Patrícia: “Creio que ficou algum resquício deste meu apego a essas coisas.”

Djalma: Quais as referências feitas pela Patrícia, naquela época, sobre o Havre, o lugar onde seus pais a levavam a passear?

Ivo: “Ela dizia que o Havre era um porto e lá se viam muitos navios. Isto ela afirmava sempre, falando assim: ‘Eu ia sempre passear no Havre e, no porto, eu avistava os navios passando.’ Patrícia relatou várias vezes este episódio, quando tinha apenas dois anos e meio de idade.”

D. Josefa (avó de Patrícia): “É exato. Mas ela nunca havia visto navios, até aquela idade, pois aqui não é porto marítimo e, portanto, não se veem navios em Araraquara. Ficávamos, então, admirados de ouvi-la contar essas coisas!”

Ivo: “Patrícia referiu-se a vários acontecimentos, assim, de sua vida anterior. Ao narrar o episódio de sua morte, em lugar de dizer que fora assassinada com um tiro, falava que lhe haviam dado uma garruchada.”

Relembrando o que Patrícia relatava aos dois anos e meio de idade, ao que parece ela se achava frente a uma janela que também possuía cortinas, quando recebeu a tal garruchada. É relevante que ela se referisse ao fato de ter sentido sede e haver pedido água, após ser ferida. Parece-me normal esse fato ocorrer com pessoas feridas a bala.”

A esta altura o Sr. Ivo apontou para um dos cantos da sala em que se encontrava com os interlocutores e acrescentou:

Ivo: “Foi exatamente aqui neste cantinho que Patrícia se achava quando nos contou essas passagens. Disse-nos que depois não viu mais nada. Relatou, a seguir, o episódio do veículo que a trouxe para cá e descreveu a arrumação da casa naquela época.”

Djalma: Patrícia, eu gostaria de saber mais detalhadamente algo a respeito da sua facilidade para o aprendizado de idiomas.

Patrícia: “Noto grande facilidade para aprender o francês. Cursei a Aliança Francesa, até o segundo ano apenas. Quanto ao inglês, confesso que sinto grande dificuldade. Sempre tive aversão ao alemão.”

Infelizmente o tio e a avó de Patrícia não puderam, na ocasião, fornecer outros detalhes. Apenas recordavam-se de que a casa em que ela disse haver morado era um pequeno sobrado. Assim, também, ficou esclarecido que Patrícia fora baleada por um único soldado. Não mencionou a lembrança de aviões. Suas declarações relativas à vida anterior foram mais abundantes entre dois e dois anos e meio de idade.

Naquela ocasião, seus familiares tomaram apontamentos das declarações de Patrícia, em um livro. Este foi entregue a um Senhor que o levou com o propósito de estudar o caso, mas não mais o devolveu.

Uma particularidade interessante das declarações de Patrícia é o fato de referir-se à outra mãe, dizendo que ela se vestia muito bem e a quem ela votava grande afeição. Comparando-a com a sua atual genitora, observava que esta não se trajava tão bem quanto a outra. Chegava mesmo a manifestar certa aversão à sua atual mãe. Patrícia referia-se, também, a uma corrente de ouro que sua anterior mãe usava, reparando que a atual não possuía esse ornamento.

Ainda, presentemente, Patrícia mostra certo interesse relativamente à maneira de trajar-se de sua atual genitora. Gosta que ela se vista elegantemente. Talvez isso seja um resquício de suas recordações da vida anterior.

ENTREVISTA DO DIA 18 DE OUTUBRO DE 1971

Dia 18 de outubro de 1971, atendendo ao convite que lhe formulamos por carta, Patrícia, acompanhada por sua prima Srta. Maria Beneditti, visitou-nos em nosso escritório.

Após alguns minutos de palestra cordial e informal, resolvemos formular algumas perguntas a Patrícia, acerca das suas anteriores declarações quando entrevistada pelo Sr. e Sra. Djalma Caselato, objetivando colher mais dados informativos além dos conseguidos no encontro anterior.

Na transcrição da entrevista que apresentamos a seguir, as perguntas do entrevistador estão precedidas pela letra H. As respostas de Patrícia estão

indicadas pela letra P.

H – Lembra-se do clima, do tempo, como era no Havre?

P – “Ventava frio e os meus cabelos se agitavam. Eram castanho-escuros, longos até os ombros, lisos.”

H – Qual seria sua idade então?

P – “Mais ou menos de 7 a 8 anos.”

H – De quem V. se recorda mais daquela época?

P – “Eu já era maiorzinha e lembro-me bem de minha mãe. Era alta, esguia, bem elegante e loira. Vestia um traje cor cenoura, tipo ‘chemisier’ com gola esporte, tudo da mesma cor.”

H – Recorda-se de seu pai?

P – “Dele tenho vaga recordação. Tenho a impressão de que era gordo e meio calvo.”

H – Em que cidade V. morava?

P – “Minha atual mãe diz que eu me referia a Vichy, quando era criança.”

H – De que modo ia V. ao Havre?

P – “Recordo-me que era de trem.”

H – Lembra-se das viagens?

P – “Sim. Não eram muito longas. Viajava durante o dia. Ia lá, ao Havre algumas vezes a passeio.”

H – Sua casa em Vichy. Como era?

P – “Era confortável, assobradada, lisa por fora e com janelas verde-escuras. As paredes eram creme. Tinha uma pequena vidraça na porta, um pouco mais para cima. Não possuía jardim; a entrada era direta da rua e sem nicho.”

H – Recorda-se V. dos jardins?

P – “Não tenho lembrança deste detalhe, mas minha atual mãe conta que, em criança, eu afirmava que as flores de lá eram mais bonitas do que as daqui.”

H – Você tinha irmãos?

P – “Não me recordo.”

H – De qual fase da sua anterior existência V. se recorda melhor?

P – “De quando era mocinha e tinha cerca de 15 anos. Eu era alta, não muito magra, minha pele era clara e os cabelos escuros, não pretos, castanhos-escuros, compridos até os ombros.”

H – Lembra-se de suas atividades, nessa época?

P – “Lembro-me que permanecia mais em casa. E às vezes recordo-me de que saía à rua acompanhada de minha mãe. Nunca saía só. Saíamos ao que parece para fazer compras.”

H – Como se deu o episódio da sua morte? Descreva-o.

P – “Tenho a impressão de que não havia ninguém em casa naquela ocasião, pois fui eu quem abriu a porta. Devia ser de manhã, aproximadamente 10 horas. O tempo parecia nublado. Achava-me na sala de entrada. Ouvei bater à porta. Abri a porta. Um soldado entrou. Trazia uma arma na mão, parecia-me ser um fuzil. Apontou-me a arma e deu-me um tiro ao nível do coração. Lembro-me de haver pedido água, antes de morrer. Não me recordo se me deram água. Vejo-me, naquela época, estirada no chão em decúbito dorsal. Meu vestido era claro, mas não me lembro de ter visto sangue. Tenho pavor de arma, qualquer que seja ela, especialmente de garrucha, revólver, espingarda. Sou, também, muito impressionável com sangue. Sangue causa-me uma sensação horrível.”

H – Em suas informações quando criança, V. se referia a um veículo que a transportou até Araraquara. Descreva-o.

P – “Era branco, fazia lembrar um avião, pois flutuava sobre o solo e o mar, mas não era avião. Deslizava baixo pouco acima do nível do solo. Havia poucas pessoas, talvez três, que se achavam no veículo. As pessoas, a bordo, trajavam roupas que faziam lembrar uniformes de enfermeiro ou médico. Ao chegar defronte à minha casa, em Araraquara, uma das pessoas, um homem, disse-me: Você fica aqui. Não vi como desci, mas lembro-me de ter assistido quando o veículo foi embora. Era todo branco, tinha a forma da fuselagem de um avião, mas sem asas nem rodas. Por dentro viam-se assentos com encostos altos e todos brancos também. Não fazia ruído. Meu porte físico era, ainda, o de uma garota de seus 15 anos. Via-me trajando um vestido branco feito de tecido leve esvoaçante. O traje era comprido. Um dos tripulantes falara comigo. O outro, que se achava mais à frente, manteve-se de costas e não me fixou nenhuma vez. O que me dirigiu a palavra parecia ter viajado ao meu lado. Trajava-se de branco também.

Não me recordo como entrei em minha casa. Apenas vi-me lá dentro e pude observar bem o seu interior.

Lembro-me de que já era noite quando cheguei. A minha sensação era de que viajara algumas horas. A casa estava iluminada por dentro, com as luminárias normais.

Recordo-me bem da sala de estar e, em particular, de uma cortina que dividia a sala de estar com a de jantar. Agora existe uma porta sanfonada. Naquela ocasião, havia ali uma cortina estampada em cores vivas, vermelho e verde predominantemente, talvez com algum tom azul-marinho.

Não tive nenhuma sensação particular, nem sentimento de saudade, desolação, etc. Nem sabia por que me encontrava lá. Do intervalo de tempo que medeia entre o episódio da minha chegada e aquele em que recordo de ser uma criança entre 2 anos e meio e 3 anos, não tenho consciência.”

H – Como são suas atuais recordações?

P – “São bem vivas e nítidas no relacionado com as lembranças. As imagens permanecem claras. A sensação é semelhante à de um sonho que ficou.”

ENTREVISTA DO DIA 19 DE SETEMBRO DE 1973

Dia 19 de setembro de 1973, entrevistamos, conjuntamente, Patrícia e sua mãe, D. Irma. Esperávamos enriquecer mais o montante de informações, até então colhido nas entrevistas anteriores. Tivemos uma conversa informal, antes de passarmos às perguntas, de maneira a tornar mais objetivas as indagações a serem feitas. Iniciamos a inquirição, pedindo à D. Irma que contasse aquilo que lhe viesse à lembrança, concernente aos episódios da infância de Patrícia. Ela iniciou seu depoimento falando sobre o que segue. Nesta entrevista, o nome do entrevistador está representado pela letra H; o de D. Irma, pela letra I; e o de Patrícia pela letra P.

H – Vamos ouvir a D. Irma, que vai relatar alguns detalhes de lembranças de quando Patrícia era pequena.

I – “Quando passávamos em frente a uma casa, ela sempre dizia que era a casa dela da França; parecia a casa dela na França. Isso em Araraquara. As flores de Araraquara ela dizia que eram diferentes das da França, que as da França eram mais bonitas.

Uma manhã ela não quis tomar leite e disse que estava muito triste porque o pai dela da França havia morrido.”

H – Qual a idade dela nessa época?

I – “Uns 4 anos. Numa outra vez ela disse que havia sonhado que estivera com todos os seus amigos da França em uma festa.”

H – Com que idade disse isso?

I – “Era pequena, uns 4 ou 5 anos.”

H – Ela se referia à outra mãe?

I – “Dizia que eu era feia e que a mãe dela da França era linda, bonita, de cabelos louros e compridos.”

H – Ela se referia muitas vezes à França?

I – “Muitas vezes, quase todo o dia falava sobre a França, e até agora ela adora música francesa.”

H – Desde que idade ela falava essas coisas?

I – “Dois anos e meio, três anos.”

H – Ela aprendeu a falar rapidamente? Falou desde muito cedo?

I – Não, não muito. Falar ela falava. Não me lembro a idade em que começou a falar. Falava normal, como criança.”

H – Na sua casa nunca se falou na França?

I – “Nunca.”

H – Ela sabia a respeito da França espontaneamente? Ela dizia a palavra França?

I – “Sim. Dizia França e também Havre.”

H – E quais as outras referências que ela fazia à França?

I – “Não me lembro. Todo o dia ela falava na França. Quando via qualquer coisa era a França que tinha as coisas melhores, mais bonitas.”

H – Ela descrevia a cidade onde nasceu?

I – “Não, só a casa.”

H – Mencionava o nome da cidade?

I – “Sim, Vichy.”

H – E quem passeava com ela no Havre?

I – “Um tio.”

H – Como ele se chamava?

I – “Nunca falou.”

H – Patrícia, você se lembra de sua anterior mãe?

P – “Da minha mãe, eu me lembro dos traços: era alta, magra, loira. Eu não me lembro de detalhes, lembro-me do todo.”

H – Havia alguma coisa particular que ela usava?

P – “Sempre echarpes esvoaçantes, como uma névoa. Não sei explicar.”

H – Tinha alguma jóia particular?

P – “Não me lembro.”

H – Não havia uma pequena medalha de ouro?

P – “Não me lembro.”

H – E o Jean Paris Barralouf, que V. diz ter sido seu pai? Referente a ele V. ainda se lembra de alguma coisa?

P – “Nada. Eu tenho a vaga impressão de que ele era meio gordo, mas fisionomicamente nada.”

H – E o nome, como é que V. sabe o nome?

P – “Isso eu não sei, eu devo ter falado.”

H – Você falava este nome quando era criança?

P – “Sim, quando eu tinha 3 ou 4 anos.”

H – Desses dois nomes de qual V. conserva mais nítida lembrança?

P – “Da minha mãe.”

H – Você lembra bem do incidente do tiro?

P – “Sim.”

H – Se possível descreva-o, por favor.

P – Eu fui olhar na janelinha da porta. Eu tenho a impressão de que alguém havia batido. Aí eu não sei se abriram ou arrombaram a porta. Eu estava quase no meio da sala e levei um tiro. Caí e pedi água. Disso eu me lembro bem; um soldado, uma pessoa de farda.”

H – Você gosta da França?

P – “Muito. Tenho paixão por conhecer.”

H – Você teria por acaso uma idéia bem nítida da cidade em que viveu?

P – “Não muito nítida... Mas lembro-me do calçamento de paralelepípedos...”

H – De que cor?

P – “Cinza-chumbo. Parece sempre meio molhado, meio úmido, com uma névoa. A casa é em estilo com pedras. Uma cidade escura, sem muito sol.”

H – Quando V. era criança V. se referia ao Havre? Você tem lembrança de como seria?

P – “Eu me lembro do porto, navios atracando. Não sei descrever.

H – A lembrança é muito vaga? Tinha sol ou era também escuro?

P – “Não, sem sol.”

H – E quanto à sua figura?

P – “Eu me lembro também. Era não muito alta, da minha estatura, não magra também, cabelos longos e escuros.”

H – Você disse que tem uma certa simpatia pelos árabes, por gente de raça árabe. Você poderia falar a respeito disso?

P – “Tenho sim, bem pronunciada.”

H – Há uma raça que V. aprecie mais entre eles?

P – “Eu gosto em geral. Tenho afinidade. Acho-os ótimos. Me dou bem.”

H – Desses países do Norte da África como Marrocos, Argélia, ou então países de influência árabe, Você poderia precisar algum pelo qual tenha especial simpatia?

P – “Não, acho que não sei definir.”

H – Qual o seu relacionamento com o seu passado? Fora seu pai e sua mãe V. conheceu mais alguma pessoa?

P – “Lembro do meu tio que me levava a passear no Havre.”

H – Como ele era?

P – “Não me lembro nada.”

H – E o nome dele?

P – “Também não me lembro.”

H – Ela nunca se referiu?

I – “Ela falava todos os dias no tio que a levava a passear no Havre. Ela disse que não ia de navio e sim de trem. Eu não sei...”

H – Ela dizia quanto tempo viajava?

I – “Não.”

H – Ela dizia que ia de trem?

P – “Sim.”

H – Como foi que ela começou a falar? De repente?

I – “A primeira vez que começou a falar, eu estava sentada com ela na sala e estava dizendo que ia trocar os móveis. Ela levantou-se e disse que não, que ninguém ia tirar aqueles móveis dali, pois quando ela chegara havia gostado muito: ‘Quando eu cheguei aqui gostei tanto, que ninguém vai mexer nesses móveis.’ Eu perguntei: ‘Mas V. de onde chegou?’ Ela disse: ‘Ué! Cheguei da França!’ Aí começou a falar...”

H – Que ela disse?

I – “Disse que chegou no automóvel branco, que tinha chofer todo de branco, e havia outro com ela. Disse que passaram por cima do mar, mas que não tocou no mar e sim voou por cima. Quando chegou a Araraquara, em frente à nossa casa, o chofer abriu a porta e disse-lhe: ‘É aqui.’ Ela não viu o rosto de nenhum. Estavam todos de branco. Ela disse que me viu vindo para a sala, de ‘peignoir’.” Disse direitinho como eu estava naquele dia em que ela chegou. Quando estava com 2 ou 3 anos, contou como era a casa corretamente.”

H – De acordo com as descrições dela, quando ela chegou a senhora já a estava esperando para nascer, ou não?

I – “Acho que não. Ela nasceu de 7 meses.”

Como pode ver-se, os depoimentos de D. Irma e de Patrícia, concordam em linhas gerais com os anteriores. As pequenas diferenças se justificam, devido ao grande lapso decorrido desde a época em que os fatos se deram.

No intuito de obter mais informações acerca dos episódios acontecidos com Patrícia durante sua infância, procuramos entrevistar as primas que com ela conviveram naquela época. Elas eram ainda crianças e poderiam ter conservado melhor a lembrança dos eventos então ocorridos. De fato, ficamos sabendo que houvera muito comentário entre os familiares de Patrícia, quando ela manifestou aqueles estranhos comportamentos durante sua meninice. Pudemos, assim, apurar mais algumas passagens interessantes.

A fim de tornar menos repetitivo o presente relato, procuramos reproduzir apenas aqueles trechos das entrevistas que pudessem melhorar os informes ainda incompletos, ou introduzir novos aspectos na narração dos fatos.

A primeira a ser entrevistada foi a Srta. Dulce, professora de Matemática.

DEPOIMENTO VERBAL DA PROFESSORA DULCE, NO DIA 26 DE JUNHO DE 1978

Solicitada a relatar os fatos mais marcantes acerca de sua prima Patrícia, a Prof^a Dulce contou-nos o seguinte:

“Lembro-me de um fato muito comentado, quando a Patrícia deveria ter uns dois ou três anos e achando-se com minha irmã Dora. Nesta ocasião, Dora deveria ter seus dez ou doze anos. Encaminhavam-se para a padaria da esquina; iam comprar leite e pão. Encontrava-se, nesta padaria, um soldado. No momento em que elas estavam entrando, o soldado mexeu com sua arma, provavelmente procurando ajeitá-la melhor; talvez o estivesse incomodando. Patrícia ficou tão apavorada, que começou a gritar, a berrar descontroladamente, caiu no chão, esperneou, desmaiou e teve de ser carregada de volta para casa. Meu tio (pai de Patrícia) comenta este fato achando até graça, porque naquela ocasião minha irmã ficou furiosa. Ela passou um vexame enorme, devido a Patrícia haver dado aquele espetáculo que alarmou todo o mundo.”

A Professora Dulce, referindo-se à atitude dos pais de Patrícia diante deste procedimento da menina, esclareceu que, naquela ocasião, eles não se mostravam muito cômicos da causa desses fenômenos. Achavam, apenas, que Patrícia não regulava bem das faculdades mentais.

Durante esta entrevista, a Professora Dulce informou-nos de mais outro episódio muito significativo, o qual foi por nós gravado:

“Não posso precisar exatamente a idade dela (Patrícia). Era muito novinha; teria dois ou três anos. Ela acordou de madrugada, bem de madrugada. Despertou os pais, chorando e dizendo: a minha verdadeira cidade, Vichy, foi invadida!

Então a família não dormiu mais. Ficaram todos impressionadíssimos. Essas cenas todas, o fato de ela dizer o seu outro nome (Alex), que era francesa, e de recordar-se dos pais anteriores, já nos preocupavam muito.”

A Professora Dulce prosseguiu, narrando mais outros episódios interessantes:

“A Patrícia nasceu cinco anos após os meus tios estarem casados. Eles nem esperavam mais ter filhos. A minha tia e meu tio ficaram tão felizes, que remodelaram a casa inteirinha, antes dela nascer. Quando Patrícia começou a falar, passou a comentar: olha, vocês mudaram a casa; as paredes não eram dessa cor; a minha mãe estava vestida desse jeito e meu pai daquele outro jeito; vocês modificaram toda a casa, mas esta casa não é tão bonita como a minha verdadeira casa de Vichy. Dizia: meus pais eram ricos, elegantes e bonitos; vocês são muito feios e eu não gosto de vocês.

Meus tios perturbavam-se demais; achavam que a menina era louquinha; não sabiam o que fazer. Então, o caso de Vichy ao qual já me referi era muito lembrado na família: Vichy foi ocupada; de madrugada ela acordou aos berros dizendo que sua cidade havia sido invadida! Perto da hora do almoço, devia ser meio dia, ouvindo rádio, realmente meus tios ficaram sabendo que Vichy havia sido invadida. Ela passou o dia inteirinho chorando, lembrando-se dos pais. Para ela parecia difícil aceitar os pais de agora. Não aceitava não, ela só se lembrava do passado.”

A Professora Dulce relatou-nos outras passagens já anteriormente citadas nas entrevistas por nós transcritas. Deixamos de apresentá-las para evitar repeti-las desnecessariamente.

Todavia achamos interessante transcrever o relatório de D. Dora, irmã da Professora Dulce e que foi por esta citada no episódio do soldado avistado na padaria. D. Dora gentilmente forneceu-nos um relato, por

escrito, de algumas passagens ocorridas na infância de Patrícia e pessoalmente testemunhadas por ela.

RELATÓRIO DE D. DORA, ESCRITO EM 3, DIA 28 DE DEZEMBRO DE 1978

“Eu vivia sempre na casa dos meus tios Fúlvio e Irma. Ela é irmã da minha mãe. Depois de cinco anos de casados, esses meus tios tiveram uma menina que é a Patrícia, de quem vou falar.

Quando a Patrícia começou a falar, chorava e dizia que aquela casa (a dos meus tios) não era a dela; onde ela morava era muito maior e mais bonita; que essa mãe era feia, mal arrumada e aquela outra sim; era bonita e bem vestida; que o seu pai não se chamava Fúlvio, mas Hamadad.

Contava que tinha chegado àquela casa em um avião todo branco. E ela não entendia porque ela estava aqui e não na casa dela.

Outro fato marcante era a descrição exata que fazia de como estava a casa no dia em que ela chegou. A situação marcante está em que a casa havia sido redecorada totalmente. Descrevia também a roupa e como estavam sentados na sala seu pai, sua avó Josefa (minha avó também) e nosso tio Ivo. Ela dizia: quando eu cheguei nessa casa, de avião branco, vocês estavam... e descrevia. Ela nasceu em casa, pois nessa época as mulheres tinham seus filhos em casa, assistidas por uma parteira.

Referia-se também a Jean Pierre e referia-se a ele perguntando: Aonde ele está? Por quê não vem me ver?

Dizia chamar-se Alex.

Durante anos, ela falava sempre nas mesmas coisas e pessoas: minha mãe, Vichy, meu pai Hamadad, Jean Pierre, no porto do Havre, França, minha casa é grande, bonita, quero voltar.

Eu passeava muito com essa prima. Um belo dia, ela deu um ‘show’ na rua. Eu e ela estávamos defronte à Casa Barbieri, em Araraquara. Essa casa era famosa na época, lembrava os supermercados de agora. Patrícia, então, viu um soldado dentro da casa comercial e começou a gritar e a dizer: ‘Ele me matou, ele me matou, ele atirou aqui’, e mostrava o peito. Fez um escândalo, jogou-se no chão, chamou a atenção do quarteirão inteiro. Eu fiquei envergonhada e saí correndo para chamar minha tia Irma, pois não sabia o que fazer. Patrícia passou o dia todo emburrada e falando: ‘Ele me matou.’

Sempre que passávamos em frente a casas grandes com muitas janelas e de dois andares, ela parava e apontava uma das janelas do andar de cima, se não me esqueci, a terceira ou segunda janela, da esquerda para a direita, e ficava olhando e falando: ‘Ali naquela janela eu costumava ficar.’

A data desse fato que vou contar não me lembro, mas é de fácil verificação. Foi na última Grande Guerra, quando os alemães invadiram a França e ocuparam Vichy. Ela, a Patrícia, acordou de madrugada gritando e dizendo: ‘Invadiram a minha França, a minha Vichy. Onde

está minha mãe? Onde está Hamadad, Jean Pierre? Eu quero voltar!’ Teve um verdadeiro acesso de choro e gritos. De manhã, pelo rádio – não havia televisão – deram a notícia: A França foi invadida pelo exército alemão. Vichy foi ocupada.

Nós somos espíritas desde que nascemos. Esses meus tios não são ligados à religião espírita no sentido mais profundo da palavra, mas acreditam em reencarnação, em fenômenos mediúnicos. Então aceitavam com uma certa coragem o comportamento da filha que, até bem grandinha, só falava na outra mãe, na outra casa, no pai Hamadad, em Jean Pierre, no Havre, em Vichy, na França.

De qualquer maneira, a sua atitude e o seu comportamento sempre impressionaram seus pais e suas primas, como eu, por exemplo. Quando ouvíamos suas histórias, ficávamos arrepiados e impressionados. Tínhamos ordens dos tios para não deixarmos ela falar na presença de estranhos. A família tinha medo que ela fosse chamada de louca.

Eu e minha irmã Doralice nunca esqueceremos a história dessa nossa prima Patrícia, pois foi muito marcante. Aliás, toda a família se lembra, porque foi repetida por ela durante anos.

Hoje não admite que se fale no assunto embora diga que não se esqueceu da sua França. Parece-me, não tenho certeza, que só depois que entrou na escola é que foi espaçando as referências que sempre fazia do tempo da sua França.”

Datado e assinado em 28 de dezembro de 1978.

DEPOIMENTO VERBAL DE D. LYDIA, NO DIA 20 DE MARÇO DE 1978

D. Lydia é prima de Patrícia e conviveu com ela na infância, pois eram vizinhas. D. Lydia tinha nove anos de idade, quando Patrícia nasceu. Na época em que ela começou a falar e relatar seu caso, D. Lydia estava com onze anos de idade.

As declarações de D. Lydia concordam, de um modo geral, com os depoimentos antecedentes e pouco ou quase nada acrescentam ao que já foi informado a respeito de Patrícia em sua meninice. Por isso, limitar-nos-emos a transcrever apenas alguns trechos em que se nota maior ênfase:

“Lembro-me de que, quando pequena, ela dizia que não era daquele lugar, que meus tios não eram os seus pais. Quando ela ficava brava e brigava com a mãe, costumava dizer: ‘Você não é minha mãe; minha mãe é outra.’ Dizia que a outra mãe era mais bonita do que esta. Ela devia ter uns três ou quatro anos de idade.

Ela contava, também, das festas de aniversário. Dizia que os outros pais faziam umas festas muito bonitas, em que comparecia muita gente e havia muita luz.

Lembro-me dela contando como chegou. Relatou que a puseram em um carro branco, no qual ‘ela atravessou um rio muito grande.’ Quando chegou àquela casa, ela disse: ‘É aqui que eu vou ficar.’ Isto ela repetiu várias vezes.

Ela dizia que era da França. Seu pai chamava-se Jean Paul Barralouf. Dava também seu nome e o da sua mãe, mas eu não me recordo mais desses nomes. Não mencionava nomes de irmãos.”

Nesta declaração, o nome do pai de Alex (personalidade anterior) aparece com outro nome: Jean Paul.

É possível que, após tantos anos, alguns detalhes como este hajam sido esquecidos ou alterados.

Outro particular interessante deste depoimento é o fato de Patrícia ter-se referido ao mar como sendo um rio muito grande, o qual foi por ela atravessado no veículo branco.

* * *

Termina, aqui, o histórico do caso de Patrícia. Vamos passar, a seguir, às análises que este caso exige para sua melhor elucidação.

TABELA DE RECORDAÇÕES DA PACIENTE

1. – Aos dois anos e meio de idade revelou aos seus parentes que havia vivido na França, mencionando o nome de duas cidades francesas: Vichy e Havre.

É um fato inusitado, por ter ocorrido inicialmente em 1942, em uma cidade do interior, no seio de uma família de origem italiana. Acresce notar que Patrícia estava com menos de três anos de idade quando começou a fazer suas revelações sobre a França.

Outra circunstância notável é a insistência com que a garota se referia à sua alegada terra de origem (à França, a Vichy e ao Havre). Segundo informações de todas as testemunhas, ela se aludiu diária e repetidamente àqueles locais, por um prazo muito longo.

D. Dora relata em seu depoimento escrito: “Durante anos, ela falava sempre nas mesmas coisas e pessoas: minha mãe, Vichy, meu pai Hamadad, Jean Pierre, no porto do Havre, França, minha casa é grande, bonita, quero voltar.”

Referindo-se ao Havre, Patrícia dizia que esse lugar era um porto de mar, onde se viam atracados muitos navios. O Sr. Ivo, tio da paciente declarou que ela relatou várias vezes este episódio, quando tinha apenas

dois anos e meio de idade. D. Josefa, avó de Patrícia, confirmou o fato e comentou: “É exato. Mas ela nunca havia visto navios até aquela idade, pois aqui não é porto marítimo e, portanto, não se vêem navios em Araraquara. Ficávamos, então, admirados de ouvi-la contar essas coisas.”

Seus pais, a princípio, chegaram a admitir que Patrícia tivesse problemas de natureza mental, tal a insistência com que ela se referia à sua alegada terra de origem.

2. – Disse ter-se chamado Alex Amadado Barralouf.

O nome da personalidade anterior suscitou-nos algumas conjecturas. A primeira é que Alex poderia ser realmente uma abreviatura do nome Alexandra. Isto foi confirmado pela própria paciente em uma de suas declarações. A outra suposição é que o sobrenome da personalidade anterior, mencionado pela paciente como sendo Amadado Barralouf, tenha sido, na realidade Hamadad Baha Alouf ou Bar Alouf, nomes de origem árabe. Sua anterior mãe, segundo Patrícia, chamara-se Angala. Nome que sabemos ser de origem árabe, também, equivalente a Ângela.

Em seu relatório escrito, D. Dora diz o seguinte: “...que o seu pai não se chamava Fúlvio, mas Hamadad.” A prima de Patrícia, que com ela conviveu na infância, provavelmente memorizou melhor o nome então pronunciado pela paciente: Hamadad. Estes nomes são parecidos e poderia ter havido uma variação na recordação da própria paciente. Esta, possivelmente, tê-lo-ia pronunciado conforme D. Dora ainda se lembra: Hamadad e não Amadado.

Por ocasião da II Guerra Mundial, a Argélia ainda estava sob o domínio francês. Acharmos possível que os pais de Alex (personalidade anterior) tenham sido argelinos radicados na França. Isto explicaria a simpatia pelos árabes, manifestada por Patrícia na atual encarnação (entrevista do dia 19/09/1973).

A mesma suposição poderia fazer-se relativamente aos marroquinos, que também eram numerosos na França.

3. – Deu o nome daqueles que teriam sido seus pais na encarnação anterior, descrevendo-os.

Na entrevista do dia 6 de julho de 1971, Patrícia – adulta e com 32 anos de idade – declarou com toda a naturalidade: “Eu vivi na França. Chamava-me Alex Amadado Barralouf; meu pai Jean Paris Barralouf; minha mãe Angala Barralouf. Lembro-me de que ela era loira, alta e bem esguia. De meu pai não guardei bem as características físicas.”

Na entrevista do dia 18 de outubro de 1971, ela descreveu sua mãe anterior, de maneira bem precisa: “Eu já era maiorzinha e lembro-me bem de minha mãe. Era alta, esguia, bem elegante e loira. Vestia um traje cor cenoura, tipo ‘chemisier’ com gola esporte, tudo da mesma cor.”

Referindo-se ao pai daquela época, disse ter vaga recordação dele: “Tenho a impressão de que era gordo e meio calvo.”

Na entrevista do dia 19 de setembro de 1973, Patrícia reiterou sua informação: “Eu tenho a vaga impressão de que ele era meio gordo, mas fisionicamente nada.”

Quanto ao sobrenome Amadado, supomos que, na realidade, quando menina, ela teria mencionado Hamadad, conforme o relatório de D. Dora, do dia 28 de dezembro de 1978. Esta sua prima conviveu com ela durante a infância. Do mesmo modo, D. Dora menciona, duas vezes, neste documento, o nome Jean Pierre ligado a Hamadad:

“...meu pai Hamadad, Jean Pierre...”

“...onde está Hamadad, Jean Pierre, eu quero voltar.”

Presumimos que o verdadeiro nome do pai de Alex tenha sido: Jean Pierre Hamadad Bar Alouf ou Baha Alouf, e não Jean Paris como mencionou Patrícia em suas informações.

4. – Recordava-se de que morrera com cerca de 15 (quinze) anos de idade, vítima de um tiro no peito, desfechado por um soldado. As marcas da bala.

Na entrevista do dia 6 de julho de 1971, Patrícia descreveu, de forma simples e clara, o dramático episódio de sua morte: “Recordo-me que, quando morri, contava mais ou menos quinze anos de idade. Devia ter sido por ocasião de uma guerra, pois lembro-me que bateram à porta, um soldado entrou e eu recebi um tiro. Senti sede, pedi água e morri.”

Patrícia estava com pouco mais de dois anos de idade, quando revelou esta passagem de sua vida anterior. Seu tio, Sr. Ivo, contou, na mesma entrevista, que ela “ao narrar o episódio de sua morte, em lugar de dizer que fora assassinada com um tiro, falava que lhe haviam dado uma garruchada”.

No encontro do dia 18/10/1971, Patrícia deu-nos uma descrição bem detalhada do drama de sua morte:

“Tenho a impressão de que não havia ninguém em casa naquela ocasião, pois fui eu quem abriu a porta. Devia ser de manhã, aproximadamente dez horas. O tempo parecia-me nublado. Achava-me na

sala de entrada. Ouvi bater à porta. Abri a porta. Um soldado entrou. Trazia uma arma na mão, parecia-me ser um fuzil. Apontou-me a arma e deu-me um tiro ao nível do coração. Lembro-me de haver pedido água, antes de morrer. Não me recordo se me deram água. Vejo-me, naquela época, estirada no chão em decúbito dorsal. Meu vestido era claro, mas não me lembro de ter visto sangue. Tenho pavor de arma, qualquer que seja ela, especialmente de garrucha, revólver, espingarda. Sou, também, muito impressionável com sangue. Sangue causa-me uma sensação horrível.”

Na entrevista do dia 19 de setembro de 1973, foi feito um exame no próprio corpo da paciente, a fim de verificar-se a possibilidade de existirem vestígios de ferimento causado pela bala. Imediatamente foram encontradas duas marcas cutâneas; uma delas na frente, pouco abaixo do seio esquerdo; uma outra, simétrica, nas costas, ao nível do rim esquerdo. O primeiro sinal tinha o aspecto de uma cicatriz oriunda de ferimento perfurocontuso. O segundo sinal era maior, um tanto saliente, fazendo lembrar a cicatriz de algo que saiu de dentro para fora, dilacerando os tecidos da pele. Os dois davam a impressão das cicatrizes produzidas por um projétil que houvera atravessado transversalmente o corpo de Patrícia. O perfil das marcas, vistas lateralmente, forma um ângulo de 15°, aproximadamente, com a horizontal, mostrando que o suposto projétil fora disparado por uma pessoa mais alta do que a paciente. Este detalhe acrescenta mais evidência à suposição de que se trata das marcas da bala que teria matado Alex.

A mãe de Patrícia ficou surpreendida, na ocasião, pois sempre notara essas marcas-de-nascença, mas nunca as relacionara com as recordações manifestadas por sua filha, desde os dois anos de idade.

A tendência de tais marcas é de desaparecerem com o tempo. Apesar de Patrícia já contar 34 anos por ocasião da entrevista, as cicatrizes estavam suficientemente nítidas para permitir serem fotografadas. (Ver as fotos).

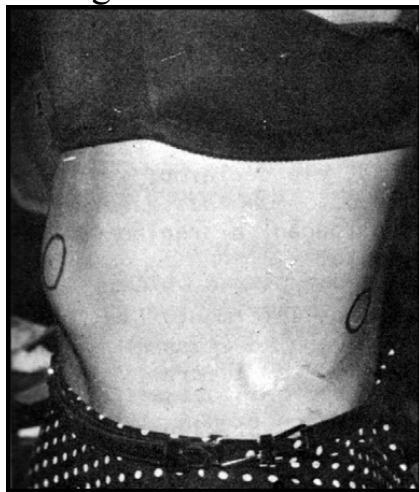
Quando o Dr. Ian Stevenson esteve em São Paulo, em fevereiro de 1972, pronunciou uma conferência na Associação Paulista de Medicina, na qual mostrou dispositivos fotográficos de 70 (setenta) casos de reencarnação cujos pacientes apresentavam marcas-de-nascença. Eram sinais externos com o aspecto de deformidades e cicatrizes de ferimentos. Essas marcas-de-nascença correspondiam exatamente aos locais e respectivos ferimentos que causaram a morte da personalidade anterior. São sinais objetivos, que aduzem forte evidência para determinados casos de renascimento. O Dr. Stevenson possui em seus arquivos cerca de dois mil casos que sugerem

reencarnação. Aproximadamente 3,5% desses casos trazem as referidas marcas.

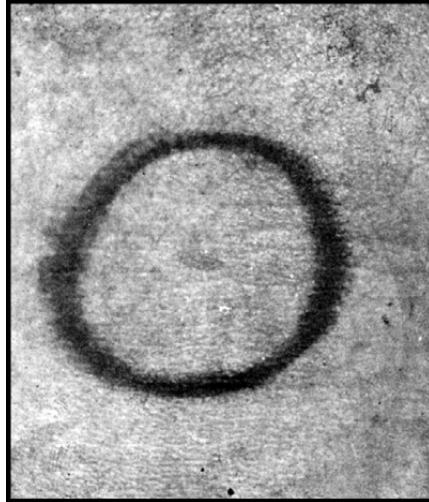
O episódio da própria morte deve ter calado profundamente na memória de Patrícia. De fato, vamos rever o incidente ocorrido com ela, em Araraquara, quando tinha cerca de três anos de idade. Repitamos o relato de sua prima D. Dora, de 28/12/1978:

“...Eu e ela estávamos defronte à Casa Barbieri, em Araraquara. Essa casa era famosa na época, lembrava os supermercados de agora. Patrícia, então, viu um soldado dentro da casa comercial e começou a gritar e a dizer: ele me matou, ele me matou, ele atirou aqui, e mostrava o peito. Fez um escândalo, jogou-se no chão, chamou a atenção do quarteirão inteiro. Eu fiquei envergonhada e saí correndo para chamar minha tia Irma, pois não sabia o que fazer. Patrícia passou o dia todo emburrada e falando: ele me matou.”

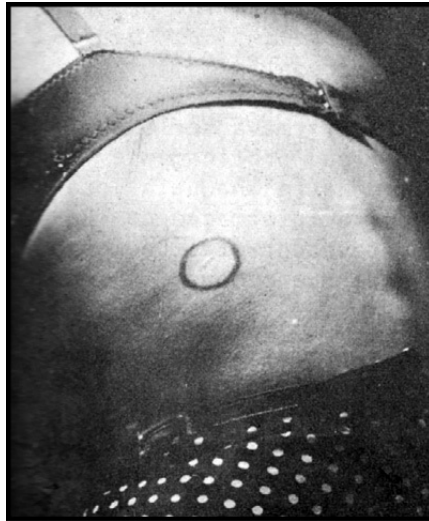
Seria muito improvável que uma criança de três anos conseguisse fantasiar uma cena de tal natureza, dando detalhes tão coerentes; exemplo: dizer que sentiu sede e pediu água antes de falecer.



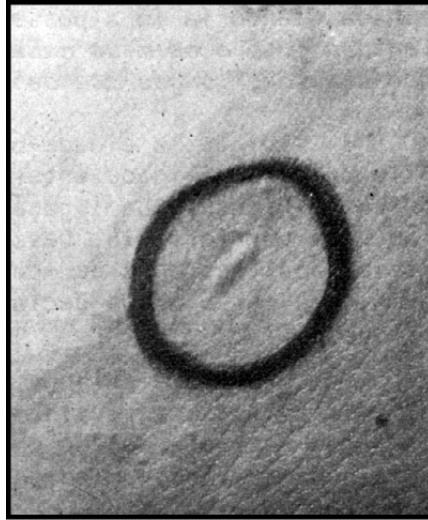
Vista lateral da trajetória da bala. Observe-se o ângulo de inclinação do caminho seguido pelo projétil, da frente para as costas.



Cicatriz com aspecto de ferimento perfurocontuso existente na frente, abaixo do seio esquerdo.



O local da saída da bala nas costas ao nível do rim esquerdo.



Aspecto da cicatriz da saída do projétil. Observe-se que a marca é maior.

5. – Recordava-se de que era levada de trem a passeio, ao porto do Havre, pelos seus pais e por um tio, a quem parece ter votado especial afeição.

Esta lembrança permanece até hoje com Patrícia. Na entrevista do dia 19/09/1973, ela declarou: “Eu me lembro do porto; navios atracando. Não sei descrever.” Acrescentou que, em sua recordação, a região do Havre parecia sem sol e ventava muito.

D. Irma, no mesmo encontro, informou: “Ela falava, todos os dias, no tio que a levava a passear no Havre. Ela disse que não ia de navio e sim de trem.

Na entrevista de 06/07/1971, o Sr. Ivo declarou: “Ela dizia que o Havre era um porto e lá se viam muitos navios. Isto ela afirmava sempre, falando assim: – eu ia sempre passear no Havre e, no porto, eu avistava os navios passando.”

Quando estivemos com Patrícia, dia 18 de outubro de 1971, inquirimo-la sobre suas recordações do porto do Havre, indagando acerca do clima, do tempo que reinava quando ia lá a passeio. Sua resposta foi pronta: “Ventava frio e os meus cabelos se agitavam. Eram castanho-escuros, longos até os ombros, lisos.”

Vichy, a cidade onde ela afirmava ser o domicílio da personalidade anterior, fica praticamente no centro da França. Sua ligação com o Havre, naquela ocasião, era por ferrovia. Desse modo, a informação de Patrícia, aos três anos de idade, estava correta. Da mesma forma, era certa a sua declaração de que o Havre é um porto marítimo.

Para uma criança de dois a três anos constitui um fato incomum revelar tais conhecimentos. Acresce notar que Patrícia nasceu em uma cidade do interior e nunca houvera visto um porto marítimo e muito menos navios.

Em seu depoimento, no dia 20 de março de 1978, D. Lydia diz que Patrícia referia-se a um rio muito grande, em lugar de dizer mar.

6. – Descrevia o aspecto da casa onde vivera em sua existência anterior. Apontava, em Araraquara, uma casa que se lhe assemelhava.

Depois de adulta, Patrícia ainda guarda a lembrança da casa que habitara em Vichy, na sua anterior encarnação como Alex.

“Lembro-me do tipo da casa em que morava então. Aqui em Araraquara há uma casa cujo aspecto se lhe assemelha, pelo menos na aparência.”

Quando a entrevistamos dia 18/10/1971, solicitamos mais esclarecimentos a este respeito. Ao indagarmos como era sua casa em Vichy, ela nos informou o seguinte: “Era confortável, assobradada, lisa por fora e com janelas verde-escuras. As paredes eram creme. Tinha uma pequena vidraça na porta, um pouco mais para cima. Não possuía jardim; a entrada era direta da rua e sem nicho.”

No relatório de D. Dora, de 28/12/1978, há o seguinte trecho: “Sempre que passávamos frente a casas grandes com muitas janelas e de dois andares, ela parava e apontava uma das janelas do andar de cima, se não me esqueci, a terceira ou segunda janela da esquerda para a direita, e ficava olhando e falando: Ali naquela janela eu costumava ficar.”

Quando bem nova, comentava que sua casa, na França, era muito mais bonita e melhor do que a atual onde estava morando agora. Tais comentários foram feitos desde que ela começara a falar.

7. – Logo que começou a falar, contou que viera da França ao Brasil, em um estranho veículo semelhante a um avião sem asas.

O Sr. Ivo (tio da paciente) foi solicitado a dizer aquilo que Patrícia revelara quando estava ainda com dois ou três anos de idade (entrevista de 06/07/1971). Sua informação foi pronta:

“Posso contar. Ela disse-nos que fizera uma viagem, transportada juntamente com outras pessoas em um carro branco. Passaram sobre o mar. Alguns dos que com ela vieram desceram em outros locais. Não me recordo onde. Quanto à Patrícia, esta desceu frente à nossa casa. Disse ela que, ao avistar a cortina da janela, falou: eu paro aqui; é este o lugar onde devo ficar.”

Em 18/10/1971, solicitamos de Patrícia informações a respeito do veículo que a teria transportado até Araraquara. Suas lembranças, embora mais ricas e exatas concordam com a descrição fornecida pelo seu tio Ivo:

“Era branco, fazia lembrar um avião, pois flutuava sobre o solo e o mar, mas não era avião. Deslizava baixo pouco acima do nível do solo. Havia poucas pessoas, talvez três, que se achavam no veículo. As pessoas, a bordo, trajavam roupas que faziam lembrar uniformes de enfermeiro ou médico. Ao chegar defronte à minha casa, em Araraquara, uma das pessoas, um homem disse-me: Você fica aqui. Não vi como desci, mas lembro-me de ter assistido quando o veículo foi embora. Era todo branco, tinha a forma da fuselagem de um avião, mas sem asas nem rodas. Por dentro viam-se assentos com encostos altos e todos brancos também. Não fazia ruído. Meu porte físico era, ainda, o de uma garota de seus 15 anos. Via-me trajando um vestido branco feito de tecido leve esvoaçante. O traje era comprido. Um dos tripulantes falara comigo. O outro, que se achava mais à frente, manteve-se de costas e não me fixou nenhuma vez. O que me dirigiu a palavra parecia ter viajado ao meu lado. Trajava-se de branco também.”

O relato deste mesmo episódio, feito por D. Irma, reproduzindo as informações de sua filha Patrícia aos dois anos e meio de idade, concorda aproximadamente com duas transcrições anteriores (ver entrevista do dia 19 de setembro de 1973).

No depoimento de D. Lydía, prima da Patrícia, no dia 28/03/1978, ela informou que esta última se referiu a um grande rio, por ela atravessado dentro de um veículo branco. Sendo uma criança de três anos e nunca tendo visto o mar, ela descreveu-o como um grande rio.

A referência a veículos eventualmente existentes em outros planos fora do nosso espaço não é tão incomum como poderia pensar-se. Há várias menções a esses inusitados meios de transporte, feitas na literatura concernente às vozes captadas em fitas magnéticas por meio de gravadores correntes. Da mesma forma, na literatura espírita, principalmente em livros psicografados por Francisco Cândido Xavier, há inúmeras citações acerca de variados tipos de veículos a serviço de transporte no Além.

A título de exemplo, extraímos do livro de Friedrich Jürgenson, *Telefone Para o Além*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, pp. 130 e 131, o seguinte trecho:

“...Não raro atraíam-me a atenção certas expressões que, aparentemente, tinham relação com o enigma daqueles voos místicos. As palavras: ‘Friedel, estamos sentados no navio dos mortos’, assim como as expressões teleship, craft, etc., foram muitas vezes ouvidas e gravadas na fita magnética. Embora não conseguisse saber algo mais positivo sobre o assunto, era evidente que se tratava de algum meio de transporte ou uma espécie de voo.”

No livro de Gabriella Alvisi, *As Vozes dos Vivos de Ontem* (Portugal: Publicações Europa-América, 1976, p.93), há, também, menção de meios de locomoção no Além. Esta obra refere-se às comunicações obtidas pela Autora, com sua falecida filha, por meio de gravações em fitas magnéticas:

“Por rádio ouvi claramente o barulho de um motor de avião com esclarecimentos por parte das ‘vozes’: ‘É um avião’, pronunciado com a sua inconfundível e característica cadência.” (Opus cit. p.93).

“Também no que se refere aos meios de transporte, não pude deixar de me render à evidência: aviões, automóveis, bicicletas, motocicletas.” (Opus cit. P.93).

O livro do Dr. Konstantin Raudive, *Breakthrough*, New York: Taplinger Publishing, 1971, pp.159-160, menciona vários trechos de conversação gravada nas fitas magnéticas, em que são feitas alusões a viagens e a meios de transporte. A obra de K. Raudive é um dos mais extensos e completos trabalhos sobre gravação de vozes dos desencarnados. Vejamos alguns excertos do livro de Raudive:

“Os fragmentos de conversação aqui compilados indicam que meios de transporte existem e que as vozes-entidades ‘viajam’”. (Opus cit. p.159).

Eis alguns fragmentos de conversação, extraídos dessa obra:

“Nós temos o Susa-Bus” (p.160).

“Kostuli, Kostuli, nós voamos sobre a Holanda. A Holanda, porém, estará fria daqui a pouco. Não é bom aterrissar.” (p.160)

“Nós viajamos – Saphir, nós estamos viajando!” (p. 160)

As principais obras de Francisco Cândido Xavier, onde se encontram alusões a veículos do Além, são as seguintes: *Nosso Lar*, Rio de Janeiro: FEB, 1943, Capítulos X, XI, XXVI e XXXIII; *Os Mensageiros*, Rio de Janeiro: FEB, 1944, Cap. XXXIII; *E a Vida Continua*, Rio de Janeiro: FEB, 1968, Capítulos XIII, XVIII, XXI, XXIV e XXVI.

Nas obras de Francisco Cândido Xavier há menção dos seguintes tipos de veículos utilizados como meio de transporte no Além: aeróbus,

carruagens puxadas por animais, máquinas semelhantes a um pequeno automóvel de asas, máquinas voadoras semelhantes a grandes borboletas silenciosas, ambulâncias, pequena carruagem voadora em forma de estrela irisada, etc.

A descrição do estranho veículo feita por Patrícia, aos dois anos e meio de idade, em 1942, quando não se usava ainda a televisão e numa pacata cidade do interior, é um fato bastante inusitado. Faz supor que, de uma maneira ou de outra, ela teria sido informada neste sentido. O mais interessante deste episódio é o fato de Patrícia haver relatado, súbita e espontaneamente, como fez sua viagem nesse curioso veículo, quando revelou a seus parentes que viera da França por esse meio de transporte, após haver sido morta pelo soldado.

Teria sido apenas o produto de uma fantasia infantil? Achamos pouco provável, devido às condições que a cercavam e à sua pouca idade.

8. – Descreveu corretamente o anterior arranjo interno da casa, o qual fora modificado antes do seu nascimento.

Patrícia nasceu cinco anos após o casamento de seus pais. Estes não esperavam mais ter filhos. Quando D. Irma – sua mãe – se sentiu grávida, houve grande alegria na família. Por isso, trataram de reformar a casa toda, para receberem o bebê que iria nascer. Quando ela foi dada à luz, o arranjo interno da casa já estava quase todo alterado; restaram para serem trocados apenas uma cortina estampada em cores vivas e os móveis da sala de estar.

A mãe de Patrícia contou-nos, então (entrevista de 19/09/1973), o seguinte:

“A primeira vez que ela começou a falar, eu estava sentada com ela na sala e estava dizendo que ia trocar os móveis. Ela levantou-se e disse que não, que ninguém ia tirar aqueles móveis dali, pois quando ela chegara havia gostado muito: ‘Quando eu cheguei aqui gostei tanto, que ninguém vai mexer nesses móveis!’ Eu perguntei: ‘Mas você de onde chegou?’ Ela disse: ‘Ué. Cheguei da França!’ Aí começou a falar...”

Patrícia ainda se recorda do momento de sua chegada, quando deixou o estranho veículo que a transportou da França até Araraquara:

“Lembro-me de que já era noite quando cheguei. A minha sensação era de que viajara algumas horas. A casa estava iluminada por dentro, com as luminárias normais. Recordo-me bem da sala de estar e, em particular, de uma cortina que dividia a sala de estar com a de jantar. Agora existe uma porta sanfonada. Naquela ocasião, havia ali uma cortina estampada em

cores vivas, vermelho e verde predominantemente, talvez com algum tom azul-marinho.” (Entrevista de 18/10/1971).

O Sr. Ivo, no encontro de 6 de julho de 1971, assinalou uma particularidade interessante concernente à chegada de Patrícia e por ela lembrada: “Há uma particularidade muito interessante. Ela se referiu até ao ‘peignoir’ da sua atual mãe, descrevendo-o corretamente.”

A Professora Dulce e D. Dora deram grande ênfase ao fato de Patrícia ter descrito o arranjo interior da casa, como se achava antes do seu nascimento. Realmente é um acontecimento fora do comum, pois ela não havia sido informada acerca dos anteriores detalhes da casa por ter estado em fase de gestação.

9. – Quando estava com cerca de três anos de idade, despertou os pais, de madrugada, chorando e exclamando: A minha verdadeira cidade, Vichy, foi ocupada!

A Professora Dulce foi quem relatou esta passagem, na entrevista de 26 de junho de 1978.

D. Dora, em seu relatório de 28/12/1978 completou a informação:

“Ela, a Patrícia, acordou de madrugada, gritando e dizendo: Invadiram a minha França, a minha Vichy. Onde está minha mãe? Onde está Hamadad, Jean Pierre? Eu quero voltar! Teve um verdadeiro acesso de choro e gritos. De manhã, pelo rádio – não havia televisão – deram a notícia: ‘A França foi invadida pelo exército alemão, Vichy foi ocupada.’”

Em 11 de novembro de 1942, os alemães invadiram totalmente a França, ocupando Vichy, onde Petain instalara, em 14 de junho de 1940, a sede do governo provisório. Em 14 de novembro de 1942, Patrícia completaria três anos de idade. Por conseguinte, há uma concordância perfeita entre todos os eventos mencionados neste item.

Esta passagem revela, ainda, o extraordinário apego à França, demonstrado por Patrícia, levando-a a captar paranormalmente aquele fato importante ocorrido com o país ao qual ela se dizia vinculada antes de reencarnar.

10. – Em seus estudos de línguas, sempre mostrou grande facilidade para aprender o idioma francês.

Na entrevista do dia 6 de julho de 1971, Patrícia declarou o seguinte: “Noto grande facilidade para aprender o francês. Cursei a Aliança Francesa, até o segundo ano apenas. Quanto ao inglês, confesso que sinto grande dificuldade. Sempre tive aversão ao alemão.”

Vê-se, pelas declarações de Patrícia, que ela não tem facilidade para o aprendizado de línguas, exceto o francês. O interessante é que, sendo oriunda de famílias italianas, tanto por parte do pai como da mãe, e convivendo com avós e tios italianos, ela não se refere ao idioma italiano.

O fato de a Itália ter participado da II Guerra Mundial, ao lado da Alemanha, e devido à grande popularidade de Mussolini, era natural que os italianos mostrassem certa simpatia pelo “Eixo Roma-Berlim”.

Portanto, é um fato inesperado que, no seio de uma família italiana, haja surgido uma garotinha que revelasse tanta afinidade pela França. Este país pertencia aos aliados que lutavam contra os alemães e os italianos.

11. – Quando bem nova, Patrícia demonstrava certa aversão aos atuais genitores, comparando-os com os pais que tivera na encarnação anterior.

Na entrevista do dia 19 de setembro de 1973, D. Irma – mãe da Patrícia – referiu-se a este aspecto de seu comportamento em criança, declarando: “Dizia que eu era feia e que a mãe dela da França era linda, bonita, de cabelos louros e compridos.”

No depoimento da Professora Dulce, no dia 26 de junho de 1978, há a seguinte declaração: “Quando Patrícia começou a falar, passou a comentar... Dizia: Meus pais eram ricos, elegantes e bonitos; vocês são muito feios e eu não gosto de vocês.

Este modo de relacionamento da garotinha com seus pais é outro fato inusitado. Geralmente as crianças se apegam aos genitores, independentemente de condições estéticas. A afeição dos filhos para com os pais parece resultar dos cuidados e proteção destes e não do seu aspecto físico, da beleza, etc. As crianças são como os animais; estes se afeiçoam aos seus donos, porque deles é que recebem o trato, o alimento e os agrados. Somente mais tarde, os filhos adquirem compreensão suficiente para fundamentar seus sentimentos em relação aos pais, sobre outros valores.

Parece que Patrícia ainda guardava vívida recordação dos alegados genitores que tivera anteriormente. Talvez ela se sentisse como uma criança arrancada do seu lar, já grandinha, e adotada por outra família.

Era esta a impressão que ela causava, quando comparava, também, sua atual casa com a que dizia ter tido, na França. (Ver item 6).

12. – Lembra-se do seu porte e das suas atividades em Vichy.

Patrícia recorda-se de que era mocinha de seus quinze anos. Era alta, não muito magra e tinha a pele clara, cabelos castanho-escuros, compridos até os ombros.

Quanto às suas atividades, lembra-se de que permanecia mais em casa. Saía sempre acompanhada de sua mãe. Nunca saía só. Costumavam ir juntas fazer compras.

Estas recordações referem-se à época em que Patrícia diz ter sido assassinada pelo soldado. Perduraram até a sua maturidade.

13. – Aos 4 anos de idade, em uma certa manhã, não quis tomar seu desjejum e disse que estava muito triste porque o pai dela da França havia morrido.

Esta informação foi-nos prestada por D. Irma – mãe de Patrícia, na entrevista de 19 de setembro de 1973.

Vê-se, por este detalhe, que a garota mantinha uma espécie de ligação telepática com os seus supostos parentes que ficaram na França. Seria apenas uma dramatização? Para uma criança de apenas quatro anos, parece muito improvável que tivesse uma imaginação tão fértil assim e de aspecto tão coerente.

Vamos ver, logo a seguir, outro fato estranho, semelhante a este, no qual a menina novamente revela uma possível ligação telepática com pessoas da França.

14. – Aos 5 anos de idade, por conseguinte, em 1944, sonhou que estivera em uma festa com todos os seus amigos, na França.

Esta data é muito significativa para a história da II Guerra Mundial. Em 6 de junho de 1944, os aliados, sob o comando do Gal. Eisenhower, desembarcaram na Normandia. Em 25 de agosto de 1944, Paris foi libertada. Daí o grande regozijo dos franceses e, naturalmente, as festas.

O sonho de Patrícia é, portanto, extremamente significativo e confirma a suposição de uma ligação telepática com seus alegados amigos franceses.

* * *

Vamos destacar, a seguir, alguns detalhes relevantes, concernentes ao presente caso.

OUTROS DETALHES RELEVANTES CONCERNENTES AO CASO DE PATRÍCIA

1. – Em sua entrevista do dia 18 de outubro de 1971, respondendo à indagação de como eram suas atuais recordações, Patrícia afirmou que eram bem vivas e nítidas no relacionado com as lembranças. “As imagens permanecem claras. A sensação é a de um sonho que ficou.”

Declaração semelhante tivemos por parte de Rodrigo (ver p.185), quando este paciente informou que, ao recordar-se dos eventos ocorridos com a personalidade prévia (Fernando), não parecia notar a solução de continuidade entre a existência daquela e a sua presente realidade como uma nova personalidade. Para ele, era como se tivesse adormecido Fernando e acordado Rodrigo, de um dia para o outro.

2. – Patrícia revelou que, ao chegar a seu novo domicílio, não teve nenhuma sensação particular, nem sentimento de saudade, desolação, etc. Nem sabia por que se encontrava lá. Entre o episódio de sua chegada até quando atingiu a idade de dois anos, não guardou qualquer lembrança. Era como se tivesse estado inconsciente.

3. – É digna de nota a simpatia que Patrícia diz nutrir pelos árabes. Os nomes dos pais, em sua alegada vida prévia, são reconhecidamente árabes. Hamadad, Angala, Barralouf ou Bar Alouf.

Por esse motivo, fomos induzidos a supor que os pais da anterior personalidade (Alex) teriam sido ou argelinos ou marroquinos radicados na França.

4. – Outro aspecto interessante dos sentimentos de Patrícia é o seu amor pela França e por tudo o que seja de lá, manifestados desde os dois anos e perdurando até hoje.

Na entrevista de 19 de setembro de 1973, a mãe de Patrícia referiu-se ao fato de sua filha, quando criança, achar as flores da França muito mais lindas do que as de Araraquara. Disse, ainda, que ela se referia à França quase todo o dia e que, até agora, tem preferência pela música francesa. Ao comparar as coisas daqui com as da França, invariavelmente achava as de lá mais bonitas e melhores.

5. – Durante sua infância, Patrícia parecia paranormalmente ligada com a França e, talvez, com as pessoas amigas lá existentes. Vários exemplos dão apoio a esta suposição. Vamos citar alguns:

“Uma certa manhã ela não quis tomar leite e disse que estava muito triste porque o pai dela da França havia morrido.” (Entrevista de 19/09/1973).

“Numa outra vez ela disse que havia sonhado que estivera com todos os seus amigos da França em uma festa.” (Entrevista de 19/09/1973).

“Vichy foi ocupada; de madrugada ela acordou aos berros dizendo que sua cidade havia sido invadida!” (Entrevista de 26/06/1978); ver também o relatório de D. Dora de 28/12/1978).

6. – Em julho de 1975, Patrícia foi à Europa. Esteve em Paris. Disse-nos que ficou deslumbrada com a beleza daquela cidade.

No dia 18 de julho de 1975, conseguiu ir a Vichy. Infelizmente, devido ao fato de precisar atender a uma rígida programação e, também, em virtude de haver uma greve nos serviços de transporte, Patrícia só conseguiu estagiar por duas horas em Vichy. Assim mesmo, procurou visitar um dos três cemitérios daquela cidade, na esperança de encontrar, em seu registro necrológico, o nome de Alexandra Hamadad Barralouf. Não teve êxito naquela necrópole. Devido à carência de tempo não pôde visitar as demais.

Entretanto, a cidade pareceu-lhe familiar, especialmente quanto ao tipo das casas residenciais. Estas eram extremamente semelhantes ao padrão que ela ainda conservava em suas recordações. Outro detalhe que lhe chamou a atenção foi a brisa que ela observou soprar em Vichy. Em julho, lá é verão. Todavia a temperatura era amena e a cidade bem arejada. Este particular fê-la recordar-se da mãe de Alex (personalidade anterior), cuja indumentária incluía echarpes sempre esvoaçantes.

Lamentavelmente, Patrícia não pôde retornar a Vichy, para um reconhecimento mais demorado e minucioso.

* * *

HIPÓTESES EXPLICATIVAS PARA AS RECORDAÇÕES E O COMPORTAMENTO DE PATRÍCIA

À semelhança do que foi feito para os anteriores casos, vamos procurar uma explicação para os fatos ocorridos com Patrícia, desde a sua infância.

O presente caso classifica-se entre os “não-resolvidos”, pois ainda não foi localizada a personalidade prévia. Incluímo-lo neste trabalho devido às fortes evidências intrínsecas por ele apresentadas, que sugerem tratar-se de um caso de reencarnação. Para justificar esta suposição, precisamos eliminar as demais hipóteses que poderiam também explicá-lo.

FRAUDE DELIBERADA

Estaríamos diante de uma história forjada por Patrícia, de comum acordo com seus demais parentes?

Antes de chegarmos a semelhante conclusão, precisamos definir claramente os objetivos visados e as vantagens auferidas pela paciente e sua família, como resultado de uma farsa desta natureza. Parece-nos que não é possível encontrar-se qualquer móvel válido que pudesse justificar um conluio desta espécie.

Não haveria, então, a intenção da própria Patrícia de se fazer notada pelos seus parentes, quando ainda criança, ganhando com isso mais afeição e cuidados dos pais? Não teria ela dramatizado tudo isso desde a sua infância, continuando a viver suas fantasias até depois de adulta?

Esta suposição esbarra logo de início com certas circunstâncias que rodearam os acontecimentos desde o seu começo. Ei-las:

1. – Como uma criança, pertencente a famílias italianas, nascida e criada no interior, em 1941, tendo a idade de dois anos, veio a saber da existência de um país chamado França e dos nomes certos de duas cidades de lá: Vichy e Havre, distinguindo esta última como sendo um porto marítimo?

2. – Como se explica a descrição do episódio do assassinato perpetrado pelo soldado, tão bem narrada e coincidente com as “marcas-de-nascença”, urdida por uma criança de dois a três anos de idade?

3. – Os itens 9, 13 e 14 sugerem sua ligação paranormal com a França. Como explicar tais fatos através de uma farsa por parte da garotinha?

Pensamos que bastam estes três exemplos, embora pudéssemos enunciar um número bem maior.

Não seria, então, um caso de busca de notoriedade por parte da própria Patrícia, colocando-se como figura central de um fato tão extraordinário como este?

Ainda assim, não se justifica esta suposição, pois Patrícia procurou sempre manter-se no anonimato. Foi esta a sua preocupação desde o início. Daí velarmos seu verdadeiro nome e os de seus parentes, por meio de pseudônimos.

Finalmente, se fosse uma fantasia de sua parte, Patrícia, ao ir à França, não teria se preocupado em visitar Vichy e tentar encontrar, no registro necrológico do cemitério, o nome de Alexandra Hamadad Barralouf. E ela não logrou seu intento, devido às circunstâncias adversas que a impediram de prosseguir em suas investigações. Patrícia lamentou muito este fato e pretende voltar ainda à França para encontrar o túmulo de Alexandra.

Não cremos que qualquer suposição fundamentada na hipótese da fraude deliberada venha a ter êxito na explicação do presente caso, em todos os seus aspectos. Por isso, não insistiremos nesta hipótese.

INFORMAÇÃO DIRETA - CRIPTOMNÉSIA

Dia 3 de setembro de 1939, a Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha. Patrícia nasceu no dia 14 de novembro de 1939, por conseguinte, três meses após o início da fase aguda da II Guerra Mundial. Devia, pois, comentar-se muito e por toda a parte, a respeito do conflito entre as nações.

Em 14 de junho de 1940, Paris, a capital da França, foi ocupada. Nesta mesma data, o Gal. Petain instalou a sede do governo provisório, em Vichy. Patrícia estava, nesta ocasião, com 7 (sete) meses de idade. É provável que tenha ouvido falar na França e Vichy, algumas vezes pelos adultos da família. Afinal de contas, ela cresceu durante o desenrolar dos episódios mais importantes da II Guerra Mundial.

Naquela época não havia a televisão, mas o rádio era muito difundido e muito ouvido. As notícias sobre as operações militares fluíam constantemente pelo rádio. Possivelmente, Patrícia, embora ainda muito

nova, ouvira inúmeras vezes referências à França e a Vichy, feitas através do noticiário irradiado pelas emissoras. Podemos supor, igualmente, que ela tenha escutado, uma ou outra vez, referências ao Havre, importante porto marítimo da França.

Essas informações captadas pela garotinha, ainda que em tenra idade, poderiam ir sendo gravadas em seu inconsciente. Mais tarde, logo que aprendeu a falar, aquelas informações vieram-lhe à tona do consciente sob a forma de uma dramatização e ela passou a fantasiar toda aquela história de ter vindo da França em um avião sem asas, de haver nascido em Vichy, de ter ido ao Havre, de trem com o tio, etc.

Esta hipótese, da criptomnésia, poderia, forçando-se um pouco, explicar como Patrícia, aos dois anos de idade, conseguiu referir-se a Vichy e ao Havre, localizando estas cidades na França (ver item 1 da tabela).

Entretanto, a criptomnésia dificilmente esclareceria os outros aspectos do comportamento da paciente (ver itens 2, 3, 4, 6, 10, 11 e 12 da tabela). Esta hipótese não nos parece capaz de explicar cabalmente o presente caso.

Vamos tentar outra suposição.

TELEPATIA, ESP E SUPER-ESP

Os itens 8, 9, 13 e 14 da tabela sugerem que Patrícia, em sua infância, poderia ter manifestado momentos de captação telepática, ou melhor, uma certa intensificação de sua percepção extrassensorial (ESP). Não estaria, apenas exteriorizando, sob a forma de dramatização, aquilo que eventualmente captava telepática ou clarividentemente, das pessoas e dos eventos ocorridos ao seu redor e no mundo, mediante o exercício de uma super-ESP?

Esta hipótese tem a vantagem de não estar sujeita a limitações de espaço e de tempo. Ela se amolda facilmente à maioria das circunstâncias.

Entretanto, ela esbarra com uma primeira dificuldade: Patrícia, a não ser naqueles citados casos dos itens 8, 9, 13 e 14, nunca mais mostrou, durante sua vida, habilidades telepáticas e clarividentes. É uma pessoa normal neste particular.

Os itens 1, 2, 3, 4, 5, 7, 10, 11 e 12 da tabela oferecem dificuldades bem acentuadas para se encaixarem em uma explicação por ESP ou super-ESP, exigindo um número muito grande de hipóteses “ad hoc” que permitam ajustar os fatos à tese principal. O item 4, por exemplo, apresenta a dificuldade das marcas-de-nascença e da cena feita por Patrícia ao avistar o

soldado ajeitando sua arma, na porta da casa comercial de Araraquara. Como explicar tais fatos, por meio da ESP?

Acreditamos ser desnecessário prosseguir na análise da hipótese da “telepatia, ESP e super-ESP” visando a esclarecer o presente caso. É evidente a sua insuficiência para justificá-lo totalmente.

INCORPORAÇÃO MEDIÚNICA

Não teria Patrícia sofrido um processo de incorporação de uma entidade desencarnada, falecida na França, em Vichy, assassinada por um soldado?

Esta hipótese poderia explicar alguns itens da tabela de recordações da garota.

Um detalhe importante é o fato de ter sido morta por um soldado. Esta circunstância constituiu-se em um enigma para os investigadores do presente caso. Patrícia nasceu dia 14 de novembro de 1939. A II Guerra Mundial teve início, no dia 1º de setembro de 1939, com a invasão da Polônia. Dia 3 de setembro do mesmo ano, a Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha. Logo, Patrícia nasceu dois meses e onze dias após a França haver entrado no conflito. Sabe-se que Patrícia esteve apenas sete meses em gestação. Diante disso, admitindo-se que tenha se reencarnado logo após haver morrido, conclui-se que o desencarne da personalidade prévia deu-se talvez em março ou abril de 1939, por conseguinte cerca de cinco a seis meses antes do início da guerra. Nesta época não havia soldados inimigos, em território francês. Que soldado teria, então, fuzilado Alexandra?

Quando Patrícia começou a falar, com dois anos e meio de idade, Paris já tinha sido ocupada (dia 14 de junho de 1940). Portanto, já havia tropas alemãs em território francês. Nesta mesma data o Gal.Pétain instalara o governo de colaboração, em Vichy.

Supondo-se que Alexandra – a presumível personalidade prévia – houvesse sido morta por um soldado alemão, poder-se-ia admitir que o Espírito da vítima fosse transportado até Araraquara e, logo mais, dado comunicação através da garota Patrícia. Esta hipótese justificaria o fato de Patrícia haver afirmado que fora assassinada por um soldado.

A hipótese da incorporação mediúnica poderia, ainda, explicar os seguintes itens da tabela: 1, 2, 3, 4 (exceto as marcas-de-nascença), 5, 6, 7, 9, 12 e 13. Todavia, não justificaria os itens: 8, 10, 11 e 14. Da mesma forma, não explicaria as marcas-de-nascença (item 4) nem o fato de Patrícia

manter suas recordações, ainda depois de adulta. (ver “Detalhes Relevantes Concernentes ao Caso de Patrícia”, itens 1, 2, 3, 4 e 6).

Outra dificuldade para admitir-se a hipótese da incorporação mediúnica é o fato de Patrícia nunca ter manifestado, durante toda a sua vida, qualquer sintoma que pudesse apontá-la como sendo um médium de incorporação. Outro fato é a circunstância de, em nenhuma de suas revelações acerca de uma suposta vida anterior, ter ela estado em transe. Sua família é espírita e está habituada a distinguir os fenômenos de incorporação mediúnica. Em uma situação desta natureza, seus familiares seriam os primeiros a notar o fenômeno.

Patrícia referia-se e ainda se refere à sua anterior encarnação, de maneira espontânea, constantemente e de forma natural, sem manifestar quaisquer alterações em seu estado de consciência.

Por conseguinte, a hipótese da incorporação mediúnica, embora a princípio possa parecer uma boa explicação, não é capaz de esclarecer cabalmente o caso de Patrícia.

MEMÓRIA GENÉTICA

Deixamos de considerar esta hipótese, por não haver nenhuma circunstância que possa fundamentá-la, no presente caso.

Patrícia descende de família italianas, por parte de pai e mãe. Nenhum ancestral esteve envolvido em um drama semelhante e ligado a guerras passadas.

REENCARNAÇÃO

Embora não tenha sido possível, até agora, descobrir-se a personalidade prévia e respectivos membros da família Barralouf, o que traria inestimável complemento ao presente processo, este não deixa de apresentar fortes evidências intrínsecas, de que se trata de um caso de reencarnação.

A ausência de soldados alemães em território francês, na época em que Alexandra supostamente vivia em Vichy, não impediria que ela fosse morta por um soldado francês. Aliás, a tendência de atribuir a um militar alemão a autoria do crime não é tão justificável assim. Embora fosse uma ocasião em que se renunciava uma guerra, não haveria razão para, exclusivamente, um soldado alemão ser capaz de uma tal crueldade. Um soldado de qualquer outra nacionalidade poderia ter fuzilado Alexandra, desde que movido por razões pessoais ou cumprindo ordens superiores. Apesar de um crime não

justificar-se, ele pode ocorrer em qualquer ocasião ou lugar do mundo, com ou sem guerra.

Mas, vejamos se a hipótese da reencarnação cobriria todos os aspectos deste caso.

Sem dúvida, a reencarnação poderia explicar todos os itens da tabela, sem exceção, inclusive aqueles que implicariam as esporádicas ligações paranormais com acontecimentos dramáticos ocorridos na França durante a guerra. Qualquer pessoa normal pode, em idênticas circunstâncias, manifestar a ESP, sem ser obrigatoriamente um sensitivo excepcional.

Uma cuidadosa releitura da tabela dará, ao estudioso do presente caso, uma melhor avaliação da hipótese reencarnacionista aplicada a ele. Em particular é a única que poderia explicar com facilidade a ocorrência das “marcas-de-nascença” existentes no corpo de Patrícia.

CONCLUSÃO

Negando total valor à hipótese da fraude, consideramos as demais ainda dignas de reexame. Todavia, somos de opinião de que a hipótese da reencarnação é a que até agora, melhor se aplica ao caso de Patrícia x Alexandra.

Capítulo VIII - O caso Celso x Herculano

INTRODUÇÃO

O presente caso foi por nós investigado em 1972. O paciente, Celso, nasceu em 1943. Por conseguinte, ele se achava, então, com 29 anos de idade e havia já perdido a memória de todas as suas recordações reencarnatórias. Diante disso, tivemos de valer-nos dos depoimentos de seu pai e de outras testemunhas. Dentre estas, destaca-se o Dr. Jonny Hermínio de Mello Doin, advogado, conferencista e interessado na pesquisa da reencarnação. Sendo amigo pessoal do pai do paciente, o Dr. Jonny Doin teve a oportunidade de observar detidamente o Sr. Celso, quando este estava com cerca de 3 (três) anos de idade.

A pedido do pai do paciente e deste último, seus nomes foram substituídos por pseudônimos. Entretanto, conservamos inalterados os nomes das testemunhas, dos locais e das pessoas citadas nos depoimentos, concernentes à vida atual e pregressa do Sr. Celso.

O paciente, aqui denominado Celso, nasceu em 24 de junho de 1943, na cidade de Cruzeiro, Estado de São Paulo. Sua família, naquela época, era modesta, mas harmoniosa e sem problemas financeiros, composta do pai, da mãe, além dos seus dois irmãos, ambos mais velhos do que ele. Os pais são espíritas praticantes. O genitor de Celso, o Sr. Agenor, na ocasião empenhava-se em obter donativos para a construção de um hospital espírita, obra esta que conseguiu concretizar. Após a construção e aparelhamento do hospital, inteligentemente entregou a direção clínica do mesmo a um médico, fazendo parte apenas da sua Diretoria.

Por ocasião da nossa entrevista, o Sr. Agenor havia deixado, há algum tempo, seus negócios como proprietário de uma tinturaria e passara a exercer o cargo de Escrivão de Cartório Distribuidor, Contador e Partidor na sede do Fórum local.

O caso Celso x Herculano, que agora estamos apresentando, é do tipo não-resolvido, pois não foi possível localizar a personalidade prévia, embora o paciente houvesse fornecido seu presumível nome e alguns pormenores a seu respeito. Entretanto, por tratar-se de país estrangeiro e distante, as pesquisas tornaram-se mais difíceis. Além disso, houve o problema do tempo decorrido. A personalidade prévia teria falecido entre 1940 e 1942. Quando tomamos conhecimento deste caso, já deviam,

provavelmente, ter decorrido cerca de 30 (trinta) anos do falecimento da personalidade anterior.

Outra testemunha é a Sra. Anita Briza de Oliveira, conhecida do Sr. Agenor. Ela também presenciou alguns fatos que se passaram com o Celso, em sua meninice. D. Anita é funcionária pública federal, aposentada. Trata-se de pessoa altamente credenciada, fundadora da “Sociedade de Estudos Espíritas 3 de Outubro”. Esta instituição construiu e vem mantendo um sanatório para tuberculosos pobres, em Campos do Jordão, Estado de São Paulo.

Em 11 de junho de 1972, na sede do IBPP, fizemos a primeira entrevista com o Sr. Agenor, o qual veio de Cruzeiro a São Paulo, a convite de D. Anita Briza de Oliveira, para uma palestra na “Sociedade de Estudos Espíritas 3 de Outubro”, e aproveitou a oportunidade para atender ao pedido que lhe endereçáramos por carta, em 26 de fevereiro de 1970. Na mesma ocasião obtivemos o depoimento de D. Anita Briza de Oliveira, o qual confirmou plenamente o do Sr. Agenor. A fim de evitar repetições inúteis, iremos transcrever apenas os depoimentos do Sr. Agenor e do Dr. Jonny Doin, os quais se completam e cobrem praticamente todo o caso em estudo.

* * *

HISTÓRICO

PRELIMINARES

Por informação do médico psiquiatra e nosso estimado amigo, Dr. Wilson Ferreira de Mello, ficamos sabendo da existência deste caso, ocorrido em Cruzeiro, há cerca de quase trinta anos. Assim mesmo, procuramos investigá-lo, pois algumas testemunhas eram ainda vivas e lembravam-se bem de inúmeras passagens importantes ocorridas naquela ocasião. Entre tais testemunhas, havia o pai do paciente, o qual estava de acordo em fornecer-nos um depoimento sobre as manifestações de memória reencarnatória, de seu filho Celso.

Como explicamos no início, tal depoimento foi obtido na sede do IBPP, em 11 de junho de 1972. Para sermos mais breves e precisos, vamos transcrevê-lo logo a seguir.

DEPOIMENTO DO PAI DO PACIENTE, EM 11 DE JUNHO DE 1972

Solicitado a relatar os fatos ocorridos com seu filho Celso, quando criança, o Sr. Agenor contou-nos o que segue:

Vamos iniciar a nossa descrição lembrando fatos que dizem respeito às lembranças do Celso.

Assim que ele reencarnou, uma senhora, médium vidente, observou vários Espíritos de padres ao lado dele forçando-o para que abandonasse o corpo, pois não se conformavam que ele viesse reencarnar em um lar espírita.

Tempos depois, o Celso já com aproximadamente três anos, saiu de casa sem sabermos. Brincando com os amigos, ele desapareceu.

Houve várias pessoas que o procuraram. A mãe ficou muito nervosa e nós o procuramos muito também. Levamos quase 2 horas sem conseguir encontrá-lo. Ele havia penetrado embaixo de umas madeiras desses postes da telefônica e ali sentiu-se cansado e dormiu.

Passado algum tempo, aproximadamente 2 horas, ele voltou para casa, e meu filho maior, o Fábio, perguntou:

— Celso, de onde você veio?

Ele disse:

— Da Noruega.

O outro perguntou:

— Mas onde é isso?

Ele respondeu:

— Da Noruega. Eu vim da Noruega. Estive lá com a Mádía; conversamos sobre o assunto.

Então nós nos zangamos com ele por ele ter desaparecido. Eu, que havia compreendido o fato, levei-o de um lado e comecei a perguntar, e fiz várias perguntas. Então ele dizia que viveu na Noruega, que era da Noruega e que a mãe dele era a Mádía. E a todas as perguntas que fazíamos ele respondia sempre sobre a Noruega.

Quando dormia ele dizia assim:

— Mádía, não vou Mádía, eu não posso ir embora! Eu tenho que ficar aqui! Agora recebi ordem para ficar nesta casa. Hoje tenho meu pai, minha mãe, mas eu gosto de você Mádía. Mas eu não posso ir embora!

Referia-se à mãe dele em outra encarnação, e quando conversávamos, ele sempre falava sobre a Noruega, sobre a sua bicicleta que seria uma bicicleta de mulher, pois como sabemos o padre usa batina e a bicicleta atual prejudica o transporte. Então ele dizia que a sua bicicleta era diferente da minha.

E dizia sempre também que na Noruega ele via uma quantidade enorme de peixe e bacalhau. De uma feita, minha esposa comprou um pedaço de bacalhau e mostrou a ele e disse:

— Meu filho, isto aqui é bacalhau.

Ele disse:

— Mamãe, o bacalhau da Noruega não era rançoso assim.

Expliquemos o fato: Acontece que o bacalhau da Noruega era peixe fresco e o que a mãe havia comprado era peixe curtido, salgado, conseqüentemente tinha de ser diferente o paladar.

A esta altura, perguntamos ao Sr. Agenor com que idade o Celso começara a relatar tais fatos. O Sr. Agenor prosseguiu, então, dizendo:

“A partir dos três anos ele começou a responder constantemente. Vários amigos faziam perguntas e ele respondia. Até nós nos recordamos que numa ocasião o nosso José Marcondes, um confrade de Taubaté, disse:

— Celso, como você arranjava dinheiro na Noruega?

Ele abaixou a cabeça e não respondeu. Sentimos que ele ficou envergonhado naturalmente da recordação.

Depois um outro perguntou muita coisa a ele e lhe deu uma pratinha. Ele disse:

— Pai, eu não vou responder a mais ninguém acerca da Noruega. Fico cansado e ninguém me dá nada. Agora esse aqui me deu um prêmio, uma gorjeta, então eu vou responder p'ra ele, para os outros não.

O Dr. Jonny Doin, que nós conhecemos bem, hospedava-se sempre em nossa casa, e uma vez disse ao Celso:

— Celso, eu me recordo de quando você esteve na Noruega, até junto comigo estava um preto...

Ele disse:

— É mentira! É mentira! A Noruega não tem preto! Não é verdade!

E discutia com o Dr. Doin neste sentido.

Perguntamos a ele se ele era casado na Noruega e ele disse:

— Não, eu era padre, e padre não gosta de mulher, não é casado. A minha mãe era Mádria.

Tudo para ele tinha de ser mais ou menos frio ou gelado. Mesmo na cama, quando dormia, ele não gostava de muitas cobertas, preferia ficar sem cobertas porque sentia sempre muito calor.

Perguntamos: Mas você, homem, usando uma saia? Ele disse:

— Se o senhor não sabe, o padre usa uma calça por baixo da saia. Ele sempre tinha uma desculpa para justificar aqueles fatos.

De outra feita, estávamos plantando uma muda de bananeira do litoral, no quintal de nossa casa, e ele perguntou:

— Papai, o que é isto?

Nós respondemos que era uma muda de bananeira, que ia dar umas bananas muito grandes. Ele disse:

— É, na Noruega bananeira não dá porque o gelo mata tudo. Dá muitas árvores grandes, pinheiros...

Então ele referia-se, constantemente à permanência dele na Noruega, na cidade de Fumende, onde ele via sair trens de bacalhau. Dizia:

— Eu pegava a minha bicicleta e ia lá observar aquilo da praia, a saída daqueles trens de bacalhau.

Referia-se constantemente àqueles fatos. Inúmeros confrades conversaram muito com ele e constataram tais fatos.

Quando eu perguntava: Mas Celso, você na Noruega era grande ou pequeno? Ele respondia:

— Eu era grande.

Eu perguntava: E lá você tinha a sua mãe? Ele dizia:

— Tinha a Mádia.

Eu perguntava: De quem você gosta mais, da Mádia ou da Leonarda?

Ele respondia:

— Da Mádia.

Eu dizia: E você gosta mais do Brasil ou da Noruega? Ele respondia:

— Da Noruega.

Aí eu falava: Então por quê você não vai p'ra lá? Você gosta mais da Mádia! Gosta mais da Noruega. Então vai embora! Ele dizia:

— Não posso, porque isto era em outra encarnação. Agora eu estou aqui, tenho de ficar aqui. Tenho de gostar é desta terra mesmo! A Mádia me chama, mas eu não vou porque eu não posso ir p'ra lá. Eu tenho de permanecer aqui.

E nós o observávamos constantemente. Os confrades iam em casa e sempre faziam perguntas. Uma ocasião ele respondeu até o nome do rei da Noruega, cujo nome não me recordo agora. E inúmeros outros fatos...

Durante uns oito anos ou mais ele respondia constantemente a várias perguntas sobre a Noruega. Depois, com o tempo, foi desaparecendo...

Neste ponto, fizemos uma série de perguntas ao Sr. Agenor, procurando esclarecer mais o presente caso. As nossas perguntas estão precedidas da letra P; as respostas do Sr. Agenor pela letra A.

P – Gostaríamos de saber o seguinte: 1º) O nome que o Celso teria tido em sua suposta encarnação anterior? 2º) Em que época a personalidade prévia morreu e qual a “causa mortis”?

A – “Respondendo a uma nossa pergunta, ele disse que usou na Noruega o nome de Padre Herculano, que o pai dele chamava-se João Batiste e a mãe chamava-se Mádia. Ele dirigia uma igreja.

Na época da Guerra de 1939, a igreja foi bombardeada e ele faleceu neste bombardeio.”

P – Ele teria afirmado algo sobre a morte dele? Como ele morreu? Foi na igreja ou foi em outro lugar?

A – “Esse detalhe ele não respondeu e nós também não lembramos de perguntar. Ele disse apenas que a igreja fora bombardeada e que ele morreu nessa época do bombardeio. Não forneceu mais detalhes neste sentido.”

P – Ter-se-ia, ele, referido a outras pessoas, amigos, parentes, além dos pais? Companheiros da igreja, pessoas com quem ele teria se relacionado?

A – “Não. O que me recordo mais é que ele se referia muito a Mária. Pouca referência ao pai. Quanto a irmãos ele não fazia nenhuma menção. Nós também não tínhamos curiosidade de perguntar e assim ia indo sem que ele respondesse nesse sentido.”

P – Teria, ele, nessa ocasião, falado de propriedades suas? Animais, objetos, casas, sítios? Qualquer objeto ou animal de estimação que pertencera a ele e lhe deixara alguma lembrança bem marcante?

A – “Ele gostava muito de passarinhos, de cachorros, gatos, mas não relatou que tivesse alguma propriedade na Noruega. Parece que ele se dedicava ao trabalho na igreja, aos passarinhos e animais de que gostava muito. Tanto que, numa gatinha que ele possuía, colocou um nome arrevezado, sem conexão com os nomes em português.”

P – Ao nascer, trouxe alguma marca semelhante a ferimento, a escaras de feridas, manchas, depressões; por exemplo, na cabeça, alguma falha óssea, ou, no próprio corpo, manchas que poderiam lembrar regiões onde houvera ocorrido algum ferimento? Qualquer marca-de-nascença bem típica que pudesse relacionar-se com sua vida anterior?

A – “Não, não trouxe e não tem nenhuma marca que possa justificar a existência de algum ferimento.

Os traços dele naquela ocasião eram perfeitamente nórdicos, cabelos completamente loiros, fisionomia bem clara, jeito mesmo de pessoa nórdica. Era completamente diferente dos irmãos, de mim e da mãe. Ele era totalmente diferente na fisionomia naquele tempo. Depois foi modificando, os cabelos escureceram, a pele ficou mais escura.”

P – O Sr. se referiu a um incidente bastante interessante, aquele caso da revista, em que ele viu a fotografia de um fiorde. O Sr. poderia descrever com bastante detalhe este incidente?

A – “O nosso prezado amigo Leopoldo Machado, que recordamos com muita saudade, sempre parava em nossa casa, fazia umas palestras e depois prosseguia para São Lourenço. Sempre que Leopoldo estava em São Lourenço, eu, minha esposa e os filhos, íamos a São Lourenço assistir às suas palestras.

Numa dessas viagens a São Lourenço, da qual tenho até fotografias, o Celso estava junto comigo e, passando lá no Hotel Negreiros, ele viu uma revista aberta sobre uma poltrona e disse: ‘Papai, espera um pouquinho que vou olhar uma coisa aqui.’ E nos deixou a mão e foi olhando a revista e

falando: ‘Fiorde, fiorde da Noruega!’ Apontava aquilo, aqueles longos golfos que existem na Noruega.

Aí Leopoldo voltou também e viu que aquilo era de fato da Noruega. Quer dizer que, ao passar de relance, ele reconheceu aquilo nitidamente e pôde identificar.”

P – Quantos anos ele tinha?

A – “Ele estava com cinco anos. E há um detalhe também interessante: Na época da Guerra falava-se muito na Itália, na Alemanha, na Inglaterra e outros países, e não se falava, nem de leve, na Noruega.

Quer dizer, então, que se fosse uma influência da guerra em nosso pensamento, ele poderia falar em outros países, mas não justamente na Noruega, um país encravado lá no Nórdico e que não tinha nenhuma função de maior relevância na Guerra que se realizou em 1939, quando a influência seria mais pela Itália, Alemanha, Inglaterra e por outros países que estavam em Guerra.”

Durante esta entrevista, foram abordados outros detalhes, entre os quais figura o nome da localidade, na Noruega, à qual o Celso se referia quando pequeno. O nome verdadeiro devia ser Femunden. Mas o garoto, em seu linguajar infantil dizia algo semelhante a Fumende. Estas inversões são comuns, na pronúncia de certos vocábulos. Por exemplo, é frequente ouvir falar-se, até mesmo por adultos, “fenônemo” em vez de “fenômeno.”

Vamos ver, mais adiante, no depoimento do Dr. Jonny Doin, que ele se recordava do Celso falar em Fumendi, em vez de Femunden.

Logo que o Celso começou a referir-se à Noruega ele não pronunciava tal nome, sob esta forma aportuguesada, e sim na forma provavelmente usada no próprio norueguês, Norge (Nór-ga). O Sr. Agenor não soube informar-nos exatamente como era a sua pronúncia, mas afirmou que devia ser algo como Nór-ga, pois era diferente da palavra Noruega, por nós empregada aqui no Brasil.

Vamos agora passar ao depoimento do Dr. Jonny Doin.

DEPOIMENTO DO DR. JONNY HERMÍNIO DE MELLO DOIN, DIA 28 DE JANEIRO DE 1975

As presentes declarações foram obtidas na própria residência do depoente, à Rua Alberto Rodge nº 878, Alto da Boa Vista, São Paulo, no dia 28 de janeiro de 1975. Todo o depoimento e a conversa que tivemos com o Dr. Jonny Doin foram gravadas em fita magnética.

Na transcrição da entrevista, as perguntas estão precedidas da letra P, as respostas do entrevistado pela letra J.

Solicitado a falar sobre o caso do Celso, o Dr. Jonny Doin iniciou suas declarações da seguinte forma:

J – “Soube deste caso em uma época em que eu estava justamente pesquisando sobre a reencarnação.”

P – Em que ano foi?

J – “Não posso precisar bem. Há uns 35 anos mais ou menos. O Celso estava mais ou menos com 2 anos e meio para três anos quando eu soube do caso. Eu era amigo do pai dele e então me dirigira a Cruzeiro, Estado de São Paulo, onde eles moravam, para investigar o caso.”

P – Onde o Sr. morava na ocasião?

J – “Em São Paulo mesmo. Eu fui até Cruzeiro para conhecer o garoto e observar o caso. Fiquei lá mais ou menos uma semana, hospedado na casa do pai dele. Aliás o pai era uma pessoa humilde, tintureiro, e a mãe também humilde, filha de caboclos. E o que me impressionou mais no garoto foi o seu tipo físico: O garoto era louro, enquanto todos os irmãos eram morenos.”

P – Moreno que o Sr. diz é de descendência negra?

J – “Não, caboclo. Moreno comum. E todos tinham uma feição mais ou menos puxando ao pai ou à mãe. E o garoto era completamente diferente! Tipo nórdico, rosto fino e comprido, olhos claros, quando todos tinham olhos escuros, quase pretos.

Foi justamente este aspecto que mais me chamou a atenção. Um outro particular que me informaram na ocasião: Este garoto tinha horror a cobertas e vivia quase que o dia inteiro nu, não suportava nem roupa. Mesmo no inverno rigoroso ele não suportava cobertas, dormia com um lençol, nu, sem agasalho de espécie alguma.”

P – Isso o Sr. mesmo observou ou foi informado?

J – “Eu mesmo observei. Fiquei lá uma semana e pude notar esses pormenores. Esse foi um dos aspectos que mais me impressionaram. E até por causa do filho louro assim, o pai tinha uma certa tristeza. Filho completamente diferente dos outros. Mas a mãe era uma pessoa honesta, humilde, recatada, do lar, nunca saía... acima de qualquer suspeita.”

P – Quantos filhos mais ou menos eles tinham?

J – “Não estou bem lembrado. E eu perdi contato com este caso. E durante uns dois ou três anos eu observei. Depois não cogitei mais do caso... Dessa visita que eu fiz escrevi uma ata que se perdeu depois com uns papéis, no Rio de Janeiro. Eu morei quatro anos lá, quando fui buscar, uma prima havia jogado tudo fora, inclusive esta ata muito interessante.”

P – O Sr. ficou sabendo deste caso por causa do pai do garoto?

J – “Eu era amigo do pai do garoto, que era Espírita e estava construindo um sanatório em Cruzeiro. Eu inclusive colaborei com ele na arrecadação de fundos para a construção do hospital e já éramos íntimos.”

P – O Sr. não sabe nem aproximadamente que ano era?

J – “Há uns trinta e cinco anos, daí para fora..”

P – O Sr. se lembra se na casa ele era o mais novo ou o mais velho?

J – “Era o mais novo.”

P – Na ocasião em que o Sr. investigou esse caso, o Sr. se lembra se o garoto já falava alguma coisa estranha? Como o Sr. ficou sabendo que se tratava de um caso sugestivo de reencarnação? Ele teria falado algo?

J – “Eu fiquei sabendo porque, como disse de início, nessa época eu estava investigando dois casos de reencarnação. E como eu fazia palestras pelo interior do Brasil e citava esses casos, chegou-me ao conhecimento uma certa anormalidade que estava ocorrendo com o filho do Agenor. Inclusive os médicos haviam dito que o menino era anormal...”

P – Por quê?

J – “Por causa das reações do garoto. O garoto um dia repudiou a mãe, dizendo que a mãe dele não era ela. Não me recordo o nome da esposa do Agenor... O pai disse: ‘Como não é sua mãe? Quem é a sua mãe?’ Ele respondeu: ‘A minha mãe é a Mádia!’ O pai perguntou: ‘Que mãe Mádia?’ E em vez de investigarem o caso, levaram-no ao médico e este sei lá o que diagnosticou, mas disse que era um caso anormal, talvez para psiquiatra.”

Nessa ocasião eu soube do caso e fui para Cruzeiro. E de fato o garoto insistia na mãe Mádia.

P – O Sr. chegou a ouvi-lo repudiar a mãe?

J – “Sim, não só ouvi como também fiz-lhe perguntas.”

P – Que tipo de perguntas?

J – “Onde morava, e ele respondeu que morava em Fumendi, na Noruega. Nessa ocasião ele teve um gesto de espanto, não sei por que, e disse: ‘Por quê eu era grande e hoje sou pequeno?’ E eu anotei esse particular.”

P – Falou para o Sr.?

J – “Sim. Evidentemente no princípio como método de investigação eu não bombardeava o menino de perguntas. Estava lá mesmo, ficaria uma semana, e esperava perguntar conversando em doses homeopáticas para precisar bem o caso.”

P – E ele achava natural o Sr. conversar com ele sobre esses assuntos?

J – “Sim. No dia seguinte eu perguntei a ele, quando ele disse que antes era grande e hoje era pequeno, como ele se vestia quando era grande. Ele disse: ‘Me vestia de preto.’ Perguntei: ‘Mas vestia como?’ Ele respondeu: ‘Me vestia com uma saia como a da mamãe.’

Aí chamou-me a atenção para esse pormenor interessante. Eu percebi logo que ele devia ter sido padre ou algum sacerdote. E eu conhecia um pouco acerca da Noruega e dos seus mosteiros. Então eu preparei um teste para o menino, com muito cuidado.

Nas conversas eu lhe disse que me lembrava dele da Noruega. Ele olhava para mim e dizia: ‘Eu não me lembro de você...’ Eu lhe dizia: ‘Você morava num mosteiro, com aquele portão enorme de ferro, preto. Ele disse: ‘É sim! Tinha um portão grande lá no mosteiro!’ Eu disse: ‘Pois é, com um leão em cima...’ Ele respondeu: ‘É sim! É sim! Tinha sim!’ Eu disse: ‘Eu ia de tarde conversar com você naquele salão enorme, com uma mesa preta e as cadeiras em volta, não é verdade?’ Ele ficou numa alegria! Disse: ‘É sim! É sim! Mas eu não me lembro de você, não...’ Esse foi o ponto máximo para mim da autenticidade do fato.”

P – O Sr. estava sugerindo, não?

J – “Sim, como início do plano que eu havia traçado para submetê-lo a um teste. Então eu lhe disse que nós nos reuníamos no salão para conversar, comíamos maçã. Ele disse: ‘Eu comia maçã sim, mas não me lembro de você!’ Disse-lhe que comíamos pêra e ele confirmou. Aí soltei o que eu havia preparado: ‘E comíamos banana...’ Quando eu disse isso ele, que estava sentado, pulou de lado na ponta dos pés, pôs o dedo na minha

cara e disse: ‘Mentiroso! Não disse que você não estava lá?’ Eu perguntei por quê, e ele disse: ‘Banana não dá na Noruega porque o gelo mata tudo.’

Este foi o teste que eu preparei. Eu sabia que banana não dá na Noruega.”

P – Ele estava com que idade quando falou isto?

J – “Três anos.”

P – Durante quanto tempo o Sr. inquiriu o Celso sobre o seu passado?

J – “Eu o inquiri esporadicamente. Como fiquei lá uma semana, conversava com ele sobre o trivial e ia encaminhando o assunto e jogava uma pergunta relacionada com o suposto passado dele na Noruega.”

P – Como ele revelou quem ele teria sido? Ele teria dito espontaneamente que fora um sacerdote?

J – “Não. Ele disse que se vestia de preto, com uma saia. Três dias depois, aproximava-se uma festa religiosa. Nós estávamos na janela da casa deles, que dava para a rua. Estávamos ali eu, o pai dele e ele, quando passou um padre na rua. Ele então me deu um puxão e disse: ‘Olha lá como eu andava na Noruega!’ Aí eu confirmei a minha suposição de que ele fora sacerdote.”

P – Ele disse textualmente que vivera na Noruega na cidade de Fumendi?

J – “Sim.”

P – O Sr. teria verificado posteriormente se existe na Noruega uma cidade com este nome?

J – “Procurei verificar e não consegui encontrar. Mais tarde, dois ou três anos depois, eu me encontrei com o pai dele e este me disse: ‘Olha Jonny, nós já localizamos a cidade num mapa antigo. A cidade de Fumendi.’”

P – O nome é exatamente este?

J – “Que eu me lembre foi este o nome que ele me deu. O caso me impressionou bastante e eu fixei, como esses quadros que a gente fixa na infância, com uma nitidez total.”

P – Como ele pronuncia o nome do país? Noruega mesmo?

J – “Noruega.”

P – Ele descrevia o país?

J – “Não. Ele descrevia o mosteiro e a descrição coincidia com o conhecimento que eu tinha dos mosteiros.”

P – Como era essa descrição?

J – “Dizia que havia um portão preto, grande, na frente, com um leão em cima, cercado de árvores com muita terra e mato. Dizia que era muito grande a casa.”

P – Esse mosteiro ficava em Fumendi mesmo?

J – “Eu digo com toda a sinceridade que não me ocorreu perguntar-lhe isso. Mas como ele dizia que morava em Fumendi e com naturalidade falou no mosteiro, eu creio que este devia ser em Fumendi.”

P – Como ele se referia à paisagem, ao clima, aos costumes, ao alimento, enfim a tudo aquilo que diz respeito à vida comum de um indivíduo?

J – “Quanto à paisagem, talvez por não ter organizado uma argumentação específica, eu não me lembro dele ter dado pormenores.

Quanto à alimentação sim. Ele se alimentava de frutas, maçãs. Ele falava galinha, mas eu percebi que não era galinha que ele comia, deviam ser pássaros ou patos. Mas ele falava galinha.

P – Ele se referia ao clima?

J – “Sim. Dizia que, às vezes, o mato ficava branco. Ele era pequeno e falava ‘banco’, como banco de sentar, mas eu concluí que era branco mesmo. Ele não falava em neve, falava só no frio e no branco: ‘Ficava tudo banco.’”

P – Quanto aos veículos da época, os meios de transporte?

J – “Não lhe perguntei sobre isso. Naquele tempo me escapou muita coisa que eu vejo que hoje seria interessantíssimo como documentário...”

P – Ele se referiu ao nome que teria tido na ocasião?

J – “Não.”

P – E o nome dos pais? Disse só o da mãe?

J – “Sim. Só falava no nome da mãe.”

P – E dos irmãos?

J – “Não mencionou nenhum.”

P – Também não se referiu à cidade mais próxima daquela que morava ou de uma cidade onde poderia ter ido, que ele conhecesse além de Fumendi onde vivia?

J – “Não. Ele não se referiu a nenhum nome espontaneamente e eu também não perguntei. Interessante que ele só descrevia aquilo que eu lhe perguntava.”

P – Essa cidade a que ele se referia teria sido algum porto marítimo ou estaria no interior da Noruega, segundo as descrições dele?

J – “Também não me lembro deste pormenor.”

P – Ele teria se referido a veículos que pudessem dar uma ideia da época em que ele viveu?

J – “Não me lembro bem, mas uma vez ele falou num carro com roda muito grande. Foi só, que eu me lembre...”

P – Ele se referiu à maneira como ele morreu?

J – “Não. Não entrei neste detalhe.”

P – Quanto a animais prediletos, ele teria tido algum animal predileto?

J – “Gato, ele falou em gato.”

P – Ele mostrava predileção pelos gatos?

J – “Também não me lembro...”

P – Os costumes dele nesta encarnação, quanto à questão de alimentação, faziam supor que ele tivesse guardado os mesmos hábitos daquele tempo?

J – “Sim. Ele gostava muito de frango, de carne de galinha, e de leite. Ele dizia que bebia muito leite na Noruega e comia galinha. Suponho que fosse pato ou outra ave. Ele tinha predileção por frango na alimentação.”

P – Quais os costumes dele no tocante à religião? Ele teria manifestado uma certa piedade religiosa, certa queda por religião durante sua infância nesta encarnação?

J – “Eu acho que não. Lá no mosteiro ele me falou em sua condição. Parece que ele era um dos superiores...”

P – Esta manifestação de recordação reencarnatória do Celso quando teria aparecido e em que circunstância surgiu? Logo que ele começou a falar ou pouco depois? Após algum incidente?

J – “Eu me lembro que o Agenor me disse que começou quando ele repudiou insolitamente a mãe, dizendo que aquela não era a mãe dele. Que a mãe dele era a mãe Mádia. Ele perguntou onde estava a mãe Mádia. Isso eu achei interessante. E também aquele outro pormenor, quando ele disse: ‘Por quê eu era grande e hoje sou pequeno?’ Isso foi há mais de trinta e cinco anos. Eu não me recordo de outros pormenores...”

P – Ele não se referiu a nenhuma situação histórica que pudesse dar a localização no tempo dessa encarnação dele? Nenhum acontecimento histórico importante?

J – “Não. A única coisa foi a roda do carro, grande, enfeitada, com muitos raios. O único pormenor que seria interessante no caso é este.

P – Esse veículo seria de tração animal ou a motor?

J – “Isso é que me escapou também de perguntar. Eu tive a ideia que fosse uma espécie de trole, porque ele disse que tinha quatro rodas sendo que as de trás eram muito grandes.”

P – O Sr. conhece o Celso atualmente? Tem tido a oportunidade de privar-se com ele? Agora que ele está adulto?

J – “Não. Encontrei-o esporadicamente quando ele tinha já nove anos. Então ele já não tinha lembrança tão nítida dos fatos. Mais tarde, com treze anos ele se recordava vagamente. O pai me disse que, depois dos vinte anos, ele perdeu a memória daqueles fatos.”

P – Teria ele apresentado alguma marca-de-nascença a que se houvessem referido os pais, que caracterizasse algum acidente na vida anterior? Porque naturalmente ele morreu. Esta morte pode ter sido natural ou de maneira violenta. Se fosse violenta poderia haver marca-de-nascença e ele ter-se-ia referido a ela. O Sr. não notou nada quanto a esse particular?

J – “Não, mas o que chamava a atenção era o seu tipo físico.”

P – Uma descrição minuciosa deste particular é muito importante...

J – “Foi isso que me convenceu de que se tratava mesmo de reencarnação. Na época eu era muito prevenido com as informações que me davam neste campo. Você sabe todas as coisas que podem ocorrer levando-nos a uma falsa informação do negócio, inclusive telepatia, etc.

O tipo físico do Celso impressionou-me bastante, levando-me à credibilidade do fenômeno reencarnatório no caso. Seu tipo era de nórdico. A testa grande e saliente, rosto comprido, olhos azuis, tipo louro, quando todos os outros irmãos eram acabocados, totalmente diferentes. Aversão por cobertor de lã principalmente. Naturalmente o clima daqui, diferente do de lá... Não era bem aversão; a gente o cobria e dali a pouco ele jogava tudo para cima e dormia completamente sem coberta e geralmente nu. Ele não suportava nem a roupa comum, não tolerava o calor lá de Cruzeiro. O tipo físico, aliado a essas tendências e a certeza com que ele falava da mãe Mádia, da Noruega, do convento, etc., levou-me quase à certeza de que se tratava de um caso de reencarnação.”

P – E quanto a costumes dele. Há casos em que se dão essas reencarnações e ao lado das lembranças há um comportamento muito típico. Por exemplo, o Dr. Ian Stevenson assinalou o caso de um rapaz filho de birmaneses que também nasceu loiro e com costumes ocidentais. Inclusive com o hábito de comer com o garfo, o que não se usa na Birmânia, onde se

come com as mãos. Ele teria manifestado algo assim que fizesse lembrar este país estrangeiro? Teria ele alguma excentricidade?

J – “Sim, isso chamou-me a atenção. Ele era quieto, ficava calado num lugar. Era sadio, alegre, portanto era natural que ele procurasse um convívio com as outras crianças, mas ele se isolava e brincava à moda dele, só, sempre quieto, sério. Talvez haja alguma relação entre esse seu comportamento e o costume da vida pretérita.”

P – Ele mostrava alguma maturidade incompatível com sua idade?

J – “Sim, impressionante! Este fato que eu narrei dele reagir quando me chamou de mentiroso, ele tomou atitudes adultas, maduras. Levantou-se da cadeira, ficou na pontinha dos pés, cerrou o sobrecenho, espetou o dedo na minha cara e falou como quem estava me censurando, mas de maneira adulta, completamente diferente da reação natural de uma criança de três anos.”

P – No que tange à precocidade dele, o Sr. Agenor teria se referido? Porque há casos de reencarnação em que a criança começa a falar e andar muito antes do normal. Teria sido o caso dele?

J – “Não me lembro...”

P – Ele não se referiu ao tipo de vegetação do lugar onde morava? Se era mata fechada ou mais campo e árvores esparsas?

J – “Sim, claramente não, mas pelo que ele me falava eu deduzi que o mosteiro devia ser cercado com árvores como ciprestes, e devia haver campos, talvez gramados, porque ele falava no terreno, na terra grande e cheia de mato. Eu perguntava: ‘Que mato?’ E ele respondia: ‘Capim.’ Então eu senti que era uma paisagem nórdica, e as árvores deviam ser agrestes.”

P – Ele não se referia aos animais típicos de lá?

J – “Não. Só me lembro dele falar que tinha um gato do qual gostava.”

P – E o nome ele deu?

J – “Não, e na rápida investigação que eu fiz, parece que lá nos mosteiros a pessoa que entrava para a Ordem perdia o nome. Então ele se apresentava lá como chefe que dava ordens.”

P – Ele se referiu a irmãos ou irmãs?

J – “Não.”

P – Ele se referiu a como morreu?

J – “Não. Quanto ao fenômeno do nascimento e da morte, eu não me lembro de haver algo espontâneo da parte dele.”

P – E quanto ao período de intermissão, em que se fica desencarnado, ele teria mencionado?

J – “Não.”

Termina aqui o depoimento do Dr. Jonny Hermínio de Mello Doin.

Vamos passar, a seguir, à análise dos depoimentos transcritos anteriormente e extração da tabela de recordações do paciente, em função das suas informações fornecidas quando tinha cerca de três anos de idade.

TABELA DE RECORDAÇÕES DO PACIENTE

1. – Aos três anos de idade, após haver dormido cerca de duas horas, durante o dia, declarou aos seus parentes que tinha vindo da Noruega, onde vivera anteriormente.

Em casos de recordação reencarnatória, não é raro encontrarem-se pacientes que têm sua memória de uma ou mais vidas anteriores despertada após um sonho. Parece ter sido este o caso do Celso. Ele dormiu, provavelmente sonhou e sofreu o desencadeamento das reminiscências de sua encarnação prévia.

2. – Disse que estivera na Noruega, conversando com sua mãe, a quem chamou de Mádia, nome totalmente diferente do de sua atual genitora, D. Leonarda.

Parece-nos que Mádia não é nome usual na Noruega. Mas o garoto sempre insistiu nele. Logo no início das suas recordações, depois de ter estado sumido de casa aproximadamente duas horas e ter sido interpelado por um dos seus irmãos, ele respondeu: “Eu vim da Noruega. Estive lá com a Mádia; conversamos sobre o assunto.” Mais tarde, ficou-se sabendo que Mádia era o nome de sua mãe na encarnação anterior.

Parece que sua ligação afetiva com a outra mãe foi o foco central que desatou as suas recordações da encarnação prévia. O Sr. Agenor, em seu depoimento, relatou que, mesmo dormindo, o Celso falava na mãe e, provavelmente, sonhava com ela, pois dizia: “Mádia, não vou Mádia, eu não posso ir embora! Eu tenho de ficar aqui! Agora recebi ordem para ficar nesta casa. Hoje tenho meu pai, minha mãe, mas eu gosto de você Mádia. Mas eu não posso ir embora!”

Seu genitor perguntou-lhe se lá na Noruega ele tinha mãe; a resposta foi pronta: “Tinha a Mádia.” Afirmou, ainda, que gostava mais da mãe Mádia, do que de sua atual genitora.

Em seu depoimento, o Dr. Jonny Doin contou-nos que os pais do paciente chegaram a levá-lo ao médico, devido ao fato de haver ele repudiado sua atual mãe. Eis as palavras do Dr. Jonny Doin:

“...O garoto um dia repudiou a mãe, dizendo que a mãe dele não era ela... O pai disse: ‘Como não é sua mãe? Quem é a sua mãe?’ Ele respondeu: ‘A minha mãe é a mãe Mádia!’ O pai perguntou: ‘Que mãe Mádia?’ Em vez de investigarem o caso, levaram-no ao médico e este sei lá o que diagnosticou, mas disse que era um caso anormal, talvez para psiquiatra.

Nesta ocasião eu soube do caso e fui para Cruzeiro. E de fato o garoto insistia na mãe Mádia.”

É interessante notar como são resistentes os laços afetivos que prendem as criaturas. Eles podem passar de uma vida para outra.

“Mádia” talvez tenha sido um apelido familiar.

3. – Declarou que possuía uma bicicleta diferente da de seu pai.

Presume-se que a diferença poderia estar na forma da trave horizontal. Talvez devido ao uso da batina, a personalidade prévia possuísse uma bicicleta com o cano curvo, como as usadas por senhoras.

Segundo o depoimento do Sr. Agenor, o paciente referia-se constantemente à permanência dele na região de Femunden e dizia: “Eu pegava a minha bicicleta e ia lá observar aquilo da praia, a saída daqueles trens de bacalhau.”

Uma criança de três anos dificilmente teria tanta imaginação para contar fatos com tamanha coerência.

4. – Referia-se a grandes quantidades de peixe, principalmente o bacalhau, que ele via lá na Noruega. Dizia que o bacalhau de lá era diferente do daqui.

Na entrevista do dia 11 de junho de 1972, o Sr. Agenor declarou que, aos três anos de idade, o Celso dizia sempre que, na Noruega, ele via uma quantidade enorme de peixe e bacalhau.

Certa ocasião a esposa do Sr. Agenor comprou um pedaço de bacalhau e mostrou-o ao Celso, dizendo: “Meu filho, isto aqui é um bacalhau.” Ao ver o bacalhau que lhe foi apresentado pela mãe, ele retrucou: “Não é, mamãe.” E, discutindo com sua genitora, ele afirmou: “Mamãe, o bacalhau da Noruega não era rançoso assim.”

O Sr. Agenor justificou o fato, lembrando que, na Noruega, o bacalhau apresentava-se como peixe fresco, naturalmente diferente do que temos

aqui, já salgado e curtido.

Como já mencionamos no item 3, o garoto contava que ia de bicicleta ver os trens que saíam carregados de bacalhau.

5. – Negou que existissem negros na Noruega.

O Dr. Jonny Doin disse certa vez ao Celso, quando este devia ter cerca de três anos de idade: “Celso, eu me recordo de quando você esteve na Noruega, até junto comigo estava um preto...” A reação do garoto foi imediata; ele disse: “É mentira! É mentira! A Noruega não tem preto! Não é verdade!”

Há cerca de quarenta anos atrás, em uma cidade do interior, no Brasil, onde a presença de negros é tão comum, torna-se um fato extremamente fora do normal uma criança de três anos saber destas particularidades acerca de um país longínquo e tão pouco conhecido aqui. Naquela época, não havia televisão, e os filmes documentários eram raríssimos, e, além disso, não podiam ser entendidos por uma criança de três anos.

6. – Dizia que havia sido padre e lembrava-se de ter usado batina.

O Dr. Jonny Doin perguntou ao Celso como ele se vestia, quando era grande, lá na Noruega. Sua resposta foi: “Eu me vestia de preto.” Indagado como era a sua vestimenta, ele esclareceu: “Eu me vestia com uma saia como a da mamãe.”

Em uma das vezes em que o garoto descreveu como era a sua indumentária, o Sr. Agenor interpelou-o: “Mas você, homem, usando uma saia?” Ele, então explicou: “Se o Sr. não sabe, o padre usa uma calça por baixo da saia.”

O menino não conhecia nem o nome correto da batina, mas sabia que os sacerdotes usam calça masculina sob a sua vestimenta clerical. Onde e como teria aprendido isso?

O Dr. Jonny Doin, em seu relato citou um incidente interessante, quando lhe perguntamos como o Celso revelou a sua condição de sacerdote na Noruega: “Ele disse que se vestia de preto, com uma saia. Três dias depois, aproximava-se uma festa religiosa. Nós estávamos na janela da casa deles, que dava para a rua. Estávamos ali eu, o pai dele e ele, quando passou um padre na rua. Ele, então me deu um puxão e disse: ‘Olha lá como eu andava na Noruega!’ Aí eu confirmei a minha suposição de que ele fora sacerdote.”

7. – Informou que fora solteiro na Noruega, devido à sua condição de sacerdote.

O pai do paciente, em seu depoimento, declarou que ao ser indagado a respeito do seu estado civil na Noruega, o garoto disse que não era casado porque era padre: “Não, eu era padre, mas padre não gosta de mulher, não é casado...”

É interessante notar que uma criança de cerca de três anos de idade deveria ignorar a questão do celibato, adotado pelos padres romanos.

8. – Lembrava-se de ter tido o nome clerical Herculano; “Padre Herculano”.

O nome Herculano parece não ser usual na Noruega. Presume-se que por ser sacerdote católico romano, ele tenha adotado este nome latino, ao escolher seu nome clerical.

O Sr. Agenor apenas informou que, a uma sua indagação, Celso respondera que fora este o nome por ele usado na Noruega: “Respondendo a uma nossa pergunta, ele disse que usou na Noruega o nome de Padre Herculano...”

O Dr. Jonny Doin mostrou, em seu depoimento, não estar a par do nome que o Celso teria revelado ao seu pai. Entretanto, quando perguntamos se o paciente lhe havia dado o nome por ele usado na Noruega, o Dr. Jonny Doin respondeu: “Não, e na rápida investigação que eu fiz, parece que lá nos mosteiros a pessoa que entrava para a Ordem perdia o nome.”

Pelo fato de ser este caso do tipo não-resolvido, é difícil certificar-se da exatidão deste item...

9. – Disse que seu pai se chamava “João Batiste”.

A informação completa do Sr. Agenor, acerca deste item, tem implicações com o item anterior (nº8); é a seguinte: “Respondendo a uma nossa pergunta, ele disse que usou na Noruega o nome de Padre Herculano, que o pai dele chamava-se João Batiste e a mãe chamava-se Mádia. Ele dirigia uma igreja.”

Possivelmente o garoto teria pronunciado o prenome do pai, João, em uma forma diferente, como John, ou Jean, etc., e fora entendido como João.

10. – Recordava-se de haver morrido por ocasião da II Guerra Mundial, em virtude de um bombardeio.

Na entrevista que fizemos com o Sr. Agenor, este declarou que a personalidade prévia do Celso, segundo o garoto informou, faleceu na época da II Guerra Mundial. A igreja foi bombardeada e ele pereceu nesse bombardeio. O paciente não forneceu nenhum outro detalhe a este respeito.

A Noruega foi invadida pelos alemães, em 1940. O Celso nasceu em 1943. Como os noruegueses opuseram resistência, deve ter havido ação violenta por parte dos invasores. É possível que a personalidade prévia tenha falecido entre 1940 e 1942. Isto explicaria a manifestação de suas recordações reencarnatórias, pois o período de intermissão foi curto.

11. – Concordou com o Dr. Jonny Doin a respeito do mosteiro e suas características, onde teria vivido.

Na entrevista dada pelo Dr. Jonny Doin, há um diálogo em que este procurou obter mais informações do garoto, mediante um curioso processo de interpelação. Eis como ocorreu o episódio:

“Eu percebi logo que ele devia ter sido padre ou algum sacerdote. E eu conhecia um pouco acerca da Noruega e dos seus mosteiros. Então eu preparei um teste para o menino, com muito cuidado.

Nas conversas eu lhe disse que me lembrava dele da Noruega. Ele olhava para mim e dizia: ‘Eu não me lembro de você...’ Eu lhe dizia: ‘Você morava num mosteiro, com aquele portão enorme de ferro preto.’ Ele disse: ‘É sim! Tinha um portão grande lá no mosteiro!’ Eu disse: ‘Pois é, com um leão em cima...’ Ele respondeu: ‘É sim! É sim! tinha sim!’ Eu disse: ‘Eu ia de tarde conversar com você naquele salão enorme, com mesa preta e as cadeiras em volta, não é verdade?’ Ele ficou numa alegria! Disse: ‘É sim! É sim! Mas eu não me lembro de você, não...’ Esse foi o ponto máximo para mim da autenticidade do fato.”

O Dr. Jonny Doin supõe que a personalidade prévia teria sido um dos superiores do mosteiro.

12. – Afirmava que na Noruega devido ao frio, não nasciam bananeiras.

Certa ocasião, o Sr. Agenor estava plantando uma muda de bananeira do litoral, no quintal de sua casa. O garoto, que assistia à operação, indagou: “Papai, o que é isto?” O Sr. Agenor respondeu que era uma muda de bananeira e que iria dar bonitas bananas. Ele, então retrucou: “É, na Noruega bananeira não dá porque o gelo mata tudo. Dá muitas árvores grandes, pinheiros...”

O Dr. Jonny Doin em seus costumeiros diálogos com o garoto, submeteu-o a outra prova curiosa:

“Sim, como início do plano que eu havia traçado para submetê-lo a um teste. Então eu lhe disse que nós nos reuníamos no salão para conversar, comíamos maçã. Ele disse: ‘Eu comia maçã sim, mas não me lembro de

você!’ Disse-lhe que comíamos pêra e ele confirmou. Aí soltei o que havia preparado: ‘E comíamos banana...’ Quando eu disse isso ele, que estava sentado, pulou de lado na ponta dos pés, pôs o dedo na minha cara e disse: ‘Mentiroso! Não disse que você não estava lá?!’ Eu perguntei por quê, e ele disse: ‘Banana não dá na Noruega porque o gelo mata tudo!’

Este foi o teste que eu preparei. Eu sabia que banana não dá na Noruega.”

Estes conhecimentos acerca da distante Noruega, demonstrados por um garoto de cerca de três anos, são bastante estranhos e dificilmente explicáveis através de hipóteses normais.

13. – Referia-se constantemente à presença dele na Noruega, na região de “Fumende” ou “Fumendi”.

A primeira alusão a “Fumende” foi feita por seu pai, durante a entrevista de 11 de junho de 1972: “Então ele referia-se constantemente à permanência dele na Noruega, na cidade de Fumende, onde ele via sair trens de bacalhau.”

Não nos foi possível encontrar nenhuma cidade norueguesa com este nome. No depoimento do Dr. Jonny Doin, este pronunciava “Fumendi”, dizendo que havia ouvido este nome do próprio paciente após perguntar-lhe onde morava:

“... e ele respondeu que morava em Fumendi, na Noruega.”

Mais adiante, quando inquirimos ao Dr. Jonny Doin se o mosteiro onde a personalidade prévia vivera ficava mesmo em “Fumendi”, ele respondeu:

“Eu digo com toda a sinceridade que não me ocorreu perguntar-lhe isso. Mas como ele dizia que morava em Fumendi, que era de Fumendi e com naturalidade falou do mosteiro, eu creio que este devia ser em Fumendi.”

À nossa indagação de se, posteriormente, ele teria verificado a existência, na Noruega, de uma cidade com este nome, o Dr. Jonny Doin respondeu: “Procurei verificar e não consegui encontrar. Mais tarde, dois ou três anos depois, eu me encontrei com o pai dele e este me disse: ‘Olha Jonny, nós já localizamos a cidade num mapa antigo. A cidade de Fumendi.’”

A seguir, fizemos uma pesquisa acerca dessa suposta cidade ou região. O exame minucioso de um mapa da Noruega mostrou-nos que há um lago com o nome de “Femunden” (variantes: Femunde, Faemund e Fämund). Fica no Condado de Hedmark, aproximadamente a 62º, 20’ de latitude

Norte, e 11° de longitude Leste. Este lago tem cerca de 60 km de extensão. Há várias pequenas cidades em suas proximidades e é possível que “Femunde” seja também um topônimo daquela região próxima ao lago.

Acreditamos que o Celso, ainda muito novo, tenha pronunciado o nome certo: Femunde. Logo mais os adultos poderiam ter invertido as duas primeiras vogais, trocando uma pela outra dando: “Fumende” ou “Fumendi”. Isto é comum; por exemplo: fenônemo, em vez de fenômeno; amalero, em vez de amarelo; largatixa em vez de lagartixa; sastifeito em vez de satisfeito; etc.

Supomos que o mosteiro ou igreja ao qual o garoto fazia alusão ficaria na região de Femunden, ou Femunde – como teria ele falado – próximo do lago de mesmo nome.

14. – Informou que, na Noruega, ele era adulto e, certa vez, mostrou sua surpresa pelo fato de ser agora uma criança.

Quando o Sr. Agenor lhe perguntava: “Mas Celso, você na Noruega era grande ou pequeno?” Sua resposta era imediata: “Eu era grande.”

O Dr. Jonny Doin ao obter a informação de que ele morava em Femunde, notou que o garoto teve qualquer surpresa momentânea: “Nessa ocasião ele teve um gesto de espanto, não sei por que e disse: ‘Por quê eu era grande e hoje sou pequeno?’ E eu anotei este particular.”

Realmente, deve causar estranheza a qualquer pessoa, nas condições do Celso, ao ver-se agora criança e, ao mesmo tempo, recordar-se de que fora adulto em outra ocasião e em outro lugar.

15. – Quando seu pai, brincando, lhe perguntava por que ele não ia para a Noruega, respondia que não era possível, porque isto se dera noutra encarnação.

O Sr. Agenor contou-nos que às vezes inquiria o Celso, sobre sua preferência entre a Noruega e o Brasil.

“Eu dizia: ‘E você gosta mais do Brasil ou da Noruega?’ Ele respondia: ‘Da Noruega’. Aí eu falava: ‘Então por quê você não vai p’ra lá? Você gosta mais da Mádía! Gosta mais da Noruega,! Então vai embora!’ Ele dizia: ‘Não posso, porque isto era noutra encarnação. Agora eu estou aqui, tenho de ficar é aqui. Tenho de gostar é desta terra mesmo! A Mádía me chama, mas eu não vou porque eu não posso ir p’ra lá. Eu tenho de permanecer aqui!’”

Este episódio revela que o paciente já tinha consciência de sua situação como reencarnado. Lembrava-se de sua vida anterior, ouvia os apelos da

mãe, talvez desencarnada e com a qual sonhava, mas conformava-se com sua nova condição.

Este episódio faz pensar na importância do esquecimento das nossas vidas anteriores, pois, para certos indivíduos, tais reminiscências poderão produzir perturbações indesejáveis e dificuldades de adaptação à nova situação reencarnatória.

Em algumas pessoas, a recordação na infância, como no caso do Celso, não traz grandes inconvenientes. Entretanto, podem ocorrer fatos estranhos, como no célebre acontecimento que deu origem ao romance *As Três Faces de Eva*, por Corbett H. Thigpen e Hervey M. Cleckley (São Paulo: IBRASA, 1968).

16. – Em uma ocasião, respondendo às perguntas que lhe faziam, disse corretamente o nome do rei da Noruega.

O pai do paciente disse que vários amigos frequentavam sua casa e faziam perguntas ao Celso, sobre a Noruega: “Os confrades iam em casa e sempre faziam perguntas. Uma ocasião ele respondeu até o nome do rei da Noruega, cujo nome não me recordo agora.”

Foi uma pena o Sr. Agenor não haver guardado a lembrança do nome dado pelo garoto.

O rei naquela ocasião era Haakon VII.

No dia 9 de abril de 1940, os alemães atacaram a Noruega, ocupando-a após dois meses de luta. Nesta ocasião, Haakon VII fugiu para a Inglaterra, onde instalou o governo de resistência.

Em 1957, o rei Haakon VII faleceu, sendo sucedido pelo seu filho, o atual rei Olavo V.

17. – Gostava de gatos. Quando ganhou uma gatinha, deu a ela um nome arrevizado, sem semelhança com os nomes em português.

É lamentável que o pai, ou alguma outra testemunha, não tivesse registrado por escrito o referido nome.

18. – Ao ver, em uma revista, a fotografia de um fiorde, reconheceu imediatamente o acidente geográfico, pronunciando corretamente o seu nome.

O genitor do Celso contou-nos este fato, como segue:

“O nosso prezado amigo Leopoldo Machado, que recordamos com muita saudade, sempre parava em nossa casa, fazia umas palestras e depois prosseguia para São Lourenço. Sempre que Leopoldo estava em São

Lourenço, eu, minha esposa e filhos, íamos a São Lourenço assistir às suas palestras.

Numa dessas viagens a São Lourenço, da qual tenho até fotografias, o Celso estava junto comigo e, passando lá no Hotel Negreiros, ele viu uma revista aberta sobre uma poltrona e disse: ‘Papai, espera um pouquinho que vou olhar uma coisa aqui.’ E nos deixou a mão e foi olhando a revista e falando: ‘Fiorde, fiorde da Noruega!’ Apontava aquilo, aqueles longos golfos que existem na Noruega.

Aí Leopoldo voltou também e viu que aquilo era de fato da Noruega. Quer dizer que, ao passar de relance, ele reconheceu aquilo nitidamente e pôde identificar.”

O paciente estava com cinco anos, nesta ocasião. Há muitas pessoas adultas que ainda não sabem o que seja um fiorde...

19. – Inicialmente, pronunciava o nome da Noruega, de uma forma diferente da portuguesa: Norge (pronuncia-se Nór-ga).

O pai do paciente asseverou-nos que, assim que começou a referir-se à Noruega, ele pronunciava este nome, de uma forma diferente, semelhante à usada no norueguês: Nór-ga (Norge).

Este nome deriva do norueguês antigo, Norvegr, que significa “O caminho para o Norte.”

20. – Referindo-se ao clima, ele dizia que, às vezes, o mato ficava branco.

Dr. Jonny Doin, que se referiu a este particular, relatou-nos o seguinte: “Dizia que, às vezes, o mato ficava branco. Ele era pequeno e falava ‘banco’, como banco de sentar, mas eu concluí que era branco mesmo. Ele não falava em neve, falava só no frio e no branco. ‘Ficava tudo banco.’”

É realmente extraordinário que uma criança de três anos de idade esteja informada corretamente acerca do clima de um país pouquíssimo conhecido, no interior do Estado de São Paulo e no ano de 1946. É importante que se lembre de que, em Cruzeiro, o clima é bem quente. Além disso, não se conhecia a TV no interior do Brasil.

21. – Certa ocasião, referiu-se a um veículo, cujas rodas traseiras eram muito grandes.

O Dr. Jonny Doin disse que o Celso havia se referido a um carro com rodas muito grandes:

“A única coisa foi a roda do carro, grande, enfeitada, com muitos raios...”

“Eu tive a idéia que fosse uma espécie de trole, porque ele disse que tinha quatro rodas, sendo que as de trás eram muito grandes.”

22. – Tinha preferência por carne de aves e por leite. Dizia que bebia muito leite na Noruega.

O Dr. Jonny Doin informou-nos o seguinte: “Celso gostava muito de frango, de carne de galinha e de leite. Ele dizia que bebia muito leite na Noruega e comia galinha. Suponho que fosse pato ou outra ave. Ele tinha predileção por frango na alimentação.”

Talvez pelo uso da carne de peixe, por parte da personalidade prévia, ele tivesse, agora, preferência por carnes brancas.

23. – Descrevia de maneira coerente a paisagem ao redor do mosteiro onde teria vivido.

Perguntamos ao Dr. Jonny Doin se o Celso se referira ao tipo de vegetação do lugar onde morava. Sua resposta foi a seguinte:

“Sim, claramente não, mas pelo que ele me falava eu deduzi que o mosteiro devia ser cercado com árvores como ciprestes, e devia haver campos, talvez gramados, porque ele falava no terreno, na terra grande e cheia de mato. Eu perguntava: ‘Que mato?’ E ele respondia: ‘Capim.’ Então eu senti que era uma paisagem nórdica, e as árvores deviam ser agrestes.”

* * *

Concluimos, neste ponto, a tabulação concernente às recordações do paciente. Vamos passar, a seguir, à enumeração de outros detalhes relevantes observados nos depoimentos acerca deste caso.

OUTROS DETALHES RELEVANTES CONCERNENTES AO CASO CELSO

1. – Nasceu com traços raciais nórdicos, diferentes dos de seus irmãos e genitores.

Quando perguntamos ao Sr. Agenor se o Celso nascera com alguma marca no corpo, que sugerisse tratar-se de sinais remanescentes de eventuais ferimentos sofridos na encarnação anterior, ele nos respondeu assim:

“Não, não trouxe e não tem nenhuma marca que possa justificar a existência de algum ferimento.

Os traços dele naquela ocasião eram perfeitamente nórdicos, cabelos completamente loiros, fisionomia bem clara, jeito mesmo de pessoa nórdica. Era completamente diferente dos irmãos, de mim e da mãe. Ele era totalmente diferente na fisionomia naquele tempo. Depois foi modificando, os cabelos escureceram, a pele ficou mais escura.”

O Dr. Jonny Doin também teve sua atenção despertada para este fato e referiu-se a ele diversas vezes em sua entrevista. Vamos destacar os trechos em que o Dr. Jonny Doin tocou neste particular:

“...E o que me impressionou mais no garoto foi o seu tipo físico: O garoto era louro, enquanto todos os irmãos eram morenos.”

“...E todos tinham uma feição mais ou menos puxando ao pai ou à mãe. E o garoto era completamente diferente: Tipo nórdico, rosto fino e comprido, olhos claros, quando todos tinham olhos escuros, quase pretos.”

“...E até por causa do filho louro assim, o pai tinha uma certa tristeza. Filho completamente diferente dos outros. Mas a mãe era uma pessoa honesta, humilde, recatada, do lar, nunca saía... acima de qualquer suspeita.”

“Foi isso que me convenceu de que se tratava mesmo de reencarnação. Na época eu era muito prevenido com as informações que me davam neste campo. Você sabe todas as coisas que podem ocorrer levando-nos a uma falsa informação do negócio, inclusive telepatia, etc.

O tipo físico do Celso impressionou-me bastante, levando-me à credibilidade do fenômeno reencarnatório no caso.

Seu tipo era nórdico: A testa grande e saliente, rosto comprido, olhos azuis, tipo louro, quando todos os outros irmãos eram acabocados,

totalmente diferentes...”

Em fevereiro de 1972, o Dr. Ian Stevenson pronunciou, no auditório da Associação Paulista de Medicina, uma palestra sobre pacientes de casos que sugerem reencarnação, portadores de marcas reencarnatórias de nascença. Ele apresentou, nesta ocasião, cerca de setenta diapositivos mostrando os diferentes exemplares destes sinais por ele detectados em pacientes de diversos países do mundo.

Entre tais ocorrências, ele mostrou o caso de Zaw Win Aung, um jovem filho de birmaneses morenos, de olhos escuros e amendoados.

Desde sua meninice, Zaw afirmava que houvera sido um piloto norte-americano, que falecera em consequência de seu avião ter sido abatido pelos japoneses, na II Guerra Mundial.

Apesar de descender de pais de raça asiática e morenos, Zaw Win Aung apresenta tez clara, cabelos louros e olhos verdes, diferindo, de maneira marcante, de seus irmãos.

O Dr. Stevenson afirmou que não se trata de distúrbio genético. Garantiu, também, que fez pesquisa acerca da fidelidade da mãe do paciente, tendo se certificado de sua honestidade absoluta.

Como se vê, o caso do menino Celso não é o único, embora seja inexplicável à luz da Genética. Entretanto, pode pensar-se em uma mutação ocasional, mas isto parece ser um fato bastante raro, senão improvável, nas condições apresentadas.

Vamos ver que, além de apresentar as características da raça nórdica, o menino mostrava caracteres comportamentais típicos, que sugerem tratar-se de influências reencarnatórias.

2. – Detestava o calor. Tudo para ele tinha de ser mais ou menos frio ou gelado.

O Sr. Agenor forneceu detalhes sobre este curioso comportamento de seu filho:

“Tudo para ele tinha de ser mais ou menos frio ou gelado. Mesmo na cama, quando dormia, ele não gostava de muitas cobertas, preferia ficar sempre sem cobertas porque sentia sempre muito calor.”

O Dr. Jonny Doin confirmou esta informação:

“Este garoto tinha horror a cobertas e vivia quase que o dia inteiro nu, não suportava nem roupa. Mesmo no inverno rigoroso ele não suportava cobertas, dormia com um lençol, nu, sem agasalho de espécie alguma.”

“...Aversão por cobertor de lã principalmente. Naturalmente o clima daqui, diferente do de lá... Não era bem aversão; a gente o cobria e dali a pouco ele jogava tudo para cima e dormia completamente sem coberta e geralmente nu. Ele não suportava nem a roupa comum, não suportava o calor lá de Cruzeiro.”

Estas manifestações de fobia são muito comuns em casos que sugerem reencarnação.

Dr. Ian Stevenson teve sua atenção despertada para esta modalidade de “lembrança” reencarnatória, que se manifestou inúmeras vezes nos casos por ele estudados. Em alguns ocorre a preferência ou repugnância por certos alimentos ou bebidas. Em outros apresenta-se como aversão a pessoas ou situações, etc.

No caso de Jacira x Ronaldo, assinalamos a relutância da paciente em tomar bebidas avermelhadas, (ver p. 120, item 1). No de Simone x Angelina, era o medo de aviões (ver p.54, item 4).

De certa forma, estas manifestações de fobia são modalidades de recordação reencarnatória.

3. – Seu comportamento era diferente do de seus irmãos e das crianças de mesma idade.

Este é outro fato geralmente relacionado com as lembranças oriundas de encarnação anterior. No presente caso, foi observado e relatado pelo Dr. Jonny Doin o modo pouco comum do garoto Celso comportar-se:

“Sim, isso chamou-me a atenção. Ele era quieto, ficava calado num lugar. Era sadio, alegre, portanto era natural que ele procurasse convívio com as outras crianças, mas ele se isolava e brincava à moda dele, só, sempre quieto, sério. Talvez haja alguma relação entre esse seu comportamento e o costume da vida pretérita.”

Quando perguntamos ao Dr. Jonny Doin se o garoto mostrava alguma maturidade incompatível com sua idade, ele nos respondeu:

“Sim, impressionante! Este fato que eu narrei dele reagir quando me chamou de mentiroso, ele tomou atitudes adultas, maduras. Levantou-se da cadeira, ficou na pontinha dos pés, cerrou o sobrecenho, espetou o dedo na minha cara e falou como quem estava me censurando, mas de maneira adulta, completamente diferente da reação natural de uma criança de três anos.”

Esta passagem à qual se refere o Dr. Jonny Doin, encontra-se no item 12 da Tabela de Recordações do Paciente.

4. – Sua memória reencarnatória foi desaparecendo com a idade.

Indagado a respeito da persistência das lembranças reencarnatórias, por parte do Celso, o Dr. Jonny Doin informou-nos o seguinte:

“Encontrei-o esporadicamente quando ele tinha já nove anos. Então ele já não tinha lembrança tão nítida dos fatos. Mais tarde, com treze anos ele se recordava vagamente. O pai me disse que, depois dos vinte anos, ele perdeu a memória daqueles fatos.”

Quando entrevistamos o Sr. Agenor, o Celso estava já com vinte e nove anos de idade. Seu pai afirmou-nos que ele não guardava mais nenhuma lembrança dos episódios revelados na sua infância.

5. – Ao que perece, o nascimento do Celso sofreu tentativas de frustração, por parte de entidades espirituais.

O Sr. Agenor, ao iniciar o seu depoimento, fez-nos esta revelação estranha:

“Assim que ele reencarnou, uma senhora, médium vidente, observou vários Espíritos de padres ao lado dele forçando-o para que abandonasse o corpo, pois não se conformavam que ele viesse reencarnar em um lar espírita.”

Embora seja um fato de natureza subjetiva, por se tratar de uma percepção mediúnica, ele concorda com os acontecimentos posteriores, em que o garoto revelou ter sido um padre, em sua vida pregressa.

* * *

Vamos, agora, passar à discussão do presente caso, interpretando-o à luz das hipóteses mais correntes, que poderiam explicá-lo satisfatoriamente.

* * *

HIPÓTESES EXPLICATIVAS PARA AS RECORDAÇÕES E O COMPORTAMENTO DE CELSO

Como temos feito com todos os demais casos expostos neste livro, vamos examinar os diferentes itens da “tabela das recordações e do comportamento do paciente”, para verificar a possibilidade de explicá-los racionalmente.

Tentaremos a possibilidade de seu enquadramento dentro das hipóteses mais correntes: fraude, criptomnésia, ESP, memória genética, mediunismo e reencarnação.

FRAUDE DELIBERADA

A hipótese de fraude, neste caso, só poderia justificar-se diante da suposição de ter havido um conluio entre o Sr. Agenor, o Dr. Jonny Doin e D. Anita Briza de Oliveira, todos eles espíritas, visando a fazer propaganda do Espiritismo.

Se fosse este o caso, não teriam deixado escoar quase trinta anos para aproveitarem a oportunidade de comunicá-lo ao IBPP; ainda mais, sem saberem se ele seria algum dia publicado. Além disso, o Sr. Agenor preferiu que se usassem pseudônimos para ele e o seu filho, o que mostra não ter havido interesse promocional em jogo.

Não houve, também, qualquer espécie de proveito para os envolvidos neste episódio, pois não foi cobrado nada ao IBPP pelos depoimentos fornecidos, nem foi feita reserva de direitos autorais para a eventualidade de uma publicação do caso. A gratuidade foi total.

As testemunhas referidas no relatório deste caso, são independentes financeiramente e gozam de excelente reputação no que tange à probidade e honorabilidade. Jamais participariam de uma farsa ou patifaria.

Portanto, a fraude não seria a explicação mais adequada aos depoimentos atrás transcritos.

INFORMAÇÃO DIRETA - CRIPTOMNÉSIA

Teria, o Celso, recebido informações a respeito da Noruega, quando ainda muito pequeno? Uma vez gravadas no inconsciente, tais informações

poderiam ter vindo à tona do consciente, assim que ele completou três anos. Então, após ter dormido sob a pilha de postes e descansado a mente, tais lembranças foram fantasiadas pela sua imaginação infantil e surgiram de forma dramática. Quando seu irmão lhe perguntou de onde viera, o Celso teria procurado justificar sua ausência e, temendo uma reprimenda, ele respondeu: “Eu vim da Noruega...” Esta suposição justificaria o item 1 da tabela.

Embora o Sr. Agenor tenha afirmado que as notícias da II Guerra Mundial mencionavam sobretudo a Alemanha, a França, a Itália e a Inglaterra, e não falavam da Noruega, acreditamos que deve ter sido noticiada a invasão deste país em 1940. O Celso nasceu em 1943, mas a Noruega tinha um governo no exílio, nesta época. O Rei Haakon VII fugira para lá. Em 1945, a Noruega foi libertada. Estes fatos devem ter sido comentados pelos jornais e pelo rádio. Portanto, falou-se no nome Noruega, no seu Rei Haakon VII, etc. O Celso tinha já dois anos, nesta ocasião. Não teria, ele, captado inconscientemente tais rumores?

Admitindo-se esta possibilidade e acrescentando-se a capacidade de fantasiar, das crianças, talvez se justificassem, também, os itens 2, 3, 16 e 19 da tabela.

Todavia, os demais itens, bem como os detalhes relevantes, não poderiam, de forma alguma, ser explicados pela criptomnésia. Por conseguinte, devemos eliminá-la, por não ter suficiente para esclarecer todos os itens concernentes ao presente caso.

TELEPATIA, ESP E SUPER-ESP

O leitor que tomou conhecimento de alguns dos casos anteriores já deve achar-se familiarizado com o significado desta hipótese.

Não teria, o Celso, captado telepaticamente as informações por ele fornecidas, do cérebro de seu pai, do Dr. Jonny Doin e de outras testemunhas que o arguíram? Ele poderia, também, através de uma percepção extrassensorial de vasto alcance (Super-ESP), ter, inclusive, obtido informações clarividentes a respeito da Noruega, do seu clima, de sua paisagem, da abundância de peixe e bacalhau existente lá, dos seus mosteiros, etc.

Se, porventura, houvesse realmente existido o “Padre Herculano” e a sua “mãe Mádia”, eles seriam facilmente captados pela super-ESP do garoto Celso, mesmo que tivessem morrido, pois a ESP não encontra

barreiras de espaço e de tempo. Além disso, lá deveriam ainda existir as pessoas que os conheceram, tendo gravados em suas mentes as imagens e o modo de ser daquelas criaturas.

A super-ESP, embora possa parecer uma hipótese muito ousada, tem apoio em alguns fatos raríssimos como o caso de Edgard Cayce.

Talvez a super-ESP pudesse justificar um grande número de itens da tabulação, mas esta hipótese esbarra com algumas dificuldades. Vejamos as principais.

Vamos começar pelo item 2. Este item apresenta algumas passagens inexplicáveis pela super-ESP, a menos que adicionemos a ela algumas outras suposições quase insustentáveis. Por exemplo, como esclarecer o fato do menino falar, durante o sono, as seguintes palavras?

“Mádia, não vou Mádia, eu não posso ir embora! Eu tenho que ficar aqui! Agora recebi ordem para ficar nesta casa. Hoje tenho meu pai, minha mãe, mas eu gosto de você Mádia. Mas eu não posso ir embora.”

Como explicar o fato do garoto repudiar sua própria mãe atual?

Vejamos, agora, os itens 3, 5, 7, 12, 14, 15, 17, 18, 19 e 22 da tabulação. Estes contêm passagens difíceis de explicar pela super-ESP.

Mas, onde encontraremos maiores dificuldades para enquadramento na presente hipótese, será na relação de “Outros Detalhes Relevantes...”, cujos 5 itens são inexplicáveis pela super-ESP.

Outro ponto importante, e que deve ser ponderado nesta questão, é o fato de o Celso nunca haver demonstrado, durante toda a sua vida, quaisquer indícios de possuir uma percepção extrassensorial fora do comum. Para ele ter sido, na sua infância, um “Edgard Cayce-mirim”, teríamos de convir estarmos diante de um caso mais notável, pois Edgard Cayce demonstrava seus poderes, achando-se em transe. O Celso jamais demonstrou estar em transe, em situação alguma, nas ocasiões em que deu informações sobre a Noruega e sua suposta vivência lá.

Acreditamos, portanto, que a hipótese da telepatia, ESP e super-ESP não é suficiente para cobrir o caso em análise.

MEMÓRIA GENÉTICA

Os pais e ancestrais do paciente não descendem de noruegueses e nem nunca estiveram na Noruega. Tanto o pai quanto a mãe de Celso, não tiveram informações precisas e específicas sobre aquele país, antes do nascimento do paciente.

Diante disso, achamos desnecessário demorarmos na tentativa de examinar a validade da hipótese da memória genética, como provável explicação para o presente caso.

MEDIUNISMO

Admitamos que o Celso tenha sido um excelente médium quando criança. Ele, atualmente não é. Mas vamos supor que tenha sido. Aceitemos, ainda que provisoriamente, a possibilidade de ter realmente existido o Padre Herculano e sua mãe, a Mádia. Tendo morrido durante o bombardeio, por uma razão qualquer seu Espírito veio até Cruzeiro e encontrou o garoto médium, tendo-se ligado a ele pelos laços da mediunidade. Este fato ter-se-ia dado quando o garoto adormeceu sob o madeirame dos postes. Ao despertar, ele não o fez completamente, mantendo-se sob a influência do Espírito do Padre Herculano. Daí os seus conhecimentos sobre a Noruega, as suas respostas, etc.

Esta hipótese, como pode ver-se, é fraquíssima e talvez sirva para justificar apenas o item 1. Os demais itens ficariam sem explicação pela maneira de proceder do Celso. Embora algumas vezes ele tomasse atitudes adultas (ver item 12 da tabela), seu comportamento era o de uma criança sadia, normal e um tanto introvertida. Respondia às perguntas sobre a Noruega em seu estado natural, sem estar em transe mediúnico. Se fosse este o caso, o seu pai, o Dr. Jonny Doin e D. Anita Briza, espíritas experimentados, tê-lo-iam percebido facilmente.

Esta hipótese pode ser afastada com segurança.

REENCARNAÇÃO

Embora não tenha sido possível a total comprovação deste caso, pela localização da personalidade prévia, ou das pessoas a ela ligadas e que a conheceram, há muita evidência de que se trata realmente de um caso de reencarnação.

É necessário que se atente para a tenra idade do paciente, quando ele deu as informações, bem como para a época e o lugar em que isto ocorreu. Apesar de ser uma cidade razoavelmente desenvolvida, Cruzeiro, em 1946, não dispunha de recursos suficientes para que uma criança de três anos de idade já pudesse estar informada sobre a Noruega, seu clima e outros detalhes fornecidos pelo Celso. É possível que nem mesmo seus irmãos, um com sete e outro com oito anos, estivessem a par das características daquele

longínquo país. Nas escolas primárias, naquela ocasião, talvez nem se falasse nos países nórdicos.

Neste caso, também, é relevante o fato de o paciente apresentar traços raciais nórdicos e diferentes dos de seus irmãos e genitores. Outro aspecto importante era a sua aversão ao calor, que determinava o seu hábito de evitar os agasalhos, andando nu e dormindo sem cobertas.

Embora este pormenor não seja rigorosamente classificável como uma fobia típica, ele poderia ser considerado como equivalente às fobias assinaladas em casos que sugerem reencarnação e devidamente comprovados com a existência real da personalidade prévia; isto é, pelos casos “resolvidos”.

A hipótese da reencarnação, além de encontrar apoio nesses e outros “detalhes relevantes”, consegue explicar, sem exceção, todos os itens da “tabela de recordações do paciente”, sem esforço, sem necessidade de atribuir, ao menino, supostas faculdades paranormais, ou mediúnicas, para as quais não há indícios verificáveis, e sem precisar lançar-se mão de hipóteses “ad hoc” para ajustá-las aos fatos registrados.

CONCLUSÃO

Tendo em vista as razões acima, e salvo a possibilidade de, no futuro, surgir melhor explicação para este caso, somos de opinião que é a reencarnação a hipótese mais adequada para esclarecê-lo.

Capítulo IX - O caso Flávia x Sueli

INTRODUÇÃO

O presente caso é do tipo resolvido, pois conhece-se a personalidade prévia.

A pedido da comunicante, os verdadeiros nomes das pessoas da família da paciente foram substituídos por pseudônimos. Os nomes das demais testemunhas foram mantidos.

Dia 4 de novembro de 1971, o Sr. Alcides Hortêncio (atualmente falecido), da cidade de Mogi-Mirim, encaminhou-nos um relatório contendo, entre outras informações, um sumário do presente acontecimento, que sua conhecida D. Clementina C. Carreira, nos enviou por seu intermédio. Esta senhora é funcionária pública federal e reside também naquela cidade.

D. Clementina C. Carreira é a principal testemunha do evento e uma de suas protagonistas.

Sueli (personalidade anterior) era filha de um casal de libaneses, muçulmanos, radicados no Brasil. Ela faleceu aos 3 anos de idade, no dia 11 de abril de 1963, vitimada por uma meningite fulminante.

Flávia (personalidade atual) é filha do mesmo casal. Ela nasceu um ano após o falecimento de sua irmãzinha Sueli.

Sueli era muito afeiçoada à D. Clementina, sua madrinha de batismo. Apesar de serem muçulmanos, os pais de Sueli concordaram em batizá-la no rito católico, a pedido de D. Clementina.

Oito meses após o nascimento de Flávia, seus pais mudaram-se para São Paulo. Desse modo, D. Clementina perdeu contato com eles, vindo a visitá-los somente três anos depois.

Os fatos que se deram por ocasião da morte de Sueli e durante a permanência de D. Clementina no lar da família de Flávia, levaram-na a consultar o Sr. Alcides Hortêncio – pessoa influente no meio espírita de Mogi-Mirim – o qual verificou imediatamente tratar-se de um acontecimento que continha evidências de precognição e de reencarnação. O Sr. Hortêncio comunicou-o ao IBPP e, por nossa solicitação, obteve um relatório de próprio punho de D. Clementina. Este documento conta resumidamente o ocorrido. Posteriormente, entrevistamos pessoalmente D.

Clementina e outras testemunhas, completando satisfatoriamente esta investigação.

Vamos, pois, ao histórico, iniciando-o com o relatório de D. Clementina.

* * *

HISTÓRICO

PRELIMINARES

Pelo relatório que iremos apreciar, verifica-se facilmente que a sua autora – D. Clementina – é dotada da faculdade de premonição. Este pormenor inclui-se no corpo do presente estudo, devido ao fato de pertencer ao contexto da história. Todavia, ele não participa obrigatoriamente do aspecto principal que é a reencarnação.

RELATÓRIO DE D. CLEMENTINA

“No dia 2 de abril de 1963, tive um terrível sonho muito lúcido. Sonhei que meu sobrinho havia morrido afogado, no Rio Pardo, no Município de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, que eu fora chamada para ir até lá e que efetivamente o fizera, assistindo ao seu sepultamento. Quando regresssei à minha cidade perguntei pela minha afilhada Sueli à D. Selma (mãe de Sueli) e esta informou-me que sua filha havia morrido. Fiquei aterrorizada pela perda da criaturinha a quem eu tinha tanto afeto e carinho. Sueli também era muito afeiçoada a mim.

No dia 3, dia subsequente ao sonho, estava muito apreensiva e fui vê-la, aproveitando a ocasião para fazer alguns doces e bolos para a festinha de aniversário da Sueli que seria no dia 5 de abril. Pois bem, quando cheguei perguntei pela menina e esta ao me ver correu ao meu encontro, abraçou-me e ficou no meu colo durante o tempo todo. Ao abraçá-la senti uma angústia e um pressentimento terríveis. Não suportando aquela sensação, abraçada a ela, caí em prantos. A mãe de Sueli, assistindo a esta cena, pediu-me explicações. Não queria, de forma alguma, contar-lhe a causa do meu pranto, todavia tanto insistiu que acabei revelando a ela o sonho terrível que tivera na noite anterior. Ela chorou muito, e eu então procurei desfazer aquela preocupação, dizendo-lhe que a morte em sonho é sinal de vida longa. Mas intimamente aquela tristeza permanecia em mim. Fiz tudo o que pude pela festinha do seu aniversário, mas a festa não foi alegre. Parecia que todos estavam pressentindo o acontecimento. Não houve alegria, nem animação durante a festa.

No dia 11 de abril de 1963, seis dias após o aniversário de Sueli, estava eu costurando quando tocaram a campainha. Não sei bem como explicar, mas senti um terrível choque. Ao abrir a porta deparei com meu tio, Sr. Valentino Luize. Ao vê-lo, percebi que havia acontecido algo de muito grave e formulei uma pergunta afirmativa. Perguntou-me então se eu também já havia recebido a notícia de falecimento do meu sobrinho, Adelino Bodine, de 18 anos de idade, morador em Ribeirão Preto, que havia morrido afogado no Rio Pardo. Decidi partir imediatamente para Ribeirão Preto. Antes de partir fui despedir-me de Sueli. Fui tomada então de uma angústia muito grande... era como se eu estivesse despedindo-me dela pela última vez... No mesmo dia, à tarde, Sueli teve uma crise de meningite e veio a falecer, às 11 horas da noite.

Como eu havia partido para Ribeirão Preto em virtude do falecimento do meu sobrinho, os pais de Sueli não puderam comunicar-me o falecimento de sua filha pois eles não sabiam o endereço do local onde eu me encontrava.

Em Ribeirão Preto, na casa de meu irmão, o ambiente era de tristeza e sofrimento. Passei muito mal também. Sentia-me angustiada, vendo o sofrimento do meu mano e chorei muito. No dia seguinte, ao dormir, tive um pesadelo. Ví perfeitamente a minha afilhada Sueli, entre duas árvores grandes. Ao me ver ela correu ao meu encontro. Segurava uma rosa na mão, estava vestida com o vestido do seu aniversário, cor-de-rosa, e dirigiu-me as seguintes palavras: ‘Madrinha eu morri, mas vim trazer esta rosa para a senhora.’

Quando regressi de Ribeirão Preto, minha vizinha que ficara sabendo da morte de Sueli e do pressentimento que eu tivera sobre sua morte deu-me a notícia do falecimento de Sueli. Relatou-me que a mãe de Sueli havia comentado o meu presságio, na presença de todos.

Os fatos se passaram exatamente como eu havia sonhado. Teria sido tudo isso uma revelação?

Quando eu me dirigi à casa de D. Selma, com o espírito mais preparado, pude reviver na realidade tudo aquilo que eu havia sonhado dias antes. Acabara de chegar de Ribeirão Preto e não mais encontrei a minha afilhada querida.

Este caso foi muito comentado nos círculos de nossas relações. Possuo ainda muitos outros casos que se passaram comigo, todavia este foi o que mais calou profundamente em minha vida. Creio ter narrado tudo aquilo que aconteceu. Este acontecimento pode ser provado porque foi testemunhado por várias pessoas.

(Assinado: Clementina Costa Carreira)

Nota: Sueli foi sepultada no cemitério de Mogi-Mirim, Estado de São Paulo, entre duas árvores.

E.T. Sr. Alcides

Quero ainda acrescentar, em sequência a este acontecimento, um caso de reencarnação. É o seguinte:

Após a morte de Sueli, D. Selma rogou a Deus que lhe desse a graça de conceber uma outra filha. Decorrido um ano, D. Selma dava à luz a uma menina que recebeu o nome de Flávia. Quando esta estava com 8 (oito) meses de idade, D. Selma e seu esposo mudaram-se para São Paulo. Eu não tive mais contato com essa menina e nem fui madrinha dela. Passados 3 (três) anos fui visitá-los. Ao me ver, Flávia correu ao meu encontro e fez exatamente o que Sueli fazia comigo. Não saiu do meu colo e disse-me o seguinte: ‘Madrinha, eu não quero que me chame de Flávia. Eu sou a Sueli, e a Senhora é minha madrinha.’ E todas as vezes que a chamava de Flávia, tornava a dizer a mesma coisa. Sua mãe ficou pensativa e disse: ‘Pedi a Deus outra filha igual à Sueli e Flávia faz tudo exatamente como a filha que perdi.’

Gostaria de explicar -lhes o fato da reencarnação, mas como eles são muçulmanos calei-me.

Se o Senhor achar interessante este caso, poderá registrá-lo.”

* * *

Entramos em contato direto com D. Clementina e marcamos uma entrevista pessoal com ela, a ser efetivada dia 14 de novembro de 1971, em

Mogi-Mirim.

Nessa data, pudemos obter uma gravação de seu depoimento, acerca dos fatos que se sucederam quando, após três anos, ela foi visitar, em São Paulo, a família de Flávia.

Entrevistamos, também, outras testemunhas, a respeito dos acontecimentos que precederam a morte de Sueli.

ENTREVISTA COM D. CLEMENTINA C. CARREIRA NO DIA 14 DE NOVEMBRO DE 1971 ÀS 11 HORAS E 40 MINUTOS, EM MOGI- MIRIM

P – D. Clementina, nós gostaríamos que a Sra. nos fizesse a gentileza de descrever, com todas as minúcias, aquele encontro que a Sra. teve com Flávia, quando foi visitá-la em São Paulo, três anos após a mudança da família de Flávia para aquela cidade.

R – “Isto se deu após três anos, porque antes eu não havia tido coragem para visitá-la devido à falta de Sueli, mas ao chegar à casa de D. Selma, Flávia não estava; no momento achava-se com a mãe na loja.

Assim que elas chegaram, Flávia correu para os meus braços como Sueli fazia antigamente. Ao observar aquilo, eu senti um aperto em meu coração e fiquei calada. Aconcheguei-a junto a mim com todo o meu afeto e carinho. Flávia apegou-se a mim com todos os modos de Sueli. Então ela me disse sentadinha no sofá: ‘Madrinha eu gosto muito da Senhora.’ Aí eu falei: ‘Flávia, Você não é minha afilhada. Eu sou madrinha do Dudu’; que é outro afilhado que tenho na família. Ela chorou muito e brigou com o Dudu, dizendo que não, que eu era a verdadeira madrinha dela. Passadas algumas horas, eu fui fazer um vestido para D. Selma. Estava costurando, e assim como Sueli tinha o costume de ficar sempre ao meu lado, Flávia continuou ao meu lado também. Então eu disse a ela: ‘Flávia, vai buscar um copo de água para mim.’ Ela disse: ‘Madrinha, eu não sou a Flávia, eu sou a Sueli. Não me chame de Flávia, eu não quero! Eu quero que a Senhora me chame de Sueli. A Senhora é minha madrinha. Senão, eu fico triste.’ E começou a chorar. Então eu disse: ‘Pois não, bem. Eu sou sua madrinha. Não precisa ficar triste.’

Então a mãe de Flávia ficou olhando para mim e, muito pensativa, abaixou a cabeça como os muçulmanos costumam fazer quando se fala no nome dos mortos.

Eu perguntei a ela. ‘D. Selma eu vou fazer-lhe uma pergunta. Sei que os muçulmanos não gostam que se toque no nome dos mortos, mas é necessário. Flávia tem os mesmos costumes de Sueli? Ela disse: ‘Tudo, comadre! Tudo, tudo, exatamente como Sueli fazia, Flávia faz!’

Ao sentar-se à mesa para jantar, Flávia colocou-se ao meu lado, sentadinha na cadeira, como costumava fazer Sueli.

Eu fui fazer uns docinhos, e ela me perguntou: ‘Madrinha, a Senhora não vai fazer o docinho de chocolate que eu gosto?’

Como Sueli, Flávia adorava os chocolates do tipo que eu fazia (os brigadeiros). Aí eu achei que Flávia era a verdadeira Sueli, e que voltara a reencarnar na mesma família, devido ao pedido que sua mãe fizera quando Sueli faleceu. Ela pediu a Deus que lhe desse uma menina igual à Sueli.

Esta é a revelação que posso fazer.”

P – D. Clementina, eu gostaria muito que a Senhora fizesse, neste instante, uma descrição minuciosa dos hábitos mais flagrantes, dos modismos, daquilo que normalmente a Senhora observava em Sueli. Aquilo que a Senhora notava que era tipicamente característica da sua personalidade, do seu comportamento. Como era a Sueli? Como a Senhora, acompanhando a vida desta menina, descreve a personalidade dela?

R – “Sueli, desde a data do seu nascimento, assim que ela começou a se entender, muito pequena mesmo, ela sentiu uma grande atração por mim. Mesmo não sabendo falar e já conhecendo apenas a minha presença ao passar em frente do carrinho, Sueli, quando eu ia para o serviço, se não a pegasse no colo, ela chorava.

Quando cresceu, Sueli tinha um costume; quando a mãe dela chamava: ‘Sueli, a madrinha está aqui! Ela vinha correndo, com os braços abertos, e se atirava em mim. Tinha o hábito de passar as perninhas para trás e pegar sobre o meu pescoço. Este era um hábito de Sueli.

Outro jeito de Sueli era estar sempre sentadinha junto a mim, aonde eu estivesse. Se eu penteasse o cabelo dela, ninguém mais tocava em seu cabelo, pois ela não deixava.

Essa era outra maneira de ser.

Nas festinhas de aniversário, eu costumava fazer os brigadeiros de chocolate. Sueli gostava muito de chocolate. Esta também era uma característica de Sueli.

Sueli sempre foi muito apegada a mim e muito amorosa. E isso eu encontrei em Flávia, porque a primeira sensação, o contato que tive com Flávia foi exatamente ela correr para os meus braços, sem me conhecer, e se atirar a mim, chamando-me de madrinha.

Outra particularidade foi sentar-se à mesa junto a mim, durante todas as refeições, como fazia Sueli.

Sueli gostava de ficar de pé em uma cadeira, vendo tudo o que eu fazia. Quando estive na casa de D. Selma, Flávia fez a mesma coisa.”

P – D. Clementina, quanto a semelhança de Flávia com Sueli, a Senhora poderia fazer uma descrição?

R – “Eu encontrei em Flávia a mesma expressão no olhar que era uma coisa característica em Sueli. E Flávia também tem o mesmo olhar de Sueli.”

P – Os olhos dela são de que cor?

R – “São pretos e meio tristes. Sueli tinha um costume: Quando ficava aborrecida, seus olhos davam toda a expressão de tristeza. Era uma menina calada e quando sentia-se alegre, ela era explosiva. Assim é Flávia. Até nas manhas de criança, Flávia tem o mesmo costume que Sueli, revelado pela sua própria mãe, porque eu não tive muito contato com Flávia. Fui apenas visitá-la uma vez, e depois disso eu não tive mais oportunidade de vê-la.

Só agora é que poderei visitá-la e prestar mais atenção. Mas na idade em que Sueli faleceu, Flávia na sua idade era exatamente como Sueli. Porque a Sueli morreu apenas com três anos, e dentro desse período, Flávia tinha os mesmos costumes.”

P – Quanto aos brinquedos, quais eram as preferências semelhantes que a Senhora poderia indicar, se a Senhora já observou isso?

R – “Brinquedos, eu não tive a oportunidade de prestar atenção, porque quando eu fui fazer a visita na casa de Flávia, fiquei apenas três dias, e durante esses três dias, Flávia não brincou porque ela queria estar sempre junto a mim. Todo lugar em que eu ia, Flávia estava ao meu lado. Não teve oportunidade de brincar, somente de comer os docinhos que lá fiz.”

P – Porventura, D. Selma não teria revelado à Senhora, muito em particular, a sua impressão quanto à semelhança entre as duas meninas? Ela naturalmente, como muçulmana, tem dificuldade em referir-se aos mortos. Mas não teria ela, por exemplo, dito alguma coisa neste sentido para a Senhora?

R – “Sim, disse. Quando eu fiz a pergunta, para ela, se Flávia tinha os mesmos costumes de Sueli, D. Selma disse que Flávia era exatamente tudo aquilo que Sueli foi. D. Selma fez um pedido a Deus, que lhe desse outra menina, igualzinha à Sueli. Então D. Selma disse à sua maneira em sua linguagem meio árabe: ‘Comadre, Deus é grande! Mandou para mim outra Sueli.’”

P – D. Clementina, esse casal de libaneses, pais de Flávia, é muçulmano. Como é que a Senhora se tornou madrinha de Sueli? Seria no católico?

R – “Sim. Porque D. Selma sempre obedecia e acatava as minhas opiniões. Aqui o costume do brasileiro é batizar o filho assim que nasce. Aí eu perguntei a ela se os filhos dela não eram batizados. Ela disse que não, mas que gostaria que eu batizasse a Sueli, porque eu fizera tudo por ela, e ela gostaria que houvesse uma afinidade maior, pois eu era da sua casa, de sua família.

Então eu resolvi batizar Sueli junto com o filho de D. Líbera Ribeiro, um moço chamado José Ribeiro, os quais foram testemunhas da morte de Sueli e deste fato.”

P – A Senhora naturalmente, ao que me parece, é espírita. Naquela ocasião, a Senhora era católica?

R – “Não. Eu sou espírita, mas acontece que o costume... Às vezes a criança cresce e quer se casar na Igreja e, na falta do Batistério, torna-se uma coisa difícil. Então eu previ isto e falei com D. Selma. Ela concordou porque se Sueli crescesse, ficasse mocinha, casasse talvez com brasileiro, isso traria um problema, como tem trazido em minha própria família. Então é apenas uma cerimônia.”

Terminamos aqui a entrevista com D. Clementina C. Carreira. Na mesma ocasião ouvimos os depoimentos de D. Líbera Ribeiro e de sua filha Srta. Angélica Ribeiro. Ambas confirmaram, plenamente, apenas os fatos revelados por D. Clementina, concernentes aos acontecimentos que antecederam à morte de Sueli, dos quais foram testemunhas.

Devido ao problema religioso, os pais de Flávia e Sueli não puderam ser entrevistados. Desse modo, este caso está fundamentado especialmente nas declarações de D. Clementina. Pelas informações que tivemos, esta senhora é digna de toda a confiança. Tal particularidade levou-nos a aceitar “bona fide” as suas declarações, como sendo totalmente verídicas.

Vamos passar à análise deste caso.

* * *

TABELA DAS RECORDAÇÕES E DO COMPORTAMENTO DA PACIENTE

1. – Passados três anos, D. Clementina foi visitar a família de Sueli, em São Paulo. Sem conhecer D. Clementina, ao vê-la pela primeira vez

Flávia correu ao seu encontro, como costumava fazer Sueli quando em vida.

Em sua entrevista, no dia 14 de novembro de 1971, D. Clementina relata, da seguinte forma, este episódio:

— “Assim que elas chegaram, Flávia correu para os meus braços como Sueli fazia antigamente. Ao observar aquilo, eu senti um aperto em meu coração e fiquei calada. Aconcheguei-a junto a mim com todo o meu afeto e carinho.”

A mãe de Flávia encontrava-se anteriormente com ela, na sua loja de armarinhos. Supõe-se que Flávia estivesse habituada a defrontar-se com as várias pessoas estranhas que iam fazer compras. Não consta que ela revelasse o mesmo comportamento em relação às demais freguesas da casa. Portanto, é estranho que ela mostrasse tão intensa emoção ao ver D. Clementina, pela primeira vez. Isto poderia ter-se dado, se Flávia fosse a reencarnação de Sueli, tendo conservado a recordação de seu apego à D. Clementina.

Aliás era este um costume típico de Sueli. Eis como D. Clementina o descreveu em sua entrevista:

— “Quando cresceu, Sueli tinha um costume; quando a mãe dela chamava: ‘Sueli, a madrinha está aqui! Ela vinha correndo, com os braços abertos, e se atirava em mim...’”

Mais adiante, D. Clementina comentou:

— “Sueli sempre foi muito apegada a mim e muito amorosa.

E isso eu encontrei em Flávia, porque a primeira sensação, o contato que tive com Flávia foi exatamente ela correr para os meus braços, sem me conhecer, e se atirar a mim, chamando-me de madrinha.”

2. – Sueli, a personalidade anterior, era muito afeiçoada à D. Clementina. Flávia mostrou o mesmo comportamento, desde a primeira vez que viu D. Clementina.

A afeição à D. Clementina, demonstrada por Sueli, originara-se desde a mais tenra idade. Era uma atração intensa e precoce. D. Clementina comenta desta maneira, a esse respeito.

— “Sueli, desde a data do seu nascimento, assim que ela começou a se entender, muito pequena mesmo, ela sentiu grande atração por mim. Mesmo não sabendo falar e já conhecendo apenas a minha presença ao passar em frente do carrinho, Sueli, quando eu ia para o serviço, se não a pegasse no colo, ela chorava.”

Referindo-se à semelhança do comportamento de Flávia, com o de Sueli, D. Clementina observou que, durante os três dias que ela permaneceu em casa da família de Flávia, esta não quis distrair-se com seus brinquedos. Preferiu manter-se próxima de D. Clementina: – “Todo o lugar em que eu ia, Flávia estava ao meu lado. Não teve oportunidade de brincar, somente de comer os docinhos que lá fiz.”

3. – Insistia, com D. Clementina, em ser por esta tratada de Sueli e considerada sua afilhada.

Esta é uma das passagens em que Flávia melhor revelou sua identidade com Sueli. Vamos transcrevê-la, novamente, na íntegra, conforme foi relatada por D. Clementina:

— “Flávia apegou-se a mim com todos os modos de Sueli. Então ela me disse sentadinha no sofá: ‘Madrinha, eu gosto muito da Senhora.’ Aí eu falei: ‘Flávia, Você não é minha afilhada. Eu sou madrinha do Dudu’; que é outro afilhado que tenho na família. Ela chorou muito e brigou com o Dudu, dizendo que não, que eu era a verdadeira madrinha dela. Passadas algumas horas, eu fui fazer um vestido para D. Selma. Estava costurando, e assim como Sueli tinha o costume de ficar sempre ao meu lado, Flávia continuou ao meu lado também. Então eu disse a ela: ‘Flávia, vai buscar um copo de água para mim.’ Ela disse: ‘Madrinha, eu não sou a Flávia, eu sou a Sueli. Não me chame de Flávia, eu não quero! Eu quero que a Senhora me chame de Sueli. A Senhora é minha madrinha. Senão eu fico triste.’ E começou a chorar. Então eu disse: ‘Pois não, bem. Eu sou sua madrinha. Não precisa ficar triste.’”

Este episódio revela nitidamente a inteira identificação de Flávia com a sua falecida irmã Sueli. Ficou bem claro que ela manifestava intenso apego à D. Clementina. À semelhança do que ocorria com Sueli, chegou a emocionar-se até às lágrimas, no desejo de ser novamente reconhecida como Sueli, a afilhada de D. Clementina.

Sendo criada em um lar de muçulmanos, onde a referência aos mortos é cercada de grande respeito e quase sempre evitada, Flávia certamente teria ouvido pouquíssimas referências à sua finada irmã. Por outro lado, se ela houvesse expressado, algumas vezes aos pais, a sua identidade reencarnatória com Sueli, não teria sido compreendida. No entanto, sob o impacto do seu reencontro com D. Clementina, ela deixou extravasar as suas recordações, sob a forma daquela grande afinidade demonstrada pela

madrinha, em sua vida anterior. O antigo amor veio-lhe à tona do consciente.

4. – Em sua vida familiar, Flávia comporta-se exatamente como Sueli.

D. Clementina, impressionada com o comportamento de Flávia, resolveu interrogar D. Selma a este respeito:

— “Eu perguntei a ela: ‘D. Selma, eu vou fazer-lhe uma pergunta. Sei que os muçulmanos não gostam que se toque no nome dos mortos, mas é necessário. Flávia tem os mesmos costumes de Sueli?’ Ela disse: ‘Tudo comadre! Tudo, tudo, exatamente como Sueli fazia, Flávia faz!’”

No final do relatório escrito de D. Clementina, ela se refere também à convicção íntima que D. Selma deixava transparecer acerca da identidade entre Flávia e Sueli. Talvez ela não soubesse explicar o fato, devido às limitações de sua crença religiosa; ela era muçulmana. Eis o trecho em questão:

— “Ao me ver, Flávia correu ao meu encontro e fez exatamente o que Sueli fazia comigo. Não saiu do meu colo e disse-me o seguinte: ‘Madrinha, eu não quero que me chame de Flávia. Eu sou a Sueli, e a Senhora é minha madrinha.’ E todas as vezes que a chamava de Flávia, tornava a dizer a mesma coisa. Sua mãe ficou pensativa e disse: ‘Pedi a Deus outra filha igual à Sueli e Flávia faz tudo exatamente como a filha que perdi.’”

Gostaria de explicar-lhes o fato da reencarnação, mas como eles são muçulmanos calei-me.”

Como pode deduzir-se destes relatos, a identificação de Flávia com Sueli era flagrante. A própria paciente, uma criança de três anos apenas, insistia nesta identificação. Dizia reiteradas vezes: “Eu sou a Sueli, e a Senhora é minha madrinha.”

Em outra oportunidade da nossa entrevista com D. Clementina, indagamos se D. Selma não lhe teria revelado, muito discretamente, a sua impressão quanto à identidade entre a Flávia e a Sueli. Ela respondeu:

— “Sim, disse. Quando eu fiz a pergunta, para ela, se Flávia tinha os mesmos costumes de Sueli, D. Selma disse que Flávia era exatamente tudo aquilo que Sueli foi. D. Selma fez um pedido a Deus, que lhe desse uma outra menina igualzinha à Sueli. Então D. Selma disse à sua maneira em sua linguagem meio árabe: ‘Comadre, Deus é grande! Mandou para mim outra Sueli.’”

5. – Sueli tinha o hábito de ficar de pé, em uma cadeira, ao lado de D. Clementina, observando-a trabalhar. Flávia mostrou o mesmo comportamento.

Esta particularidade chamou muito a atenção de D. Clementina, que assim comentou a respeito:

— “Sueli gostava de ficar de pé, em uma cadeira, vendo tudo o que eu fazia. Quando estive na casa de D. Selma, Flávia fez a mesma coisa.”

6. – Flávia, à semelhança de Sueli, mantinha-se sempre sentada ao lado de D. Clementina, durante as refeições.

D. Clementina observou esta outra modalidade de comportamento por parte de Flávia, bem característica dos hábitos de Sueli.

— “Ao sentar-me à mesa para jantar, Flávia colocou-se ao meu lado, sentadinha na cadeira, como costumava fazer Sueli.”

Um pouco mais adiante, em seu depoimento, D. Clementina tornou a mencionar este detalhe:

— “Outra particularidade foi sentar-se à mesa junto a mim, durante todas as refeições, como fazia Sueli.”

7. – Perguntou espontaneamente à D. Clementina se esta iria fazer o seu doce predileto.

Na época em que Sueli era viva, ela mostrava grande predileção por chocolate, especialmente pelos ‘brigadeiros’ que D. Clementina fazia.

Em sua entrevista, D. Clementina destacou este fato:

— “Nas festinhas de aniversário, eu costumava fazer os brigadeiros de chocolate. Sueli gostava muito de chocolate. Esta também era uma característica de Sueli.”

Quando se encontrava em São Paulo, visitando a família de Flávia, D. Clementina dispôs-se a fazer alguns doces para os filhos de D. Selma. Nesta ocasião, Flávia dirigiu-se à D. Clementina e pediu o seu doce predileto. Vejamos como foi este episódio, nas palavras de D. Clementina:

— “Eu fui fazer uns docinhos, e ela me perguntou: ‘Madrinha, a Senhora não vai fazer o docinho de chocolate que eu gosto?’ Como Sueli, Flávia adorava os chocolates do tipo que eu fazia (os brigadeiros). Aí eu achei que Flávia era a verdadeira Sueli, e que Sueli voltara a reencarnar na mesma família, devido ao pedido que sua mãe fizera quando Sueli faleceu. Ela pediu a Deus que lhe desse uma menina igual à Sueli.”

Do mesmo modo que costuma ocorrer com as fobias, assim também se dá com os gostos e predileções por determinadas cores, objetos, alimentos,

etc., eles se transferem, frequentemente, de uma encarnação para outra.

8. – Flávia expressa suas emoções, através do olhar, tal como ocorria com Sueli.

Solicitada a descrever as semelhanças de Flávia com Sueli, D. Clementina observou o seguinte:

“Eu encontrei em Flávia a mesma expressão no olhar que era uma coisa característica em Sueli. E Flávia também tem o mesmo olhar de Sueli.”

Neste ponto indagamos acerca da cor dos olhos da garota:

— “São pretos e meio tristes. Sueli tinha um costume: Quando ficava aborrecida, seus olhos davam toda a expressão de tristeza.

Era uma menina calada e quando sentia-se alegre, ela era explosiva. Assim é Flávia.

Até nas manhas de criança, Flávia tem o mesmo costume que Sueli, revelado pela sua própria mãe, porque eu não tive muito contato com Flávia. Fui apenas visitá-la uma vez, e depois disso eu não tive mais oportunidade de vê-la.”

* * *

Concluimos, desse modo, a tabulação das recordações e do comportamento da paciente. Escolhemos esses oito itens que nos pareceram os mais interessantes. Eles aduzem fortes evidências a favor da hipótese da reencarnação. Entretanto, antes de fazermos uma análise mais precisa a este respeito, vamos apontar outros detalhes relevantes concernentes ao presente caso.

OUTROS DETALHES RELEVANTES CONCERNENTES AO CASO DE FLÁVIA

1. – No sonho que D. Clementina teve em Ribeirão Preto, ela viu Sueli trajada com seu vestido de aniversário, cor-de-rosa, trazendo na mão uma rosa. Sueli achava-se entre duas árvores grandes.

D. Clementina descreve, assim, este singular sonho:

— “Vi perfeitamente a minha afilhada Sueli, entre duas árvores grandes. Ao me ver ela correu ao meu encontro. Segurava uma rosa na mão, estava vestida com o vestido de seu aniversário, cor-de-rosa, e dirigiu-me as seguintes palavras: ‘Madrinha, eu morri, mas vim trazer esta rosa para a Senhora.’”

Entrevistamos a Srta. Angélica Ribeiro, filha de D. Líbera Ribeiro, a respeito de Sueli. Angélica fora sua pajem, durante algum tempo. Entre as inúmeras perguntas que lhe dirigimos acerca de Sueli, figuram, na entrevista, as seguintes:

P – Qual a roupa que ela gostava de vestir?

R – “Até quando ela morreu, foi enterrada com o vestido cor-de-rosa de aniversário.”

P – Ela gostava dessa cor?

R – “Sim.”

P – Qual a preferência da cor?

R – “Era a cor-de-rosa.”

P – E o vestido de que ela gostava mais?

R – “Esse do aniversário.”

Outro detalhe marcante concernente ao sonho de D. Clementina é o fato de Sueli haver sido sepultada entre duas árvores.

Em seu sonho, D. Clementina viu Sueli colocada entre duas árvores!

As explicações não espiritualistas afirmam que sonhos desse tipo são criações da mente do sonhador. Neste caso, segundo esta hipótese reducionista, D. Clementina teria captado clarividentemente o episódio da morte e do enterro de Sueli, dramatizando-o sob aquela forma onírica. Durante a relaxação provocada pelo sono, sua mente captou por ESP as cenas do falecimento e sepultamento de sua afilhada. D. Clementina já demonstrara possuir excepcionais faculdades paranormais precognitivas. Como a função psi é essencialmente única, manifestando-se ora de uma

forma, ora de outra, para D. Clementina foi fácil perceber extrassensorialmente as cenas da morte de Sueli.

Esta explicação, muito em voga e muito aceita hodiernamente, tem por objetivo justificar tais ocorrências, sem necessidade de introduzir o fator espiritual. As hipóteses materialistas consideram que não há, ainda, uma prova científica, demonstrável, da existência do Espírito. Diante disso, elas eliminam ou substituem por explicações “naturais” todas as “evidências” que favoreçam uma interpretação “espiritualista” de certos fenômenos.

Para este caso do sonho de D. Clementina, preferimos adotar uma interpretação espiritualista. Pensamos que, durante o sono, D. Clementina teve uma OBE (experiência fora do corpo) e encontrou-se com o Espírito de sua afilhada. Esta pôde, então, avisá-la de sua morte recente. “Madrinha eu morri, mas vim trazer esta rosa para a Senhora.”

Sueli guardava a aparência do modo como fora vestida para o funeral. Talvez o encontro tenha se dado no próprio cemitério, pois sua sepultura ficava entre duas árvores. Sueli foi vista entre duas árvores, por sua madrinha, durante o sonho.

Esta interpretação implica a sobrevivência do Espírito após a morte. A reencarnação vem confirmá-la.

2. – No episódio que antecedeu a morte do seu sobrinho e da Sueli, D. Clementina teve um extraordinário sonho premonitório.

Este fenômeno de precognição foi bem comprovado, conforme pudemos constatar pelas informações colhidas na entrevista com D. Líbera Ribeiro e sua filha Angélica.

Indagamos à D. Líbera se ela estava a par do sonho de D. Clementina:

P – Quanto ao sonho de D. Clementina, a Senhora se lembra da história que ela lhe contou?

R – (D. Líbera) “Ela contou-me que estava apavorada porque tinha tido um sonho em que vira a menina morta. Eu ainda falei que a menina estava bonita. Ela vinha sempre aqui. Daí, no outro dia ela morreu.”

D. Clementina teve o sonho premonitório, no dia 2 de abril de 1963. As mortes do seu sobrinho e de Sueli ocorreram nove dias depois, em 11 de abril de 1963.

A precognição é um dos fenômenos paranormais, cuja explicação se torna mais difícil de formular em base das leis naturais que se conhecem.

HIPÓTESES EXPLICATIVAS PARA AS RECORDAÇÕES E O COMPORTAMENTO DE FLÁVIA

Vamos discutir o presente caso, em base das diferentes hipóteses que poderiam explicá-lo.

FRAUDE DELIBERADA

No presente caso, podemos cogitar da possibilidade de ter havido fraude na comunicação do caso. Mais ainda, D. Clementina, por ser espírita, poderia ter combinado com o Sr. Alcides Hortêncio, naquela ocasião influente líder espírita em Mogi-Mirim, visando aduzir evidências favoráveis ao Espiritismo.

Outra suposição seria D. Clementina ter exagerado os fatos, em razão de ser espírita, procurando forçar uma interpretação favorável à reencarnação, para os fatos observados no lar de D. Selma.

Vê-se, imediatamente, que esta não é bem a suposição correta. Basta atentar-se para a primeira comunicação de D. Clementina ao Sr. Alcides. Neste relatório, D. Clementina deu maior ênfase ao episódio de seu sonho premonitório e aos acontecimentos subsequentes que o confirmaram plenamente. Ela relatou, também, com certo destaque, o sonho em que ela viu Sueli trajada com seu vestido cor-de-rosa, de aniversário, anunciando que houvera morrido.

O caso que sugere reencarnação, ela deixou para o fim de seu relatório. Nesta parte, em forma de “post scriptum”, é relatado sumariamente o episódio de sua visita à família de Flávia. D. Clementina mostrou, assim, atribuir menor importância ao referido acontecimento.

O Sr. Alcides era um homem inteligente e bom conhecedor do Espiritismo. Ele imediatamente teria percebido que a premonição através dos sonhos de D. Clementina é um fenômeno paranormal e pouco serviria para apoiar o Espiritismo. Ele nos comunicou o fato porque sabia do nosso interesse pelos fenômenos paranormais em geral.

Quanto à parte concernente à reencarnação foi-lhe atribuída importância secundária. Se houvesse interesse em favorecer o Espiritismo, ele teria “encomendado” à D. Clementina um relatório diferente, dando maior relevo ao episódio que sugere a reencarnação. Este, sim, tem alguma relação com

o Espiritismo. A própria D. Clementina tê-lo-ia feito espontaneamente, caso estivesse mal-intencionada.

Não cremos, pois, que tenha havido conluio por parte dos aludidos informantes, Sr. Alcides e D. Clementina.

Assim como não há indícios deste tipo de interesse, também não há evidências de intenção comercial. Ambas são pessoas honradas e bem situadas financeiramente. O IBPP jamais acenaria com vantagens pecuniárias para a obtenção de informações concernentes aos seus objetivos.

Bastam esses pontos para eliminar-se a hipótese da fraude.

INFORMAÇÃO DIRETA-CRIPTOMNÉSIA

Teria, Flávia, recebido informações relativas ao relacionamento entre Sueli e a madrinha desta, D. Clementina? Neste caso, ela deveria ter ouvido, inúmeras vezes, minuciosas descrições a respeito do comportamento, dos modismos e das preferências alimentares de Sueli. Ao ver D. Clementina e ouvir o seu nome, a lembrança de todas aquelas referências feitas acerca de Sueli, por seus pais e durante as conversas em família, vieram-lhe ao consciente. Desejando imitar a irmã falecida e receber as mesmas eventuais atenções de que poderia usufruir, Flávia dramatizou tudo, procurando fazer-se passar por Sueli.

Isto explicaria precariamente os três primeiros itens. Os itens 4, 5, 6, 7 e 8 seriam dificilmente justificados por esta hipótese.

Entretanto, há um detalhe muito relevante e que praticamente elimina a hipótese em análise: Os muçulmanos evitam falar em seus familiares mortos.

Diante disso, pergunta-se como poderia ter sido tão minuciosamente informada a respeito dos menores detalhes da vida de Sueli? Acresce notar que Flávia estava com quatro anos incompletos.

A hipótese da informação direta e da criptomnésia é inadequada para esclarecer o presente caso.

TELEPATIA, ESP E SUPER-ESP

De acordo com esta hipótese, Flávia teria captado telepaticamente todas as informações a respeito de Sueli, assumindo seu papel, visando a usufruir maior estima e atenção por parte dos pais, e de pessoas relacionadas com sua família.

É uma hipótese abrangente e praticamente onipotente. Ela pode explicar quase tudo. Esta característica torna-a também fraca, pela excessiva concessão que tem de fazer-se a uma faculdade cuja manifestação ostensiva é rara na maioria das pessoas. Em outros termos, a ESP, embora seja normalmente encontrada em todas as pessoas, escassamente assume níveis extraordinários. Para que Flávia se comportasse como a Sueli, ao ponto de sua genitora considerá-las extremamente semelhantes, seria preciso que aquela fosse, aos quatro anos de idade, uma telepata consumada. Parece que não é este o caso, pois sua mãe tê-lo-ia relatado à D. Clementina.

D. Clementina, esta sim, teve instantes de intensa manifestação de ESP, nos momentos dramáticos que envolveram a morte de seu sobrinho e a de Sueli. Mas suas captações extrassensoriais foram momentâneas e estimuladas a um grau elevado, em razão dos fatos dolorosos que ocorreram. Isto não é raro acontecer com umas poucas pessoas mais sensíveis. Entretanto, é difícil a manutenção indefinida de um estado de intensa captação por ESP, ao ponto de moldar o comportamento de uma pessoa, por quase a vida toda.

Lendo-se cuidadosamente os itens da tabela, sente-se logo que se está diante de um comportamento espontâneo e natural por parte de Flávia, e não do resultado de uma captação por meio de percepção extrassensorial, dramatizada pela paciente.

A telepatia, ESP e super-ESP não nos parecem suficientes para explicar este caso.

MEMÓRIA GENÉTICA

Teria, Flávia, herdado, através de seus genitores, as informações concernentes ao comportamento de Sueli?

O fato de Flávia ser tão semelhante à Sueli poderia explicar-se geneticamente. Os irmãos geralmente se assemelham. Certos comportamentos são resultados da educação no lar, que pode influir uniformemente em uma irmandade. Este é outro fator, até mesmo independente do aspecto genético.

A maneira de ser de Flávia, tão semelhante à de Sueli poderia advir destas causas fundamentais: a genética e a educacional.

Entretanto, achamos difícil explicar, por exemplo, a seguinte reação de Flávia, ao ser chamada pelo seu nome próprio: “Madrinha, eu não sou a Flávia, eu sou a Sueli. Não me chame de Flávia, eu não quero! Eu quero

que a Senhora me chame de Sueli. A Senhora é minha madrinha. Senão eu fico triste.” (Ver item 3 da tabela).

No item 4 da tabela há outro episódio semelhante, em que Flávia insiste com D. Clementina, em chamá-la de madrinha e em ser tratada por Sueli: “Eu sou a Sueli, e a Senhora é minha madrinha.”

Os itens 5, 6 e 7 parecem-nos também dificilmente explicáveis pela hipótese da memória genética.

Enfim não cremos que a memória genética possa elucidar o presente caso.

INCORPORAÇÃO MEDIÚNICA

Não teria ocorrido um fenômeno de incorporação mediúnica do Espírito da finada Sueli, em sua irmãzinha Flávia?

Esta suposição explicaria, por exemplo, os episódios em que Flávia tratava D. Clementina por madrinha e insistia em ser chamada de Sueli. Elucidaria, ainda que de forma precária, quase todos os itens da tabela exceto o item 8.

Entretanto, há um pormenor que invalida a hipótese da incorporação mediúnica. Precisaria que Flávia estivesse mediunizada, não só nos momentos em que se encontrou com D. Clementina, mas praticamente a vida toda. Segundo D. Selma, Flávia era, em tudo, igualzinha à Sueli, inclusive nas “manhas de criança”.

D. Clementina é espírita praticante e está familiarizada com as manifestações mediúnicas. Ela teria percebido, pelo menos uma vez, durante todo o tempo em que conviveu na nova residência daquela família, que Flávia apresentava os sintomas de um transe mediúnico. Mas nada disso foi notado por D. Clementina, senão ela o teria denunciado.

Flávia agiu em estado normal de consciência, espontaneamente e sem nenhum sintoma característico de uma incorporação mediúnica. Este é o fato.

Não achamos que esta hipótese possa aplicar-se, com sucesso, ao presente caso.

REENCARNAÇÃO

Há certas passagens do encontro de Flávia com D. Clementina, que sugerem fortemente uma explicação reencarnacionista. São aquelas em que

a garotinha diz claramente: “Eu não sou a Flávia e sim a Sueli!” (ver itens 3 e 4).

A cena do primeiro encontro de Flávia com D. Clementina também clama por uma interpretação reencarnacionista. Sente-se, neste episódio, o extravasamento da emoção de um reencontro de duas criaturas ligadas por fortes laços de amor e há muito separadas: “Assim que elas chegaram, Flávia correu para os meus braços como Sueli fazia antigamente...” (ver item 1).

Durante todo o tempo em que estive na companhia de D. Clementina, Flávia tratou-a por madrinha e fez questão de ser considerada sua afilhada. Esta atitude sugere uma explicação à base da reencarnação. (ver itens 1, 3 e 4). Revela uma forma de recordação reencarnatória aflorada sob o impacto do estímulo proporcionado pelo reencontro com a pessoa amada.

O item 7 caracteriza bem o despertar de uma lembrança reencarnatória típica: “Madrinha, a Senhora não vai fazer o docinho de chocolate que eu gosto?”

Não nos alongaremos mais, examinando os outros itens da tabulação, sob o prisma da hipótese reencarnacionista, pois todos eles, sem exceção, cabem perfeitamente dentro desta interpretação.

CONCLUSÃO

Somos de parecer que a hipótese da reencarnação é a que melhor poderia explicar o caso de Flávia x Sueli.

Capítulo X - Considerações finais

EXISTIRIA DE FATO A REENCARNAÇÃO?

Concluída a parte expositiva deste trabalho, sabemos que as opiniões acerca da matéria aqui apresentada serão variadas e até mesmo divergentes. Em um assunto polêmico como este, que diz respeito à crença ou descrença na sobrevivência após a morte e à nossa destinação final, não é possível esperar-se unanimidade de opiniões.

Trabalhos muito superiores a este têm sofrido críticas desfavoráveis. Nem todas as pessoas aceitam a ideia da reencarnação. Isto é muito natural. De modo que, por mais perfeitos e consistentes sejam os fatos apresentados dando suporte à tese da reencarnação, eles não deixarão de ser questionados.

No desenvolvimento do nosso trabalho, procuramos mostrar a inaplicabilidade de algumas hipóteses paralelas que normalmente são evocadas para explicar-se casos semelhantes aos apresentados. São as mais comuns: a fraude, a criptomnésia, a super-ESP, a memória genética e a incorporação mediúnica. Entretanto, várias outras já foram imaginadas para explicar os casos que sugerem reencarnação, sem lançar mão da crença na sobrevivência, ou seja, na existência do Espírito. Tais hipóteses são mais sofisticadas e exigem maior elaboração de argumentos para refutá-las, uma vez que elas partem do pressuposto da não existência do Espírito e, por conseguinte, da não realidade da sobrevivência. Um exemplo de tese deste tipo é a proposta pelo Dr. Gardner Murphy no *Journal of the American Society for Psychical Research*, Vol. 67, nº 2, April 1973, pp. 117-129. O título desse trabalho é: “A Caringtonian Approach to Ian Stevenson’s Twenty Cases Suggestive of Reincarnation.”

O trabalho anteriormente referido foi refutado, no mesmo periódico pelo Dr. Ian Stevenson, cuja réplica teve o seguinte título: “Carington’s Psychon Theory as Applied to Cases of the Reincarnation Type: A Reply to Gardner Murphy.” (Opus cit. pp.130-146).

A hipótese do Dr. G. Murphy parte da teoria dos psicons de Whately Carington. De acordo com W. Carington, a mente é constituída de unidades, às quais ele denominou *sensa* e *imagens*. Estas entidades são consideradas existentes por si próprias, tendo um caráter não físico. Elas seriam os únicos constituintes da mente. Neste ponto, Carington introduz mais um termo

técnico, o psicon, “para designar todo o elemento constituinte da mente ou todo o grupo de semelhantes elementos, sem distinguir se estes são simples ou complexos, elementares ou suscetíveis de análise.” (CARINGTON, W. – 1948, pp. 121 e 122).

Os psicons podem grupar-se ou organizar-se por meio de “elos” associativos, da mesma forma como ocorre com os sistemas de partículas materiais. No que diz respeito à consciência, Carington afirma que, devido ao fato dos psicons serem relacionáveis, onde quer que hajam dois ou mais psicons associados, ali existirá alguma espécie ou grau de “consciência” entre eles.

O importante da teoria de Carington é que ela supõe a possibilidade de um sistema de psicons de uma pessoa conseguir sobreviver por algum tempo à sua morte física. A duração de um sistema destes seria variável, sofrendo gradual desintegração com o correr do tempo.

A hipótese caringtoniana de Gardner Murphy, acerca da reencarnação, nega a possibilidade do renascimento do Espírito de um desencarnado. Admite, porém, que pode ocorrer a captação de um sistema de psicons pertencentes a uma pessoa falecida. Desse modo fica dispensável a suposição da sobrevivência do Espírito após a morte do corpo físico. A pessoa que manifesta recordações consideradas pertencentes a uma outra já falecida está, na realidade, reproduzindo as ideias contidas nas constelações de psicons que foram por ela eventualmente capturadas, ou no momento de nascer, ou em outra ocasião qualquer.

Dr. Gardner Murphy procurou apoiar sua tese em certos aspectos estranhos de alguns casos que sugerem reencarnação, apresentados no primeiro livro do Dr. Ian Stevenson: *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation*. Neste trabalho, por exemplo, há o episódio de Jasbir. Este caso, em resumo, é o seguinte:

Jasbir é filho de Sri Girdhari Lal Jat, de Rasulpur, Distrito de Muzaffarnagar, em Uttar Pradesh, Índia. Na primavera de 1954, achando-se com três anos de idade, Jasbir supostamente morreu de varíola. O pai providenciou o sepultamento do garoto, pois este tinha menos de cinco anos e, por isso, não devia ser cremado. Mas os funerais só ficaram completamente preparados quando já era tarde da noite. Por este motivo, resolveram sepultar o cadáver no dia seguinte pela manhã.

Durante o velório, o pai do menino notou um discreto estremelecimento no corpo do garoto. Daí a instantes este passou a voltar gradualmente à

vida. Ele permaneceu algumas semanas sem conseguir falar com clareza. Mais tarde logrou expressar-se bem, mas manifestou uma grande alteração em seu comportamento: Declarou que seu pai não era Sri Girdhari e sim Shankar, morador na aldeia de Vehedi. Insistiu em ir para lá!

Segundo Jasbir, nessa segunda situação ele pertencia à casta dos brâmanes. Como sua família não era brâmane, ele começou a negar-se a comer a comida dos Jat. Estaria a pique de morrer de inanição se uma vizinha brâmane de Sri Ghirdhari não se prestasse bondosamente a cozinhar para o Jasbir, à maneira brâmane.

Jasbir, mais adiante, forneceu pormenores da vida e morte que dizia ter tido em Vehedi. Em suma, ficou bem evidenciado que a personalidade, que Jasbir passara a manifestar, era a de um jovem chamado Sobha Ram, morto após haver ingerido, em uma festa, alguns doces envenenados. Devido a isto, ficara atordoado enquanto viajava logo após ter comido os referidos doces e caíra da carriola que o transportava. Com a queda, sofrera um ferimento na cabeça, morrendo algumas horas depois.

Dr. Stevenson não conseguiu descobrir se as datas exatas da morte de Sobha Ram e do “ressuscitamento” de Jasbir são totalmente coincidentes. Parece que houve um pequeno intervalo entre elas. De acordo com os dados disponíveis, Sobha Ram faleceu às 11 horas da manhã do dia 22 de maio de 1954. A família de Jasbir não tinha nenhum assentamento acerca da data exata de sua presumida morte. Supõe-se que teria sido em maio de 1954.

O estranho deste caso é o fato de a personalidade de Sobha Ram ter surgido no corpo de Jasbir quando este já contava três anos de idade. Ele teve uma presumível morte e voltou a viver, porém dizendo-se outra pessoa e dando detalhes corretos acerca da família e do lugar onde vivera a segunda personalidade, o Sobha Ram.

O fato de o Dr. Stevenson haver incluído este caso entre os demais que sugerem reencarnação tem suscitado controvérsias e dado margem a hipóteses como a do Dr. G. Murphy. Os adversários da ideia da sobrevivência teriam, nos casos de reencarnação, uma barreira difícil de contornar. De fato, se ficar demonstrada a realidade insofismável da reencarnação, a sobrevivência da personalidade após a morte do corpo físico torna-se um corolário inevitável da certeza do renascimento. Daí terem surgido hipóteses paralelas, as mais variadas, objetivando substituir a tese reencarnacionista, que tão bem se presta para explicar os milhares de casos que sugerem renascimento. Nota-se, mesmo, um grande esforço da

parte de alguns parapsicólogos modernos, tentando derrubar a hipótese da reencarnação, apesar da esmagadora soma de evidências colhidas a seu favor, no mundo todo.

Em sua refutação à tese do Dr. Gardner Murphy, Dr. Ian Stevenson menciona mais dois outros casos semelhantes ao de Jasbir, o de Smriti Kana Kunda, e o de Manju Bhargava, nos quais a morte da primeira personalidade ocorreu depois do nascimento da segunda.

Dr. Stevenson não se perturbou com tais ocorrências verificadas pessoalmente por ele. Apenas achou que devia inclinar-se ante os fatos, cuja explicação “pode requerer, ou pelo menos admitir, a possibilidade de total e permanente deslocamento da segunda personalidade pela primeira.” (Opus cit. p.131).

O fato de ocorrerem casos como estes, de possessão total e permanente, não invalida a tese da reencarnação. São fatos raríssimos para cuja explicação achamos mais adequada a hipótese espiritualista. A teoria caringtoniana de G. Murphy não nos parece compatível com os fatos observados, especialmente nos casos como o de Jasbir. Como poderia, um sistema de psicons, reanimar o corpo (se é que não houve morte real) do garoto e substituir as características todas da personalidade de Jasbir pelas de Sobha Ram? Admitindo-se a existência do Espírito e a sua intervenção nesse tipo de fenômeno, o problema torna-se mais fácil de resolver.

Não desejamos descer à análise de todos os aspectos da hipótese caringtoniana de G. Murphy, no sentido de contestá-los um por um como o Dr. Ian Stevenson já o fez em sua réplica. Mas achamos interessante mostrar ao leitor alguns detalhes dessa curiosa teoria. De acordo com o afirmado por W. Carington e aceito por G. Murphy, os sistemas de psicons oriundos dos mortos não são permanentes. Eles tendem a dissipar-se com o passar do tempo. Isto explicaria, segundo Murphy, o declínio das informações acerca de sua vida passada, por parte de um “comunicador”, em sessões mediúnicas bem comprovadas. Da mesma forma ficaria explicada a gradual perda das lembranças reencarnatórias, observada com os pacientes de casos que sugerem reencarnação:

“E, como apontarei mais adiante, um efeito análogo pode ser notado em casos de reencarnação, onde tipicamente as memórias da ‘vida passada’ desaparecem à medida que a personalidade se torna mais velha. A coisa importante a notar aqui é que estes ‘efeitos de declínio’ em comunicações mediúnicas e fenômenos de reencarnação são consistentes

com a noção de um sistema instável de psicons.” (MURPHY, G. – Opus cit. p.120).

Dr. Stevenson ofereceu, como exemplo, seis casos de comunicadores do tipo “drop in”, para os quais se contavam vários anos de intervalo entre sua morte e a primeira comunicação mediúnicamente registrada. Ei-los, a título de curiosidade:

Comunicador	Intervalo entre a comunicação
John Wightman	50 anos
Robert Passanah	30 anos
Robert Marie	17 anos (aproximadamente)
Runolfur Runolfsson	58 anos
Giovanni Sigismondi	123 anos (aproximadamente)
Ruth Robertshaw	28 anos

E nós poderíamos acrescentar mais um caso de “drop in” ocorrido no Brasil e detectado por nós:

Ruytemberg Rocha, 29 anos

Quanto aos casos de reencarnação, na presente obra apresentamos os casos de Rodrigo x Fernando (Cap. IV) e Patrícia x Alexandra (Cap. VII), em que as lembranças reencarnatórias persistiram, em grande parte, após o estado adulto dos pacientes.

Se levarmos em consideração o intervalo entre a morte e o renascimento, podemos citar os casos oferecidos pelo Dr. Ian Stevenson em sua refutação: Wijeratne, 18 anos; Hair Kam Kanya, 16 anos; Suleyman, 12 anos; e Laure Reynaud, 59 anos.

O primeiro caso apresentado neste livro, Simone x Angelina (Cap. II), mostra que houve um período de intermissão de pelo menos 18 anos entre a morte de Angelina e o seu renascimento como Simone. Outro caso, cujo período de intermissão foi longo, é o Rogério x Manoel Jerônimo, 32 anos.

Não prosseguiremos na apreciação da hipótese caringtoniana do Dr. Gardner Murphy, para não estendermos inutilmente este capítulo final.

Outras hipóteses semelhantes têm surgido, todas elas procurando tornar dispensável a ideia da sobrevivência da personalidade após a morte do

corpo físico.

Um aspecto curioso desta questão é que, mesmo entre certos adeptos do Budhismo, há a crença de que o que passa de uma existência para outra não é uma alma ou Espírito. Trata-se da seita Hynâyana, chamada também “Pequeno Veículo” ou Escola Theravada (Escola dos Maiores). De acordo com os seus ensinamentos, aquilo que se reencarna é uma espécie de “energia” que transita de uma para outra encarnação. Em lugar da alma, existe Anattã (não eu).

A Escola Theravada no Tibet, segundo Alexandra David-Neel, admite um princípio denominado 3 (consciência), que transmigra (o Jiva dos indus). (DAVID-NEEL, A. – 1970, p.65).

A seita buddhista Mahâyana também denominada “Grande Veículo”, por seu turno considera que é uma alma aquilo que se reencarna. Os adeptos da seita Mahâyana creem na metempsicose. Entretanto, segundo Sinnett, nos escritos buddhistas autênticos não há menção ao renascimento do homem, fora de sua espécie.

Finalizando estas rápidas notas concernentes às hipóteses paralelas propostas para explicar o fenômeno das recordações reencarnatórias, somos de opinião que evidências de apoio à tese da reencarnação há muitas. O que parece não existir é uma disposição em aceitá-las como tal, e sim uma manifesta resistência, apoiada em um postulado ainda não demonstrado cabalmente: o da inexistência do Espírito.

A LÓGICA DA REENCARNAÇÃO

A natureza parece ter tendências a manifestar-se ciclicamente. Os fenômenos naturais seguem um modelo preferencialmente oscilante, em que se assinalam um início, um apogeu, um declínio e, depois, outro início seguido de outro apogeu e outro declínio, para repetir-se indefinidamente, como a alternância dos dias e das noites, das estações do ano, etc. De um modo geral, observa-se uma permanente renovação periódica dos fenômenos naturais.

O nosso próprio Universo parece também ser cíclico no concernente à sua manifestação. Embora as atuais observações cosmológicas não tenham fornecido apoio definitivo às teorias cosmogônicas – “Universo aberto”, “em estado estável” e “oscilante” – sente-se uma crescente tendência para adotar-se a terceira hipótese, a do Universo pulsante. Esta teoria resolveria um grande enigma: Antes da grande explosão (“big bang”) – de cuja

ocorrência se têm inúmeras evidências – que teria existido? Que teria antecedido à cósmica singularidade de onde partiu o fulgurante estrondo do qual surgiu este nosso enigmático Universo? Se admitirmos, como já pensaram os antiquíssimos Brâmanes, que o Universo também pulsa, poderíamos imaginar toda a matéria e energia do Cosmo um dia refluindo numa implosão catastrófica e voltando à singularidade de onde brotará uma nova explosão e um novo Universo.

Todavia, tais reflexões não acrescentam nenhuma evidência de apoio à reencarnação, servem apenas para chamar a atenção para o fato de que, admitida a existência do Espírito, este também se enquadraria em um esquema cíclico, no que tange ao seu mecanismo evolutivo. Melhor dizendo, a teoria da reencarnação harmoniza-se muito bem com os conhecidos processos cíclicos da natureza. Ela sugere também que, antes do nascimento de um indivíduo, alguma “coisa” já existia, respondendo pelo seu psiquismo, determinando o seu futuro caráter e orientando os processos biológicos do seu desenvolvimento fisiológico. Esclarece que, à semelhança dos acontecimentos alternativos da natureza, esta “coisa” preexistente descreverá uma trajetória parabólica, atingindo um apogeu e voltando ao ponto zero – à singularidade – para, mais tarde, repetir novamente o mesmo ciclo. O leitor já percebeu que a “coisa”, à qual nos referimos é o Espírito em atividade ascensional através das vidas sucessivas.

Isto posto, ficariam facilmente explicadas as diferenças de inteligência, de comportamento, de tendências e mesmo as fisiológicas, observadas entre os homens. As desigualdades entre os indivíduos não pareceriam tão injustas e seriam logicamente interpretadas à luz das leis cármicas. A Justiça Divina adquiriria outra feição, desde que avaliada sob o ponto de vista da reencarnação.

A evolução dos seres vivos encontraria melhor explicação no processo reencarnatório, tendo em vista o acúmulo de experiência biológica, ao longo das vidas sucessivas experimentadas pelo Espírito. A memória do passado teria sido preservada e aproveitada no presente; a do presente serviria para o progresso futuro.

NOVAS ESPERANÇAS

Com a demonstração da sobrevivência e dos ciclos reencarnatórios, um sopro de renovadoras esperanças perpassaria pela humanidade.

O Materialismo, sem dúvida, contribuiu bastante para o progresso, com o desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia, mas não promoveu os meios de tornar o homem mais feliz. Pelo contrário, ofereceu-lhe muito conforto material, tirando-lhe, em troca, a segurança, a tranquilidade e a perspectiva de um futuro feliz e promissor. Por isso, vemos um número crescente de criaturas insatisfeitas, angustiadas, desesperadas, sem conseguirem acompanhar o ritmo frenético da competição cada vez maior do dia a dia, sem avistarem a desejada e consoladora “Luz no final do túnel”.

Em conjunto com outras faculdades, a vida desenvolveu o amor, cuja finalidade seria unir perpetuamente os seres afins. Por isso, é de esperar-se que o amor sobreviva à morte; que continuemos sempre juntos daqueles a quem amamos, em reiteradas experiências existenciais. Esta alentadora destinação é-nos oferecida pela reencarnação. Por conseguinte, vale a pena investigarmos a sua possibilidade real. Mas esta iniciativa não deveria nunca ser desencorajada pela insistente crítica destrutiva, apoiada em suposições inconsistentes ou fantasiosas.

Não condenamos o rigoroso método científico, que exige absoluta correção e investigações minuciosas visando apurar a verdade dos fatos. Concordamos em que de nada servem as falácias e as ilusões. Mas não aprovamos o ceticismo sistemático e obliterante, que tudo nega sem oferecer nada mais do que exigências descabidas ou um deserto árido de dúvidas e incertezas.

ESTE UNIVERSO MISTERIOSO...

Contemplando a imensidão incomensurável do Cosmo, surgem-nos sempre as perguntas: Afinal de contas, que estamos fazendo aqui? – Qual a razão da existência do Universo e qual o papel que cumprimos neste conjunto todo? – Tudo isto seria a mera obra de um acaso cego, na qual fomos incluídos por um simples capricho das probabilidades? – Ou, ao contrário, fazemos parte de objetivo maior, delineado por uma Consciência cósmica subjacente? Parece que esta última alternativa começa a ser cogitada seriamente pelos físicos ultramodernos.

Nossa grandeza e nosso tempo individuais, comparados com o tamanho e a duração do Universo, são tão insignificantes, que fazem lembrar as dimensões e a efemeridade das subpartículas atômicas, quando as comparamos com nós próprios. Entretanto, é estranho que possamos pensar nessas coisas, medi-las e avaliá-las corretamente.

Se efetivamente somos tão insignificantes perante a grandeza cósmica e se nada mais nos espera após a morte, qual seria, então, a vantagem de viver como a humanidade o vem fazendo? Toda a nossa História tem sido um cortejo interminável de guerras, doenças, misérias, insegurança, crimes, tragédias, catástrofes, etc. Que seria melhor, então, a péssima qualidade de vida que a maioria dos homens arrosta, ou a tranquilidade do nada que eventualmente nos oferece a morte?

A reencarnação seria uma boa resposta a todas as indagações que formulamos linhas atrás. A reencarnação complementada pelo progresso contínuo, até atingirmos as culminâncias da espiritualidade e a participação nos destinos e mecanismos do Universo, esta seria a perspectiva compensadora que poderíamos esperar, depois de confirmada a realidade do renascimento.

BIBLIOGRAFIA

- ALVISI, G. – As Vozes dos Vivos de Ontem; Portugal: Publicações Europa-América, 1976.
- ANDRADE, H. G. – Morte, Renascimento, Evolução; São Paulo: Pensamento, 1983.
- ANDRADE, H. G. – Espírito, Perispírito e Alma; São Paulo: Pensamento, 1984.
- ANDRADE, H. G. – Psi Quântico; São Paulo: Pensamento, 1986.
- ASHBY, R. H. – “The Case for Survival – An Interview with William Roll” – Theta, Nº 45, Summer 1975.
- BERGSON, H. – L'Énergie Spirituelle; Paris: Press Universitaires de France, 1948.
- BEST, J. B. – “Protopsychology” – Scientific American, February 1963.
- CARINGTON, W. – La Télépathie, tradução de Maurice Planiol; Paris: Payot, 1948.
- COOK, E. W., PASRICHA, S., SAMARATNE, G., MAUNG, U. W. e STEVENSON, I. – “A Review and Analysis of ‘Unsolved’ Cases of the Reincarnation Type: II. Comparison of Features of solved and Unsolved Cases.” – Journal of the American Society for Psychical Research, Vol. 77, April 1983.
- DARWIN, Charles R. – A Origem das Espécies, tradução de Eduardo Fonseca; São Paulo: Hemus, 1981.
- DAVID-NEEL, A. – Las Enseñanzas Secretas de los Buddhistas Tibetanos, tradução; Buenos Aires: Editorial Kier, S.A., 1970.
- DILGER, W. G. – “O Comportamento dos Periquitos”. (1ª publicação em janeiro de 1962).
Psicobiologia, textos do Scientific American, tradução; São Paulo: Ed. Polígono, 1973.
- FERGUSON, M. – Brain Mind Bulletin, Vol. 2, Nº 6, 4 de julho de 1977.
- HOLROY, Stuart – Psychic Voyages; New York, Doubleday, 1977.
- HYDÉN, H. – “Satelite Cells in the Nervous System”, Scientific American, dezembro 1961.
- JÜRGENSON, F. – Telefone Para o Além; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.
- LORENTZ, K. Z. – “A Evolução do Comportamento”. (1ª Publicação em dezembro 1968) –
Psicobiologia, textos do Scientific American, tradução; São Paulo: Ed. Polígono, 1973.
- McCONNEL, J. V. – “Aventuras de Um Cientista no Mundo do Humorismo”, O Correio (UNESCO),
Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Ano 4, Nº6, junho 1976.
- MORATO, A. – “Reencarnação ou Mediunidade Precoce”, A Nova Era; Franca, 31 de outubro de 1982.
- MORATO, A. – “Dados Cronológicos Sobre o Caso do Menino Rogério”, A Nova Era; Franca, 15 de dezembro de 1982.
- MORATO, A. – “As Pesquisas Confirmam: Ainda o Caso do Menino Rogério”, A Nova Era; Franca, 15 de janeiro de 1983.
- MORATO, A. – “Entrevista Sobre o Caso do Menino Rogério”, A Nova Era; Franca, 15 de fevereiro de 1983.
- MURPHY, G. – “A Caringtonian Approach to Ian Stevenson’s Twenty Cases Suggestive of Reincarnation”, The Journal of the American Society for Psychical Research, Vol. 67, Nº2, April 1973.
- OSIS, K. – “ESP Over Distance” – Journal of the American Society for Psychical Research, Vol. 59, January 1965.
- PRIBRAM, K. H. – “The Neurophysiology of Remembering”. Scientific American, janeiro 1969.

- RAUDIVE, K. – Breakthrough; New York: Taplinger Publishing, 1971.
- RHINE, L. E. – Mind Over Matter; London: Collier-Macmillan Ltd., 1970.
- ROSIN, Z. G. – “Reencarnação em Aramina”, Revista André Luiz, Ano X, Nº1, novembro de 1979, São Paulo.
- ROSIN, Z. G. – Eles Vivem; São Paulo: edição da Autora, 1980.
- ROSIN, Z. G. – Perda de Entes Queridos; São Paulo: Instituto Maria, Departamento Editorial, 1984.
- STEVENSON, I. – “Twenty Cases Suggestive of Reincarnation”, Proceedings of the American Society for Psychical Research, Vol. XXVI, September 1966.
- STEVENSON, I. – Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação; São Paulo: Editora Difusora Cultural, 1970.
- STEVENSON, I. – Twenty Cases Suggestive of Reincarnation, second edition, revised and enlarged; Charlottesville: University Press of Virginia, 1974.
- STEVENSON, I. – India Cases of Reincarnation Type, Volume I – Ten Cases in India; Charlottesville: University Press of Virginia, 1975.
- STEVENSON, I. – Sri Lanka Cases of Reincarnation Type, Volume II – Ten Cases in Sri Lanka; Charlottesville: University Press of Virginia, 1977.
- STEVENSON, I. – Lebanon and Turkey Cases of Reincarnation Type, Volume III – Twelve Cases in Lebanon and Turkey; Charlottesville: University Press of Virginia, 1980.
- STEVENSON, I. – Thailand and Burma Cases of Reincarnation Type, Volume IV – Twelve Cases in Thailand and Burma; Charlottesville: University Press of Virginia, 1983.
- STEVENSON, I. – “Carington’s Psychon Theory as Applied to Cases of the Reincarnation Type: A Reply to Gardner Murphy”, The Journal of the American Society for Psychical Research, Vol.67, Nº2, April 1973.
- THIGPEN, C. H. e CLECKLEY, H. M. – As Três Faces de Eva; São Paulo: IBRASA, 1968.
- XAVIER, F. C. – Nosso Lar; Rio de Janeiro: FEB, 1943.
- XAVIER, F. C. – Os Mensageiros; Rio de Janeiro: FEB, 1944.
- XAVIER, F. C. – E a Vida Continua..., Rio de Janeiro: FEB, 1968.
- VASILIEV, L. L. – Experiments in Mental Suggestion; Hampshire, England: Institute for the Study of Mental Images, 1963.

* * *

OUTRAS OBRAS CONSULTADAS

- ARAUCO, S. – Três Enfoques Sobre la Reencarnación; Vigo: Edição do Autor, 1975.
- ARAUCO, S. – Três Pontos Básicos Sobre a Reencarnação; Lisboa: Edições Fraternidade, 1982.
- BANERJEE, H. N. – Americans Who Have Been Reincarnated; New York: Macmillan Publishing, 1980.
- BANERJEE, H. N. – Munesh – Report of the Case Suggestive of Extra Cerebral Memory; Jaipur, Índia: University of Rajasthan, 1964.
- BANERJEE, H. N. – Review of a Case-History Suggestive of Extra Cerebral Memory; (Prabhu – Report of the case suggestive of Extra Cerebral Memory); Jaipur, Índia: Rajasthan University Press, 1965.
- BANERJEE, H. N. – The Once and Future Life; New York: Dell, 1979.
- BANERJEE, H. N. – Vida Pretérita e Futura; trad. Sylvio Monteiro; Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.
- BANERJEE, H. N. e OURSLER, W. – Lives Unlimited; New York: Doubleday, 1974.

- BARCLAY, F. L. – Voltou Mas Esqueceu; trad. Wallace Leal V. Rodrigues; Matão: O Clarim, 1967.
- BERNSTEIN, M. – O Caso de Bridey Murphy; trad. Leônidas Gontijo de Carvalho; São Paulo: Pensamento, s.d.
- BLYTHE, H. – The Three Lives of Naomi Henry; London: Frederick Muller, 1956.
- CERMINARA, G. – Many Mansions; London: Neville Spearman, 1976.
- CERMINARA, G. – Muitas Moradas; trad. Syomara Cajado; São Paulo: Pensamento, 1979.
- COOPER, I.S. – Reencarnação: A Esperança do Universo; trad. Syomara Cajado; São Paulo: Difel, 1981.
- CRANSTON, S. e WILLIAMS, C. – REINCARNATION, A New Horizon in Science Religion and Society; New York: Julian Press, 1984.
- DELANNE, G. – A Reencarnação; trad. Carlos Imbassahy; Rio de Janeiro: FEB, s.d.
- DETHLEFSEN, T. – La Reencarnación; trad. Hermínia Dauer; Barcelona: Bruguera, 1977.
- FERREIRA, I. – a Psiquiatria Em Face da Reencarnação; Uberaba; A Flama, 1955.
- FONSECA, M.A. – Anankê; São Paulo: Edicel, 1968.
- IORE, E. – Já Vivemos Antes; trad. Maria Luisa Ferreira da Costa; Lisboa: Publicações Europa-América, 1981.
- FISHER, J. – The Case for Reincarnation; New York: Bantam Books, 1985.
- GRANT, J. e KELSEY, D. – Nossas Vidas Anteriores; trad. Pinheiro de Lemos; Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1973.
- 15, A. – Entre Dois Mundos; trad. Norberto de Paula Lima e Márcio Pugliesi; São Paulo: Pensamento, 1981.
- HOLZER, H. – A Verdade Sobre a Reencarnação; trad. Pinheiro de Lemos; Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1970.
- IMBASSAHY, C. e MELO, M.C. – A Reencarnação e Suas Provas; Livraria da Federação Espírita do Paraná, 1952.
- LACERDA, N. – A Reencarnação Através dos Séculos; São Paulo: Pensamento, 1978.
- LENZ, F. – Life-Times, True Accounts of Reincarnation; Indianapolis, New York: 1979.
- LORENZ, F.V. – A Voz do Antigo Egito; Rio de Janeiro: FEB, 1948.
- MIRANDA, H. C. – Reencarnação e Imortalidade; Rio de Janeiro: FEB, 1976.
- MIRANDA, H.C. – A Reencarnação na Bíblia; São Paulo: Pensamento, 1982.
- MULLER, K.E. – Reencarnação Baseada em Fatos; tradução de Harry Meredig; São Paulo: Editora Difusora Cultural, 1978.
- MULLER, K.E. – Reincarnation Based on Facts; London: Psychic Press, 1970.
- NETHERTON, M. e SHIFFRIN, N. – Past Lives Therapy; New York: William Morrow, 1978.
- NETHERTON, M. e SHIFFRIN, N. – Vidas Passadas em Terapia; trad. Agenor Mello Pegado e Thereza dos Reis; Itapetininga: Arai-Ju, 1984.
- OSBORN, A. – The Meaning of Personal Existence; Wheaton, USA: The Theosophical Publishing House, 1967. pp. 112-166.
- PINCHERLE, L.T.; LYRA, A.; SILVA, D.B.T.; GONÇALVES, A.M. – Psicoterapias e Estados de Transe; São Paulo: Summus Editorial, 1985.
- PAPUS (Dr. G. Encausse) – A Reencarnação; São Paulo: Pensamento, 1927.
- ROBERTS, J. – The Nature of Personal Reality – A Seth Book; New York: Bantam Books, 1978.
- RYALL, E.W. – Born Twice – Total Recall of a Seventeenth – Century Life; New York, Evanston, San Francisco, London: Harper & Row, 1974.

- RYALL, E.W. – Second Time Round; Jersey: Neville Spearman, 1974.
- SHIRLEY, R. – The Problem of Rebirth; London: Rider, s.d.
- STORY, F. – Rebirth as Doctrine and Experience; Sri Lanka: Buddhist Publication Society, 1975.
- TOYNE, C. – Heirs to Eternity; London: Neville Spearman, 1976.
- WAMBACH, H. – Recordando Vidas Passadas – trad. Octavio Mendes Cajado; São Paulo: Pensamento, 1981.
- WEATHERHEAD, L.D. – The Case for Reincarnation (Conferência pronunciada na “City Temple Literary Society” – Inglaterra), 1971.